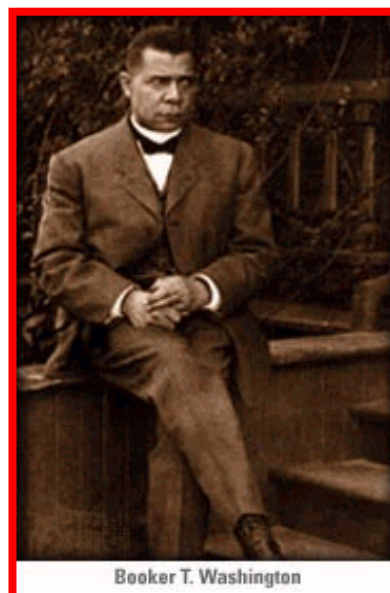


# Up from Slavery



## Longe da Escravidão

Autobiografia de Booker T. Washinton

Ex-escravo

Tradução e notas: José Luiz Pereira da Costa

Nota: O original foi extraído do Projeto Gutenberg, que visa a difusão gratuita de material cultural de domínio público. O texto em inglês está disponível na Internet. Esta tradução é propriedade intelectual de José Luiz Pereira da Costa e está registrada na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. O escrito a seguir, é parte da introdução à *"The Souls of Black Folk"*, por Arnold Rampersad. Explica brilhantemente a polêmica entre os dois monumentos à cultura afro-americana, Du Bois e Booker T. Washington. Esse livro, edição da *Everyman's Library*, pode ser adquirido pela Internet, em livrarias do tipo Amazon.com.

## **Entenda a polêmica, escolas técnicas ou ensino clássico**

**(Booker T. Washington, ex-escravo e William B. Du Bois, ex-Harvard)**

“Sobre Booker T. Washington e outros” é a chave para a razão política do livro” [As Almas do Povo Negro, traduzido também neste espaço cultural]. “Como assinalou James Weldon Johnson, esse ensaio mostrou-se como um ponto de convergência dos negros radicais que se opunham a Washington, criando, assim, uma divisão em dois campos antagônicos. Até a morte de Washington, em 1915, ele e Du Bois foram os líderes desses dois campos guerreando sobre as inquietudes da afro-América. Cada lado tinha seu credo e, mesmo, sua Bíblia: para os radicais, esta era “*The Souls of Black Folk*” (As Almas do Povo Negro)”, e, para os discípulos de Washington, seu sucesso de vendas, de 1901, “*Up from Slavery*” (Longe da Escravidão).

Du Bois e Washington tinham muito em comum dentro de suas convicções. Ambos acreditavam, por exemplo, no trabalho. Como Du Bois, Washington citou Carlyle, que clamava por um “*homem genuíno; não um tomador e pedinte de segunda mão*”. Eles compartilhavam uma náusea quanto à qualidade de vida dos negros em meio às massas populares. Frase de abertura de Du Bois, Os Dez Talentosos, publicada, como *As Almas*, em 1903, ilustra este desconforto: “*A raça negra, como qualquer raça, haverá de ser salva pelos seus melhores homens*”. Du Bois admitiu que “*morte, doenças e crime*” eram o cotidiano da raça negra. O conhecimento da vida e de seu profundo significado, tem sido o ponto de maior ignorância dos negros. “*Imperioso — prosseguiu — é elevar o negro o mais rápido possível a uma escala de civilização*”. Com esta finalidade, deve o ensino ser imposto, lutando para “*fortalecer o caráter do negro, aumentar seu conhecimento e ensiná-lo a fazer pela vida*”. Se a América não soerguer os negros, os negros vão arrastá-la para baixo.

As posições de Washington eram ainda mais críticas quanto às massas negras, embora fosse de seu estilo não tornar públicos seus pontos de vista, exceto por implicação. Ele compartilhava aquilo que chamava de “*dúvida em muitos aspectos quanto à habilidade do negro desorientado, desamparado de abrir seu próprio caminho, e colocar em visível, tangível e de forma indisputável, produtos e sinais da civilização*”. Um de seus admiradores, H. T. Kealing, da Igreja Metodista Episcopal Africana, criou um dos atalhos para os negros americanos.

Kealing viu os afro-americanos como possuidores de traços inatos e adquiridos. Todas as suas boas qualidades, como a alegria e o amor à religião, eram endógenos. Uma galeria de defeitos e faltas, contidas em sua personalidade, eram não menos reais, embora Kealing defendesse sem muito ardor que os defeitos pudessem haver sido adquiridos. Ele listou como defeitos dos negros o desleixo, a incontinência, a indolência, a improvidência, a extravagância, a falta de asseio, a desonestidade, a falsidade, a irresponsabilidade, a falta de iniciativa, a suspeita de sua própria raça (Kealing não viu ironia aqui) e ignorância.

Du Bois conviveu longamente com Washington e a teoria de educação que representava Tuskegee. Embora houvesse encontrado mais e mais sentido na “radical” oposição a Washington, é provável que na autobiografia que produziu mais tarde é que revelou o profundo sentido cultural da mensagem Tuskegee. Seu aberto criticismo ao autor se iniciou com a crítica que produziu em 1901, sobre o livro *“Up from Slavery”*. Como um crescente mestre propagandista, Du Bois reconheceu o notável poder criador do outro, um poder que, atrelado a uma influência política e econômica sem paralelo na América negra, fez da biografia uma espécie de guia bíblico, para o futuro das relações raciais na América. Mas, embora *“Up from Slavery”* fosse um texto sagrado para os patronos de Tuskegee, era uma heresia para Du Bois.

Em sua crítica, Du Bois ocultamente apontou que Washington deu *“apenas lampejos da luta que teve de travar para conseguir a liderança”*. Ele acusou Washington, de fato, de estar mentindo. Ele apontou as limitações da filosofia de Tuskegee, que nada mais era do que um refinamento da *“antiga atitude [negra] de se ajustar ao ambiente, dando ênfase ao momento econômico”*. Mesmo em 1901, Du Bois viu a principal fraqueza da liderança de Washington para ser sua oposição à cultura liberal. Dentre as pessoas indicadas como representantes do verdadeiro pensamento de oposição inorganizada à idéia Tuskegee-Hampton, três eram importantes artistas da atualidade: Paul Laurence Dunbar, poeta; Charles W. Chesnutt, ficcionista e Henry O. Tanner, pintor. Não restava dúvida em que lado estava Du Bois.

Antes, em abril de 1901, Du Bois mostrou que estava preparando um ataque num ponto de vista para o qual Washington era talvez o mais prudente e ao mesmo tempo mais ativo porta-voz. Ele escreveu uma esmagadora resenha do livro escrito por William Hannibal Tomas, *“The American Negro”* (O Negro Americano), de 1901, no qual um negro instruído

criticava acrememente seu povo. Thomas escreveu, por exemplo, que *“a natureza do negro é tão covarde e sensual em cada fibra de seu ser que simplesmente não existe um negro adulto que respeite uma mulher casta”*. Du Bois viu a obra como um *“sintoma sinistro”* do crescimento da autodesconfiança e auto-ódio, alguém *“sem fé ou ideal”*, cujos resultados visam satisfazer o *“mais ou menos inconsciente Desejo para o Pior no que concerne ao negro, para justificar a lógica de sua difícil situação”*. Tipos abjetos começaram a aparecer dentre a raça, proeminente dentre os quais *“àquele melhor instruído que haja perdido a fé tanto na chegada do Bem ou do Bem em si”*.

Em dezembro do ano antecedente, escrevendo um artigo sobre a religião dos negros, Du Bois colocou-se entre os lados, o radical e o reacionário: *“o perigo daqueles”*, escreveu *“reside na anarquia, e dos outros na hipocrisia”*. Ligando a perda de sentido espiritual para filosofias políticas e sociais, criticou os reclamantes por serem *“apegados a remotos ideais, caprichosos, talvez de impossível realização”*. Suas ásperas palavras, todavia, eram poupadas pelos contadores da *“Mentira”*, hipócritas que possuem *“um outro tipo de caráter, astuto e aguçado, também mais tortuoso, [que vê] no próprio esforço do movimento contra os negros sua fraqueza óbvia, e com casuísmo jesuítico é desestimulado por considerações anti-éticas no objetivo de tornar esta fraqueza no esforço do negro... [esquecendo] que a vida é mais do que carne e o corpo mais do que vestimenta”*. Sem nomear Washington ou Tuskegee, Du Bois iniciou a combatê-los.

Para interpretar Washington em termos ideológicos, ou como *“o intelectual oposto a W. E. B. Du Bois”*, Louis Harlan<sup>1</sup> demonstrou, é *“perder o caráter essencial de um homem.... Poder era seu jogo, e ele usava idéias simplesmente como um instrumento de ganhar, poder”*. Se dissimulação era a principal arma de Washington, *Up from Slavery* era seu maior golpe. Habilmente organizados, os eventos de sua vida em consonância com os complexos, múltiplos desejos da audiência, Washington mostrou-se, do ponto de vista de Du Bois, como finalmente sem princípios relevantes. Em sua ascensão do casebre de escravo até os elegantes clubes britânicos e título honorário em Harvard, às recepções de gala das lideranças sulistas nas cidades de sua juventude pobre, Washington se amparava em uma fé sem fronteiras na humanidade, uma Providência beneficente, a eficácia do trabalho, do esforço e da frugalidade, e a força da humildade ante as condições sociais prevalentes. O

---

<sup>1</sup> - **Louis R. Harlan** - 1856-1901. Sobre o tema, *“Booker T. Washington in perspective: essays of Louis R. Harlan*, edited by Raymond W. Smock. Jackson: University Press of Mississippi, c1988”.

que Du Bois quase sozinho viu, e o que talentosos comentaristas brancos, tais como William Dean Howells<sup>2</sup> não puderam vislumbrar ou não admitiriam, eram todas as implicações desta extraordinária versão de cara-preta do mito de Horatio Alger<sup>3</sup>.

Du Bois não objetou tanto às expressões de fé, de Washington, no trabalho e frugalidade ou na crença de uma “*classe melhor*” de brancos sulistas se constituía num aliado a ser cultivado pelos negros; estas idéias eram próprias da maneira de pensar de Du Bois. Não lhe dava prazer, todavia, a ambivalência das posições de seus opositores na questão dos direitos civis. Um negro deve ser moderado no pleitear politicamente, disse Washington em seu *Up from Slavery*; ele não deve deixar de votar, mas deve ser conduzido por brancos inteligentes e responsáveis. Também não poderia Du Bois deixar de sentir-se ofendido por haver Washington ridicularizado o ensino de grego e latim, ou escolas que procuravam imitar a educação ministrada em Nova Inglaterra, por seu formal desdém por poesia e ficção, ou por sua menção à “cartilha lombada azul” Webster, solitária entre seus livros, como se tal se constituísse em tudo de educação que um homem pratico necessitasse.

Não seria fácil para Du Bois ser liderado por um homem que em sua autobiografia havia declarado que poucas coisas eram tão deliciosas como carne suína<sup>4</sup>; para quem Holanda significava gado holandês<sup>5</sup> e, através da agricultura, equiparava a arte de Henry Ossawa Tanner<sup>6</sup> à habilidade dos que plantavam batatas-doces; para quem um título honorífico de Harvard era a prova menos de educação e cultura do que de sua própria ascensão da obscuridade. A medida de cada um dos muito bem documentados títulos de “amizade” no livro, *Up from Slavery* é um pilar no monumento Tuskegee, atrás do qual seu senhor modestamente se mantém no resplendor de sua intensa humildade. Qualquer dádiva inesperada é assinalada como obra da Providência, pois ao contrário não teria

---

<sup>2</sup> - **William Dean Howells**, - 1837-1920 - Escritor americano e editor chefe (1871-1881) do *Atlantic Monthly*, que estimulou inúmeros escritores, inclusive Mark Twain e Henry James.

<sup>3</sup> - **Horatio Alger**, 1832-1899 Escritor americano de livros de aventura, tais como *Ragged Dick* (1867), destacando jovens que através do trabalho e da virtude atingiam riqueza e respeito.

<sup>4</sup> - No original: *Berkshire* - Um tipo de porco preto, de tamanho médio, com marcas brancas nos pés, pernas e cara. E *Poland China - Poland China* nome de qualquer espécie de porcos grandes, preto e branco, criados na América do Norte.

<sup>5</sup> - No original: *Holland* significava *Holstein* (N.T.): Espécie de gado preto e branco de grande porte, oriundo da Frísia, antiga província da Holanda.

<sup>6</sup> - Tanner, Henry - Pintor afro-americano do genero arte sacra, viveu entre 1859 e 1937. Migrou para Paris escapando do preconceito racial.

sentido. Secular e desespiritualizada, como qualquer autobiografia, em sua linguagem, *Up from Slavery* foi, para Du Bois, a personificação da “Farsa” Washington.

Du Bois deixou claro no capítulo “Sobre o Sr. Booker T. Washington e outros” que ele estava atacando não uma mera teoria de educação mas, “um verdadeiro Estilo de Vida”, pois Washington havia interligado, de forma indissociável, políticas de educação técnica, conciliação com os brancos do Sul e silêncio quanto aos direitos civis. O mentor de Tuskegee aprendeu tão inteiramente a linguagem do comercial e da prosperidade material que perdeu a visão para uma vida melhor, da forma compreendida por Sócrates ou São Francisco. Unindo políticas reacionárias a uma época de desenvolvimento econômico e de fricção racial — o “*senhor Washington praticamente aceita a teoria da inferioridade racial do negro*”. Mesmo que algum tipo de oposição a Washington partisse, sem dúvida, da inveja, demagogia e malevolência, havia genuína causa para lástima e apreensão em meio aos negros educados e íntegros.

Cada uma das proposições básicas de Washington: que se justificava o Sul em sua política antinegro face à “*degradação dos negros*”, que a educação dos negros era mal conduzida, e que o progresso do negro dependia apenas de seu próprio esforço — “é uma perigosa meia-verdade”. Expondo um “*tríplice paradoxo*” no programa de seu oponente, Du Bois declarou que não poderia haver verdadeiro progresso econômico sem o voto; frugalidade ou auto-respeito sem um envolvimento e reconhecimento cívico; nenhum significativo progresso na educação “*mais baixa*” sem professores treinados em faculdades negras ou pelos egressos dessas instituições. Washington poderia ser louvado à medida que pregasse as virtudes da “*Frugalidade, Paciência e Treinamento Técnico*” para as massas (não para os dez talentosos, por certo), mas sofreria oposição enquanto “*se desculpa por injustiças... não avaliam<sup>7</sup> corretamente o valor e o privilégio que se contém no direito de votar; minimizam os efeitos emasculantes da distinção de castas, e se opõem ao treinamento superior e ambições de nossas mentes mais privilegiadas*”.

---

<sup>7</sup> - O plural aqui, contido no original de “*As Almas*” se deve à idéia contida na reticência que antecede não avaliam: “o Sul e o Norte não avaliam”.

Du Bois detestava, em Washington, o que ele percebia como materialismo, filistinismo<sup>8</sup>, e, acima de tudo, pessimismo espiritual.. Washington era um seguidor ardente da doutrina da autoconfiança, popularmente interpretada a partir dos textos de Emerson, reabilitados pelos social-darwinistas, na América, de fins do século dezenove. Embora houvesse espaço para a igreja em seu esquema, Washington nunca buscou objetivos finais além da fria realidade ou o materialismo de seu mundo. Ele não aceitava a visão radical darwinista-spenceriana segundo a qual os pobres se constituem em baixas na luta pela vida, mas aceitava a maioria dos nítidos limites impostos pela filosofia determinista sobre a experiência humana, especialmente àquele das massas inferiores. Tais idéias limitavam a visão de Washington do desenvolvimento do negro.

Du Bois escarneceu a religião institucional em sua maturidade, e certamente desfrutou dos confortos materiais. Todavia, ele possuía consistentemente aquilo que pode ser chamado de uma visão platônica do significado final da vida. O verdadeiro objetivo do trabalho não era apenas a acumulação de riqueza. Perseguir ideais de verdade, beleza e amor — do que o trabalho era profético — dominava sua imaginação. Aos olhos de Washington, este objetivo era pouco mais do que vadiagem. Sua visão de vida começava e terminava na terra, desatento a qualquer tipo de louvação paga ao conceito cristão de uma vida além, como meta de um esforço terreno. Ora agnóstico, ora ateu, Du Bois vagou entre o helenismo e hebraísmo de Matthew Arnold<sup>9</sup>, mas terminou por adicionar ao Deus Puritano de sua juventude os divinizados ideais do intelectualismo grego. A instabilidade de sua religiosidade não nega sua validade ou escopo. O sentido da vida era a aspiração para o ideal. Limitar a vida ao atingir o que é chamado de o Sonho Americano era teleologicamente pessimismo da mais sórdida espécie. O Sonho era compatível com, em verdade era alimentado por, o fatalismo do social darwinismo do qual Du Bois se afastou

O resplendor do Sonho Americano não esconde seu pessimismo sobre o propósito da presença do homem na terra. Ornamentado pelas vestes das religiões, permanecia uma desilusão no que concernia a Du Bois. Para ele, educação liberal e cultura libertavam o

---

<sup>8</sup> - Philistinism. Em inglês: Atitude de ignorância presunçosa e convencionalismo, especialmente ante valores artísticos e culturais. The American Heritage Dictionary of the English Language, Third Edition is licensed from Houghton Mifflin Company. Copyright

<sup>9</sup> - Poeta e crítico inglês que viveu entre 1822 e 1888.

espírito para encontrar sua verdade, em nível elevado; para Washington, tais ideais eram quase sempre sinônimo de ociosidade. Em 1884, Washington desejou que os negros instruídos (o orgulhoso janota com seu chapéu alto de castor, luvas de pelica e bengala) fossem levados a fazer algo de prático e útil. Em *Up from Slavery*, uma geração adiante, ele usou a mesma caricatura do negro instruído. Du Bois viu um tal homem como impelido por ideais, embora ele soubesse que poderia haver exceções à regra; Washington viu a mesma como um homem de convicção, “*determinado a viver por sua capacidade*”.

Du Bois antepôs seu próprio otimismo contra o “negro fatalismo” dos negros que não podiam se movimentar por causa de um sentido histórico de impotência. Ele insistia que “*questão do futuro se põe na indagação de qual a melhor maneira de manter esses milhões afastados de pensar sobre os erros do passado e as dificuldades do presente*”. Um peso de pessimismo malevolente se encontrava profundamente enraizado na consciência negra como resultado da vitória escravidão sobre os africanos, que parecia, para a imaginação criativa de mitos dos negros, ser “*a negra vitória do Mal sobre si. Todas as odiosas forças do submundo se abatiam sobre ele, e um espírito de revanche e revolta enchia seu coração*”. Nos derradeiros anos da escravidão, a religião dos negros “*tornou-se mais negra e mais intensa; em sua lenta progressão ética, um tom de desforra*”. Em seu próprio tempo, Du Bois sentiu, a desesperança dos negros chegara a uma crise. Enquanto a igreja perdia seus fiéis para bordéis, salas de jogo e salões nas grandes cidades, “*as melhores classes se segregam dos grupos tanto de brancos como de negros, formando uma aristocracia aculturada e pessimista, cuja amarga crítica fere, posto que não aponta qualquer solução*”.

Para a visão moral de Du Bois, essa desesperança era o pior dos pecados. Assim em “As Almas do Povo Negro” ele esboçou a vida de Alexander Crummell, como alguém que, em sua opinião, triunfou sobre as tentações do ódio, desesperança e dúvida. Crummell serviu de exemplo do espírito do afro-americano sendo tentado e resistindo à tentação. Ele viu na “*fraqueza fatal*” dos negros, “*a carência de um caráter moral forte e inflexível honradez*”. Ao invés de ceder ao pessimismo, Crummell dedicou sua vida a mudar o mundo. Crummell era um “herói” no sentido *carlalyano*<sup>10</sup>. Ele foi a apoteose de um espírito maravilhoso; foi

---

<sup>10</sup> - Thomas Carlyle - Ensaísta, crítico social e historiador escocês, viveu entre 1795 e 1881, entre suas obras está “*Heroes and Hero\_Worship* (1841).



um destes espíritos excepcionais; foi um destes homens excepcionais, pelos quais os negros deveriam ser salvos — um profeta em meio aos Dez Talentosos.

Mas em aceitando a idéia da salvação pela aristocracia propagada nos escritos de Fichte<sup>11</sup>, Carlyle, Arnold<sup>12</sup>, e outros profetas moralistas ocidentais, Du Bois expôs um lado vulnerável para seus oponentes. O pensamento de Washington, com todo o seu materialismo, puritanismo e pessimismo, depositava confiança no que as pessoas tinham em si mesmas. Em assim se apresentando, era, desde logo, uma ideologia nativa americana, enquanto as queixas de Du Bois soavam como um deslocado exotismo europeu e um “academicismo”, deslocado do contexto do Novo Mundo. Há, assim, um paradoxo na reputação desses dois homens. O nome de Washington tornou-se infame em certos círculos, virando sinônimo de acomodação sem força moral. Du Bois era considerado um nacionalista cultural, insistindo nas virtudes de seu povo e de seu destino independente. Estes eram créditos justificáveis. Pode ser argüido, todavia, era mais profundamente acomodaticio do que Washington, ao escrever *The Souls of Black Folk*. Se Washington negava o poder da arte e espiritualidade dos negros, Du Bois aparentava estar acrescentando cultura às alucinações dançantes ante os olhos de alguém perscrutando através do Véu.

A noção de cultura de Du Bois era fundada no princípio segundo o qual a fertilização cultural se propagava do topo para baixo nas massas populares: *“Existiu alguma nação, nesta terra justa de Deus, civilizada de baixo para cima? Nunca; sempre foi e será de cima para baixo que a cultura se espraia. Os Dez Talentosos erguem e puxam tudo o que vale a pena juntar para seu lado vantajoso. Esta é a história do progresso humano”*. Du Bois não era alguém afinado com o povo sulista — ou seja, com a massa dos negros americanos — por local de nascimento, educação ou temperamento, e desse fato vieram tanto força quanto fraqueza. Seu sentido de isolamento era efetivamente contrabalançado por uma dedicação que se somava a um sentido de destino pessoal. *The Souls of Black Folk* não é um romance, mas tem um herói principal: a alma de W. E. B. Du Bois, seu sofrimento, suas virtudes, seus dons, oferecidos como exemplares à melhor conquista do povo afro-americano. Em tentando expor as almas do povo negro, Du Bois desnudou sua própria alma. Sua exposição pessoal visavam aqueles brancos incapazes de imaginar um negro em termos de dignidade, que

---

<sup>11</sup> - Johann Gottlieb Fichte, filósofo idealista e transcendentalista alemão, que viveu entre 1762 e 1814.

<sup>12</sup> - Matthew Arnold, 1822 - 1888, importante poeta vitoriano e principal crítico literário de sua geração. Thomas Arnold, 1795 - 1842 Diretor da Rugby School, que se tornou modelo de escola vitoriana para rapazes.

suspeitavam que “*nalgum lugar, entre o homem e o gado, Deus criou um tertium quid, e chamou a isto de negro*”. Sua resposta era mostrar-se a si mesmo como um homem instruído e sensível, desejando que o leitor se desse conta, acima de tudo, que “*eu, que aqui falo, sou osso do osso, carne da carne, dos que vivem dentro do Véu*”. Posto que o autor desses ensaios, como o povo que descreveu, possui duas almas, dois ideais conflitantes, num corpo negro, e ele resumiu o dilema sempre presente da vida de todo o povo negro. Da competição na infância com o mundo dos brancos, quando pela primeira vez constatou a existência do Véu, progrediu para um sentimento de dedicação a um propósito maior, o desenvolvimento do aprendizado e da inteligência de forma a serem úteis não apenas a si mesmos, senão que a seu povo, e a preservação de valores do espírito, face à tentação e ao abuso. Numa variedade de tons, o narrador de *The Souls of Black Folk* relata o épico de seus conflitos d'alma, emergindo enfim como um homem tolerante, porém determinado prevalecer. O auto-retrato de Du Bois reforça a necessidade de heroísmo moral e psicológico, qualidades sem as quais, ele afirma, a vida é sem sentido. A obra ressoa sua fé no vigor da alma africana, contra a qual essa outra alma poderosa, implantada pelo mundo branco, trava uma guerra constante.

A grandeza de “*As Almas do Povo Negro*” como um documento da cultura negra americana reside na criação de mitos profundos e duradouros sobre a vida de seu povo. Du Bois conseguiu, com seus ensaios e contos, um efeito não dessemelhante daquele que Cooper<sup>13</sup> capturou para os americanos com suas histórias de Latherstocking ou Scott<sup>14</sup> para a tradição anglo-hibérnica, com seus romances Waverly, ou Yeats para a Irlanda com suas histórias e poemas saturados no mistério do lusco-fusco celta. Du Bois mostrou para os afro-americanos um retrato de seu povo, pintado por um dos seus. Pela força de sua imaginação mitificadora, ensinou-lhes como pensar a respeito de si mesmos e como louvar-se, pois a imagem era imediatamente reconhecida com uma inspirada reflexão do nível mais profundo da herança negra americana. Ele converteu a imputação racista de sensualidade, indulgência emocional e talento artístico imitativo, numa capacidade para uma vida humanizada, uma profunda espiritualidade, uma paixão para a arte, especialmente a música, e, finalmente, um dualismo essencial na alma negra americana. Ao colocar o foco de seu exame na consciência dividida do negro, Du Bois sublinhou o

---

<sup>13</sup> - James Fenimore Cooper, importante novelista americano, viveu entre 1789 e 1851, produziu, dentre outras, *Leatherstocking Tales*, considerado como clássico da língua inglesa.

<sup>14</sup> - Sir. Walter Scott, escritor escocês, viveu entre 1771 e 1831, autor de romances históricos.

permanente potencial para o drama e para a tragédia em cada integrante das massas de afro-americanos. Havia assim uma dignidade intrínseca na experiência do negro e um destino separado daquela corrente, predominante na nação, no qual o afro-americano parecia, por tanto tempo, ser pouco mais do que um insignificante tributário. Se a literatura de uma nação possa se originar de um livro, como Hemingway deu a entender sobre *The Adventures of Huckleberry Finn*<sup>15</sup> (As aventuras de Huckleberry Finn), então pode ser dito de forma acurada que toda a literatura afro-americana, de natureza criativa, se originou da afirmação abrangente da natureza do povo em “*As Almas do Povo Negro*”. Mesmo sua escolha como metáfora básica — a fraca percepção das raças uma pela outra, como separadas por um véu — deixou sua marca na expressão negra. E pela enunciação da presença de duas almas em conflito dentro de um corpo negro, emergiu como o delinear do mais acurado, por essa razão, para o artista, o mais fascinante dos dilemas dos negros, a reconciliação de sua presença atribulada na América branca com sua nostalgia para o lar místico do qual ele foi arrancado. Datado, não obstante, através de palavras e frases, o livro de Du Bois é vívido para os negros de hoje como o foi quando de sua primeira publicação em 1903.

---

<sup>15</sup> - De Mark Twain.

# LONGE DA ESCRAVIDÃO

## Capítulo I

### *Um escravo dentre escravos*

**E**u nasci escravo, numa plantação, no município de Franklin, no estado de Virgínia. Não tenho certeza quanto ao dia e local exato de meu nascimento, mas não hesitaria em afirmar que sim, eu nasci um dia e em algum lugar. O mais próximo que pude descobrir com relação a isso é que nasci próximo a uma agência postal de encruzilhada, chamada Hale's Ford, e o ano fora 1858 ou 1859. Não sei o mês nem o dia. As impressões mais remotas que consigo recompor são a plantação e o acampamento dos escravos — este sendo o local da fazenda onde a escravaria tinha seus casebres.

Minha vida se iniciou em meio ao ambiente mais miserável, desolador e desestimulante. Era assim não por serem cruéis os meus amos; até que não, se comparados com muitos outros. Eu nasci num casebre típico: medindo seis a oito metros quadrados. Aí viviam minha mãe, meu irmão e minha irmã, até o fim da guerra<sup>16</sup>, quando fomos declarados livres.

De meus ancestrais, sei quase nada. Nas senzalas e mesmo após, ouviam-se rumores, dentre às pessoas de cor, a respeito das torturas que os escravos, inclusive meus antepassados pelo lado materno, sofreram em sua jornada nos navios negreiros a caminho da América, vindos da África. Não consegui ter sucesso em meus esforços para obter qualquer informação que pudesse lançar uma luz acurada à respeito da história da família de minha mãe. Ela, consigo me lembrar, tinha meios-irmãos, um homem e uma mulher. No tempo da escravidão, pouca atenção era dada ao histórico familiar. Minha mãe, acredito, despertou a atenção de

---

<sup>16</sup> 1865. Guerra Civil ou de Secessão.

um comprador que, adiante, tornou-se seu e meu proprietário. Sua inclusão ao conjunto de escravos deve ter despertado a mesma atenção que a compra de um novo cavalo ou vaca. De meu pai sei ainda menos — sequer o seu nome. Ouvei dizer que era branco e morava numa plantação da vizinhança. De qualquer forma, jamais ouvi que ele tenha tido o menor interesse a meu respeito. Mas não vejo nenhum pecado nisto. Ele era apenas mais outra vítima da instituição que a Nação, desafortunadamente, acolheu naquele período.

O casebre não era apenas o local onde morávamos, servia também como cozinha para o pessoal da plantação. Minha mãe era a cozinheira. Não possuía janelas com vidros, senão que aberturas que permitiam a entrada da luz, mas também do ar frio enregelante do inverno. Havia a porta da cabana, ou algo que era chamado de porta — todavia, as precárias dobradiças que a seguravam e as grandes rachaduras, isto sem falar na sua estreiteza, faziam da acomodação algo muito desconfortável. Além dessas aberturas havia, no canto direito inferior um “alçapão-de-gato”: dispositivo que praticamente todas as mansões ou casebres da Virgínia possuíam durante o período de antes da guerra. O alçapão servia para que o gato da casa, à noite, pudesse sair e voltar à sua vontade. No caso especial de nosso casebre, eu jamais consegui entender a razão da existência daquela comodidade, posto que ali havia pelo menos meia dúzia de locais que poderiam servir de passagem aos gatos. O casebre era de chão batido, tendo ao centro um grande e profundo buraco coberto com madeiras, usado como depósito de batatas-doces, durante o inverno. A imagem desse depósito ficou marcado de forma indelével em minha memória, pois me recordo que, durante o processo de estocagem ou de esvaziamento, eu sempre podia me apoderar de uma ou duas batatas-doces, que as tostava, comendo com grande prazer. Não havia um fogão sequer em nossa plantação, assim que a comida, de escravos e amos, era feita por minha mãe sobre um forno aberto, usando comumente potes e caçarolas. Enquanto o casebre mal construído nos fazia padecer de frio no inverno, constituía-se em fator de grave incômodo no verão.

Os primeiros anos de minha vida, tempo que passei no casebre, não foram diferentes de milhares de outros escravos. Minha mãe tinha pouco tempo para devotar ao preparo de suas crianças, durante o dia. Ela costumava dedicar um pouco de sua atenção cedo, de manhã, antes de iniciar sua jornada, e à noite, após seu labor haver-se encerrado. Uma de minhas mais remotas lembranças é vê-la

cosendo uma galinha tarde da noite, e acordando seus filhos para alimentá-los tão tarde. Como e onde ela havia conseguido a galinha, não sei. Presumo, todavia, foi obtida na granja do proprietário. Alguém poderá classificar a aquisição como furto. Se isso houvesse acontecido hoje em dia eu mesmo a condenaria por furto. Mas tendo ocorrido no período em que vivíamos e pelas razões que a moveram, ninguém seria capaz de induzir-me a pensar ser ela passível de punição por furto. Ela era apenas uma vítima do sistema escravista. Não consigo me recordar haver dormido numa cama, até que nossa família foi declarada livre, com a Proclamação de Emancipação. Três crianças — John, meu irmão mais velho, Amanda, minha irmã e eu — possuíamos um estrado sobre o chão, ou, para ser mais preciso, dormíamos sobre um monturo de andrajos sujos.

Não faz muito, perguntaram-me que tipo de brincadeiras ou esportes eu praticava quando de minha infância. Até essa indagação, não havia pensado em diversão ou exercícios como parte de minha vida. Tanto quanto posso recordar, toda minha existência foi dedicada a uma forma ou outra de trabalho. Penso agora que se houvesse praticado algum tipo de esporte seria um homem mais saudável. O tempo em que fui escravo não foi longo o bastante que demandasse muito de meu serviço, mesmo assim eu trabalhava cuidando dos jardins, carregando água para os trabalhadores na lavoura ou, uma vez por semana, buscando milho para moagem. O moinho ficava a uma distância de quase cinco quilômetros da plantação. Essa era uma tarefa que me desagradava. O saco de milho era colocado no lombo de um cavalo, de forma que metade pendesse para um lado e a outra caísse para o outro. O andar do cavalo fazia com que a carga, muito pesada para mim, ginguasse e não raramente caísse. Quando isto ocorria, eu era levado junto; não sendo forte o bastante para recolocar o saco sobre o animal, tinha de esperar por horas a fio, chorando, até que aparecesse alguém na estrada e me ajudasse a recolocar a carga no dorso do animal. O tempo perdido fazia com que eu chegasse tarde no moinho. Até que a operação de moagem ocorresse, a tarde teria escorrido e chegado a noite. A estrada então era solitária, e estendia-se dentro de densa floresta, daí o meu temor. Nesse tempo, dizia-se que a floresta abrigava soldados que haviam desertado das linhas de guerra e que um desertor ao encontrar um menino negro a primeira coisa que faria seria cortar suas orelhas. Ademais, eu sabia que se demorasse a voltar para casa, seria severamente ralhado e mesmo flagelado.

Não tive qualquer tipo de ensino escolar durante o tempo em que fui escravo, embora me recorde haver muitas vezes ido até a porta da escola, carregando os livros de uma de minhas sinhazinhas. A imagem de diversas dúzias de meninos e meninas nas salas de aula, empenhados em estudar, marcou-me profundamente, fazendo-me pensar que ingressar naquele ambiente seria o mesmo que alcançar o paraíso.

O mais remoto fato que posso recordar quanto a compreensão que éramos escravos, e que a libertação dos escravos estava sendo objeto de discussão, ocorreu numa madrugada quando, antes do amanhecer, fomos acordados por nossa mãe, ajoelhada cerca de seus filhos, rezando com ardor para que Lincoln e seus exércitos fossem vitoriosos, fazendo com que, um dia, seus filhos e ela mesma se tornassem livres. Em relação à atitude de minha mãe nunca fora capaz de compreender como os escravos, por todo o Sul, constituindo-se em uma imensa massa de gente ignorante, distante de livros e jornais, conseguiam com acurácia manterem-se bem informados a respeito das questões que agitavam o país. Ao tempo em que Garrison<sup>17</sup>, Lovejoy<sup>18</sup> e outros começaram a animar os movimentos libertários, os escravos por todo o Sul passaram a acompanhar de perto o progresso de suas o movimentações. Embora eu fosse apenas um menino durante os preparativos para a Guerra Civil e mesmo durante a guerra, consigo lembrar muitos dos encontros furtivos tardios na noite, onde minha mãe e outros escravos discutiam sobre a libertação. Suas conversas demonstravam que tinham conhecimento e entendiam a situação, e que se mantinham informados dos eventos através do que fora institucionalizado como o telégrafo “boca em boca”.

Durante a campanha eleitoral, quando Lincoln concorreu pela primeira vez à presidência, os escravos em nossa distante plantação, quilômetros afastada de qualquer ferrovia, cidade grande ou jornal diário, sabiam de tudo que estava ocorrendo com o candidato. Quando se iniciou a guerra entre o Sul e o Norte, todos os escravos na plantação sentiam e sabiam que, embora outros assuntos fossem conversados, o ponto central era a escravidão. Mesmo os mais ignorantes membros de minha raça, nas fazendas mais remotas, sentiam em seus corações, com uma certeza que não admitia qualquer dúvida, que a libertação dos escravos haveria de

---

<sup>17</sup> - William Lloyd Garrison, (1805-1879). Tornou-se em seu tempo a personificação do movimento antiescravista na América.

<sup>18</sup> - Editor Elijah Paris Lovejoy, 34, líder abolicionista..

ser a grande conquista da guerra, se vencedoras fossem as tropas do Norte. Cada vitória do exército nortista e derrota nas linhas confederadas do Sul era acompanhada com intenso interesse. Não era raro, os escravos saberem desses eventos bélicos muito antes dos brancos. As informações nos chegavam comumente pelo escravo negro que era enviado pelo amo para recolher correspondência na agência postal. Em nosso caso, esse posto ficava a cerca de seis quilômetros da propriedade, e a correspondência chegava de duas a três vezes por semana. O encarregado de buscar a mala se movimentaria pelo local o tempo suficiente para bisbilhotar as conversas dos brancos que, de hábito, após recolherem suas cartas, ficavam no local conversando sobre os últimos eventos. O mensageiro da fazenda, em seu caminho para entregar as cartas na casa do amo, naturalmente repartia entre os escravos as novidades que recolhera, assim que ordinariamente ouviam os importantes sucessos antes dos moradores da “casa grande”, como era chamada a morada do senhor.

Não consigo recordar de nenhum momento de minha infância ou início da adolescência em que minha família, por inteiro, haja sentado-se em torno a uma mesa; que a bênção de Deus tenha sido evocada, e tenhamos feito uma refeição de modo civilizado. Nas plantações da Virgínia, e mesmo após a liberdade, as refeições chegavam às crianças da mesma forma que as bestas são alimentadas: era um pedaço de pão aqui e um naco de carne ali. Às vezes era um copo de leite, noutras, porções de batatas. Muitas vezes parte da família comia diretamente dos potes ou caçarolas; outras vezes em finas chapas parecendo pratos, postas sobre os joelhos sendo o alimento levado à boca com as mãos. Já crescido o bastante, muitas vezes fui mandado à “casa grande” para ficar acionando um abanador de moscas — um conjunto de ventiladores com lâminas de papel, movimentados por uma correia — durante as refeições. Naturalmente, muito da conversa dos brancos girava em torno de liberdade e guerra. Assim, eu absorvia muito do que pensavam. Recordo certa vez haver visto duas de minhas sinhazinhas, acompanhadas de visitantes, comendo bolinhos de gengibre no jardim. Naquele momento, os bolinhos se mostravam como as coisas mais tentadoras que jamais vira. Assim que tomei a decisão de, se um dia ficasse livre, o ponto maior de minha ambição seria ter condições de conseguir e comer bolinhos de gengibre, da mesma forma que aquelas moças faziam.

Na medida em que a guerra se estendia, os brancos, comumente, encontravam dificuldade em garantir seu próprio sustento. Creio que os senhores



sentiram mais a privação do que os escravos, pois a dieta comum desses era composta de pão de milho e carne de porco, coisas comuns nas propriedades rurais; todavia, café, chá, açúcar e outros gêneros aos quais os amos se habituaram não podiam ser conseguidos nas plantações, assim que a guerra tornou impossível sua obtenção. Os brancos viam-se mais facilmente em grandes apuros. Milho torrado era usado como café, e uma espécie de melaço negro era servido como açúcar. Muitas vezes, nada era usado para adoçar esses ditos cafés e chás.

O primeiro par de sapatos que me lembro haver calçado, eram de madeira. Tinham uma alça dura de couro no topo, mas a sola era um sólido pedaço de madeira com dois centímetros de espessura – tamancos. Quando caminhava, eles faziam um ruído horrível; além do mais, eram muito inconvenientes, pois não havia acomodação para a pressão natural do pé. Calçando-os uma pessoa apresentaria uma aparência desajeitada. A mais penosa provação que tive de enfrentar como jovem escravo, todavia, foi vestir uma camisa de fibra de linho. Na seção da Virgínia onde morávamos era comum usar linho na confecção de roupas de escravos. O linho que nos cabia, naturalmente, era parte do refugio, constituindo-se em produto de baixo preço para os patrões. Não consigo imaginar suplício maior, a não ser arrancar um dente, do que vestir uma camisa de linho pela primeira vez. É mais ou menos o que uma pessoa sentiria se sua pele estivesse em contato com uma dúzia ou mais de rebarbas de castanha ou uma centena de espinhos. Ainda hoje, consigo recordar exatamente a tortura a que fui submetido vestindo essa indumentária: minha pele era tenra fazendo meu sofrimento intenso. Mas eu não tinha escolha. Ou eu vestia a camisa de linho ou nada; mas se me houvessem dado alternativa, eu preferiria andar sem camisa. Relacionado ainda com a camisa de linho rústico guardo uma das mais caras lembranças. Meu irmão, John, muitos anos mais velho do que eu era, cometeu um dos gestos mais espontâneos de um escravo para com o outro: ofereceu-se para vestir a camisa nova de linho que eu havia recebido, fazendo-o por muitos dias até que as fibras do tecido houvessem quebrado, tornando o vestir menos martirizante. Essa camisa foi a única que recebi até tornar-me um jovem adulto.

A partir do que disse antes, pode-se chegar a conclusão que havia um sentimento amargo da parte de nossa gente para com os brancos, pois a maioria da população branca havia partido para lutar numa guerra cujo resultado, se favorável ao Sul, significaria manter o negro no cativeiro. No que concerne aos escravos da

propriedade onde estávamos, não tínhamos esse sentimento, da mesma forma em meio a grandes porções de escravos no Sul, onde o negro era tratado com qualquer coisa, menos decência. Na guerra, um dos meus jovens amos foi morto e dois outros foram feridos. Lembro a tristeza que se apoderou dos escravos quando souberam da morte de amo Billy. Não se tratava de fingido sentimento, mas real. Alguns dos escravos haviam criado o amo Billy, outros haviam brincado com ele quando eram crianças. Amo Billy havia intercedido, implorando piedade tanto ao capataz quanto ao senhor, quando esses espancavam os escravos. A tristeza da senzala somente era superada pela dor na “casa grande”. Quando os dois feridos foram trazidos para casa, o carinho dos escravos se expressou de muitos modos. Mostravam-se tão ansiosos em ajudá-los quanto seus familiares. Houve escravos que disputaram o privilégio de fazerem a vigília noturna de seus amos feridos. Essa ternura e simpatia oriunda de seres em cativeiro era o resultado de sua natureza boa e generosa. A fim de defender e proteger as mulheres e crianças que ficaram sem seus esposos e pais, enquanto esses lutavam na guerra, os escravos seriam capazes de arriscar suas vidas. O escravo escolhido para dormir na “casa grande” durante a ausência dos homens era considerado como detentor de um lugar de honra. Alguém que tentasse molestar as sinhazinhas ou as sinhás, para conseguir tanto teria que passar por sobre o cadáver do escravo de plantão. Eu não sei quem notou isto, mas será difícil encontrar exemplo que os negros, escravos ou livres, tenham traído uma específica missão que lhes haja sido designada.

De regra, os membros de minha raça não carregaram amargor e rancor contra os brancos antes ou durante a guerra, e existem muitos exemplos de negros ternamente cuidando de seus ex-patrões e senhoras que por alguma razão ficaram pobres e dependentes depois da guerra. Eu constatei alguns exemplos de ex-escravos que por anos a fio supriram com dinheiro seus antigos amos, afastando-os do sofrimento. Soube ainda de casos em que os outrora escravos garantiram a educação de descendentes de seus um dia patrões. Sei de um caso numa grande fazenda no Sul em que um jovem branco, filho do ex-proprietário da terra, ficou tão desprovido de comando e auto-controle pela bebida, tornando-se um caso de misericórdia; apesar disso, e da pobreza dos trabalhadores na terra, esses sustentaram por muitos anos o jovem branco. Um enviava um pouco de café ou açúcar, outro um pouco de carne, assim por diante. Nada do que os negros possuem é bom o bastante para o filho do velho amo Tom, que, talvez, jamais

sofrerá enquanto restar qualquer dos que naquele local um dia estiveram, direta ou indiretamente com o velho amo Tom.

Eu disse que há raros exemplos de um integrante de minha raça traindo a confiança nele depositada. Ilustra de forma clara o que desejo dizer o caso de um ex-escravo, da Virgínia, que encontrei não há muito tempo numa pequena cidade do estado de Ohio. Soube que ele firmou um contrato com seu amo, dois ou três anos antes da Proclamação de Emancipação, pactuando que o escravo poderia comprar a si mesmo, pagando quantia anual estipulada por seu corpo; e, enquanto estivesse a honrar o contratado poderia trabalhar onde lhe aprouvesse. Concluindo que encontraria melhores salários em Ohio, para lá se deslocou. Quando tornou-se legalmente livre pela abolição, ele ainda devia uns trezentos dólares, face ao arranjo. Apesar de a Emancipação haver livrado-o de qualquer obrigação para com o amo, o homem deslocou-se na grande distância entre Ohio e Virgínia a fim de por nas mãos do credor, com juros, até o último dólar de sua dívida. Quando me contou essa história, o homem disse saber que não tinha mais obrigação legal de pagar o que devia, mas já que havia empenhado sua palavra jamais iria desonrá-la. Disse sentir que jamais desfrutaria por completo sua liberdade sem que a promessa fosse honrada.

A partir de algumas coisas que afirmei, alguém poderá concluir que alguns escravos não desejavam à liberdade. Não é correto. Nunca encontrei algum que não desejasse ser livre, ou que desejasse voltar à servidão.

Lastimo, do fundo de meu coração, uma nação ou povo que seja tão desafortunado a ponto de manter-se enredado na teia da escravidão. Deixei, há muito, de animar qualquer espírito de amargor contra os brancos sulistas, pela escravidão de minha raça. Nenhuma região de nosso país foi responsável sozinha por sua introdução; ademais, por muito tempo a escravidão foi protegida pelo próprio governo. Uma vez que seus tentáculos se espalharam na vida social e econômica da República, deixou de ser algo fácil livrar-se dessa instituição. Assim, quando nos livramos de preconceitos, ou de sentimento racial, e enfrentamos na face os fatos, devemos reconhecer que, não obstante a crueldade e imoralidade da escravidão, dez milhões de negros que habitam este país, eles mesmos ou seus ancestrais passaram pela escola da escravidão americana, estão numa posição mais coesa e esperançosa, material, intelectual, religiosa e moralmente — o mesmo ocorre com um número igual de negros em outras partes do planeta. E essa verdade pode ser

constatada pelo número expressivo dos que, como seus antepassados, passaram pela escola da escravidão, hoje retornam freqüentemente para a África, como missionários, a fim de ilustrar aqueles que permaneceram na terra mãe. Digo isto não para justificar a escravidão — condeno-a como uma instituição, posto que, como todos sabemos, foi implantada na América por razões egoísticas e econômicas, não por um motivo missionário — mas para chamar a atenção de como a Providência muitas vezes usa o homem e suas instituições para atingir um fim. Quando as pessoas hoje indagam-me, em meio a condições que algumas vezes se mostram desanimadoras e desencorajantes, como possa eu ter tal fé no futuro de minha raça neste país, eu os faço ver a selvageria através da qual a Divina Providência nos conduziu, e dela retirou-nos.

Desde que amadureci o bastante para pensar por mim mesmo, acalentei a idéia — apesar da crueldade que se abateu sobre nós — que o negro conseguiu da escravidão praticamente o mesmo que o branco. As influências maléficas da instituição não foram, de forma alguma, exclusividade dos negros. Isto pode ser demonstrado pela vida que tínhamos na plantação onde vivíamos. A engrenagem da escravidão havia sido erigida para gerar trabalho, via de regra, a fim de ser vista como um emblema de degradação, de inferioridade. Assim, o trabalho era algo do qual as duas partes na plantação buscavam evitar. O sistema escravista onde vivíamos, em grande extensão, adquiria o espírito de auto-confiança e auxílio mútuo de parte dos brancos. Meu antigo patrão teve muitos filhos e filhas, mas nenhum deles se inclinou para qualquer tipo de iniciativa produtiva. Às moças não foi ensinado cozinhar, costurar ou cuidar da casa. Tudo isto faziam os escravos. Os escravos, naturalmente, tinham pouco ou nenhum interesse pessoal na vida da fazenda e o estado de ignorância em que eram mantidos afastava-os de aprender qualquer coisa que significasse melhora nas condições de produtividade. Como resultado desse sistema, cercas ficavam sem conserto, portões pendiam com dobradiças a ringir, portas rachadas, janelas descompostas, rebocos falhando sem reposição e ervas sobressaindo-se nos jardins. De regra, comida era disponível para brancos e negros. Na casa, em sua sala de jantar, na mesa de comer, faltava um toque de elegância e refinamento, o que faz um lar o lugar mais cômodo e atrativo do mundo. Ademais, havia um triste desperdício de comida e de materiais. Quando veio a liberdade, os escravos estavam praticamente bem preparados para iniciar uma nova vida como senhores de si mesmos, exceto nas questões de aprendizado

escolar e propriedade. O dono de escravos e seus descendentes não demonstravam capacidade produtiva. Inconscientemente, introjetaram o conceito segundo o qual o trabalho manual era algo inadequado para si mesmos. De outra parte, os escravos em muitos casos, eram hábeis em certos trabalhos artesanais e não se sentiam envergonhados, e poucos mostravam-se indispostos a trabalhar.

Finalmente, a guerra acabou, e o dia da liberdade chegou. Foi um dia momentoso e de grande júbilo na plantação. Esperávamos por ele. A liberdade pairava no ar, e assim se mantivera por meses. Soldados desertores retornando para suas casas, viam-se todos os dias. Outros que deram baixa, ou que seus regimentos haviam sido postos em liberdade, passavam freqüentemente pelas terras onde estávamos. O telégrafo “boca em boca” mantinha-se ocupado noite e dia. As novidades e murmúrios sobre grandes eventos corriam de uma para outra plantação. Temendo a invasão dos ianques, a prataria e objetos de valor eram retirados da “casa grande”, enterrados nos bosques ou guardados por escravos de confiança. Maldito aquele que tentasse malversar o tesouro enterrado. Os escravos, dariam aos soldados ianques, comida, bebida, vestimenta — qualquer coisa, menos aquilo que especificamente lhes havia sido confiado honrar a guarda. À medida que o grande dia se aproximava, os escravos, nas senzalas, externavam seu contentamento com mais cantorias do que o usual. Eram mais fortes e ressoavam mais intensamente, adentrando a noite. A maioria das músicas cantadas, continham versos referentes à liberdade. É verdade que a palavra “liberdade” já integrava suas canções de há muito, mas explicavam que a referência se dava a “libertação” com a morte, não tendo relação com a realidade em que viviam. Agora, gradativamente tiravam a máscara e não temiam mais a compreensão que o significado das canções era a libertação do corpo neste mundo. Na noite de véspera do grande evento, chegou o informe que algo de muito importante estava por acontecer, na “casa grande”, na manhã seguinte. As pessoas pouco ou nada dormiram aquela noite. Havia um clima geral de expectativa e excitação. Cedo, na manhã, veio a ordem para que todos os escravos, jovens e velhos, se aproximassem da casa. Acompanhado de minha mãe, irmão e irmã e de um grande número de escravos, fui até a casa do amo. A família toda estava no avarandado da casa, sentados ou de pé, de onde poderiam assistir o evento e ouvir o que seria dito. Havia no ar um sentimento de grande interesse, ou talvez de tristeza em suas faces, mas não havia rancor. Da forma como agora me recordo da impressão que deixaram em mim, eles

até então pareciam não estarem tristes por causa da perda da propriedade, mas por separarem-se daqueles com quem se criaram e que eram, de muitas maneiras, próximos. O que mais claramente me recordo relacionado com a cena, é que um homem estranho (acredito, era um servidor dos Estados Unidos) fez um breve discurso e a seguir leu um longo documento — Proclamação de Emancipação, creio. Após a leitura, fomos informados que éramos todos livres, e podíamos ir quando e para onde quiséssemos. Minha mãe, postada a meu lado, inclinou-se, beijando cada um de seus filhos, enquanto lágrimas de contentamento escorriam por suas faces. Explicou-nos o que significava o momento: era aquele o dia pelo qual esperara uma vida inteira, rezando, e que, todavia, acreditava não o iria alcançar viva.

Por alguns instantes, houve grande rejubilação, ação de graças e descontroladas cenas de êxtase. Mas não havia amargor. Em verdade, lá estava a piedade dentre os escravos para com os seus antigos amos. O desenfreado júbilo de parte dos homens de cor emancipados, durou por um período breve, posto que notei que ao retornarem para seus casebres comportavam-se de forma diferente. A grande responsabilidade de ser livre, de encarregar-se de si mesmo, de terem de planejar para si e para seus filhos, parece que se tornaram suas preocupações. Era como se repentinamente um menino de dez ou doze anos saísse de seu ambiente e tivesse de prover-se. Em poucas horas os problemas que por séculos amarguravam a raça anglo-saxônia caíram nos ombros dos povos negros para que os resolvessem. Eram os problemas de habitação, subsistência, criação e educação dos filhos, instrução, cidadania, edificação e manutenção de igrejas. Era por acaso de admirar-se que em poucas horas o desenfreado sentimento de conquista sofresse, e profunda melancolia tomasse conta da senzala? Alguns percebiam, agora na posse da liberdade, que ela era algo muito mais sério do que sonhavam. Alguns escravos tinham entre setenta e oitenta anos de idade. Seu tempo já havia passado. Não tinham mais vitalidade para disputar ocupação num outro mundo, e em meio a outra gente, mesmo se tivessem garantia de encontrar um novo local para morar. Para esses o problema se apresentava extremamente penoso. Além do mais, no fundo de seus corações havia um estranha sensação de vínculo ao “velho sinhô” e à “velha sinhá”, bem como aos seus filhos, dos quais sentiam mais penosamente terem de se afastar. Em muitos casos, a ligação com os filhos dos amos estendia-se por cerca de meio século; assim, que partir não era algo fácil de fazer. Aos poucos, um a um, furtivamente no começo, os escravos mais idosos

começaram a se deslocar entre a senzala e a “casa grande” a fim de confabular com seus antigos proprietários a respeito de seu futuro.

## CAPITULO II

### *A infância*

*A*pós o advento da liberdade, havia dois pontos com os quais praticamente todos no local onde vivíamos concordavam — e creio que ocorria o mesmo em quase todo o Sul: as pessoas deveriam mudar seus nomes, e deveriam sair da fazenda pelo menos por alguns dias ou semanas, a fim de se assegurarem que eram, mesmo, livres.

De alguma maneira, um sentimento aflorou entre as pessoas de cor, que era correto assumissem os sobrenomes de seus antigos senhores; e foi assim que um grande número agiu. Este foi um dos primeiros sinais de liberdade. Quando escravos, os homens de cor eram simplesmente chamados de “John” ou “Susan”. Raras eram as ocasiões em que eram tratados com mais de um nome. Se John ou Susan pertencessem a um branco com o nome “Hatcher”, era às vezes chamado de “John Hatcher”, ou muito comumente “John *de* Hatcher”. Mas considerava-se que “John Hatcher” ou “João de Hatcher” não era um nome adequado para uma pessoa livre, assim que muitos foram os casos de troca de nome, onde “John Hatcher” virava “John S. Lincoln”, ou “John S. Sherman”<sup>19</sup>. A presença do “S” entre nome e sobrenome, não sendo inicial de alguma palavra, geralmente queria significar aquilo que os homens de cor com orgulho chamavam “intitulado”.

Como me referi antes, a maioria da gente de cor deixou a antiga plantação, pelo menos por algum tempo, como forma de ter certeza, davam essa impressão, que poderiam tentar a vida de libertos, ver como ela era. Após ficarem por algum tempo longe, muitos dos ex-escravos mais idosos, especialmente, retornavam para suas moradas, firmando algum acordo com seus ex-proprietários mediante o qual permaneciam na propriedade.

O marido de minha mãe, que era meu pai adotivo e de John, não pertencia ao mesmo proprietário que minha mãe. De fato, ele raramente aparecia na

---

<sup>19</sup> - Sherman . General da União William Tecumseh Sherman (1820-1891), que liderou a marcha para o mar, de Atlanta para Savannah, entre 4 de novembro de 22 de dezembro de 1864.



plantação. Tenho a impressão de o haver visto apenas uma vez a cada ano, no período de festas de Natal. De alguma forma, durante a guerra, parece que fugindo em meio ao arrastão das tropas federais, ele conseguiu fixar-se no novo estado de Virgínia do Oeste. Assim que houve a libertação ele providenciou para que minha mãe fosse ao seu encontro, em Vale Kanawha. Naquele tempo, uma viagem de Virgínia até a outra, do Oeste, era uma jornada enfadonha e comumente sofrida, através das montanhas. As poucas coisas domésticas que tínhamos foram colocadas numa carroça, e as crianças acompanharam a pé por quase toda o deslocamento, que representava centenas de quilômetros.

Não creio que qualquer um de nós haja ido um dia muito longe da plantação; assim, uma jornada até um outro estado era algo memorável. A separação de nossos antigos proprietários – também de outros ex-escravos que trabalhavam na plantação – foi algo muito sério. Desde a nossa partida até sua morte, trocamos correspondência com os membros mais idosos da família; e mais adiante, mantivemo-nos em contato com aqueles que eram mais jovens. Nossa viagem consumiu várias semanas, e comumente dormíamos a céu aberto, e cozinhávamos sobre achas de lenha no campo. Recordo-me, certa feita, que acampamos à noite perto de uma cabana abandonada, assim que minha mãe decidiu por fazer o fogo no interior do casebre e improvisar um estrado onde dormiríamos. Assim que o fogo pegou, da chaminé caiu uma serpente negra — com um metro e meio —, que saiu correndo pela porta entreaberta. É claro que imediatamente também abandonamos a cabana. Finalmente, chegamos ao nosso destino, uma pequena cidade chamada Malden, que fica a cerca de sete quilômetros de Charleston, atual capital do estado .

Naquele tempo, a indústria de mineração de sal era a mais importante na Virgínia do Oeste, e a pequena cidade de Malden postava-se no meio das fornalhas de sal. Meu padrasto já havia conseguido um emprego numa fábrica, bem como um casebre que nos iria alojar. Nosso novo lar não era em nada melhor que a cabana onde morávamos. De fato, num aspecto era pior. Apesar da condição paupérrima de nossa cabana na fazenda, tínhamos ar puro. Nossa nova morada situava-se em meio a um núcleo de casebres amontoados uns nos outros, e como não havia qualquer tipo de cuidado sanitário a imundície era comumente intolerável. Nossos vizinhos eram ou pessoas de cor ou o que havia de mais pobre, ignorante ou degradado dentre os brancos. Tínhamos uma mistura heterogênea. Beberagem,

jogatina, bate-boca, briga e chocante imoralidade eram freqüentes. Todas as pessoas que moravam naquela comunidade estavam, de uma ou de outra forma, ligados à indústria do sal. Embora eu fosse apenas uma criança, meu padrasto colocou-nos, eu e meu irmão, a trabalhar numa das fábricas. Comumente, minha jornada de trabalho se iniciava cedo, às quatro horas da manhã.

A primeira coisa que aprendi com relação a livros, foi enquanto trabalhava nas fornalhas. Cada uma das embaladeiras tinha os seus barris marcados com um número. O número alocado a meu padrasto era o "18". Ao findar o expediente o encarregado dos embaladores se aproximava de nosso local e apunha o número "18" em cada um de nossos barris, assim que em seguida aprendi a reconhecer aquela figura sempre que a via. Logo adiante era capaz de reproduzir aquela imagem, embora nada soubesse a respeito de outras figuras ou letras.

Do período em que me recordo haver pensado a respeito de qualquer coisa, lembro-me de um intenso desejo de aprender a ler. Assim, decidi quando ainda um menino, que se nada pudesse conseguir na vida, gostaria de conseguir um mínimo que garantisse pudesse vir a ler livros e jornais. Logo após estarmos instalados em nosso casebre na Virgínia do Oeste induzi minha mãe a conseguir-me um livro. Como e onde obtive não fiquei sabendo — ela adquiriu uma cópia antiga do dicionário "azul-escuro", de *Webster*, que continha o alfabeto seguido de palavras sem sentido como "ab", "ba", "ca", "da". Iniciei de imediato a devorar esse livro, que creio foi o primeiro a cair em minhas mãos. Soube por alguém que a maneira de aprender a ler era conhecer o alfabeto. Assim, tentei isso de várias maneiras, tudo sem um professor, pois não tinha condições de encontrar um. Nesse tempo, não havia um membro de minha raça que fosse capaz de ler, e eu era tímido demais para apelar a um branco. De certa forma, em algumas semanas, consegui dominar uma boa porção do alfabeto. Em todos os meus esforços para ler e escrever obtive o apoio integral de minha mãe, que me ajudou da maneira que podia. Embora ela fosse ignorante, pelo menos no que tangia a livros, tinha ambições para seus filhos e um imenso, sólido, bom senso que parecia guiá-la a enfrentar qualquer situação. Se fiz algo em minha vida que mereça atenção, tenho certeza que foi a partir da disposição que herdei de minha mãe.

Em meio a meu empenho e desejo de educação, um jovem de cor que havia aprendido a ler no estado de Ohio apareceu em Malden. Assim que se espalhou a notícia que ele sabia ler, um jornal foi comprado e, ao fim de cada dia de

trabalho, o jovem se via cercado por um expressivo grupo de homens e mulheres que, com ansiedade, ouviam as notícias que o jornal estampava. Como eu invejava esse homem. Eu tinha em conta ser aquele o único jovem no mundo que deveria considerar-se satisfeito com suas conquistas.

Neste período foi que os membros de nossa raça começaram a considerar a respeito de terem as crianças de cor da vila algum tipo de escola. Seria a primeira escola para os negros a ser estabelecida naquela parte da Virgínia e viria a ser, naturalmente, um grande acontecimento. Por isto, as discussões despertavam vívido interesse. A questão mais crítica era, onde encontrar um mestre-escola. O jovem de Ohio que havia aprendido a ler jornais foi aventado, mas sua idade pesava contra. Em meio à questão aberta, um outro jovem de Ohio, que havia servido como soldado, apareceu na vila. Ficou-se sabendo em seguida que ele tinha considerável nível de educação. Ele foi contratado pelas pessoas de cor como o mestre-escola de sua primeira escola. Como não havia qualquer escola pública gratuita para pessoas de cor ali, formou-se consenso que cada família pagaria uma taxa mensal, a fim de assegurar os meios de subsistência ao mestre-escola, especialmente porque ele atuaria em tempo integral, fazendo uma ronda que envolvia dedicar o dia inteiro atendendo uma família. Para o mestre não era um arranjo desfavorável, posto que no dia em que ele passava numa determinada casa, a família se esmerava em oferecer-lhe o que possuía de melhor. Recordo da minha ansiedade para que ocorresse o “dia do mestre” em nosso casebre.

A experiência de todo um povo começar a ter acesso ao ensino representa um dos fenômenos mais interessantes jamais ocorridos em relação ao desenvolvimento de qualquer raça. Poucas pessoas, senão as que estavam bem no centro dos eventos, poderiam ter uma noção exata do intenso desejo que as pessoas de minha raça demonstraram pela educação. Como já afirmei antes, era uma raça inteira querendo ir à escola. Alguns eram jovens demais, mas ninguém era tão velho para tentar se educar. Rápido, ultrapassando a capacidade dos mestres-escolas disponíveis, as escolas foram tomadas durante o dia e também à noite. A grande ambição dos mais velhos era aprender a ler a Bíblia antes de morrer. Com esse objetivo em mente, homens e mulheres com cinquenta ou setenta anos de idade eram comumente encontrados a freqüentar escolas noturnas. Escolas

dominicais<sup>20</sup> foram estabelecidas logo após a libertação, mas o principal livro estudado nessas escolas era o bê-á-bá. Escolas matutinas, vespertinas e noturnas regurgitavam de pessoas e muitos não podiam ser aceitos ou eram afastados por falta de espaço.

A instalação de uma escola em Vale Kanawha, todavia, acarretou-me um dos mais marcantes desapontamentos jamais experimentados. Eu trabalhava nas fornalhas de sal havia vários meses, e meu padrasto descobrira que eu tinha um certo valor econômico. Assim, quando a escola iniciou a funcionar ele tomou a decisão que eu não poderia perder tempo de produção indo estudar, numa decisão que toldou por completo meu horizonte. Minha frustração era maior ainda porque do local onde eu trabalhava podia ver a gurizada feliz indo e vindo da escola, nas manhãs e tardes. Apesar dessa desilusão, todavia, tomei a decisão de aprender algo. Assim, com empenho maior ainda, dediquei-me a decifrar o que se continha no livro soletrador de *Webster*.

Minha mãe compreendeu, com simpatia, meu desapontamento e procurou confortar-me da maneira que podia e na busca de um caminho que me levasse a aprender. Após algum tempo consegui ajustar com um mestre para que me lecionasse à noite, quando a jornada de trabalho houvesse findada. Essas aulas noturnas eram muito bem aproveitadas, mais do que muitos meninos que estudavam durante o dia. Minha experiência pessoal como estudante noturno introjetou-me a fé no conceito do ensino noturno, com o qual, em anos vindouros, implementei-o nos institutos Hampton e Tuskegee. Mas, meu jovem coração, ansiava por estudar de dia, assim que sempre que podia buscava conseguir esse objetivo. Venci, finalmente. Foi-me assegurado ir à escola diurna durante uns poucos meses, sabedor que teria de acordar bem cedo de manhã e trabalhar nas fornalhas até às nove horas, retornando imediatamente após o fim das aulas, cumprindo ainda uma jornada de mais duas horas de produção.

A escola ficava a uma boa distância da indústria, e como eu tinha de trabalhar até às nove horas, e a escola abria nesse mesmo horário, tinha aí um problema. As aulas se iniciaram sempre antes de eu chegar e muitas vezes eram temas recitados. Para contornar essa dificuldade eu me dobrei a um expediente que,

---

<sup>20</sup> - Reuniões dominicais, quase sempre nas igrejas ou dependências dessas, também nas escolas, onde se ensinam preceitos religiosos. Também tornou-se comum, nesses encontros, o culto, com a narrativa de seus feitos, de líderes e heróis da causa negra que foram sendo revelados.

acredito, a maioria das pessoas me condenariam; mas, uma vez que foi assim, devo contar. Eu tenho grande fé na força e influência dos fatos. Não se pode esconder por muito tempo um fato. Havia um grande relógio no pequeno escritório da indústria de sal. Esse relógio era o indicador para centenas de trabalhadores da hora de começar e terminar suas jornadas. Tive a idéia que a maneira de chegar à escola na hora certa seria movimentar os ponteiros do relógio de oito e meia, para nove horas. Fiquei fazendo isto manha após manhã, até que o “chefe” da seção descobriu que alguma coisa estava errada, assim que trancou o relógio dentro de uma caixa. Eu não desejava prejudicar a ninguém. Queria apenas chegar à escola na hora certa.

Quando, enfim, vi-me a freqüentar a escola pela primeira vez, deparei-me com outras duas dificuldades. Em primeiro lugar, constatei que todas as demais crianças vestiam capas e cobriam-se com chapéus. Eu não tinha nem um nem outro. Em verdade, antes de ir à escola eu jamais havia usado um chapéu e tampouco tinha considerado a necessidade de assim agir. Mas quando vi a maneira como os demais alunos se vestiam, senti-me bastante desconfortável. Como sempre, transferi o problema para minha mãe. Ela explicou que não tinha dinheiro para comprar um chapéu de loja, que se constituía numa novidade em meio aos homens de cor, e algo muito especial para jovens ou adultos usarem; mas ela iria ver o que poderia fazer. Assim, minha mãe conseguiu dois pedaços de brim índigo, costurando-os, fazendo com que me tornasse um feliz portador de meu primeiro casquete.

A lição que minha mãe dera com esse evento, guardei-a comigo para sempre e passei-a a outros quando pude. Sempre me senti orgulhoso, toda vez que penso nesse incidente, que minha mãe tinha força de caráter o bastante, não se deixando cair na tentação de aparentar aquilo que não era — de tentar impressionar meus colegas e outros, que ela fora capaz de comprar um casquete de loja, quando em verdade não podia. Sempre me orgulhei dela haver-se negado a contrair uma dívida que não iria ter condição de saldá-la. Desde então, outras vezes voltei a ter casquetes e chapéus, mas com a mesma satisfação que me dera aquele formado por duas peças de brim índigo cosidas por minha mãe. É desnecessário acrescentar que inúmeros de meus contemporâneos que usavam coberturas compradas em lojas e que se uniam para divertirem-se às custas do menino que tinha apenas um rústico casquete feito em casa, acabaram seus dias em penitenciárias enquanto outros acabaram sem condições de comprar qualquer tipo de chapéu.

Minha segunda dificuldade se relacionava com o meu nome, ou melhor com ter *um* nome. Desde quando posso me recordar de algo, sempre fui chamado de *Booker*. Antes de ir à escola nunca me havia ocorrido que seria necessário ter mais um nome. Quando ouvi a lista de chamada da escola notei que meus companheiros tinham pelo menos dois nomes, sendo que alguns incorriam no que para mim parecia uma extravagância, ter três nomes. Encontrava-me numa dupla perplexidade porque sabia que o mestre haveria de exigir que eu tivesse pelo menos dois nomes, e eu tinha apenas um. Quando chegou o momento de apresentar meu nome, ocorreu-me uma idéia que solucionaria a questão. Quando o mestre indagou qual era meu nome completo, calmamente informei: Booker Washington, como se por toda minha vida eu houvesse assim sido chamado. Adiante, vim a saber que minha mãe me havia nomeado Booker Taliaferro, logo após meu nascimento, todavia de alguma maneira esta parte de meu nome parecia haver desaparecido, fora esquecida; mas tão pronto fiquei sabendo disto, tornei meu nome completo Booker Taliaferro Washington. Creio que não há muitos homens em todo o país que tenham tido a oportunidade de nomear-se como eu o fiz.

Mais de uma vez, tentei retratar-me como um menino ou homem honrado e distinguido com uma ancestralidade que poderia ser rastreada num período superior a centenas de anos, da qual não apenas havia herdado um nome, mas fortuna e uma imponente propriedade familiar; todavia, outras vezes considerei que se houvesse sido assim minha vida, se houvesse herdado aquilo, se fosse parte de uma raça mais valorizada, ter-me-ia inclinado a ceder à tentação de depender de minha ancestralidade e à minha cor da pele, do que à minha própria capacidade. Anos atrás resolvi que como não tinha parentesco a arrimar-me deveria deixar uma marca da qual meus filhos deveriam se orgulhar, à qual os emularia a esforços ainda mais relevantes.

O mundo não deve julgar os negros, e especialmente os jovens negros, tão rápida e tão acremente. O jovem negro tem de enfrentar obstáculos, desestímulos e tentações que são pouco conhecidas daqueles que não estão em seu lugar. Quando um branco assume uma tarefa é tido como certo que ele a desempenhará a contento. Já os brancos se surpreendem quando um negro não falha. Em outras palavras, o jovem negro inicia à partir de uma presunção contra sua capacidade.

A influência de um passado, todavia, é importante para empurrar para frente qualquer indivíduo ou raça, desde que não se confie. Aqueles que constantemente

dirigem sua atenção para a fraqueza moral dos jovens negros e comparam seu desempenho com o dos jovens brancos, não consideram o peso que tem a herança que paira sobre antigas linhas familiares. Eu não tenho a menor idéia, como já disse nalguma parte, quem era minha avó. Tenho ou tive tios e tias e primos, mas não sei onde em sua maioria se encontram. Meu exemplo é similar a centenas de milhares de negros em todo o nosso país. O fato em si, que o jovem branco tem consciência que se não tiver sucesso na vida envergonhará toda uma tradição, que recua há muitas gerações, se constitui num imenso valor a dar-lhe força para resistir às tentações. O fato de um indivíduo ter por trás de si, e a envolvê-lo, uma altiva tradição e relacionamento familiar, serve como estimulante a ajudá-lo a superar obstáculos quando lutando pelo sucesso.

O período que pude freqüentar a escola diurna, foi pouco e irregular. Logo em seguida tive de abandoná-la e dedicar todo o meu tempo ao trabalho. Voltei para as aulas à noite. De fato, o ensino que me foi ministrado durante minha mocidade ocorreu na escola noturna, após sair do trabalho. Enfrentei muitas vezes dificuldade em ter um bom mestre. Houve vezes em que consegui alguém para me dar lições à noite e, logo adiante, desapontado, descobria que esse alguém sabia pouco mais do que eu. Comumente tinha de caminhar muitos quilômetros à noite para poder repetir minhas lições. Nunca houve em minha mocidade, não importa quão aborrecido e desanimador se mostrassem aqueles dias, o momento em que algo me abandonasse — esse algo era a determinação de conseguir-me educar a qualquer custo.

Após haver trabalhado por algum tempo nas fornalhas, fui posto a trabalhar em minas de carvão, que funcionavam quase exclusivamente para assegurar combustível às fornalhas. O trabalho nas minas era sempre temido. Uma das razões era o pó negro que se impregnava na pele, fazendo com que, ao sair, os trabalhadores tivessem dificuldade em remover o negrume de sua pele. A mais, eram quase dois quilômetros entre a boca da mina e o lençol de carvão, distância percorrida, toda, naturalmente, na mais profunda escuridão. Creio que ninguém pode experimentar sensação maior de escuridão do que no ventre de uma mina de carvão. A mina era dividida num grande numero de câmaras ou compartimentos, e, como eu nunca conseguia aprender a localização de todas essas câmaras, não foram poucas que me perdi no interior da caverna. Para aumentar o grau de terror, muitas vezes minha lanterna se apagava. Assim, se não tivesse um palito de fósforo,

teria de perambular pelo escuro até encontrar alguém que me ajudasse iluminando o caminho. O trabalho não era apenas penoso, mas também perigoso. Havia sempre a iminência de ser desintegrado por uma explosão prematura de dinamite ou esmagado pela queda de uma ardósia. Acidentes dessa natureza ocorriam com certa frequência, daí meu medo constante. Muitas crianças de idade tenra são obrigadas, como se pode contatar hoje, nos distritos de mineração, a passar parte de suas vidas nas minas, com reduzidas chances de estudar; e o que é pior, observei, como regra, que os jovens que iniciam suas vidas como mineiros são geralmente física e mentalmente deficientes. Em pouco tempo perdem a ambição de fazer qualquer outra coisa, senão serem mineiros.

Nesses dias, e mais tarde quando já um adolescente, tentava imaginar os anseios e ambições de um jovem branco sem qualquer limite quanto às suas aspirações e atividades. Costumava invejar os meninos brancos que se desejassem se transformar em parlamentares, governador, bispos ou mesmo presidente, nada se lhes oporia pelo fato de terem nascido de uma certa raça. Imaginava a maneira como eu haveria de proceder nessas circunstâncias; como eu começaria desde o princípio e depois continuaria subindo até alcançar os pináculos da glória.

Mais tarde, confesso que não invejava os meninos brancos como um dia o fizera. Aprendi que o sucesso deve ser medido nem tanto pela posição que alguém alcança na vida, mas pelos obstáculos que tem de superar enquanto busca vencer. Olhando a partir desse ponto, cheguei quase a conclusão que geralmente o nascer negro, oriundo de uma raça estigmatizada, constitui-se numa vantagem, pelo menos no que concerne à vida real. Com poucas exceções, o jovem negro necessita trabalhar duramente e precisa desempenhar suas tarefas melhor do que o branco como forma de garantir reconhecimento. Mas, da batalha dura e incomum que o jovem negro tem de defrontar-se, retira a força, a confiança, que falta àqueles privilegiados por um caminho suave e sem competitividade que desfrutam por razões de raça e nascimento.

A partir de qualquer ponto de vista, prefiro ser o que sou, um membro da raça negra, do que poder reivindicar participação na mais favorecida das raças. Sempre me entristeceu constatar membros de outras raças reivindicando direitos e privilégios, ou certos títulos de distinção, baseados apenas no fato de serem membros desta ou daquela raça, desconsiderando seu pessoal esforço ou consecução. Tinha pena de tais pessoas, por minha convicção, que o simples fato



de pertencer ao que é tido como uma raça superior não assegurará o progresso individual, a menos que essa pessoa tenha valor próprio; e que o mero pertencer aquela que é considerada como inferior haverá de se constituir em impeditivo de ascensão se a pessoa possui mérito individual e intrínseco. Todo o indivíduo ou raça perseguidos devem obter grande consolo se considerarem o mandamento humano, que é universal e eterno, segundo o qual mérito, não importa sob que tipo de pele se encontra, é, a longo prazo, reconhecido e premiado. Isso eu disse aqui não para chamar a atenção sobre mim como indivíduo, mas quanto à raça à qual tenho orgulho de pertencer.

## CAPÍTULO III

### *A luta por minha educação*

Um dia, enquanto trabalhava na mina, ouvi, por acaso, dois mineiros falando a respeito de uma grande escola para gente de cor localizada em algum lugar na Virgínia. Foi a primeira vez que escutei algo a respeito de escola ou ginásio melhor do que a escolinha de meu povoado.

Em meio à barulheira na mina, aproximei-me ao máximo dos dois homens que conversavam. Diziam que, não apenas era destinada aos membros de minha raça, mas que ensejava oportunidade para que meninos pobres, porém interessados, pudessem ser beneficiados com isenção total ou parcial das despesas de internato, e ao mesmo tempo receber ensino profissional para o comércio e indústria.

Enquanto descreviam a escola, ela se apresentava para mim como a maior coisa deste mundo; nem mesmo o Céu se mostrava mais atraente naquele oportunidade do que a Escola Normal Hampton e o Instituto Agrícola da Virgínia, a respeito do que falavam aqueles dois homens. Tomei a decisão imediata, que deveria freqüentar aquelas escolas, embora não tivesse idéia onde, quão distantes ficavam, e o que faria para lá chegar. Lembro-me de carregar constantemente uma ambição, e essa era ir para Hampton. Este pensamento estava comigo dia e noite.

Após haver ouvido a respeito de Hampton, continuei trabalhando na mina ainda alguns meses. Enquanto trabalhava, soube que havia uma vaga na casa do general Lewis Ruffner, proprietário das minas de sal e carvão. A senhora Viola Ruffner, esposa do general, era uma mulher ianque natural de Vermont. Essa senhora tinha a fama de ser muito severa com seus empregados, especialmente os meninos que a haviam servido. Poucos ficaram por mais de duas ou três semanas. Todos saíam com a mesma desculpa: ela era muito rígida. Decidi então que deveria tentar uma oportunidade junto à senhora Ruffner, ao invés de permanecer na mina. Minha mãe postulou para que ela me aceitasse, e fui contratado por um salário de cinco dólares por mês.

Eu havia ouvido tanto a respeito da severidade da senhora Raffner que me mostrava um pouco temeroso de vê-la. Assim, tremi quando cheguei à sua presença. Não foram necessárias, todavia, muitas semanas para que eu começasse a compreendê-la. Rapidamente aprendi: ela desejava que tudo se mantivesse limpo à sua volta; que as coisas fossem feitas rápida e sistematicamente e, mais do que tudo, queria absoluta honestidade e franqueza. Nada deve ser negligenciado ou ficar em desleixo; cada porta, cada cerca deve sofrer constante manutenção.

Não me recordo exatamente quanto tempo fiquei com a senhora Ruffner, antes de seguir para Hampton, mas creio que foi um ano e meio. De qualquer forma, repito aqui o que disse mais de uma vez antes: a lição que recolhi na casa da senhora Ruffner foi tão importante quanto as demais ao longo de minha vida. Ainda hoje, não posso ver papéis esvoaçando à volta da casa ou nas ruas sem que deseje juntá-los. Não posso ver um jardim desalinhado sem que queira ordená-lo, uma tábua caída numa cerca sem que anseie por pregá-la; uma casa descorada sem que queira pintá-la; ou ainda, um botão faltante ou uma mancha de graxa no casaco de alguém ou no chão, sem que eu chame a atenção para isso.

Por temer à senhora Ruffner, cedo aprendi a reconhecer nela uma de minhas melhores amigas. Quando ela concluiu que podia confiar em mim, não o fez de maneira implícita. Durante um ou dois invernos em que trabalhei para ela, deu-me a oportunidade de freqüentar a escola durante uma ou duas horas no dia, mas a maior parte do tempo que estudava ocorria à noite, às vezes sozinho, noutras com o auxílio de alguém que eu pudesse contratar para me dar aulas. A senhora Ruffner sempre me estimulou e encorajou meus esforços para me educar. Foi ao tempo em que era seu empregado que comecei a formar minha primeira coleção de livros. Consegui um caixão de papelão, removi um de seus lados e fixei o que seriam prateleiras onde fui colocando todos os livros que consegui obter, formando minha primeira “biblioteca”.

Apesar de meu sucesso em servir à senhora Ruffner, não desisti da idéia de ir estudar no Instituto Hampton. No outono de 1872, tomei a decisão de me empenhar para alcançar esse objetivo, embora como já disse, não tivesse idéia de onde se situava Hampton ou quanto custaria chegar lá. Creio que mais ninguém, além de minha mãe, demonstrou qualquer simpatia com minha idéia de ir para aquele instituto de ensino. Assim mesmo, ela mostrava-se preocupada, com medo que eu estivesse começando a buscar algo como um sonho impossível. De qualquer

forma, consegui um leve estímulo de sua parte para ir em frente. O pouco dinheiro que eu recebia era consumido por meu padrasto e pelo restante da família, com exceção de alguns dólares, de forma que muito pouco eu tinha para comprar alguma roupa e pagar as despesas de viagem. Meu irmão John ajudou-me o que pode, mas isso era pouco, posto que trabalhava na mina onde era mal pago e o dinheiro servia para as despesas da casa.

Talvez o que mais me toque, relacionado com meu ingresso em Hampton, foi o interesse demonstrado pelas pessoas mais velhas da comunidade. Elas haviam passado o que deveria ser o melhor de suas vidas na escravidão. Assim, lhes parecia algo muito importante, o alcançar um sonho, ver um membro de sua raça ser mandado para estudar fora, num internato. De uns recebi um níquel, doutros um quarto de dólar e ainda houve quem me desse um lenço.

Finalmente, chegou o grande dia e rumei para Hampton. Eu tinha apenas uma pequena sacola barata que continha a escassa roupa que consegui reunir. A esse tempo, a saúde de minha mãe estava frágil. Eu sentia que dificilmente voltaria a encontrá-la, assim que nossa despedida foi envolta toda em tristeza. Ela todavia era muito valente. Nesse tempo, não havia conexão por trem entre essa parte da Virgínia do Oeste e a Virgínia ocidental. As linhas de trem cobriam apenas uma parte do caminho, o restante deveria ser percorrido em diligências.

A distância entre Malden e Hampton era de cerca de novecentos quilômetros. Não me encontrava ainda muito longe de casa, quando me dei conta que se tornava dolorosamente evidente que eu não tinha recursos, o bastante, para pagar minha passagem até Hampton. Uma experiência que jamais vou esquecer. Nosso roteiro de viagem era através das montanhas, que percorremos por toda a tarde, numa velha carruagem, até alcançarmos, no entardecer, para pernoite, uma casa velha, sem pintura, que era chamada de hotel. Todos os passageiros eram brancos, menos eu. Em minha ignorância supus que aquela pequena hospedaria acolheria os passageiros que estavam na carruagem. Mas a diferença na cor fez com que eu compreendesse que não era bem assim. Após para todos os passageiros haverem sido designados quartos, e seriam depois recebidos para jantar, eu timidamente me apresentei à recepção. É verdade que eu quase não tinha dinheiro para pagar por comida e cama, mas eu esperava de alguma forma cair nas boas graças do proprietário, pois naquela parte do ano, nas montanhas da Virgínia, fazia muito frio, assim que desejava ficar abrigado durante a noite. Sem perguntar se

eu tinha dinheiro ou não, o homem da recepção com firmeza recusou-se a considerar a possibilidade de eu comer ou pousar ali. Esta foi a minha primeira experiência em compreender o significado da cor de minha pele. Caminhando e movimentando-me, consegui ver passar a noite. A ânsia de minha alma em chegar a Hampton era tão imensa que não guardei qualquer ressentimento para com o hoteleiro.

Caminhando a pé, pedindo carona em qualquer tipo de veículo, após certo tempo consegui chegar à cidade de Richmond, no estado da Virgínia, a cento e quarenta e sete quilômetros da Hampton. Quando lá cheguei, cansado, faminto e sujo, já era tarde da noite. Eu nunca antes havia estado numa grande cidade, assim que isto somou-se a minha angústia. Chegado a Richmond, eu estava sem nenhum dinheiro. Não conhecia ninguém ali, e desconhecendo o local, simplesmente não sabia aonde ir. Estive em vários locais pedindo abrigo, mas todos queriam pagamento. Não tendo outra alternativa, fiquei a perambular pelas ruas. Passei pela frente de muitos locais onde vendiam frango assado e tortas de maçãs, todas tentando meu paladar. Senti vontade de comprometer tudo o que viesse a ter no futuro em troca de um pedaço de galinha ou de torta. Mas não consegui nem o sonhado, tampouco qualquer outra coisa para comer.

Devo ter perambulado pelas ruas até a meia-noite. Por fim, fiquei tão exausto que não conseguia mais caminhar. Estava cansado, faminto, mas não carregava o desânimo. Exatamente quando cheguei ao máximo da exaustão física, alcancei um ponto da rua onde meio-fio era consideravelmente alto. Aguardei por alguns minutos até que tive certeza que não seria visto pelos passantes, então encolhido fiquei à noite, usando minha modesta sacola como travesseiro e ouvindo por algum tempo o andar das pessoas sobre minha cabeça. . Na manhã seguinte senti-me, de alguma maneira, renovado mas esfomeado, pois fazia muito tempo que não me alimentava direito. Assim que se tornou claro o bastante para que eu pudesse ver à minha volta constatei que estava perto de um navio grande, e parecia estar descarregando ferro-gusa. Dirigi-me até o navio e perguntei ao capitão se poderia trabalhar na descarga, a fim de conseguir algum dinheiro para comprar comida. O capitão, branco, que me pareceu ter bom coração, consentiu. Trabalhei o bastante para conseguir dinheiro para o café da manhã, e, da forma como me recordo agora, parece ter sido o melhor desjejum que jamais tive.

Meu trabalho agradou ao capitão de tal forma que indagou se desejava continuar trabalhando mediante o pagamento de um pequeno salário por dia. Foi muito boa a proposta, e aceitei-a. O dinheiro mal dava para comida, mas sobrava um pouco para juntar a fim de seguir para Hampton. De maneira a economizar de todas as formas, bem como para conseguir chegar ao instituto o mais breve possível, continuei a dormir no mesmo bueiro que me abrigara na primeira noite em Richmond. Muitos anos adiante, a comunidade de cor dessa cidade gentilmente acolheu-me numa recepção onde havia mais de duas mil pessoas. A reunião ocorreu não muito distante do local onde me abrigara na primeira noite, e devo confessar que minha mente se voltava mais para o buraco na calçada que me acolheu, do que para a reunião social, por mais agradável e cordial que fosse.

Quando economizei dinheiro o bastante para chegar a Hampton, agradei ao comandante do navio por sua gentileza e fui adiante. Sem qualquer incidente cheguei ao instituto, com um saldo de exatos cinqüenta centavos com os quais iniciei minha educação. Para mim fora uma jornada longa e memorável; todavia, a primeira visão do grande edifício de três andares, construído com tijolos à vista, pareceu-me um troféu de reconhecimento por tudo que passara até chegar ali. Se as pessoas que ajudaram com seu dinheiro a construir o instituto soubessem a impressão que me causou aquela vista, bem como sobre milhares de outros jovens, sentir-se-iam ainda mais encorajados em fazer tais doações. Era o maior e mais belo edifício que eu havia visto. Sua imagem pareceu despertar em mim uma nova vida. Senti que uma espécie de nova existência começara — que a vida passaria a ter um novo significado. Senti como se houvesse alcançado a Terra Prometida; assim não deixaria que nenhum obstáculo me impossibilitasse de capacitar-me a conseguir o mais alto objetivo.

Logo que pude, após adentrar a área do Instituto Hampton, apresentei-me à professora-chefe para que me fosse designada uma classe. Tendo estado por tanto tempo sem comer adequadamente, sem banho e troca de roupa, não causei, por certo, uma boa impressão à professora, e percebi que havia em sua mente dúvida quanto à decisão de aceitar-me como aluno. Constatei que mal poderia condená-la pela reação que tinha, já que aparecia como um maltrapilho inútil. Por um certo tempo ela não tomou a decisão, nem de recusar-me, tampouco de admitir-me, assim que permaneci o máximo possível por perto dela, tentando impressioná-la de todas as maneiras. Enquanto isto, a vi matriculando outros estudantes, o que aumentava

meu desconforto, pois no fundo de meu coração sabia que poderia ser tão bom quanto eles, se me fosse dada a oportunidade de mostrar meu empenho.

Após horas passadas, ela dirigiu-se a mim e falou: “A sala vizinha de aulas necessita ser varrida. Apanhe uma vassoura e limpe-a”.

Assim ocorreu-me que ali estava minha oportunidade. Jamais havia recebido uma ordem com tanto prazer. Eu sabia muito bem varrer, e havia aprendido com a senhora Ruffner.

Varri por três vezes a sala. Depois apanhei um pano de pó passando-o por quatro vezes. Todos os lambris nas paredes, cada banco, carteira e estante recebeu por quatro vezes meu pano de pó. A mais, cada peça do mobiliário e demais componentes da sala foram limpos por inteiro. Tinha convicção que, em grande parte, meu futuro dependeria da impressão que minha limpeza viesse a causar na professora. Ela era uma ianque que sabia exatamente onde buscar poeira escondida. Ela adentrou a sala e inspecionou os móveis e os armários; a seguir apanhou seu lenço e esfregou-o contra os lambris das paredes e sobre a tampa das carteiras e bancos. Quando ela se viu impossibilitada de encontrar máculas no chão ou partículas de poeira em quaisquer dos móveis, discretamente assinalou: “Creio que farás por merecer entrar nesta instituição”.

Eu era um dos homens mais felizes na terra. A limpeza da sala fora meu exame de admissão, e nunca algum estudante que ingressou em Harvard ou Yale conseguiu satisfação mais genuína. Passei por muitas provas adiante, mas sempre considerei aquela como a de meu melhor desempenho.

Falei de minha própria experiência de ingresso no Instituto Hampton. Talvez poucos, ou quem sabe nenhum, vivenciou uma experiência exatamente como a minha, mas no mesmo período houve centenas de jovens que conseguiram chegar a Hampton e a outras instituições após haverem experimentado dificuldades semelhantes às minhas. Esses jovens carregavam a determinação de conseguir educação a qualquer custo.

A limpeza da sala de aula, da forma como eu fiz, parece haver aberto a porta de entrada de Hampton. A senhorita Mary F. Mackie, professora-chefe, ofereceu-me o encargo de zelador. Aceitei de bom grado posto que com o pagamento eu poderia suportar praticamente todo o custo de meu internato. O trabalho era duro e exigente, mas eu enfrentei-o. Eu tinha um grande número de salas sob meus cuidados; tinha, pois, de trabalhar até tarde da noite, ao mesmo

tempo em que necessitava acordar às quatro horas da manhã para acender o fogo e ter algum tempo para tratar de minhas lições.

Em toda a minha carreira em Hampton, e mesmo depois, a senhorita Mary F. Mackie provou ser uma das mais fortes e prestativas amigas. Seus conselhos e estímulos foram sempre oportunos e serviram de apoio nos momentos mais difíceis.

Já me referi à impressão que me causaram os prédios e o aspecto geral do educandário, mas não falei do que me deixou a maior e mais duradoura marca: um homem — o mais nobre e raro ser humano, constituindo-se para mim sempre um privilégio encontrá-lo. Refiro-me ao general Samuel C. Armstrong<sup>21</sup>.

Tem sido minha fortuna, relacionar-me pessoalmente com muitas das grandes personalidades, tanto na Europa quanto na América, mas não hesitaria em afirmar que nunca encontrei alguém que, na minha avaliação, fosse igual ao general Armstrong. Recém saído da degradante influência da escravidão e das minas de carvão, era um raro privilégio para mim ter acesso a uma personalidade como o general Armstrong. Sempre lembrarei da primeira vez em que estive em sua presença, deixando a impressão de ser um ser perfeito; me foi dado sentir que havia algo nele de supranatural. Foi meu privilégio conviver com o general desde quando ingressei no instituto até sua morte; e quanto mais o via, mais crescia minha estima. Se fossem removidos os prédios de Hampton, suas salas de aula, professores e equipamentos, e dado aos homens e mulheres que lá estavam a oportunidade de conviver diariamente com o general Armstrong, isto seria o bastante para ensejar uma formação liberal. Quanto mais idoso ficou, mais me convenci que não há educação que possa ser obtida nos livros e numa custosa estrutura, igual àquela haurida na convivência com homens e mulheres ilustres. Ao invés de usar os livros como principal arrimo, quanto eu desejaria que nossas escolas e faculdades viessem a se valer, da mesma forma, da experiência de homens e empreendimentos!

Dois dos derradeiros seis meses de sua vida, o general Armstrong passou em minha casa, em Tuskegee. Nessa época ele estava paralisado a um ponto de haver perdido em grande parte o controle de seu corpo e voz. Apesar de sua aflição, continuava trabalhando dia e noite em favor da causa a que dedicara sua vida.

---

<sup>21</sup> Samuel Armstrong (1839-1893), nasceu no Havai, filho de pais missionários, tornando-se oficial e comandante de um regimento de negros na Guerra Civil. Foi o fundador e alma do *Hampton Institute* (1868) na Virgínia, e mentor de Booker T. Washington.



Jamais conheci um homem que, como ele, haja se despojado de qualquer interesse próprio. Creio que ele jamais teve qualquer tipo de pensamento egoísta. Sentia-se feliz em emprestar seu auxílio a qualquer instituição do Sul, da mesma maneira que fez em Hampton. Embora durante a guerra houvesse combatido o Sul, jamais ouvi qualquer comentário amargo de sua parte nesse contexto. De outro modo, buscava constantemente encontrar meios para ajudar também aos brancos sulistas.

Seria difícil descrever o domínio que ele tinha sobre os alunos de Hampton e a fé que esses lhe depositavam. Em verdade, ele era idolatrado por seus estudantes. Nunca me ocorreu que o general Armstrong pudesse vir a falhar em qualquer empreitada a que se dispusesse empreender. Da mesma forma, raras teriam sido as demandas que solicitou que não foram atendidas. Enquanto convidado em minha residência, no Alabama, e se encontrava tão fortemente paralisado que o moviam em cadeira de rodas, recorro que um dos ex-alunos do general empurrou-o ladeira acima, até chegar a um ponto de exaustão. Quando alcançaram o cume, o antigo pupilo, com uma auréola de gratidão estampada na face, exclamou: “Quão satisfeito estou por ter podido fazer algo verdadeiramente penoso pelo general enquanto ainda está vivo”. Ao tempo em que ainda eu era um estudante em Hampton os dormitórios se tornaram tão cheios que era impossível atender à demanda de novos estudantes. A fim de remediar a situação, o general idealizou um sistema de cabanas, que seriam utilizadas como dormitórios. Tão pronto se espalhou a notícia que o general se sentiria feliz em ver os estudantes mais antigos mudarem-se, no inverno, para essas barracas, praticamente todos os alunos apresentaram-se como voluntários.

Eu fui um dos voluntários. O inverno que passamos sob essas barracas foi intensamente frio, assim que sofremos severamente — mas tenho certeza que o general jamais soube, posto que ninguém reclamou. Bastava-nos a convicção que o estávamos agradando, e que nosso gesto era a garantia de estudo para um maior número de jovens. Mais de uma vez, durante a noite fria, quando soprava um enregelante vento e nossa tenda se inflava, ficávamos a céu aberto. Nesses eventos, o general, de regra, visitava nossos alojamentos de lona, pela manhã, e com sua voz estimulante e sincera fazia por dissipar qualquer ânimo de desapontamento.

Tenho falado de minha admiração pelo general Armstrong. Ainda, devo acrescentar — como milhares de pessoas que, ao término da guerra, invadiram o Sul com o objetivo de ajudar a educar minha raça, erguendo escolas — ele era um

cristo. A história é omissa em retratar um tipo de pessoa com ideais puros e altruístas, que encontraram seu destino nessas escolas negras do pós-guerra<sup>22</sup>.

A vida para mim em Hampton era uma constante revelação. Ter refeições a horas certas, almoçar numa mesa com toalha, usar guardanapos, banhar-me numa banheira e ter escova de dentes, bem como lençóis sobre as camas, constituíam-se em novidades para mim.

Às vezes, sinto que talvez a coisa mais importante que aprendi em Hampton to foi o uso e valor do banho. Conheci lá, pela primeira vez, alguns desses valores, não somente para manter o corpo saudável, mas como forma inspiradora de auto-respeito e de promoção de virtude. Em todas as minhas viagens pelo Sul, e outros lugares, desde que deixei Hampton, sempre me empenhei em tomar banho todos os dias. Quando eu era convidado por meus irmãos para permanecer em seus casebres, quase todos têm um quarto só, não era fácil conseguir um banho, a menos que eu escapasse em busca de um riacho próximo. Procurei sempre ensinar a meus irmãos da necessidade de terem em suas casas um local para o banho.

Por muito tempo, enquanto estudante em Hampton, eu possuía senão que um simples par de meias, mas enquanto tive que usá-los, lavava-os todas as noites, dependurando-os em frente ao fogo para que estivessem secos no outro dia, e os pudesse vestir na manhã seguinte.

A taxa de meu pensionato em Hampton era de dez dólares por mês. Eu deveria pagar parte da pensão em dinheiro e a outra parte eu teria de encontrar os meios de como fazê-lo. Para cobrir a parte dinheiro, eu tinha apenas cinquenta centavos, com que chegara à instituição. Além disto, eu tinha uns poucos dólares a mais – os que meu irmão era capaz de enviar, de quando em quando. Assim, de fato, não tinha como pagar a porção em dinheiro. Desde o início, empenhei-me em minhas tarefas como zelador, procurando fazer com que se tornassem indispensáveis. E isto eu consegui, de tal forma que em seguida fui informado que

---

<sup>22</sup> W. E. . Du Bois, em seu “*As Almas da Gente Negra*”, referindo-se ao mesmo tema, diz magistralmente: “Os anais dessa Nona Cruzada ainda não foram escritos – a história da missão que a vemos, hoje, muito mais quixotesca do que o desafio de São Luís então lhe pareceu. Dentre a névoa, ruínas e à rapinagem drapejavam as chitas dos vestidos das mulheres que ousavam, em meio ao troar áspero dos canhões de guerra, fazer pulsar o ritmo do alfabeto. Ricas e pobres elas eram, devotadas e curiosas. Enlutadas num momento por um pai, noutro por um irmão, agora, por outros além desses – elas vieram, foram chegando, na trilha de sua vocação, semeando, pela Nova Inglaterra, lar-escolas entre brancos e negros do Sul. Elas atingiram seus objetivos. Nesse primeiro ano, alfabetizaram cem mil almas, e mais”.

meus serviços cobririam o custo total do internato. O preço da anuidade escolar era de setenta dólares, montante que, é certo, ultrapassava em muito minha capacidade financeira. Se me fosse exigido o pagamento da anuidade, mais a pensão, por certo teria de abandonar Hampton. O general Armstrong, entretanto, encontrou num senhor S. Griffiths Morgan, residente em Nova Bedford, estado de Massachusetts, o patrono de minha anuidade durante a extensão do curso. Após haver concluído o curso em Hampton e embrenhar-me por inteiro em Tuskegee, tive o prazer de visitar o senhor Morgan várias vezes.

Logo após haver ingressado em Hampton, deparei-me com o problema de comprar livros e vestimenta. Quanto aos livros quase sempre pude contornar a dificuldade pedindo emprestado aos meus colegas mais afortunados. Quanto às roupas, ao chegar no instituto eu não tinha praticamente nada. Tudo o que eu possuía cabia dentro de uma pequena sacola. Minha ansiedade quanto à vestimenta aumentava posto que o general Armstrong fez uma inspeção pessoal aos jovens, pondo-os em formação, a fim de ver de sua postura: sapatos haviam de estar polidos, nos casacos e calças não podiam faltar botões, tampouco manchas estarem à vista. Vestir uma mesma roupa para trabalhar e estudar, mantendo-a limpa, era uma tarefa muito difícil de equacionar. De alguma forma consegui fazer com que meus mestres compreendessem meu sincero empenho em progredir e que eu me vestia com roupas de segunda mão, enviadas em barris por entidades benemerentes do Norte. Esses barris, constituíram-se em verdadeira bênção para centenas de estudantes carentes. Sem eles, questiono a viabilidade de eu haver estado em Hampton.

Quando cheguei ao instituto, não me recordo de haver dormido sequer uma vez numa cama que contasse com dois lençóis. Nesse período, não havia muitos prédios e um quarto era algo muito precioso. Havia num mesmo quarto outros sete jovens, a maioria dos quais, todavia, já estava lá havia algum tempo. Os lençóis eram quase um mistério para mim. Na primeira noite dormi sob os dois, sendo que na segunda noite fiquei sobre ambos; mas, prestando atenção aos outros meninos, apreendi a lição que, após, segui constantemente e tentei passar para outros.

Eu era um dos mais jovens estudantes que havia em Hampton naquele tempo. Em sua maioria eram homens e mulheres na casa dos quarenta anos de idade. Recordo-me agora do cenário em meu primeiro ano: não acredito que alguém possa ter tido oportunidade de conviver com freqüência com trezentos ou

quatrocentos homens e mulheres tão intensamente interessados em progredir como aqueles seres. Cada hora era ocupada no trabalho ou estudo. Praticamente todos tinham uma experiência de vida que os indicava para a necessidade da instrução. Muitos eram velhos demais para adaptarem-se aos livros, e era triste vê-los lutar tão amargamente contra essa dificuldade. Muitos eram tão pobres quanto eu e, além de terem de superar suas dificuldades com os livros, tinham ainda de lutar para encontrar meios de sobrevivência. Muitos tinham pais idosos que eram seus dependentes, outros tinham família, esposas, para manter.

A idéia magnífica que parecia tomar conta de todos e cada um, era a de preparar-se para volta para casa e transmitir aos demais o que haviam ali aprendido. E os funcionários e mestres — que conjunto de pessoas especiais! — trabalhavam dia e noite, no período letivo ou fora dele, ajudando os alunos de uma ou outra maneira. Venha isto a ser escrito — e espero que seja — o papel que os mestres-escolas ianques desempenharam na educação dos negros imediatamente após a guerra haverá de se constituir num dos mais excitantes capítulos da história deste país. Não está distante o tempo quando o Sul haverá de valorizar, como ainda não o fez, o trabalho voluntário desses nortistas.

## CAPÍTULO IV

### *Ajudando outros*

*A*o término de meu primeiro ano em Hampton, vi-me confrontado com outra dificuldade. A maioria dos alunos viajou para casa, a fim de passar as férias com suas famílias. Eu não tinha dinheiro para viajar até minha casa, mas eu teria de ir a algum lugar. Então, poucos eram os estudantes que podiam permanecer na escola durante as férias. Assim, era muito triste e deixava-me bastante saudosos de casa ver os demais estudantes preparando-se para viajar. Eu não tinha dinheiro para viajar, tampouco tinha outro lugar para ir.

Eu havia conseguido um casaco extra, de segunda mão, que era jeitoso e poderia render algum dinheiro se vendido. Decidi por vendê-lo como forma de arranjar algum dinheiro para despesas de viagem. Eu tinha lá meu orgulho de jovem, assim que tentei esconder, o máximo que pude, dos outros estudantes, o fato: eu não tinha dinheiro, nem lugar para onde ir. Fiz a notícia da venda de meu casaco se espalhar na vila de Hampton, até que um certo homem de cor dispôs-se a aparecer no meu alojamento e examinar a peça, o que fez meu abatido espírito ganhar certo alento. Cedo no dia seguinte o provável comprador apareceu. Após examinar a roupa com cuidado, indagou pelo preço. Disse-lhe que, acreditava valer três dólares. Ele pareceu concordar comigo no preço, mas assinalou dessa forma: “Vou te dizer o que farei; vou levar o casaco e te pago agora à vista cinco centavos, e pagarei o restante assim que possa”. Não é difícil de imaginar o que senti no momento.

Com esse desapontamento, abri mão de qualquer esperança de sair da cidade. Eu desejava poder ir para qualquer lugar onde pudesse trabalhar e conseguir algum dinheiro, o bastante para comprar o tão necessário quinhão de roupas e outras carências que tinha. Em poucos dias, praticamente todos os alunos e professores haviam partido com destino a seus lares, o que servia para aumentar meu estado de depressão.

Dias após buscar por algum emprego em Hampton, finalmente consegui trabalho em Fortress Monroe. O salário era pouca coisa a mais do que minha pensão. À noite e em meio às refeições, consegui tempo bastante para meus estudos e para leituras, assim que, nesse sentido, consegui aprimorar-me bastante durante o verão.

Quando terminaram as aulas no primeiro ano, eu devia à instituição dezesseis dólares que não havia conseguido juntar. Era meu maior desejo durante o verão poder conseguir o bastante para saldar esse débito. Assim, tornou-se um ponto de honra conseguir esse dinheiro, pois eu só me sentiria em condições de retornar uma vez pago o débito. Economizei de toda a maneira que pude, mas mesmo assim não consegui juntar os dezesseis dólares.

Um dia, na última semana em que trabalhei no restaurante, encontrei, brilhante, sob uma das mesas, uma nota nova de dez dólares. Quase não pude me conter, tamanha minha alegria, mas, com frieza, o proprietário disse que sendo aquele seu restaurante ele tinha o direito de ficar com o dinheiro, e assim se propôs fazê-lo. Isto, confesso, foi outro duro golpe que sofri. Não vou dizer que desisti de tudo o que planejava. Eu havia iniciado minha caminhada com a certeza que venceria; eu nunca havia sido muito paciente com as pessoas que sempre estavam prontas a oferecer desculpas por seu fracasso. Sempre tive em alta consideração as pessoas que podiam ensinar-me como ter sucesso. Assim, determinei-me a enfrentar a situação do jeito que ela estava. Ao fim de uma semana procurei o tesoureiro do Instituto Hampton, general J. F. B. Marshall, dizendo-lhe francamente minha situação. Para minha felicidade, disse-me que eu poderia matricular-me e que confiava que eu saldasse meu débito assim que possível. Durante o segundo ano continuei trabalhando como zelador.

A educação que recebi em Hampton, a partir dos livros, constituiu-se apenas num fragmento do processo de educação que tive. Uma das coisas que me impressionaram profundamente no segundo ano foi a simplicidade dos mestres. Era complexo para mim compreender como certas pessoas podiam chegar a um ponto em que vinham a encontrar felicidade doando-se aos outros. Essa lição tentei levá-la comigo por toda a vida.

Aprendi, ainda, em Hampton, a conhecer as raças mais nobres de animais de abate e galináceos. Nenhum estudante que tenha tido essa oportunidade, ao sair para a vida, haverá de se contentar com espécies mais pobres.

Talvez o que de maior valor obtive em meu segundo ano foi a compreensão do uso e o valor da Bíblia. A senhorita Nathalie Lord, uma das professoras, originária de Portland, estado do Maine, ensinou-me como usar e amar a Bíblia. Antes, sua leitura não me havia interessado; agora, aprendi a ler o livro, não apenas como apoio espiritual, mas também por seu conteúdo literário. As lições que me ensinaram se impregnaram de tal forma que mesmo hoje sempre encontro tempo para a leitura diária de uma capítulo ou parte, o que faço de manhã, antes de iniciar minha jornada diária.

Minha capacidade como orador se deve em grande parte à senhorita Lord. Quando ela notou que eu tinha alguma inclinação para esse rumo, passou a ensinar-me técnicas de respiração, ênfase e articulação. A capacidade de falar em público, apenas por falar, nunca me atraiu. Em verdade, não vejo nada mais vazio e insatisfatório do que discursar abstratamente. Todavia, desde minha infância sempre desejei fazer algo para tornar o mundo melhor, e a seguir poder dizer a todos essa aspiração.

As sociedades de oratória em Hampton eram fonte de permanente deleite. Reuniam-se nas vésperas de sábado, e durante toda minha estada no instituto não me recordo de haver perdido uma sessão. Eu não apenas comparecia a todas as reuniões, mas tornei-me instrumento da organização de mais uma sociedade. Notei que havia um espaço de tempo entre o fim do jantar e início das aulas noturnas em que os jovens ficavam sem ocupação, perdidos em fútil tagarelice. Um grupo de vinte, formamos com o objetivo de utilizar especificamente aquele espaço de tempo na prática do debate e do discurso público.

Quando terminou meu segundo ano letivo em Hampton, consegui ir visitar minha família em Malden, onde passei as férias. Isto porque juntei um pouco de dinheiro com o que me foi enviado por minha mãe e meu irmão John. Constatei, então, que os fornos de sal e a mina de carvão não estavam funcionando, pois os operários se encontravam em greve. Eu tinha a impressão que as greves ocorriam sempre que os trabalhadores conseguiam economizar dois ou três meses de seus salários. Ao longo da greve, naturalmente, essa economia era consumida, de forma que retornavam a trabalhar com o mesmo salário e sem poupança; ou havia os que se mudavam em busca de trabalho em outra mina, o que também se constituía em custo considerável. Minhas observações concluíam que os mineiros acabavam em pior situação do que estavam ao fim das paralisações. Conheci em minha região

trabalhadores que antes da greve tinham economias em banco; mas assim que os agitadores profissionais assumiam o controle, as economias até dos mais parcimoniosos começavam a desaparecer.

Minha mãe e outros membros da família naturalmente estavam muito satisfeitos com os progressos que eu havia experimentado durante aqueles dois anos de ausência. A satisfação da comunidade negra, especialmente dentre os mais idosos, por meu retorno chegava a ser patético. Tive de visitar cada família e ter uma refeição com seus membros, a fim de falar a respeito de minha estada em Hampton. Além disto, tive de repetir minhas experiências nos serviços religiosos dos domingos, e em diversos outros lugares. Todavia, aquilo que mais necessitava, trabalho, não consegui em lugar algum. O primeiro mês em casa foi consumido na busca de qualquer tipo de ocupação que pudesse ensejar algum dinheiro bastante para eu poder retornar à escola e ter um pouco para lá gastar.

Perto do fim desse mês fui a certo local distante de minha casa a fim de tentar um emprego. Não consegui e, ao tempo em que pude retornar para casa já se fazia noite. Quando havia caminhado cerca de quilômetro e meio, me encontrava de tal forma exausto que não conseguia caminhar mais. Entrei numa antiga casa abandonada, a fim de passar o restante da noite. Eram quase três horas da madrugada quando meu irmão John encontrou-me dormindo; acordando-me o menos abruptamente possível, informou-me que nossa querida mãe havia falecido.

Aquele parecia ser o momento mais triste e vazio de minha vida. Ao longo de muitos anos a saúde de minha mãe era precária, mas eu não tinha idéia de que, ao partir na véspera, jamais a encontraria viva. A mais, eu sempre conservei um desejo íntimo de estar junto à ela quando de seu falecimento. Uma das mais caras aspirações, ao tempo em que me encontrava em Hampton, era de conseguir ser remunerado o bastante para poder mandar algum dinheiro para minha mãe, tornando sua vida mais feliz e confortável. Ela tantas vezes manifestou o desejo de viver o bastante para poder ver seus filhos educados e encaminhados na vida.

Imediatamente após a morte de minha mãe, a nossa vida em casa tumultuou-se. Minha irmã Amanda, embora se esforçasse por fazer o melhor que podia, era muito criança para encarregar-se das tarefas caseiras. Às vezes tínhamos comida preparada, outras vezes não. Recordo que mais de uma vez uma lata de tomates e alguns biscoitos eram nossa refeição. Nossas roupas eram



negligenciadas e a casa tornara-se em geral desordenada. Recordo esta como a fase mais melancólica de minha vida.

Minha boa amiga, senhora Ruffner, a quem já antes me referi, sempre me acolheu em sua casa e apoiou-me durante esse período de provação. Antes do término das férias arranjou-me alguma tarefa, que somada ao trabalho num mina de carvão, distante um pouco da cidade, fez com que eu pudesse juntar algum dinheiro.

Tudo indicava, naquele momento, que eu não iria conseguir voltar para Hampton, mas meu coração estava tão engajado no regresso que eu não iria desistir sem lutar. Também me preocupava ter de conseguir juntar roupas o bastante para poder enfrentar o inverno, mas quanto a isto eu não consegui lograr sucesso, pois reuni apenas alguma coisa e obtida por meu irmão John. Entretanto, apesar de minha carência de roupas e dinheiro, havia conseguido juntar o suficiente para poder retornar à escola. Tinha convicção de que, retornando, haveria de me empenhar no trabalho de zelador fazendo com que, de alguma forma, conseguisse sobreviver por outro ano.

Três semanas antes do reinício do ano letivo, com prazer, recebi uma carta de minha protetora a senhorita Mary F. Mackie, diretora, solicitando que eu voltasse para Hampton com duas semanas de antecedência a fim de ajudá-la na preparação dos prédios, deixando-os limpos e ordenados para o novo ano escolar. Essa era a oportunidade que eu desejava. Isto garantiu-me um crédito junto ao escritório do tesoureiro. Assim, imediatamente marchei em direção à Hampton.

Durante essas duas semanas, aprendi uma lição da qual jamais me esqueceria. A senhorita Mackie pertencia a uma das mais antigas e educadas famílias do Norte, e apesar disto durante duas semanas ela esteve lado a lado comigo limpando janelas, removendo o pó e arranjando as camas dos alojamentos. Para ela, enquanto cada janela não estivesse perfeitamente limpa, a escola não estaria em condições de abrir suas portas, assim que lhe dava grande prazer em pessoalmente executar essa tarefa. Durante todo o tempo em que estive em Hampton ela participou pessoalmente desse encargo.

Naquele tempo, me era difícil entender como uma mulher com sua educação e nível social podia encontrar prazer em realizar aquela tarefa, cooperando para o progresso daquela raça desafortunada. A partir de então, não consegui tolerar qualquer escola para membros de minha raça no Sul que não incluísse em seu currículo a dignidade do ato de trabalhar.

No ano derradeiro de minha estada em Hampton, ao invés de dedicar-me à meu trabalho de zelador, passei a dar ênfase a meus estudos. Estava determinado, se possível, conseguir um destaque entre meus colegas que me levasse à "lista de honra" de oradores da turma. Isto eu consegui. Era junho de 1875, quando conclui o curso normal em Hampton. Os maiores benefícios que obtive para minha vida face a estada em Hampton talvez possam ser classificados de duas formas: Primeiro, o relacionamento estabelecido com o general S.C.Armstrong, que, repito, em minha opinião foi ímpar, poderoso e a personalidade mais admirável que tive o prazer de conhecer.

Segundo, aprendi em Hampton o que educação deve ser para o indivíduo. Antes de lá chegar eu carregava em grande parte a idéia prevalente em nosso meio segundo a qual educar-se significava conseguir uma vida boa e fácil, livre do trabalho manual. Em Hampton não apenas fui ensinado que o trabalho manual não era uma desgraça, mas aprendi a gostar dele, não apenas por sua retribuição financeira, mas pelo trabalho em si e pela retribuição que vem junto com a ação de fazer algo que as pessoas esperam seja feito. Nessa instituição eu senti o primeiro gosto do significado de uma vida despojada; minha primeira constatação que as pessoas mais felizes são aqueles que se empenham em ser úteis e felizes.

Quando me formei, não tinha qualquer dinheiro. Junto com outros colegas de escola consegui uma vaga para trabalhar como garçom num hotel de veraneio em Connecticut. Assim que tive de fazer empréstimo para chegar lá. Não foi preciso permanecer por muito tempo no novo serviço para ver que não tinha qualquer conhecimento das tarefas de um garçom. O supervisor dos atendentes, entretanto, presumiu que eu era experimentado. Encarregou-me, assim, de servir uma mesa onde se alojavam quatro ou cinco pessoas ricas e aristocráticas. Minha incapacidade de servi-los tornou-se tão evidente que me repreenderam de uma maneira tão severa que comecei a tremer e me afastei de sua mesa, deixando-os sem os alimentos. Como resultado disso, fui rebaixado de garçom para carregador de pratos.

Mas empenhei-me no afã de aprender as tarefas de garçom, de sorte que em umas poucas semanas voltei à condição anterior. Adiante, tive o prazer de haver freqüentado aquele hotel na condição de hóspede.

Quando do encerramento do veraneio, voltei para minha casa em Malden, tendo sido escolhido para lecionar na escola de cor do local. Iniciava-se aí um dos

períodos mais felizes de minha vida. Podia sentir que chegava a minha oportunidade de ajudar na ascensão das pessoas de minha cidade. Senti que o simples ensino vindo dos livros não era aquilo que os jovens alunos necessitavam. Eu iniciava minha jornada de trabalho às oito da manhã e não terminava antes das dez da noite. Além das lições de rotina, ensinava-os como pentear os cabelos, a manter o rosto e as mãos limpos, bem como cuidados com seu vestir. Fiz com que se acostumassem tanto ao uso da escova de dentes quanto do banho. Durante meu magistério, prestei especial atenção ao uso da escova de dentes, e estou convencido que há poucos elementos civilizadores de tão longo alcance como seu uso.

Havia tantos adolescentes na cidade, bem como homens e mulheres que trabalhavam durante o dia e que buscavam uma chance de aprendizado, que me levou a implantar aulas noturnas. Desde o início havia plena lotação da escola, com tantos alunos quantos eu lecionava de dia. O esforço de muitas pessoas para se instruir, alguns dos quais tinham mais de cinqüenta anos, chegava a ser em muitos casos patético.

Minha atividade de mestre-escola ao longo do dia não era a única ação que desenvolvia. Estabeleci uma pequena sala de leitura e um clube de debate. Nos domingos eu lecionava em duas escolas dominicais: uma na própria cidade de Malden, à tarde, e outra, pela manhã, numa localidade distante cerca de seis quilômetros. A mais, dava aulas particulares para alguns jovens que me empenhava em prepará-los para ingressar em Hampton. Sem preocupação de pagamento, eu lecionava a quem desejasse, tudo o que eu podia ensinar. Era minha felicidade poder ser útil a alguém. Eu recebia, sim, um modesto salário por meu trabalho na escola, oriundo de um fundo público.

Ao tempo em que freqüentei Hampton, meu irmão mais velho John não apenas ajudou-me como pode, mas também se encarregou do sustento da família, com seu trabalho nas minas. De bom grado, negligenciou sua própria educação favorecendo-me. Era um caro desejo que carregava, poder ajudá-lo a conseguir uma vaga em Hampton e poupar dinheiro com esse objetivo. Obtive sucesso nesses dois projetos. Em três anos ele concluiu o curso em Hampton, e hoje detém o importante cargo de superintendente industrial em Tuskegee. Quando ele retornou da instituição de ensino, juntamos esforços e economia para enviar nosso irmão de adoção, James, também para aquela escola. Igualmente, ele teve sucesso e é hoje o encarregado dos correios no Instituto Tuskegee. O ano de 1877, que foi meu

segundo período como mestre-escola em Malden, transcorreu mais ou menos da mesma forma que o anterior.

Foi ainda quando eu morava em Malden que a *Ku Klux Klan* se encontrava no auge de sua atividade. Eram bandos de homens que se agrupavam para regular a conduta das pessoas de cor, especialmente com o objetivo de afastar os membros da raça de participar de qualquer atividade política. Eles se assemelhavam aos “patrolheiros”, de quem se ouvia falar muito ao tempo da escravidão, quando eu era bem pequeno. Os “patrolheiros” eram bandos de brancos — via de regra jovens —, que se juntavam com o propósito de ditar a conduta dos escravos à noite em matérias como impedir sua movimentação entre uma e outra fazenda sem que portassem salvo-condutos; e afastando-os de qualquer tipo de reunião sem permissão e sem a presença de pelo menos um branco.

Como os “patrolheiros”, os integrantes da *Ku Klux* operavam geralmente à noite. Eram, todavia, mais cruéis do que aqueles. Seu principal objetivo era erradicar dos negros qualquer aspiração política, mas não se cingiam apenas a isto, pois queimavam igrejas e escolas, fazendo com que muitos inocentes viessem a sofrer. Nesse período não poucas pessoas de cor perderam suas vidas.

Jovem como era, os atos desses bandos de marginais impressionaram-me sobremodo. Assisti uma luta campal em Malden entre gente de cor e brancos. Deveria haver cerca de cem pessoas em cada lado; houve feridos com gravidade nos dois grupos, dentre eles o general Lewis Ruffner, esposo de minha amiga senhora Viola Ruffner. O general tentou defender os de cor e foi tão seriamente agredido que jamais voltou a se recuperar. Tive a impressão, ao assistir a luta entre as duas raças, da inexistência de qualquer esperança de convívio em nosso país. O período *Ku Klux* foi o mais tenebroso dos dias do tempo da Reconstrução.

Fiz referência a esta parte desagradável da história do Sul simplesmente para evidenciar a mudança que ocorreu desde aqueles dias. Hoje não se encontram tais organizações no Sul, e sua existência hoje é praticamente ignorada por ambas as raças. Em poucas regiões do Sul hoje haveria ambiente para a existência de uma tal organização.

## CAPÍTULO V

### *O período da Reconstrução*

Os anos entre 1867 e 1878, formam o período que acredito possa ser chamado como o da Reconstrução. Aí se insere o tempo em que estudei em Hampton e lecionei na Virgínia do Oeste. Durante todo esse período duas idéias constantemente agitaram o pensamento das pessoas de cor, ou pelo menos de grande parte da raça. Uma delas era a insensatez do ensino de grego e latim e a outra o desejo de governar<sup>23</sup>.

Não se poderia esperar que um povo, por gerações subjugado à escravidão, e antes disso, mergulhado no mais profundo paganismo, pudesse desde logo formar qualquer conceituação adequada do significado de educação. Por todo o Sul, durante o Período da Reconstrução, escolas, diurnas e noturnas, ficavam congestionadas de pessoas de todas as idades e condições, não poucos com mais de sessenta ou setenta anos. A ambição de educar-se constituía-se em algo prazenteiro e encorajador. A idéia todavia era prevalecente, pois assim que alguém se educava, ainda que num mínimo, de uma forma inexplicável, iria livrar-se das asperezas do mundo e do trabalho manual. Havia ainda a concepção de que o conhecimento, mesmo limitado, das línguas grega e latina tornaria uma pessoa superior, algo próximo do supranatural. Lembro-me do primeiro homem de cor que conheci, que sabia algo de línguas estrangeiras. Impressionou-me a ponto de considerá-lo alguém a ser invejado por todos.

Naturalmente, muitos dentre nossa gente que receberam algum tipo de educação tornaram-se mestres-escolas ou pregadores. Enquanto dentre esses houvesse homens e mulheres honestos, capazes e sinceros, uma boa porção se valeu do ensino adquirido como um meio fácil de ganhar a vida. Alguns se tornaram mestre-escola sabendo pouco mais do que assinar seus nomes. Recordo-me haver aparecido em nossa vizinhança alguém desse tipo, que buscava uma escola onde

---

<sup>23</sup> - Aqui o autor desdenha à corrente liderada por Du Bois, que dava ênfase ao ensino superior e ao acesso aos cargos públicos eletivos. Repetem-se por todo o livro diversas críticas ao ensino teórico e aos clássicos.

lecionar. Foi-lhe então indagado como responderia a uma criança que desejasse saber sobre a forma da Terra. Disse então que estava preparado para responder que ela é redonda ou plana, de acordo com o desejo da maioria de seus empregadores.

O ministério foi a profissão que mais padeceu — e ainda padece, mesmo que tenha havido uma grande melhora — pela presença de pessoas não apenas ignorantes, mas imorais, que se diziam haver sido “escolhidos para pregar”. No alvorecer da libertação, quase todos os homens de cor que se alfabetizavam, em seguida recebiam “um chamado para pregar”. Na minha Virgínia do Oeste o processo de chamamento para o ministério era muito interessante. Comumente, o “chamado” ocorria quando a pessoa se encontrava sentado na igreja. Sem qualquer aviso, o “chamado” caía no chão, como se atingido por um projétil, e ali permanecia mudo imóvel por horas. Então, espalhava-se pela vizinhança que aquela pessoa havia sido chamada. Se ele não era sensível ao chamamento, isto aconteceria ainda outras vezes. Acabava, enfim, aceitando o chamado. Enquanto eu me empenhava por me educar, confesso que cheguei a temer que após ser alfabetizado poderia vir a receber um desses “chamados”, mas, por alguma razão, meu chamado nunca ocorreu.

Quando somamos o número de pessoas ignorantes que pregavam ou “exortavam” àqueles que possuíam um pouco de instrução, pode-se ver, num relance, que o suprimento de ministros foi expressivo. De fato, conheci há algum tempo uma certa igreja com uma congregação de duzentas pessoas, sendo que dessas, dezoito eram ministros. Mas repito, em muitas comunidades do Sul a qualidade dos ministros vem melhorando; assim acredito que nas próximas duas ou três décadas uma larga porção dos desqualificados terá desaparecido. Os “chamados” à pregação, fico satisfeito em afirmar, não são tão expressivos hoje como foram um dia, e o chamado para atividades profissionais está aumentando em número. A melhoria que ocorreu no caráter dos mestres-escolas é mais significativo do que dentre os ministros.

Durante todo o período de Reconstrução, nosso povo por todo o Sul buscava apoio do governo federal para tudo, da mesma maneira que uma criança necessita de sua mãe. Isso não é de espantar. O governo federal deu a liberdade, e toda a nação por mais de dois séculos enriqueceu-se com o trabalho dos negros. Mesmo quando adolescente e depois como adulto, tive a impressão que o governo

central estava muito errado, no início de nossa libertação, mostrar-se incapaz de prover de alguma forma educação em geral para nossa gente em adição aquilo que os estados podem fazer, de forma que as pessoas seriam melhor preparadas para os deveres da cidadania.

É fácil encontrar faltas, definir o que deveria ter sido feito, e talvez, ao fim, concluir que sob tais circunstâncias eles fizeram a única coisa que caberia ser feita naquela oportunidade. Ademais, olhando agora para trás e revendo todo o período de nossa libertação, não posso deixar de sentir que teria sido mais sábio se algum plano houvesse sido posto em execução, a exigir como condição para o exercício de direitos civis, um exame que provasse a posse de um certo nível de educação ou de propriedade, ou ambas – e também que esse teste fosse aplicado com honestidade e justiça para as raças, branca e negra.

Embora eu fosse pouco mais do que um jovem durante o Período da Reconstrução, podia perceber os erros que estavam sendo cometidos, e que a situação não iria se manter do jeito que estava por muito tempo. Sentia que a política de Reconstrução, quanto à minha raça, repousava em bases falsas, era artificial e impositiva. Em muitos casos tinha a impressão que nossa ignorância era usada como instrumento de apoio para eleição dos brancos, e que havia um elemento no Norte que desejava punir os brancos sulistas, induzindo negros a ocupar posições superiores aos brancos do Sul. Eu sabia que ao fim o negro é quem iria sofrer com essa política. Ademais, a agitação política generalizada desviou a atenção de nosso povo de matérias mais relevantes como o aprimoramento de seus empreendimentos empresariais e em adquirir propriedade.

A tentação de ingressar na vida pública era tão fascinante que estive muito próximo dela certa feita; mas mantive-me distante optando por algo mais substancial que era o lançamento das bases da raça através do generoso treinamento da mão, cabeça e coração. Eu vi homens de cor, membros de assembleias legislativas estaduais ou funcionários de prefeituras que, em alguns casos, eram analfabetos e cuja formação moral era tão fraca quanto sua educação. Não faz muito tempo, passando por uma rua de cidade sulista ouvi de pedreiros que trabalhavam na construção de um prédio de dois andares, gritando: “Governador — ligeiro, traz mais tijolos”. Diversas vezes ouvi a ordem: “Ligeiro, Governador; ligeiro Governador!”. Minha curiosidade foi tanta que indaguei quem era o Governador, e tomei

conhecimento tratar-se de um homem de cor que, no passado, havia desempenhado o cargo de tenente-governador de seu Estado .

Mas, nem todos os homens de cor que se encontravam em cargos públicos durante a Reconstrução, desmereciam as posições. Alguns deles, como o falecido senador B. K. Bruce<sup>24</sup>, o governador Pinchback<sup>25</sup> e muitos outros eram líderes, corretos e homens de valor. Também, não eram todos os chamados “carpetbaggers<sup>26</sup>”. Alguns deles, como o ex-governador Bullock, da Geórgia, eram homens de grande caráter e serventia.

Por certo, as pessoas de cor, maciçamente sem instrução, e completamente sem experiência governamental, cometem enormes erros, da mesma forma que qualquer povo, em igual situação, faria o mesmo. Muitos dos sulistas brancos pensam que se o negro puder exercitar seus direitos políticos agora em qualquer grau, os erros do período de Reconstrução haverão de se repetir. Eu não penso assim, posto que o negro é hoje mais forte e esclarecido do que trinta e cinco anos atrás; e aprendeu rapidamente a lição, segundo a qual ele não tem capacidade para agir de uma forma tal que possa isolar-se de seus concidadãos brancos. Mais e mais estou convencido que a solução final de nossos problemas será com a adoção por cada estado de mudanças na legislação relativa à participação no processo político eleitoral, fazendo com que ela se aplique com absoluta honestidade, e sem chance para manobras ou subterfúgios, às duas raças com eqüidade. Qualquer outro caminho, minhas observações diárias no Sul fazem-me crer, será injusto para o negro, injusto para o branco e desleal para os demais estados da União, e serão, como a escravidão, um pecado pelo qual um dia teremos de pagar.

No outono de 1878, após haver lecionado em Malden por dois anos, e após haver conseguido com sucesso preparar vários jovens de ambos os sexos, além de meus irmãos, para ingressarem no Instituto Hampton, resolvi passar alguns meses estudando em Washington, capital, onde permaneci por oito meses. Obtive grandes benefícios com os estudos lá realizados, e pelo contato que mantive com homens e

---

<sup>24</sup> - Blanche Kelso Bruce, 1841-1898. Líder político americano que foi o primeiro negro a completar um mandato inteiro como senador (1875-1881).

<sup>25</sup> - Benton Stewart Pinchback, (1837-1921). Líder político negro que adquiriu proeminência no Período da Reconstrução. Eleito senador pela Louisiana, assumiu a condição de tenente-governador desse estado .

<sup>26</sup> - **Carpetbaggers**, termo sulista para definir os nortistas que migraram para o Sul durante o pós-guerra civil, período chamado de Reconstrução. Identificados, na sua maioria, por carregar malas que eram fabricadas com tecido de tapete, tinham por objetivo fazer fortuna em terra arrasada. O voto afro-americano tornou-se importante e os que corrompiam ou se deixavam corromper, eram chamados, por extensão, de *carpetbaggers*



mulheres importantes. A instituição que me acolheu aí não mantinha cursos técnicos, assim que tive a oportunidade de comparar instituições diferentes, como Hampton, cuja ênfase era para o ensino técnico. Nessa escola pude constatar os estudantes, na maioria, dispunham de mais dinheiro, vestiam-se com o rigor da moda e, em alguns casos, eram mais brilhantes intelectualmente. Em Hampton era regra básica: a instituição se empenha em buscar patronos que assegurem o pagamento do currículo dos alunos; esses devem, por seus meios, garantir a pensão, livros, vestimenta; o alojamento é pago pelo trabalho, ou parte desse e parte em dinheiro. Na instituição em que me encontrava no momento constatei que a maioria dos alunos tinha suas despesas pagas por si mesmos. Em Hampton o aluno tinha de manter-se sempre empenhado em buscar conseguir dinheiro através de seu trabalho, atividade que se constituía de imenso valor na formação do caráter. Os estudantes da outra escola me pareciam menos auto-suficientes. Davam a impressão ser mais importância a ostentação. De outra maneira, eles aparentavam não haver começado do fundo, sobre real e sólida base, como acontecia em Hampton. Sabiam mais sobre latim e grego quando se formavam do que sobre as condições que iriam encontrar na volta para casa. Tendo vivido por um bom número de anos em meio ao conforto não eram propensos, como os de Hampton, a visitar os distritos interioranos do Sul, onde havia pouco conforto e ajudar nosso povo – inclinavam-se à tentação de se tornarem garçons e condutores de trens, como a carreira de uma vida.

Ao tempo em que fui estudante em Washington, a cidade regurgitava de pessoas de cor, muitos deles recém chegados do Sul. Grande parte dessas pessoas havia ali chegado com a suposição de encontrar uma vida fácil. Outros haviam conseguido postos menores em órgãos do governo e ainda havia os que esperavam encontrar boas posições no governo federal. Um bom número de pessoas de cor — alguns deles poderosos e brilhantes — integravam a Câmara dos Deputados, e um, o excelentíssimo B. K. Bruce, tinha assento no Senado. Tudo fazia com que Washington se mostrasse um lugar atrativo para os homens de cor. A mais, todos sabiam que poderiam contar com a proteção da lei no Distrito de Colúmbia. As escolas públicas em Washington para pessoas de cor eram melhores ali do que em qualquer outra parte. Interessei-me sobremodo em estudar de perto o comportamento de nossa gente ali, concluindo que havia um considerável número de cidadãos corretos, mas também gente leviana que se preocupava mais em

mostrar o que não possuía. Vi um jovem de cor que ganhava quatro dólares por semana e se comprazia em alugar por dois dólares um veículo com o qual desfilava no domingo pela Avenida Pensilvânia, como que a mostrar que era muito rico. Conheci quem tinha salário de até cem dólares por mês e que ao receber ainda ficava devendo. Vi homens que foram membros do Congresso e que depois amargavam a pobreza, sem qualquer emprego. Parecia que em tudo havia uma grande dependência para com o governo. Pessoas dessa classe não tinham iniciativa para criar algo por si mesmas, ao contrário, esperavam que os burocratas lhes criassem algo. Quantas vezes, sonhei que, dotado de algum poder mágico, pudesse remover essa gente para um local onde lá estivesse apenas a mãe-terra, pronta para receber seu trabalho; local onde todas as raças e nações tiveram seu começo — um início que pode ser sofrido, mas real.

Em Washington, conheci meninas cujas mães ganhavam a vida como lavadeiras. Essas moças eram ensinadas por suas mães, de uma forma dura, seu ofício. Mais adiante, foram freqüentar a escola pública onde permaneceram por cerca de oito anos. Ao término do curso, desejavam vestidos mais caros, mais chapéus e sapatos, fazendo com que seus desejos diminuíssem ao invés de aumentar a renda familiar. De outra parte, esse período na escola fazia com que se afastassem da proximidade materna, levando muitas delas à degradação. Considerei muitas vezes que seria mais sábio se a essas jovens fosse dado um treinamento intelectual, de qualquer ordem, como matemática ou idiomas, mas que também se lhes fosse ensinado o que de novo havia em métodos de lavagem de roupas e outras ocupações semelhantes.

## CAPÍTULO VI

### *Raça negra e raça vermelha*

*D*urante o ano que passei em Washington, e um pouco antes disso, houve considerável agitação no estado da Virgínia do Oeste quanto à mudança da capital de Wheeling para um ponto mais central. Como resultado disso, foram indicadas pelos legisladores três cidades, uma das quais deveria ser escolhida pelos cidadãos. Dentre essas estava Charleston, apenas cinco milhas distante de Malden, minha cidade. Ao término do ano escolar em Washington fiquei muito satisfeito em receber, de um grupo de cidadãos brancos de Charleston, um apelo para cabalar votos em favor dessa cidade. Aceitei o convite e passei cerca de três meses discursando em várias partes do Estado. Charleston conseguiu vencer a contenda e é hoje a sede permanente do governo.

A reputação que adquiri como orador durante essa campanha fez com que muitas pessoas se empenhassem para que eu ingressasse na política. Recusei por considerar, ainda, que poderia encontrar outra ocupação em que eu seria de valia mais permanente para minha raça. A mais, eu possuía o forte sentimento de que nosso povo mais desejava era conseguir uma base na educação, empresa e propriedade, e para tanto eu considerava que lutar nesse sentido era mais adequado do que na política. Quanto a mim mesmo, creio que teria tido sucesso se me transformasse num político; mas considerava que esse seria um sucesso egoísta — sucesso pessoal ao preço de falhar com meu dever de lançar as bases da educação para povo.

Nessa fase do desenvolvimento de nossa raça os jovens que freqüentavam colégios ou faculdades desejavam ser advogados ou congressistas e as moças buscavam ser professoras de música. Eu tinha a idéia fixa, mesmo sendo ainda jovem, que havia a necessidade de ser feito algo no sentido de preparar o caminho para advogados, congressistas e professores de sucesso.

Sentia que as condições se assemelhavam em muito às de um velho que, nos dias da escravidão, quis aprender a tocar violão. Em sua ânsia de ter aulas de violão, pediu para que um de seus jovens amos fosse o mestre. O rapaz não levando muita fé na capacidade de um homem velho como o escravo vir a aprender, procurou desestimulá-lo propondo: “ Tio Jack, eu vou ensinar você a tocar violão; mas eu vou ter de cobrar três dólares pela primeira lição; dois dólares pela segunda e um dólar pela terceira. Mas vou cobrar apenas vinte e cinco centavos pela última”. Em inglês estropiado<sup>27</sup>, o velho escravo aceitou os termos do improvisado mestre, mas impôs: “De acordo, patrão, mas não se engane e me ensine a última lição no primeiro dia”.

Logo após haver terminado minha atividade ligada ao projeto de mudança da capital, recebi um convite que me deu grande prazer e que foi ao mesmo tempo uma agradável surpresa. Era uma carta do general Armstrong para que eu comparecesse em Hampton a fim de participar da formatura, oportunidade em que em faria o discurso chamado de “fala do ex-aluno”. Era uma honra com a qual jamais havia sonhado. Assim, com muito cuidado, preparei o melhor discurso que era capaz de produzir. O tema escolhido foi: “*A força que vence*”.

Voltando a Hampton com o objetivo de proferir a aula inaugural percorri praticamente o mesmo roteiro – desta feita inteiramente por ferrovia – trilhado seis anos atrás, quando buscava a oportunidade de estudar naquele instituto. Agora eu podia cumprir toda a distância de trem; assim que, constantemente, comparava as duas viagens. Creio que posso dizer, sem parecer arrogante, que raramente um período pequeno como cinco anos possa operar tamanha mudança na vida e planos de uma pessoa

. Chegado a Hampton, recebi uma calorosa recepção de mestres e estudantes. Constatei que durante minha ausência o instituto cada vez mais atendia às demandas de nosso povo; que o ensino técnico, bem como o departamento acadêmico haviam melhorado bastante. O sistema da escola não havia sido moldado em qualquer outra instituição existente, assim que cada novo avanço se dava sob a liderança e inspiração do general Armstrong, que tinha como único

---

<sup>27</sup> - Nota do tradutor: Parece-me falso adaptar o inglês mal assimilado dos escravos e seus descendentes, muitas vezes usado por Booker T. Washington descrevendo diálogos de que participou, para um português roto da imaginação deste tradutor. Assim, no texto a que se refere esta nota e nas futuras citações do autor em dialetos negros do Sul dos Estados Unidos, a tradução será feita usando o português gramatical fluente no Brasil.

objetivo ajudar as necessidades de nossa gente, como elas se mostravam naquele tempo. Via de regra, me parece, no trabalho de educação missionário, em meio à raças não desenvolvidas, as pessoas rendem-se à tentação de fazer aquilo que já fora tentado centenas de anos antes ou está sendo tentado em outras comunidades remotamente distantes. Comumente, a tentação é de ser seguido um determinado padrão educacional a despeito das condições peculiares do alvo ou do fim a ser alcançado. Isto não ocorria no Instituto Hampton.

O pronunciamento que fiz na formatura parece que agradou a todos, e muitas palavras de encorajamento me foram endereçadas. Logo após meu retorno para casa, na Virgínia do Oeste, onde planejava continuar lecionando, fui novamente surpreendido com outra carta do general Armstrong para que retornasse a Hampton como mestre-escola e para realizar estudos complementares. Era o verão de 1879. Logo após eu haver iniciado a dar aulas na Virgínia do Oeste escolhi quatro dos meus mais promissores e brilhantes alunos, além de meus dois irmãos, a quem já antes me referi, e dei-lhes especial atenção, a fim de capacitá-los a ingressarem em Hampton. Foram para o instituto onde, submetidos a teste, conseguiram sair-se tão bem que foram admitidos em classes adiantadas. Este fato, me parece, foi que levou a direção de Hampton a convidar-me para lá lecionar. Um dos jovens que escolhi é hoje um bem-sucedido médico em Boston, Dr. Samuel E. Courtney, e integra a diretoria da escola local.

Nessa época, pela primeira vez o general Armstrong introduzia uma experiência, a de incluir índios no corpo discente. Poucas eram as pessoas então que acreditavam na possibilidade de os índios receberem instrução e dela fazer proveito. O general mostrava-se ansioso em levar adiante seu experimento de forma sistemática e em larga escala. Ele buscou nas reservas índias situadas nos estados do Oeste cerca de uma centena de indígenas selvagens e na sua maioria completamente ignorantes e jovens. A missão especial que o general guardava para mim era fazer-me uma espécie de “patrono” dos jovens índios — ou seja, eu deveria morar no mesmo alojamento que eles e encarregar-me da disciplina, do controle de seu vestir, da manutenção do alojamento etc. Tratava-se de uma oferta tentadora, mas eu havia ficado de tal forma absorvido com meu trabalho na Virgínia do Oeste que temia renunciá-lo. Porém, não tinha como recusar a uma tarefa que me estava sendo assinalada pelo general Armstrong.

Já em Hampton, instalei-me num alojamento como setenta e cinco jovens índios. Eu era a única pessoa no prédio que não pertencia àquela raça. De início, tive dúvidas quanto a meu sucesso no empreendimento. Eu sabia que, geralmente, o índio se considerava superior aos brancos; portanto, tinha-se como muito superior ao negro que havia sido escravo dos brancos — algo que um índio jamais aceitaria. Os índios, em Território Índio, eram proprietários de um grande número de escravos, ao tempo da escravidão. Fora isto, havia o entendimento geral que educar e civilizar peles-vermelhas em Hampton resultaria em um grande fracasso. Tudo fazia com que eu agisse com muita cautela, pois sentia intensamente a grande responsabilidade. Porém, eu queria vencer, o que não ocorreu sem antes haver conseguido integral confiança deles, mas não somente isso, senão que obtive sua estima e respeito. Descobri que eram como qualquer ser humano; que respondiam bem a um tratamento gentil, da mesma forma que se ressentiam quando maltratados. A mais, estavam constantemente planejando produzir algo para tornar-me mais feliz. O que mais os desagrava, acredito, era cortar seus cabelos, deixar de vestir suas túnicas e não fumar. Sucede que os americanos são incapazes de considerar alguém realmente civilizado sem que adote seu modo de vestir, sua comida, seu idioma e sua religião.

Quando a questão do aprendizado da língua inglesa estava superada, concluí que nas questões de currículo não havia diferença de assimilação entre os estudantes de cor e os índios.

Era motivo de permanente satisfação para mim constatar o interesse dos alunos de cor em ajudar de todos os modos seus colegas índios. Havia uma minoria de estudantes de cor que não concordava com a admissão de índios no instituto. Sempre que solicitados, alunos negros concordavam com que índios se tornassem seus companheiros de quarto, ajudando-os no aprendizado do inglês e de hábitos civilizados.

Freqüentemente me questionava se haveria no país alguma instituição de ensino que fosse capaz de receber como alunos quase uma centena de jovens pertencentes a uma raça diferente da que abrigava, como fazia cordialmente o Instituto Hampton para os peles-vermelhas. Quantas vezes desejei dizer aos jovens brancos que eles haveriam de alçar-se mais na medida em que ajudassem outros a se instruírem. Assim, mais desafortunada a raça, mais baixo esteja na escala social, maior será a recompensa de alguém que a auxilie a valorizar-se.

Isso faz-me recordar em encontro que mantive com o excelentíssimo Frederick Douglass<sup>28</sup>. Contou-me que certa feita, viajando no estado da Pensilvânia, foi obrigado a viajar, por sua cor, no vagão de bagagens, apesar de haver pago pela passagem o mesmo valor que os demais passageiros. Quando alguns dos viajantes brancos foram até o vagão onde se encontrava o senhor Douglass, para consolá-lo, um deles disse: “Sinto muito, senhor Douglass, que o tenham degradado dessa forma”. O senhor Douglass levantou-se da caixa onde estava sentado e respondeu: “Eles não podem rebaixar Frederick Douglass. A alma em meu ser nenhum homem pode degradá-la; não sou eu aquele que está sendo vexado com este tratamento, senão aqueles que me estão infligindo”.

Numa parte de nosso país, onde a lei determina a separação das raças nas ferrovias, assisti certa feita um evento muito divertido e que servia para mostrar a dificuldade que às vezes assume o identificar onde começa o negro e termina o branco.

Havia um cidadão muito bem conhecido em sua comunidade como um negro, mas que era tão branco que até mesmo um especialista teria dificuldade em classificá-lo como negro. Na ocasião, ele viajava no compartimento específico para pessoas de cor. Quando o condutor chegou até ele, mostrou-se perplexo. Sucede que, se ele era negro, o condutor não desejaria obrigá-lo a ir para o carro dos brancos; ao mesmo tempo, se ele era branco, o condutor não desejaria insultá-lo indagando se ele era negro. O funcionário olhou-o com muita atenção: examinou seu cabelo, olhos, nariz e as mãos; ainda assim era um enigma. Finalmente, para resolver o problema, ficou bem por sobre o passageiro, e olhou seus pés. Quando vi o condutor examinando os pés do passageiro, disse para mim mesmo: “Isto vai solver a questão”; e assim aconteceu, pois o ferroviário imediatamente concluiu que se tratava de um negro, deixando-o ficar sentado onde estava. Senti-me satisfeito ante a constatação que minha raça saíra-se bem ao não perder um dos seus.

Minha experiência diz que o momento de se identificar um verdadeiro cavalheiro é cuidar a forma como se relaciona com pessoas de uma raça que seja menos afortunada do que a sua. Isto não é melhor ilustrado do que ao observarmos a conduta de cavalheiros do antigo estilo sulista, quando em contato com seus escravos ou com descendentes desses.

---

<sup>28</sup> - Ícone dos negros americanos. Nasceu escravo e se tornou eminência. Viveu entre 1817 e 1895. Foi abolicionista e orador, pregando nos EUA e no exterior. Escreveu autobiografias. Editou jornal e foi diplomata.

Um exemplo do que desejo dizer está na história contada por George Washington<sup>29</sup>: cruzando por um homem de cor numa estrada, que respeitosamente tirou o chapéu, devolveu o gesto fazendo o mesmo. Alguns de seus amigos que viram a atitude criticaram Washington. Em resposta à censura, respondeu: “Vocês pensam que vou permitir que um pobre, ignorante homem de cor possa ser mais polido do que eu sou?”

Ao tempo em que eu era o responsável pelos estudantes índios em Hampton, tive uma ou duas experiências que ilustram o curioso trabalho de castas na América. Um dos jovens adoeceu e me encarregaram de levá-lo para Washington, entregá-lo ao Ministério do Interior, recolher um recibo de entrega, e assegurar que ele pudesse seguir para a reserva ocidental de onde viera. Nessa época eu era um tanto inocente quanto aos meandros do mundo. Durante a viagem para Washington num barco a vapor, quando o sino tocou chamando para o jantar precavi-me de forma a não atentar o ingresso na salão até que a maior parte dos passageiros houvesse finalizado sua refeição. Então, com meu bilhete, tentei adentrar o salão. O encarregado, polidamente, informou-me que o índio poderia ser servido, mas eu não. Não pude entender como ele traçou a linha da cor — diferenciar eu e o índio — uma vez que tínhamos mais ou menos a mesma compleição. O garçom, todavia, parecia ser um especialista na matéria. Os dirigentes de Hampton me haviam endereçado a um determinado hotel em Washington com meu acompanhante, mas quando cheguei à recepção fui informado que o índio poderia hospedar-se, eu não.

Mais adiante, um sentimento similar vim a observar: estava numa certa cidade onde podia-se ver grande agitação e indignação — dava a impressão que iriam proceder a um linchamento. A razão do evento é que um cidadão de pele escura havia se hospedado em um hotel. Feitas investigações houve a constatação que ele era um estrangeiro, cidadão do Marrocos, e viajando por este país comunicava-se em inglês. Assim que ficaram sabendo não ser ele um negro americano, todos os indícios de indignação desapareceram. O homem, causa inocente de toda a excitação, a partir daí achou prudente não mais falar inglês.

Ao concluir meu primeiro ano como encarregado dos índios, uma nova oportunidade surgiu-me em Hampton, à qual, olhando hoje para trás, vejo-a como

---

<sup>29</sup> - Primeiro presidente dos EUA, entre 1789 -1797.



providencial, preparando-me para minha missão em Tuskegee, adiante. O general Armstrong constatou a existência de um grande número de jovens de cor que desejavam ardorosamente freqüentar Hampton, mas não tinham recursos para pagar a anuidade ou comprar livros. Ele concebeu a idéia de criar-se uma escola noturna anexa ao instituto, que receberia os mais destacados dentre aqueles desprovidos, sob a condição que trabalhassem de dia por dez horas, tendo aulas à noite com duração de duas horas. Iriam receber uma remuneração algo acima do valor de suas pensões. Seus ganhos, na maior parte, seriam administrados pela tesouraria de Hampton, como um fundo, do qual seriam retirados os meios necessários à sua pensão, quando fossem admitidos na escola diurna, após haverem freqüentado por um ou dois anos o curso noturno. Com isso, os jovens teriam recursos para a compra de livros e acumulariam conhecimentos nalgum tipo de indústria, comercial ou fabril, além de recolherem os benefícios de longo alcance, oriundos de haver freqüentado Hampton.

O general Armstrong convidou-me para dirigir a escola noturna, e eu aceitei. A escola iniciou seu curso com doze jovens, homens e mulheres, todos rijos e convictos. Na maior parte do dia, os rapazes trabalhavam na serraria da escola, enquanto que as moças operavam na lavanderia. O trabalho não era frouxo em nenhum dos dois postos, mas em todo meu magistério jamais encontrei alunos que me deram maior satisfação do que aqueles. Eram bons estudantes e conseguiam administrar trabalho e aprendizado. Seu empenho era tal que somente o sino de encerramento da aula os afastava do estudo, assim mesmo inúmeras vezes pediam para que eu estendesse a aula mais adiante da hora de se recolher.

Esses alunos demonstravam tamanho empenho, tanto em seu trabalho pesado diurno, bem como no estudo noturno, que os batizei de “A Turma Brava” — nome que em seguida se espalhou por toda a instituição. Após um estudante haver freqüentado a escola noturna tempo suficiente para demonstrar suas qualidades eu outorgava-lhe um certificado impresso no qual atestava: “Certifico que James Smith é integrante de A Turma Brava, do Instituto Hampton, encontrando-se adequadamente treinado”.

Os estudantes valorizavam os certificados, fazendo com que a escola noturna ganhasse popularidade. Em poucas semanas o anexo cresceu de tal forma que abrigava vinte e cinco alunos. Eu acompanhei o caminho de muitos desses vinte e cinco jovens desde então, e todos desempenham atualmente importantes funções

por todo o Sul. A escola noturna de Hampton, que começou com apenas doze jovens, hoje acolhe entre trezentos e quatrocentos alunos, constituindo-se num dos mais bem sucedidos empreendimentos da instituição.

## CAPÍTULO VII

### *Tuskegee, primeiros tempos*

**D**urante o período em que estive como encarregado dos índios e da escola noturna de Hampton, continuei meus estudos, sob a orientação de instrutores da instituição. Um desses instrutores foi o reverendo doutor H. B. Frissell, atual diretor de Hampton, sucessor do general Armstrong.

Em maio de 1881, quando quase completava meu primeiro ano como mestre da escola noturna, se abriu a oportunidade para aquela que seria a missão de minha vida, de uma forma que jamais ousei imaginar. Certa noite, na capela, após haverem se encerradas as prédicas de costume, o general referiu-se a haver recebido uma carta de uns cidadãos do Alabama solicitando que ele recomendasse alguém para dirigir uma planejada escola normal para pessoas de cor, na pequena vila de Tuskegee, naquele estado . Os missivistas pareciam não acreditar que houvesse alguém de cor com condições de executar a tarefa. Esperavam, por isto, do general, a recomendação de uma pessoa branca. No dia seguinte à chegada da carta o general chamou-me em seu escritório e, para minha surpresa, indagou-me se me sentia capaz de preencher o cargo no Alabama. Disse-lhe que gostaria muito de tentar. Em resposta, o general informou aos postulantes de sua incapacidade em identificar um branco que desejasse assumir o cargo, mas que conhecia um homem de cor que podia recomendar. Na carta ele me indicou.

Muitos dias se passaram se quem se ouvisse algo a respeito. Um pouco mais adiante, numa tarde de domingo, na prédica da capela, apareceu um mensageiro que fez chegar às mãos do general um telegrama. Ao fim da reunião ele leu a mensagem. Em essência, estes eram os termos: “Aceitamos Booker T. Washington. Que venha de imediato”.

Podia-se sentir entre mestres e alunos uma grande sensação de alegria com a notícia, e recebi manifestações sinceras de congratulações. Comecei de imediato a preparar minha ida para Tuskegee. Passei antes por minha querida Virgínia do Oeste, onde permaneci muitos dias, seguindo após para meu destino.

Tuskegee era uma vila com dois mil habitantes, onde, cerca da metade, era de cor. Situava-se no chamado “Cinturão Negro do Sul”. No município onde Tuskegee estava, as pessoas de cor superavam em três por um o número de brancos. Em alguns municípios no entorno a proporção não estava longe de ser seis de cor para um branco.

Seguidamente, indagavam-me por uma definição para “Cinturão Negro”. Tanto quanto posso compreender o termo era usada para designar a parte do país que havia sido dotada com solo dessa cor. A parte da nação que possuía o solo espesso, preto, e naturalmente rico era também a parte onde a mão de obra escrava era mais rentável, encontrando-a portanto em números expressivos. Mais adiante, e especialmente desde a guerra, o termo parece haver sido usado apenas em seu sentido político, ou seja, designando as áreas onde os negros sobrepujavam os brancos.

Antes de seguir para Tuskegee, pensei que encontraria lá edificações e meios para que iniciasse de imediato às aulas. Para meu desapontamento, encontrei nada disso. Encontrei, sim, ao invés de estrutura material, centenas de almas sedentas de obter educação.

Tuskegee parecia ser um local ideal para a escola. Situava-se em meio a um grande aglomerado de negros, bastante isolado, distando uns seis quilômetros da linha principal da ferrovia à qual se conectava num curto desvio. Ao longo da escravidão, e desde então a vila se havia constituído em centro para educação dos brancos. Essa era uma vantagem a mais, pois encontrei brancos possuidores de certo nível cultural incomum em muitas localidades. A outra é que as pessoas de cor, ignorantes, não se haviam degradado e enfraquecido seus corpos com vícios, tão comum nas classes baixas das cidades grandes. De modo geral, constatei ser cordial o relacionamento entre as duas raças. Por exemplo, a maior casa de ferragens, e creio que naquele tempo a única na vila, era de propriedade e administrada em conjunto por um homem de cor e um branco. Essa sociedade se manteve até a morte do sócio branco.

Soube que cerca de um ano antes de minha ida para Tuskegee algumas das pessoas de cor que haviam ouvido algo a respeito do sistema do Instituto Hampton solicitaram ao Legislativo, por seus representantes, a alocação de pequena dotação orçamentária destinada a implantação de uma escola normal em Tuskegee. O valor posto à disposição pelos legisladores somava dois mil dólares por

ano. Descobri, adiante, que esse valor somente poderia ser usado para o pagamento dos salários de instrutores, não havendo qualquer provisão para compra do terreno, edificações e equipamentos. A missão que tinha à frente não era, assim, muito estimulante; seria como fabricar tijolos sem ter palha. As pessoas de cor mostravam-se felizes, permanentemente prontos para cooperar de forma a tornar real o projeto.

Meu primeiro encargo, foi escolher um local onde instalar a escola. Após examinar a vila com cuidado, constatei que o mais adequado disponível era uma cabana em ruínas, contígua à igreja Metodista dos de cor, constituindo-se numa espécie de auditório. A igreja também estava em más condições de conservação. Lembro-me que nos primeiros meses de funcionamento, em dias de chuva, algum dos alunos mais seniores, postava-se a meu lado, segurando gentilmente um guarda-chuva protetor. Recordo também que, mais de uma vez, minha estalajadeira teve de ficar segurando o guarda-chuva durante meu café da manhã.

Ao tempo em que fui para o Alabama, as pessoas de cor começavam a demonstrar grande interesse pela política, e desejavam que eu me envolvesse nessa atividade. Eles pareciam demonstrar certa desconfiança em pessoas estranhas quanto àquilo. Recordo-me de um certo cidadão, que parecia haver sido nomeado pelos demais para induzir-me à política, visitou-me em diversas ocasiões, dizendo, num inglês interiorano, com uma boa dose de sinceridade: “Queremos que você vote exatamente do jeito que faríamos. Não sabemos ler direito o jornal, mas sabemos como votar, assim que desejamos que você vote como queremos”. E acrescentava: “Nós observamos o branco, e continuamos cuidando o branco até que a gente descubra como ele vai votar. Assim, quando descobrimos como ele votará, então votaremos exatamente ao contrário. É assim que sabemos que estamos certos”.

Fico satisfeito, entretanto, em constatar que a disposição de votar contra os brancos, somente por serem brancos, está desaparecendo, e nossa raça está aprendendo a votar por princípios, por aquilo que os eleitores consideram ser o melhor interesse de ambas as raças.

Eu cheguei a Tuskegee, como já referi antes, em junho de 1881. O primeiro mês, passei na busca de um local para instalar a escola, e a viajar pelo Alabama, tomando contato com a vida do povo, especialmente com os residentes nos distritos rurais, e em fazer propaganda da escola. A maior parte das viagens ocorria através

das estradas vicinais, tendo como meio de transporte uma mula e uma carroça, ou às vezes, mula e charrete. Comia e dormia com o povo, em suas modestas cabanas. Vi suas granjas, suas escolas, suas igrejas. Então, como na maioria dessas visitas não havia qualquer aviso antecipado que um estranho estava chegando, eu podia ver a realidade do viver diuturno do povo.

Nos distritos rurais, descobri que, normalmente, a família inteira dormia num cômodo, e que em adição aos familiares havia outros parentes, ou mesmo pessoas estranhas à família, que também dormiam no mesmo quarto. Em mais de uma oportunidade tive de sair da casa, ou esperar que toda a família se acamasse, a fim de vestir-me para dormir. Normalmente essas pessoas ajeitavam algum canto onde eu pudesse dormir, às vezes no chão, ou num canto da cama de outrem. Raramente havia alguma cabana com um canto interior onde se pudesse lavar, mesmo o rosto e as mãos. O local para tanto era no exterior, fundos.

O regime alimentar dessas pessoas era gordura de porco e pão de milho. Houve oportunidade em que comi em cabanas onde apenas tinham pão de milho e *vagens olho negro*, cozidas em água pura. Essa gente parecia não ter opção senão viver comendo gordura de porco e pão de milho, que tinham de ser comprados a preço alto no armazém da vila, apesar do fato de a terra que circundava suas cabanas poder ser utilizada na produção de qualquer tipo de hortense. Parece que seu objetivo era plantar algodão e nada mais, sendo que em muitos casos o algodão era plantado já à porta da cabana.

Nas cabanas, muito comumente, encontrei máquinas de costura que haviam sido compradas, ou estavam sendo compradas em prestações, freqüentemente ao custo elevado de sessenta dólares; ou também vistosos relógios pelos quais seus habitantes haviam pago quarenta dólares.

Recordo que numa ocasião, quando jantei numa dessas cabanas, ao sentar-me à mesa com outras quatro pessoas da família, notei que, enquanto éramos cinco para comer, havia apenas um garfo disponível. Naturalmente, houve uma desajeitada hesitação de minha parte. Num canto do mesmo casebre eu via um órgão de sessenta dólares, que as pessoas me contaram, a família pagava em prestações mensais. Um garfo, e um órgão de sessenta dólares!

Na maioria dos casos a máquina de costura não era usada, os relógios eram tão imprestáveis que não marcavam a hora certa — e se marcavam, em nove dentre dez casos não havia pessoa na família capaz de saber ler as horas, enquanto

que o órgão, por certo, era raramente tocado, com o surgimento de alguém que o soubesse fazer soar.

No caso que referi, em que a família sentou-se à mesa tendo-me como convidado, pude também constatar ser aquele um procedimento inusitado, tendo ocorrido em minha homenagem. Comumente, ao acordar-se pela manhã, a dona da casa põe um pedaço de carne numa panela e uma pasta na frigideira. Em dez ou quinze minutos de fogo, a comida estava pronta. O marido apanhava-a com as mãos, e deslocava-se comendo em seu caminho para o campo de trabalho. A esposa, aí, sentava-se num canto, fazendo sua refeição, às vezes num prato, noutras com a sobra na frigideira; as crianças comiam sua parte enquanto corriam e brincavam em volta da casa. Em certas estações do ano, quando a carne se tornava escassa, nutrir as crianças com esse alimento era um luxo não atendido. A carne era apenas para os que trabalhavam nas plantações.

Findo o desjejum, sem tempo para dar atenção à casa, a família toda se deslocava para a plantação. Qualquer criança que fosse forte o bastante para empunhar uma enxada, era posta a trabalhar; e os bebês, pois em cada família havia pelo menos um nenê, eram dispostos em berços colocados ao fim da fileira de algodoeiros onde trabalhavam, de forma que suas mães pudessem dar uma certa atenção, quando chegassem ao fim daquela linha. O almoço e a janta eram feitos mais ou menos da mesma forma que o desjejum.

A rotina diária de uma família ocorria de forma muito semelhante, mudando um pouco nos sábados e domingos. Os sábados consumiam pelo menos a manhã de toda a família, quando não o dia inteiro, em andanças pela vila, com o objetivo de fazer compras. O curioso, entretanto, é que o dinheiro que dispunham seria gasto nas compras em apenas dez minutos, por uma pessoa. Apesar disso, a família inteira permanecia o dia todo na vila, consumindo o tempo parados nas ruas e as mulheres sentadas nos cantos, fumando ou aspirando rapé. Os domingos eram usados para grandes reuniões. Com poucas exceções, descobri que as safras eram penhoradas nos distritos onde estive, e que a maioria dos plantadores de cor estavam em mora. O estado não se mostrara capaz de construir escolas nos distritos interioranos, assim, as aulas eram ministradas em igrejas ou em toscas edificações. Mais de uma vez, em minhas andanças, constatei a inexistência de meios para enfrentar a estação fria nessas escolas rurais, assim que fogueiras tinham de ser acesas no pátio, fazendo com que alunos e professores se

revezassem entrando e saindo do prédio se aquecendo ou se resfriando. Raras eram às vezes em que os professores dessas escolas eram preparados para a sua missão e possuíam bom caráter. O currículo era de três a cinco meses. Não havia praticamente nenhum material escolar, com exceção, as vezes, de um rústico quadro-negro. Recordo que, um dia, fui numa dessas escolas — ou melhor, numa tosca cabana abandonada, em uso como escola — onde encontrei cinco alunos que estudavam a lição em um único livro. Dois deles, sentados à frente, portavam o livro; atrás de si, outros dois espiavam por sobre os ombros daqueles e, mais atrás, um último espreitava por sobre os ombros dos quatro à frente.

O que antes disse a respeito do caráter dos professores e sobre as escolas, também se aplica acuradamente como uma descrição dos prédios das igrejas e de seus ministros.

Encontrei tipos muito curiosos durante minhas viagens. Como ilustração do peculiar processo mental da gente interiorana, lembro-me haver solicitado a um homem de cor, na casa dos sessenta anos de idade, para contar-me algo a respeito de sua história. Disse haver nascido na Virgínia, tendo sido vendido e levado para o Alabama em 1845. Indaguei-lhe quantos haviam sido vendidos ao mesmo tempo. Respondeu: “Éramos cinco: eu, meu irmão e três mulas”.

Narrando tudo o que vi durante o mês de viagem pelo interior, em torno a Tuskegee, desejo que meus leitores tenham presente a existência também de muitas exceções de encorajar. Coloquei de forma crua o que vi, especialmente porque desejo dar ênfase, adiante, quanto ao exemplo dado por Tuskegee e outras instituições que ajudaram a modificar as condições comunitárias.



## CAPÍTULO VIII

### *Escola num estábulo e num galinheiro*

Confesso que fiquei muito apreensivo com aquilo que vi ao longo do mês de minha viagem de observação. O trabalho a ser empreendido para o desenvolvimento daquela gente se mostrava quase impossível. Eu era apenas uma pessoa sentindo que o esforço que viesse a empreender seria tão pequeno que levaria a causa pouco adiante. Perplexo me indagava se teria qualquer resultado, e se valia a pena sequer tentar.

De uma coisa convenci-me, mais do que nunca, depois daquele período de convivência com a gente de cor: para conseguir fazê-los progredir, algo teria de ser feito, mais do que simplesmente imitar o modelo educacional da Nova Inglaterra<sup>30</sup>, então existente. Eu via claramente como modelo aquele que sabiamente o general Armstrong instaurara em Hampton. Recolher crianças como às que vi por um mês, levá-las para a escola e oferecer umas poucas horas de educação formal, parecia-me pura e simples perda de tempo.

Após conversas com os cidadãos de Tuskegee, marquei 4 de julho de 1881 como o dia da inauguração da escola, na acanhada igreja e galpão lateral, escolhidos como abrigo para a escola. Os brancos e as pessoas de cor mostravam-se muito interessadas no início das aulas da nova escola. O dia inaugural foi marcado por muitas conversas estimulantes. Havia não poucos brancos, nas vizinhanças de Tuskegee, que se mostravam descontentes com a escola. Questionavam sua importância para as pessoas de cor, e temiam que pudesse se transformar em fonte de atritos entre as duas raças. Alguns diziam que na medida em que o negro recebesse educação, na mesma proporção seu valor decresceria como fator econômico na economia do Estado. Essas pessoas temiam que o resultado da educação seria que os negros abandonariam as fazendas e que seria difícil contratá-los para serviços domésticos.

---

<sup>30</sup> - Nova contestação a Du Bois.

Os brancos que questionavam a sabedoria de iniciar essa nova escola, tinham em sua mente a imagem do que chamavam de negro educado, com um chapéu alto, óculos de aros imitando ouro, uma elegante bengala, luvas, botas e também, numa palavra, um homem determinado a viver por sua esperteza. Era difícil para essas pessoas ver como a educação poderia produzir um outro tipo de homem de cor.

Em meio a todas as dificuldades que encontrei para por em funcionamento minha pequena escola, e a partir de então por dezenove anos, a dois homens dentre todos os amigos de Tuskegee sempre busquei aconselhamento e orientação, assim que o sucesso obtido se deve em grande parte a esses dois, aos quais jamais pedi algo desnecessário. Menciono-os simplesmente como modelos. Um é branco e ex-proprietário de escravos, senhor George W. Campbell; o outro é negro e ex-escravo, senhor Lewis Adams. Esses foram os que escreveram ao general Armstrong pedindo um mestre-escola.

O senhor Campbell, comerciante e banqueiro, tinha pouca experiência em matérias educacionais. O senhor Adams era mecânico, e havia aprendido durante a escravidão os ofícios de sapateiro, seleiro e funileiro. Ele jamais havia freqüentado uma escola, mas, de alguma maneira, aprendera a ler e escrever quando ainda escravo. Desde o início, esses dois homens compreenderam sem dificuldades meu projeto de educação, me acolheram bem e apoiaram-me completamente. Nos momentos de maiores dificuldades financeiras da escola, o senhor Campbell sempre se mostrou disposto a ajudar com os meios a seu alcance. Não conheço dois homens, um outrora escravocrata e um ex-escravo, cujos conselhos e julgamentos haveriam de fazer-me abraçar com segurança para o desenvolvimento da escola em Tuskegee, do que aqueles dois.

Sempre considerei que o senhor Adams haurira sua incomum força mental do treinamento dado às suas mãos, no exercício destacado de três profissões ainda ao tempo da escravidão. Indo-se hoje em dia em qualquer cidade sulista e indagando-se pelas lideranças da comunidade dos negros, creio que cinco dentre dez serão os que aprenderam alguma profissão durante os dias da escravidão.

Na manhã em que a escola abriu, trinta estudantes se apresentaram para admissão. Eu era o único mestre-escola. Os estudantes mostravam-se igualmente representados pelos dois sexos, mais ou menos na mesma proporção. Em sua maioria residiam no município de Macon, sede do mesmo condado onde Tuskegee

se localizava. Maior era o número dos que desejavam ingressar na escola, mas tomou-se a decisão de aceitar apenas aqueles que tinham cerca de quinze anos de idade e que já haviam antes recebido algum tipo de instrução. A maior parte dos trinta, era constituída de mestres-escolas da rede pública, alguns dos quais tinham quase quarenta anos de idade. Com os mestres vieram alguns de seus ex-alunos, e, quando foram submetidos a exame, era interessante notar que em muitos casos os alunos haviam se desenvolvido mais do que seus antigos mestres. Também era interessante ouvir os relatos de livros importantes que alguns haviam lido e trabalhos que diziam haver realizado. Maior o livro e mais extenso o título referido, mais orgulhosos se mostravam. Alguns haviam estudado latim, um ou dois aprenderam grego. Isso, pensavam, dava-lhes uma distinção especial.

De fato, uma das coisas mais tristes que vi ao longo do mês em que viajei pelo interior, como descrevi, foi encontrar um jovem que havia freqüentado um ginásio, sentado numa cabana de um cômodo, com roupas sebatas, sujeira a sua volta, ervas daninhas no pátio e jardim, contudo empenhado em estudar gramática francesa.

Os primeiros estudantes examinados, davam a impressão de haver memorizado longas e complicadas “regras” de gramática e matemática, mas tinham pouca ou nenhuma idéia de como aplicar aqueles conhecimentos no dia-a-dia de suas vidas. Um dos temas que gostavam de mostrar conhecimento em aritmética era “operação bancária e desconto de títulos”, mas em seguida constatei que nem eles, tampouco seus vizinhos possuíam contas bancárias. Ao relacionar o nome dos estudantes, constatei que quase todos tinham uma inicial dentre nome e sobrenome. Quando indaguei o significado de um “J”, no nome de um John J. Jones, me explicou que fazia parte de sua “intitulação”. Muitos desses estudantes desejavam melhorar seu nível educacional, pois acreditavam que assim poderiam conseguir melhores salários do que sendo mestres em escolas.

Apesar do que eu disse a respeito, não tive melhor companhia do que aqueles homens e mulheres. Eram todos sedentos de aprender o que era importante; assim, lhes era mostrado o que realmente interessava. Eu estava determinado a iniciá-los a partir de uma sólida e meticulosa base, no que dizia respeito aos livros que usariam. Logo descobri que carregavam uma bagagem de conhecimento muito aquém daquilo que apregoavam. Enquanto podiam localizar o deserto do Saara ou a capital da China num globo, vi que as meninas eram

incapazes de postar os talheres sobre uma mesa, ou identificar o local onde colocar o pão e a carne.

Tive de juntar um bom bocado de coragem para conduzir estudantes que andaram aprendendo raiz cúbica e operações bancárias, e explicar-lhes que o mais importante para si era saber bem a tabuada.

O número de alunos aumentava a cada semana, até que ao término do primeiro mês havia cerca de cinqüenta. Muitos deles, todavia, diziam que, como poderiam ficar por apenas dois ou três meses, desejavam ingressar num nível mais elevado e conseguir o diploma em um ano, se possível.

Ao fim de seis semanas, uma cara nova e incomum assumiu também como mestre. Era a senhorita Olívia A. Davidson, que mais tarde se tornaria minha esposa. A senhorita Davidson nascera em Ohio, e havia recebido instrução normal em escola pública naquele estado. Era pouco mais do que uma menina, quando ouviu falar da carência de professores no Sul. Foi então para o estado de Mississippi, onde iniciou a lecionar. Mais adiante, ensinou na cidade de Memphis. Enquanto dava aulas no Mississippi, um de seus alunos ficou doente, acometido de varíola. O pavor foi tamanho na comunidade que ninguém se atrevia a cuidar do doente. A senhorita Davidson fechou a escola, e ficou ao lado de seu aluno, dia e noite, até que se curou. Estando de férias em sua casa em Ohio, eclodiu em Memphis a pior epidemia de febre amarela até então ocorrida no Sul. Quando soube disso, telegrafou imediatamente para o prefeito da cidade oferecendo seus serviços, como enfermeira de febre amarela, embora não houvesse antes contraído a doença.

A experiência vivida pela senhorita Davidson no Sul, indicava-lhe que o povo necessitava de algo mais do que simples aprendizado adquirido em livros. Ela ouvira falar do sistema de ensino usado em Hampton e decidiu que isso era seu objetivo e deveria preparar-se para oferecer um melhor trabalho no Sul. O interesse da senhora Hemenway, de Boston, carregava sua rara habilidade. Por meio da bondade e generosidade dessa senhora, a senhorita Davidson, após haver-se graduado em Hampton, foi obsequiada com a chance de cursar por dois anos a Escola Normal de Massachusetts, em Framingham.

Antes de viajar para Framingham, alguém sugeriu-lhe que, sendo mulata clara, poderia sentir-se melhor não se identificando como pessoa de cor. Repeliu, então, o conselho, dizendo que em nenhuma hipótese iria enganar quanto à sua origem racial.

Logo após haver-se graduado em Framingham, a senhorita Davidson chegou a Tuskegee, trazendo para a escola ensinamentos valiosos, idéias novas para aprimorar os métodos de ensino, bem como um invulgar caráter e uma vida despojada raramente igualada. Nenhum indivíduo fez mais para assentar as bases do Instituto Tuskegee do que com sucesso desenvolveu Olívia A. Davidson.

A senhorita Davidson e eu, desde cedo começamos a debater o futuro da instituição. Os alunos progrediam no estudo de livros e no desenvolvimento de suas mentes; mas tornava-se evidente que necessitávamos fazer algo que fosse mais do que os treinar a partir da leitura de livros. Os estudantes haviam vindo de lares onde não haviam sequer sido treinados em como cuidar de seus corpos. Com raras exceções, as habitações em Tuskegee onde os estudantes se acomodaram eram pouco melhores do que às de onde vieram. Nós desejávamos ensinar-lhes como se banhar, como cuidar de seus dentes e de suas roupas. Queríamos ensinar-lhes o que comer e como comer adequadamente, bem como cuidar de seus dormitórios. À parte disso, queríamos dar-lhes um ensinamento prático de algum tipo de profissão, junto com o espírito de indústria, poupança e organização que haveriam de assegurar-lhes, ao deixar a escola, condições de enfrentar a vida. Desejávamos ensinar-lhes a estudar coisas práticas ao invés da mera leitura de livros.

Concluimos que os estudantes, em sua maioria, vinham de distritos rurais, onde a agricultura, de alguma forma, era o meio de sustento das pessoas. Aprendemos que cerca de oitenta e cinco por cento das pessoas de cor nos estados do Golfo<sup>31</sup> dependiam da agricultura para sobreviver. A partir dessa verdade, passamos a nos preocupar em cultivar e estimular seu vínculo original, procurando fazer com que não atendessem à tentação de ir para as cidades, ao invés de voltarem para casa. Desejávamos dar-lhes um tipo de educação que se adequaria a uma futura condição de mestres, e ao mesmo tempo buscaríamos estimulá-los a voltar a seus distritos rurais, ensinando aos demais novas técnicas, inoculando-lhes mais empenho na lide agrária bem como na vida moral e religiosa do povo.

Todas essas idéias e necessidades pairavam sobre nós como uma responsabilidade que parecia quase inatingível. O que fazer? Tínhamos as instalações precárias de uma antiga igreja que a gente de cor de Tuskegee pôs a nossa disposição. O número de estudantes aumentava a cada dia. À medida em que

---

<sup>31</sup> - Golfo do México

os víamos chegar, enquanto visitávamos os distritos rurais, mais nos convencíamos que nossos esforços estavam resultando, apenas em parte, no atendimento das verdadeiras necessidades do povo que, enfim, era o objeto de nossa iniciativa: formar jovens que voltariam para seus lares como líderes.

Quanto mais falávamos com os estudantes, que chegavam oriundos de diversas partes do Estado, mais sentíamos que sua ambição maior era conseguir um nível de educação que os viesse a livrar, para sempre, do trabalho manual.

Isso é ilustrado pela história de um homem de cor, no Alabama, que num dia quente de julho, enquanto trabalhava numa plantação de algodão, de repente parou e, olhando para o céu, disse: “Ó Deus, de algodão estou tão sebento, de trabalhar estou tão rígido, e do sol estou tão quente que acredito que este negro está sendo chamado para pregar!”

Cerca de três meses após haverem-se iniciado os trabalhos na escola, num momento em que nos mostrávamos muito preocupados com relação ao nosso trabalho, foi posta à venda uma antiga e abandonada fazenda que se situava a uns dois quilômetros de Tuskegee. A mansão, ou “casa grande”, como fora chamada, ocupada pelos proprietários durante a escravidão havia sido queimada. Após um cuidadoso exame do local, mostrou-se exatamente aquilo que desejávamos de maneira a tornar nossa missão efetiva e permanente.

Mas como adquiri-la? O preço demandado era baixo — apenas quinhentos dólares —, mas não tínhamos nada; éramos desconhecidos na cidade e não possuíamos crédito. O proprietário aceitou que tomássemos posse da terra, mediante uma entrada de duzentos e cinqüenta dólares, com a garantia que a outra metade restante deveria ser paga em um ano. Embora quinhentos dólares fosse um bom preço para a terra, tratava-se de um grande valor quando o comprador não tinha nada.

Em meio à dificuldade, municiei-me de grande coragem e escrevi uma carta para meu amigo general J. F. B. Marshal, tesoureiro do Instituto Hampton, narrando-lhe os eventos e implorando para que emprestasse os duzentos e cinqüenta dólares, ficando eu como único responsável. Em poucos dias voltou uma resposta informando que não tinha autoridade para emprestar-me dinheiro em nome do Instituto Hampton, mas que prazerosamente poderia ceder-me a quantia necessitada de seus recursos pessoais.

Confesso que haver conseguido aquele dinheiro daquela forma constituíra-se numa grande surpresa e fonte de gratificação para mim. Até aquela oportunidade eu nunca tivera em minha posse mais do que cem dólares, assim que o montante que pedi ao general se mostrava para mim como uma grande soma. O fato de eu assumir a condição de devedor de tal montante representou uma grande preocupação para mim.

Não perdi tempo em fazer a mudança da escola para a fazenda, onde ainda estavam de pé uma cabana usada antes como refeitório, uma velha cozinha, um estábulo e um velho galinheiro. Em poucos dias tínhamos esses locais em uso. O estábulo reparado passou a ser uma sala de recreio e mais recentemente o galinheiro assumiu a mesma finalidade.

Recordo, certa manhã, quando eu disse a um homem da vizinhança e que por vezes me ajudava, que nossa escola havia crescido tanto que seria necessário viessem a usar o galinheiro como sala de aula, e que por isso desejava que ele me ajudasse a deixar tudo arranjado já para o dia seguinte. Respondeu-me então, de forma a mais sincera possível: “O patrão está pensando que eu posso limpar o galinheiro em um dia só?”

Praticamente todo o trabalho de arranjar o novo local, pondo-o em condições de ser usado, foi feito pelos estudantes após o término das aulas à tarde. Tão pronto os barracões ficaram em condições de uso, decidi por preparar um pedaço de terra, de forma a ser tornar agricultável. Quando expliquei meu projeto aos jovens, tive a impressão que não gostaram muito. Parecia difícil para eles entender a ligação que pudesse existir entre preparar a terra para o plantio e educação. A mais, muitos deles haviam sido mestres-escolas, assim que ficavam a indagar se o trabalho manual não afetaria sua dignidade. Para livrá-los de qualquer embaraço, após o meio-dia eu apanhava o machado e ia cortar árvores. Quando notaram que eu não temia o trabalho, tampouco me envergonhava, passaram a ajudar-me com mais entusiasmo. Repeti o trabalho vespertino até que havíamos limpado uns oito hectares e feito uma sementeira.

Nesse ínterim, a senhorita Davidson estudava meios de pagar o empréstimo. Iniciou por patrocinar quermesses e “jantares”. Empreendeu uma cruzada pessoal entre as famílias de brancos e de cor na vila de Tuskegee, conseguindo fazer com que doassem algo, como um bolo, uma galinha, pão ou torta, para serem leiloados nos encontros. Naturalmente, as pessoas de cor

mostravam-se felizes em doar qualquer coisa que pudessem abrir mão; mas desejo aduzir que a senhorita Davidson, em momento algum, deparou-se com uma negativa, por parte dos brancos a quem pediu apoio. De muitas maneiras famílias brancas demonstraram simpatia pela escola.

Muitas eram as quermesses, pouco entretanto era o dinheiro que geravam. Gestão foi feita, também, junto a membros de ambas as raças, no sentido que viessem a doar dinheiro, e a maioria dos que atenderam concederam modestas quantias. Comumente era emocionante, até patético, verem-se doações de pessoas idosas, a maioria dos quais passaram o melhor de seus dias na escravidão. Às vezes doavam cinco centavos, às vezes vinte e cinco centavos. Noutras vezes, a doação era uma colcha ou um feixe de cana-de-açúcar. Recordo-me de uma idosa senhora de cor, na casa dos setenta anos de idade, que veio me visitar ao tempo em que juntávamos dinheiro para pagar o empréstimo. Mancando ela adentrou o local onde me encontrava, apoiada numa bengala. Vestia-se com trapos, que entretanto eram limpos. Ela disse: “Senhor Washington, Deus sabe que eu passei o melhor de meus dias na escravidão. Deus sabe que sou ignorante e pobre, mas sei bem o que o senhor e a senhorita Davidson estão tentando fazer. Sei que vocês desejam desenvolver homens e mulheres mais preparados para a raça de cor”. E acrescentou: “Eu não tenho dinheiro algum, mas gostaria que você recebesse essa meia dúzia de ovos, que economizei, e que use esses ovos na educação desses meninos e meninas”.

Desde que se iniciou o projeto Tuskegee, recebi muitas doações, nenhuma entretanto tocou-me tão profundamente quanto essa.



## CAPÍTULO IX

### *Dias de ânsia e noites insones*

*A* chegada do Natal, aquele primeiro ano de nossa estada no Alabama, deu-nos a oportunidade de uma maior intimidade com a vida real das pessoas. A primeira evidência que as festas natalinas haviam chegado era a freqüente visita de crianças, batendo à nossa porta, em busca de presentes. Entre duas e cinco horas da manhã ali estiveram cerca de cinqüenta crianças pedindo presentes. Esse costume permanece ainda hoje em muitas comunidades do Sul.

Durante a escravidão, era um hábito observado praticamente em todo o Sul, dar uma semana de folga aos escravos a partir do Natal, ou permitir que a folga se estendesse enquanto a “fogueira do Natal” se mantivesse acesa. Era encarado como normal que os homens de cor, e também as mulheres, acabassem embriagados. Constatamos que por toda a semana que se seguia ao Natal era muito difícil na vila de Tuskegee encontrar quem se dispusesse a fazer qualquer tarefa até a entrada do novo ano. Pessoas que não costumavam beber muito, permitiam-se durante esse período embriagarem-se. Eram dias de grande extroversão, com as pessoas rindo e divertindo-se; era tolerado o uso de armas de fogo e também de pólvora. O sentido sacro do período parecia desaparecer por completo.

Nesse tempo de Natal, aproveitamos a folga para visitar uma das maiores plantações, afastada da vila. Em sua ignorância e pobreza, era patético ver a forma como se empenhavam em divertirem-se, numa época em que na maioria do país tudo é tão venerado e santo. Num casebre constatei que todas as cinco crianças tiveram que ser lembradas que o nascimento de Jesus não era tão somente uma porção de fogos de artifício, que haviam dividido entre si. Noutra cabana, onde estavam pelo menos meia dúzia de pessoas, esses dividiam dez centavos de bolinhos de gengibre, comprados no armazém no dia anterior. Noutra família tinham apenas alguns pedaços de cana-de-açúcar. Ainda noutra casebre encontrei nada mais do que uma moringa de uísque ruim e barato, consumidos pelo casal; e o marido era um dos pastores locais. Em muitas casas encontrei as pessoas usando

como decoração cartazes que eram distribuídos como anúncios publicitários. Vi quem comprou uma nova pistola. Na maioria dos casos nada havia nos casebres que pudesse lembrar o nascimento do Salvador, senão que as pessoas estavam de folga, ociosos em torno a suas cabanas. À noite, nesse período, havia o folguedo que se constituía em reunir-se numa determinada cabana onde bebiam e dançavam músicas rústicas, e que comumente envolvia tiroteio e navalhadas.

Encontrei-me ainda com um pregador de cor — um dos muitos ministros locais — que tentou convencer-me, a partir do que ocorrera com Adão no paraíso, que Deus amaldiçoara todo o trabalho; assim, era pecado para qualquer pessoa trabalhar. Por isso, ele trabalhava o mínimo possível. E mostrava-se muito feliz posto que vivia, nas suas próprias palavras, uma semana livre de pecado.

Empenhamo-nos, em nossa escola, por ensinar aos alunos o significado do Natal, e como guardá-lo adequadamente. Nesse sentido, fomos muito bem sucedidos a tal ponto que posso afirmar que a época natalina tem um novo significado, não apenas na região da escola, mas também nos locais para onde foram os ex-alunos.

Atualmente, dentre as coisas boas das festas natalinas e do dia de Ação de Graças em Tuskegee é a despreendida beleza da atuação dos graduados e dos estudantes levando conforto e alegrias aos demais, especialmente aos desafortunados. Não faz muito tempo, alguns de nossos jovens passaram um feriado reformando o casebre pertencente a uma pobre mulher de setenta e cinco anos. Noutra oportunidade, e dei conhecimento a todos uma noite na capela, um estudante muito pobre padecia com o frio, necessitando de um casaco. Na manhã seguinte dois casacos foram entregues em meu escritório.

Já me referi à disposição de brancos residentes em Tuskegee ou nas vizinhanças de ajudar a escola. Desde o início, decidi por fazer da escola parte integrante da comunidade em que se assentara. Eu estava determinado, ninguém deveria ter o sentimento de tratar-se de um empreendimento de fora, plantado no meio do povo, para o qual não teriam qualquer responsabilidade e não devotariam interesse. Compreendi que o simples fato deles haverem participado no processo de aquisição da terra os fazia sentir como se aquele fosse ser a sua escola, num sentido amplo. Percebi, também, na mesma proporção, assim como fazíamos os brancos sentir que a instituição era parte da vida da comunidade, e que, se almejávamos fazer amizades em Boston, por exemplo, também desejávamos fazer

amigos em Tuskegee, e que queríamos tornar a escola um efetivo serviço para o povo — sua atitude face à escola tornava-se favorável.

Talvez deva acrescentar, neste momento, o que vou demonstrar mais adiante, que tanto quanto sei, a nossa escola não tem admiradores mais entusiastas, em qualquer outro lugar, do que dentre a comunidade de brancos de Tuskegee, no estado do Alabama e em todo o Sul. Desde logo instruí nossa gente no Sul para que procurassem fazer amigos de maneira gentil, vigorosa com seus vizinhos, fossem eles de cor ou brancos. Também os aconselhei que, em não ferindo princípios, considerassem os interesses de suas comunidades, e com seus amigos se envolvessem na questão do voto.

Por muitos meses, o trabalho de conseguir dinheiro para o pagamento da prestação da fazenda prosseguiu sem cessar. Ao fim de três meses havia já fundos para repassar ao general Marshall os duzentos e cinquenta dólares que emprestara, e, mais outros dois meses adiante, conseguimos o restante que completou quinhentos dólares, com o que obtivemos a escritura de nosso terreno com quarenta hectares e fração. Isso encheu-nos de satisfação. Não se tratava apenas da alegria de obter um espaço permanente para a escola, mas também por saber que grande parte do dinheiro obtido para aquela compra viera tanto de pessoas de cor quanto de brancos da vila de Tuskegee. A maior parte do dinheiro foi obtido através de quermesses, outras atividades comunitárias, bem como de pequenas doações individuais.

O passo seguinte voltou-se para o aumento da atividade agrária, visando conseguir algum resultado econômico e dar treinamento agrícola para os estudantes. Todas as atividades de produção, em Tuskegee, nasceram naturalmente, seguindo uma ordem lógica, crescendo a partir das necessidades de consolidar a comunidade escolar. Iniciamos, assim, com a agricultura, posto que necessitávamos o que comer.

Uma das limitações dos alunos, era sua capacidade financeira para se manter por períodos longos, pagando por seu internato. Assim, outro lado importante da atividade industrial da escola era o de ensinar aos alunos uma renda, a partir de seu labor e permanecer na escola no período letivo normal de nove meses.

O primeiro animal que se tornou propriedade da escola, foi um cavalo velho e cego, doado por um dos cidadãos brancos de Tuskegee. Todavia, talvez deva acrescentar que hoje a escola possui mais de duzentos cavalos, potros, mulas,

vacas, terneiros e bois, bem como setecentos porcos e leitões, além de um número expressivo de ovelhas e cabras.

A escola crescia permanentemente, tanto que após havermos quitado o débito da fazenda, o cultivo da terra se iniciou e consertamos os antigos casebres que ali existiam, voltamo-nos para a construção de uma grande edificação. Após muita elaboração conseguimos ter em mãos os projetos de engenharia de um prédio que custaria cerca de seis mil dólares. Isso se apresentava para nós como uma imensa soma, mas sabíamos que a escola ou iria para frente ou ruiria, e que nosso trabalho significaria muito pouco a menos que pudéssemos acompanhar a vida dos estudantes.

Um incidente que aconteceu mais ou menos nesse período encheu-me de satisfação e também surpresa. Quando se tornou do conhecimento da vila que discutíamos projetos para um novo e grande prédio, um branco sulista que operava uma serraria não muito distante de Tuskegee se aproximou de mim e disse que com satisfação poria à disposição toda a madeira que se fizesse necessária, sem outra garantia de pagamento, senão a minha palavra: assegurar que tão pronto tivéssemos recursos começaríamos a reembolsá-lo. Informei francamente ao madeireiro que não possuíamos, no momento, sequer um dólar do necessário para iniciar o projeto. Apesar disso, insistiu em começar a colocar a madeira onde a obra iria se desenvolver. Após havermos juntado algum dinheiro, permitimos que ele começasse a trazer a madeira.

A senhorita Davidson recomeçou seu trabalho de levantamento de fundos recolhendo pequenas contribuições de pessoas de cor e brancos. Creio nunca haver visto uma comunidade tão feliz com um objetivo, como àquela em relação ao novo colégio. Um dia, numa reunião para obtenção de fundos para a obra, um velho do tempo anterior à guerra deslocou-se cerca de vinte quilômetros trazendo em sua carroça um porco grande. Em meio à quermesse ele se apresentou para informar que não tinha dinheiro para contribuir, mas que havia criado dois porcos, um dos quais trouxera como forma de contribuir para a construção da nova escola. E enfeixou sua fala assim: “Qualquer negro que tenha um pouco de amor por sua raça, ou respeito para consigo mesmo, trará ainda que um porco no próximo bazar”. Um bom número de homens da comunidade apresentou-se como voluntários para doar parte de seu tempo no trabalho da construção.

Após havermos conseguido exaurir Tuskegee como contribuinte, a senhorita Davidson resolveu marchar em direção ao Norte buscando recursos adicionais. Ao longo de algumas semanas ela visitou indivíduos e fez a apresentação do projeto em igrejas e outras organizações, missão que se mostrava um tanto fatigante e não raro embaraçosa. A escola era desconhecida, mas não estava muito distante em conseguir lograr a confiança das pessoas bem intencionadas do Norte.

O primeiro donativo oriundo de um nortista, veio de uma dama nova-iorquina que viajara no mesmo navio que levava a senhorita Davidson em sua viagem para o Norte. As duas começaram a conversar, e a dama nortista mostrou-se tão interessada no trabalho que se desenvolvia em Tuskegee que, ao se despedir, deixou como contribuição um cheque de cinqüenta dólares. Por algum tempo, antes e mesmo depois de nosso casamento, a senhorita Davidson continuou sua peregrinação ao Norte, buscando recursos, ou se manteve em contato através de correspondência. Ao mesmo tempo, continuou ligada intimamente ao desenvolvimento da escola, como co-diretora e professora. A mais, prestava assistência a idosos tanto na vila quanto em seus arredores e lecionava na escola religiosa dominical. Nunca foi uma pessoa forte, mas somente se mostrava plena quando dava todo seu empenho para a causa que amava. Comumente, após passar um dia indo de casa em casa, tentando sensibilizar as pessoas em cooperar com Tuskegee, ao chegar de volta à noite mostrava-se tão cansada a ponto de não conseguir trocar de roupa. Uma pessoa com quem marcou um encontro em Boston, contou-me, algum tempo depois, que deixou a senhorita Davidson na sala de espera por certo tempo; quando pode atendê-la, constatou, de tão exausta, a visitante adormeceu.

Enquanto erguíamos o primeiro prédio — denominado Porter Hall, numa homenagem ao senhor A. H. Potter, de Brooklyn, Nova York, que fez uma generosa oferta — a necessidade de dinheiro tornou-se crítica. Certa feita havia prometido a um de nossos fornecedores a garantia do pagamento de quatrocentos dólares. Todavia, no dia do vencimento, não possuíamos um dólar. Ao meio-dia, quando chegou o correio, uma carta trazia um cheque de exatos quatrocentos dólares enviado pela senhorita Davidson. Posso relatar muitos casos semelhantes. Esses quatrocentos dólares foram doados por duas senhoras de Boston. Dois anos adiante, quando o trabalho em Tuskegee aumentou sobremodo, quando estávamos em meio a um tempo em que necessitávamos tanto de dinheiro a tal ponto que o

futuro se mostrava tão sombrio, as mesmas duas senhoras de Boston enviaram-nos seis mil dólares. Palavras não serão o bastante para descrever a nossa surpresa, ou o estímulo que a doação nos trouxe. Talvez eu deva acrescentar, ao longo de quatorze anos esses mesmos amigos enviaram-nos seis mil dólares anualmente.

Tão pronto as plantas do novo edifício ficaram prontas, os estudantes iniciaram a furar a terra onde se iriam assentar as fundações do prédio, num trabalho executado após as aulas. Eles ainda não haviam amadurecido de todo a idéia que era condizente com o estudo, o trabalho manual, pois haviam ido “para estudar e não para trabalhar manualmente”, como um deles chegou a dizer. Embora de forma gradual, notei com satisfação que as manifestações em favor do labor ganhavam espaço. Após umas poucas semanas de trabalho duro as fundações estavam assentadas, e um dia escolhido como de lançamento da pedra-fundamental.

Quando se leva em consideração que o assentamento dessa pedra de fundação ocorreu no coração do Sul, no “Cinturão Negro”, em meio à área de nossa pátria que mais acolhera a escravidão; e que a abolição havia acontecido havia apenas dezesseis anos; ainda, que nenhum negro podia ser educado sem que quem lhe ensinasse recebesse a condenação da lei ou do sentimento público — quando tudo isso é levado em consideração, o cenário que se divisava naquele dia de primavera em Tuskegee era extraordinário. Creio haver poucos lugares no mundo onde isso pudesse ocorrer.

O discurso principal foi proferido pelo excelentíssimo Waddy Thompson, superintendente de Educação do município. Em torno à pedra-fundamental estavam os mestres, os alunos, seus pais e amigos, os funcionários da municipalidade — todos brancos —, além de brancos de destaque nas vizinhanças, a quem se juntavam homens e mulheres, muitos dos quais, poucos anos atrás, aqueles possuíam os certificados de sua propriedade.

Os integrantes das duas raças mostravam-se ansiosos em exercitar o privilégio de aproximar-se um instante da pedra angular.

Antes de o edifício haver sido completado, passamos por maus momentos. Mais de uma vez, nossos corações sangraram em conseqüência dos débitos que se venciam e não tínhamos dinheiro para honrá-los. Talvez ninguém, sem que haja antes passado por experiência semelhante, mês após mês, de tentar construir e adquirir equipamento para uma escola, sem saber de onde o dinheiro haveria de vir,

possa adequadamente avaliar as dificuldades porque passamos. Durante os primeiros anos de Tuskegee, lembro noite após noite haver ficado acordado, virando-me na cama, tanta era a ansiedade e incerteza quanto à obtenção de recursos. Eu tinha consciência que desenvolvíamos um experimento — a avaliação da capacidade do negro em construir e administrar uma grande instituição de ensino. Eu sabia que, se falhássemos, comprometeríamos toda uma raça. Eu sabia que a presunção era contra nós. Eu sabia que, iniciado por brancos, um empreendimento como o nosso seria aceito como viável, que teria sucesso; em nosso caso, todavia, eu sentia que surpresa seria se alcançássemos sucesso. Tudo isso fazia maior o peso que carregávamos, algumas vezes, na intensidade de uma tonelada por metro quadrado.

Apesar de todas as nossas dificuldades e aflições, jamais me dirigi a um branco ou a um negro na vila de Tuskegee pedindo auxílio que eu sabia poderia ser acima de sua capacidade. Em mais de uma dúzia de oportunidades, quando contas que somavam centenas de dólares venciam, eu me socorria de brancos em Tuskegee, pedindo-lhes pequenos empréstimos. Algo que me determinara fazer, desde o início, foi manter alto o crédito da escola; e isto penso que posso afirmar sem me vangloriar, é o que temos feito ao longo de todos esses anos.

Vou lembrar-me sempre do conselho que me deu o senhor George W. Campbell, pessoa a quem me referi antes, como sendo quem induziu o general Armstrong a destacar-me para Tuskegee. Logo após eu haver iniciado o trabalho, o senhor Campbell disse-me de forma paternal: “Washington, lembre-se sempre que crédito é capital”.

Num momento em que nos encontrávamos na maior dificuldade para conseguir dinheiro, expus com clareza o problema ao general Armstrong. Sem qualquer hesitação, assinou um cheque de sua conta pessoal passando-nos todas as suas economias. Essa não foi a única vez que o general Armstrong auxiliou Tuskegee dessa forma. Creio que eu nunca havia revelado esse fato antes.

Durante o verão de 1882, ao término do primeiro ano de trabalho da escola, casei-me com a senhorita Fannie N. Smith, de Malden, Virgínia do Oeste. Começamos a morar em Tuskegee no início do outono. Surgia assim a casa de nossos professores, que agora já somam quatro. Minha esposa era também egressa do Instituto Hampton. Após trabalho dedicado e constante à escola, ao que se

somava sua ocupação de dona de casa, veio a falecer em maio de 1884, deixando uma filha de nome Portia M. Washington.

Minha primeira esposa, desde cedo, devotou todo seu tempo e trabalho à escola, formando uma unidade comigo em cada projeto, em cada aspiração. Entretanto, veio a falecer antes de ter tido a oportunidade de contemplar o que adiante viria a ser Tuskegee.



## CAPÍTULO X

### ***Difícil encargo de fazer tijolos sem palha<sup>32</sup>***

Desde a concepção de Tuskegee, eu vislumbrava para os estudantes não apenas o labor agrícola e os ensinamentos de aula, mas também que eles viessem a participar do trabalho de construção dos prédios. Eu planejava ensinar, enquanto desempenhavam esse serviço, os melhores métodos de trabalho, sua beleza e dignidade; seria ensinado, de fato, como erguer o trabalho acima da simples lida e faina, assim ensinando-os a sentir amor pelo labor. Meu projeto não era o de ensinar-lhes a trabalhar como antigamente, mas como fazer com que as forças da natureza — o ar, a água, o vapor, a eletricidade — os ajudassem em suas tarefas.

Desde o início, fui alertado contra o experimento de erguer os prédios com a mão-de-obra dos alunos, mas eu estava determinado a agir assim. Disse àqueles que duvidavam do acerto de meu projeto que nossas edificações não seriam tão confortáveis ou bem-feitas como as construídas pelas mãos de operários especializados; mas que o ensino de civilização, auto-ajuda e autoconfiança na construção dos edifícios compensaria mais do que qualquer falta de conforto ou fino acabamento.

Disse a mais, àqueles que duvidavam do acerto do plano, que em sua maioria nossos alunos eram pobres, oriundos de cabanas das plantações de algodão, cana-de-açúcar e arroz do Sul; enfim eu estaria ensinando-lhes, num processo de aprendizado mais natural, a maneira de como construir suas próprias casas no futuro. Enganos seriam cometidos, mas esses erros haveriam de nos ensinar lições valiosas para o futuro.

Durante a existência do Instituto Tuskegee, agora em seu décimo nono ano de existência, o conceito de ser edificado pelos próprios alunos consolidou-se como norma. Nesse período, quarenta prédios, entre grandes e pequenos, foram

---

<sup>32</sup> - Das imagens bíblicas que se contém em Êxodos, capítulo cinco.

construídos, e todos, com exceção de quatro, se constituem em realização dos estudantes. Como resultado extra, centenas de homens se espalham hoje pelo Sul, que receberam treinamento em mecânica, ao mesmo tempo em que aprenderam como construir prédios. Adestramento e conhecimento são passados de uns para outros alunos, de tal forma que prédios, não importa que tamanho ou altura, podem ser levantados pelo trabalho de instrutores e seus pupilos, a partir das plantas até a fixação dos condutores elétricos, sem que seja necessário a interferência de um trabalhador externo sequer.

Não poucas vezes, quando novos alunos foram tentados a enamorar-se de modelos nascidos de uma grafita ou de um entalhador, ouço de algum aluno veterano a lembrar-me: “Este é nosso prédio. Eu ajudei a construí-lo”.

Nos primeiros anos da escola, creio que minha experiência mais penosa foi na questão do fabrico de tijolos. Logo que o trabalho de plantação se encontrava funcionando razoavelmente bem, nos voltamos para a produção de tijolos. Isso se fazia necessário para a construção dos prédios; mas existia ainda outra razão para a sua implantação: não havia uma olaria sequer na vila, assim que além de nossas necessidades, lá estava uma demanda de tijolos em toda a comunidade.

Sempre me agradou a passagem bíblica onde os “Filhos de Israel” tinham a missão de “fazer tijolos sem palha”. Nós tínhamos o encargo de fazer tijolos sem dinheiro nem experiência.

Em primeiro lugar, o trabalho era duro e sujo, assim, tornava-se difícil contar com a colaboração dos alunos. Em se tratando do fabrico de tijolos, sua aversão ao trabalho manual, como extensão do dever escolar, tornava-se especialmente evidente. Não era em nada agradável ficar sentado por horas na jazida, com barro até os joelhos. Mais de um estudante ficou desgostoso com o encargo e abandonou a escola.

Antes de acharmos a jazida, tentamos em diversos lugares encontrar argila. Eu sempre pensara que fazer tijolos era coisa simples, mas em seguida descobri a partir dessa amarga experiência que aquele trabalho requeria qualificação e conhecimento, especialmente quanto à queima dos tijolos. Após muito esforço conseguimos moldar vinte e cinco mil tijolos, colocando-os num forno para serem queimados. Esse forno mostrou-se um fracasso, pois não fora adequadamente construído e corretamente queimado. Partimos em seguida para um segundo forno, que também por alguma razão não deu certo. O desarranjo desse último forno fez

com que os alunos se mostrassem ainda mais avessos ao projeto da olaria. Alguns dos mestres, que haviam tido sua formação em Hampton ofereceram-se como voluntários, de tal forma que o terceiro forno parecia que resultaria em sucesso. A queima da estrutura de um forno exigia uma semana. Quase ao fim desse período, quando tínhamos a impressão que disporíamos de muitos milhares dali a poucas horas, no meio da noite o forno desabou. Pela terceira vez falhamos.

O insucesso desse terceiro forno deixou-me sem um dólar sequer para mais uma tentativa. A maioria dos mestres aconselhou o abandono do projeto. Em meio a meus tormentos, recordei-me de um relógio que tinha já há algum tempo. Fui então à cidade de Montgomery, não muito distante, onde coloquei-o numa casa de penhores. Consegui quinze dólares pelo relógio, com os quais reiniciaria o experimento da olaria. Retornei para Tuskegee onde com o auxílio dos quinze dólares reuni nossas forças bastante abaladas e iniciamos a quarta tentativa de fazer tijolos. Desta feita, agrada-me dizer, tivemos sucesso. Antes de receber qualquer dinheiro, o tempo ajustado do penhor expirara, assim que nunca mais vi o relógio; mas jamais me arrependi da perda.

A olaria se tornou agora uma indústria tão importante do instituto que no período escolar passado os estudantes produziram um milhão e duzentos mil tijolos de qualidade bastante para serem vendidos em qualquer mercado. Além disso, diversos alunos seguiram o caminho da cerâmica, produzindo tijolos tanto manualmente como com o auxílio de máquinas, estando agora integrados a essa indústria em muitas partes do Sul.

O fabrico dos tijolos ensinou-me uma importante lição no que concerne ao relacionamento das duas raças no Sul. Muitos brancos que nunca haviam tido qualquer contato com a escola, e talvez qualquer simpatia para com ela, chegaram até nós em busca de tijolos, por considerar o que produzíamos como um bom produto. Eles descobriram que fabricávamos algo que a comunidade era carente. O fabrico de tijolos fez com que os moradores brancos das vizinhanças sentissem que educar negros não os tornava inúteis; que ao contrário, em instruindo nossos alunos agregávamos algo à prosperidade e bem-estar da comunidade. Na medida em que os moradores vinham comprar tijolos, nos tornávamos conhecidos — eram nossos fregueses e nós seus vendedores. Nossos interesses comerciais tornaram-se integrados. Tínhamos o que eles desejavam e eles possuíam algo que queríamos. Isso, em grande parte, ajudou-nos a lançar as bases para um relacionamento cordial

que se manteve com os brancos daquela zona, e que agora se estende por todo o Sul.

Sempre que um de nossos oleiros partia para o Sul, sabíamos que ele possuía algo a contribuir para o bem-estar da comunidade a qual aderiria; alguma coisa que fazia essa comunidade sentir-se, talvez, de alguma forma, em débito e dependente de si. Dessa forma, relações cordiais entre as duas raças foram estimuladas.

Minha experiência diz haver algo na natureza humana que sempre faz um indivíduo reconhecer e premiar o mérito, não importa sob que cor de pele ele se encontre. Descobri, também, ser o visível, o tangível, quem mais distante fica do preconceito. A visão de uma casa de primeira categoria construída por um negro é dez vezes mais poderosa do que paginas de discussão sobre uma casa que ele deveria ou teria, talvez, capacidade de construir.

O mesmo princípio de educação técnica, foi usado desde cedo na construção de nossos carroções, carroças e charretes. Hoje, possuímos e usamos em nossa fazenda, e na escola, dezenas desses veículos, e cada um deles foi construído pelas mãos dos estudantes. A mais, ajudamos a suprir o mercado local com esses veículos. Vendê-los na comunidade gerou o mesmo efeito surgido com a olaria. O homem que aprendeu em Tuskegee a construir e consertar carroções e carroças passa a constituir-se num benfeitor das duas raças na comunidade para onde vai. As pessoas com quem vive e trabalha, pensarão duas vezes antes de discriminar um tal cidadão.

Uma pessoa que é capaz de gerar algo que outros necessitam aplainará, enfim, seu caminho, não importa qual sua raça. Alguém pode ingressar numa comunidade preparado para oferecer às pessoas análise de frases em grego. A comunidade pode, nesse momento, não estar pronta para, ou necessitada, do estudo de grego; mas poderá demonstrar sua carência de tijolos, casas e carroças. Se essa pessoa puder suprir tais necessidades, então o próximo passo será o desejo de alcançar enfim o primeiro produto, e com a demanda nascerá a habilidade de apreciar e desfrutá-lo.

Quando conseguimos pela primeira vez obter uma fornada com sucesso começamos a enfrentar crescentes objeções dos estudantes, quanto ao trabalho na olaria. Nessa época havia sido amplamente divulgado que as pessoas que viessem estudar em Tuskegee, não importando sua capacidade financeira, teriam de

aprender algum tipo de indústria. Muitas cartas chegaram de pais que reclamavam contra a imposição a seus filhos de trabalho, enquanto estudantes. Houve pais que compareceram em pessoa à escola para protestar. A maioria dos novos estudantes portava cartas assinadas por seus pais informando seu desejo que os filhos tivessem apenas aulas teóricas. Mais livros, maiores no tamanho, compridos os seus títulos, mais parecia agradar a alunos e pais.

Dei pouca atenção a esses protestos, exceto que não perdi oportunidade de viajar o mais intensivamente possível no estado, visando falar com os pais, mostrando-lhes o valor do ensino técnico. Também, permanentemente falava com os estudantes no mesmo tom. Apesar da impopularidade do ensino industrial a escola continuou desenvolver-se, aumentando o número de alunos, chegando em seu segundo ano a um total de cento e cinquenta, vindos de quase todos os recantos de Alabama e de alguns outros estados.

No verão de 1882, a senhorita Davidson e eu viajamos para o Norte e empreendemos o trabalho de levantar fundos para a conclusão de um novo prédio. Nesse rumo, parei em Nova York buscando uma carta de recomendação de um funcionário de certa organização missionária da qual me tornara conhecido alguns anos atrás. Essa pessoa não apenas se recusou a dar-me a carta, mas aconselhou-me voltar para casa, e não tentar conseguir fundos, pois estava certo que eu não conseguiria mais do que o necessário para pagar minhas despesas de viagem. Agradei seu aviso, mas segui meu caminho.

O primeiro lugar que visitei, no Norte, foi Northampton, em Massachusetts, onde passei cerca de meio dia em busca de uma família de cor, onde eu pudesse me acomodar, sequer sonhando que um hotel iria hospedar-me. Fiquei imensamente surpreso quando soube que não haveria qualquer problema em alojarme num hotel.

Tivemos sucesso em obter recursos o bastante, tanto que no Dia de Ação de Graças daquele ano realizamos o primeiro serviço na capela de Porter Hall, mesmo que o prédio ainda não estivesse concluído.

Em buscando alguém para a prédica do Dia de Ação de Graças encontrei uma pessoa das mais raras que jamais tive a oportunidade de conhecer. Este era o reverendo Robert C. Bedford, branco de Wisconsin, que era então o pastor de uma pequena congregação de pessoas de cor, em Montgomery, estado do Alabama. Antes de deslocar-me àquela cidade em busca de alguém para o sermão nunca

ouvira falar no senhor Bedford e ele tampouco havia ouvido falar a meu respeito. Com prazer aceitou o convite. Era a primeira vez que as pessoas de cor em Tuskegee presenciavam aquele ato, e que interesse profundo demonstravam! A visão do novo prédio transformou aquele dia em algo para não ser jamais esquecido.

O senhor Bedford aceitou se tornar um dos curadores da escola e, nessa função, sempre atuante, permaneceu por dezoito anos. Durante esse período ele alojou a escola, dia e noite, em seu coração, mostrando-se inigualavelmente feliz quanto ao prestar qualquer serviço, por mais humilde. Ele obliterou por completo a si mesmo em tudo, buscando apenas pela oportunidade de prestar serviço onde isto fosse o mais desagradável, onde outros não se sentiriam atraídos. Na nossa relação ele parecia demonstrar que chegava próximo ao espírito do Senhor como o comum das pessoas nunca alcançam.

Um pouco adiante, veio a trabalhar na escola outro cidadão, bastante jovem, então recém saído de Hampton, que, sem os seus serviços, a escola, jamais teria se transformado no que é atualmente. Este era o senhor Warren Logan, que agora, por dezessete anos, tem sido o tesoureiro do instituto e o diretor substituto, quando de minhas ausências. Ele sempre demonstrou um grau de altruísmo e um tanto de tino comercial, que se completava com a capacidade de julgamento bem delineado, o que manteve a escola em funcionamento normal, não importando o tempo que eu dela me afastasse. Durante as crises financeiras porque a escola passou, sua paciência e fé em nosso sucesso ao fim jamais o abandonaram.

Tão pronto o primeiro prédio se encontrava concluído o bastante para que pudéssemos dele ocupar uma parte — era a metade do segundo ano da fundação —, pusemos em funcionamento o pensionato. Estudantes começavam a vir de lugares bastante distantes, e com o aumento crescente de seu número, estávamos apenas arranhando a superfície e perdendo o controle de sua vida, no após classes.

Não tínhamos mais do que alunos e seus desejos com os quais iniciar um pensionato. Não houve previsão no prédio em construção para uma cozinha e um refeitório; mas chegamos à conclusão que cavando uma grande porção de terra na base do prédio conseguiríamos construir um porão parcialmente iluminado que poderia ser usado como cozinha e refeitório. Novamente convoquei os estudantes para que, voluntariamente, se juntassem ao trabalho de escavação. Houve colaboração e, em poucas semanas, contávamos com um local para cozinhar e comer, mesmo que seu aspecto fosse muito tosco e desconfortável. Qualquer

pessoa que venha a contemplar aquele local hoje jamais acreditará que ali fora um refeitório.

O problema mais sério, todavia, fora conseguir implantar o pensionato e colocá-lo em condições de funcionamento, pois não tínhamos moveis e dinheiro para adquirir qualquer coisa. Os comerciantes da vila não oporiam restrições a que comprássemos quanto quiséssemos a crédito em gêneros alimentícios. De fato, nos anos iniciais sentia-me seguidamente embaraçado posto que as pessoas da vila pareciam ter mais fé em mim do que eu mesmo. Era todavia bastante complicado cozinhar sem ter fogão e embaraçoso comer sem pratos. No início, a comida era feita do lado de fora, no mais antigo e primitivo modelo, com panelas e caçarolas dispostas sobre o fogo. Algumas das bancadas utilizadas pelos carpinteiros na construção eram agora usadas como mesas de comer. Quanto aos pratos, eram tão poucos que não vale a pena descrevê-los.

Ninguém do pensionato parecia ter alguma idéia que as refeições deveriam ser servidas em determinadas horas, fazendo com que essa constatação se constituísse em grande aborrecimento. Tudo se mostrava tão fora de esquadro e tão inconveniente que não vou errar em dizer que nas primeiras duas semanas algo estava desajustado em cada refeição. Ou a carne estava mal passada ou queimada, ou o pão saíra sem sal, ou do chá haviam esquecido.

Cedo, certa manhã, me encontrava de pé, próximo da porta do refeitório ouvindo queixas de alunos. As reclamações essa manhã eram notadamente enfáticas e numerosas, pois todo o desjejum havia sido um fiasco. Uma das jovens que não conseguira qualquer alimento correu em direção ao poço a fim de obter água para substituir o desjejum que não obtivera. Quando chegou ao poço, constatou que a corda que prendia a caçamba estava rompida, assim que não pode conseguir nem água. Ela se afastou do poço e num tom absolutamente desencorajador, desconhecendo que me encontrava ao alcance de sua voz disse: “Não se pode sequer conseguir água nesta escola”. Creio que nenhuma assertiva chegou tão perto de desencorajar-me como aquela.

Noutra oportunidade, quando o senhor Bedford — a quem já me referi, como um de nossos curadores e um devoto amigo da instituição — nos visitava, foi-lhe designado um dormitório postado acima do refeitório. Cedinho, pela manhã, foi acordado com uma discussão animada entre dois rapazes no refeitório abaixo. A disputa envolvia questão referente a quem cabia o direito de usar a xícara do café

naquela manhã. O vencedor da contenda conseguiu provar que nas últimas três manhãs ele não usara uma vez sequer a xícara.

Mas, gradualmente, com perseverança e trabalho, impusemos ordem ao caos, da mesma forma como ocorre com qualquer problema, desde que a gente se dedique com paciência e critério, além de sincero esforço.

Olhando agora para essa parte da luta, fico satisfeito que tenhamos passado por isso. Fico contente que tenhamos enfrentado todos esses desconfortos e inconvenientes. Sinto-me feliz porque os estudantes tiveram de cavar o local onde assentou-se a cozinha e o refeitório. Fico satisfeito que nosso primeiro dormitório foi no lúgubre, mal-iluminado — um úmido subsolo. Houvéssemos iniciado tudo num refinado, atrativo, e adequado espaço, temo que viéssemos a “perder nossas cabeças” e tornarmo-nos “presunçosos”. Isto significa muito, creio, iniciar uma base que alguém fez para si mesmo.

Quando nossos veteranos retornam a Tuskegee, como ocorre com freqüência, e visitam nosso refeitório amplo, belo, bem ventilado, deparam-se com apetitosos e bem cozidos alimentos, vêem mesas cobertas com toalhas limpas e guarneçadas com guardanapos; ornadas com vasos de flores; ouvem o cantar de pássaros, e constatam que cada refeição é servida exatamente na hora certa, sem improvisado e sem reclamações vindas das centenas que hoje enchem o refeitório — comumente dizem-me de sua satisfação por havermos iniciado do jeito que fizemos, e edificamos nos mesmos, ano após ano, num lento e natural processo de crescimento.



## CAPÍTULO XI

### *Fazendo a cama antes de nela poder deitar*

Um pouco mais adiante, ficou registrado na história da escola a visita do general J. G. B. Marshall, o tesoureiro do Instituto Hampton, que teve fé o bastante para de início emprestar-nos duzentos e cinqüenta dólares com os quais pagamos a entrada da compra da fazenda. Ele permaneceu por uma semana conosco, fazendo uma minuciosa inspeção de tudo. Demonstrou estar satisfeito com nosso progresso, e remeteu interessantes e encorajadores relatórios para Hampton. Depois, a senhorita Mary F. Mackie, a professora que me submetera um dia ao teste de “varredor”, quando ingressei em Hampton, veio também visitar-nos, e ainda mais adiante veio o próprio general Armstrong.

Ao tempo dessas visitas de amigos do Instituto Hampton a Tuskegee nosso número de mestres havia aumentado consideravelmente, e, na maioria, eram egressos de Hampton. Oferecemos aos visitantes, em especial ao general Armstrong, calorosas boas-vindas. Todos mostravam-se surpresos e encantados com o rápido progresso feito pela escola num curto espaço de tempo. As pessoas de cor, residentes quilômetros distantes da escola, se deslocaram para conhecer o general Armstrong, de quem haviam ouvido muito. O general não era apenas bem-vindo pelos membros de minha raça, mas também pelos sulistas brancos.

Esta primeira visita do general Armstrong ensejou-me a oportunidade de tomar conhecimento de seu caráter como nunca dantes ocorrera. Refiro-me a seu interesse pelos brancos sulistas. Antes disso, pensei que o general tendo lutado contra eles carregaria algum amargor, e mostrar-se-ia interessado em ajudar apenas as pessoas de cor. Mas essa visita convenceu-me que não conhecia a grandeza e a generosidade daquele homem. Em seguida aprendi, por suas visitas aos brancos do Sul, e das conversas que mantivemos, que ele mostrava-se preocupado quanto à prosperidade e a felicidade tanto da raça branca quanto da negra. Ele não nutria qualquer amargor contra o Sul, e mostrava-se feliz quando surgia uma oportunidade para demonstrar sua compaixão. Em todo o relacionamento que tive com o general

Armstrong, jamais o ouvi falar, em público ou particular, uma palavra sequer contra os brancos sulistas. A partir de seu exemplo, nesse contexto, guardei a lição, segundo a qual, os grandes homens cultivam o amor, e que apenas pessoas menores acarinham o espírito de ódio. Entendi que auxílio dado ao fraco torna aquele que concede um forte; e que a opressão do desafortunado torna aquele um fraco.

Conta agora muito tempo desde que aprendi a lição dada pelo general Armstrong; resolvi, assim, que jamais permitiria a alguém, não importando qual sua cor, viesse a limitar e degradar minha alma fazendo-me odiá-lo. Com a ajuda de Deus, creio que me livre por completo de qualquer pensamento doentio em relação aos brancos sulistas por injustiças que possam ter imposto à minha raça. Faço-me sentir tão feliz quando presto serviço a um branco sulista, quanto ao fazer o mesmo para alguém de minha raça. Lamento do fundo de meu coração qualquer pessoa que seja tão desafortunada quanto aqueles que conservam o hábito do preconceito racial.

Quanto mais examino esse tema, mais me sinto convencido que o efeito mais maléfico da prática para a qual as pessoas em certos setores do Sul sentiram-se compelidas, de forma a verem-se livres da força do voto do negro, não se assenta completamente no mal que causaram ao negro, mas na permanente ofensa aos conceitos morais do branco. A injustiça ao negro é temporária, mas para a moral do branco a injúria é permanente. Tenho constatado reiteradamente que quando uma pessoa comete perjúrio, de forma a desmontar a força do voto do negro, em seguida parte para a desonestidade em outras relações sociais, não apenas nas que concernem ao negro, mas também quando envolvem o branco. O branco que se inicia trapaceando o negro, comumente termina enganando seu igual. O branco que começa por desrespeitar a lei, linchando um negro, cedo concede à tentação de fazer o mesmo com um branco. Tudo isso, me parece, dá importância à necessidade de vir a Nação a dar-se as mãos num esforço de resgatar o fardo da ignorância que recai sobre o Sul.

Outra coisa que se torna mais visível cada ano no desenvolvimento do ensino no Sul é a influência do conceito de educação do general Armstrong; e isso não apenas no concernente aos negros, senão que aos brancos também. Na atualidade, não existe praticamente nenhum estado sulista que não esteja se empenhando em garantir ensino técnico para os jovens de ambas as raças, e em

muitos casos é muito fácil rastrear a origem desses esforços, e chegar ao general Armstrong.

Logo após haveremos posto em funcionamento nosso modesto pensionato, o número de estudantes que nos procuravam passou a crescer significativamente. Por semanas, tínhamos não apenas que lutar contra a dificuldade de acolhê-los, sem dinheiro, mas também com a impossibilidade de dar-lhes local onde dormir. Por isso, alugamos um certo número de cabanas nas proximidades, que se encontravam em péssimas condições, assim que nos meses de inverno os estudantes que as ocupavam sofriam muito frio. Cobrávamos pela pensão de cada estudante oito dólares por mês — e todos podiam pagar. Estava incluído aí refeições, quarto, combustível e lavanderia. Concedíamos, também, aos estudantes, bônus para abater de sua conta mensal, relativo a qualquer tipo de serviço que prestassem à instituição. O preço da anuidade, que era de cinqüenta dólares, tínhamos de garanti-la então, como agora, sempre que possível.

Essa modesta taxa em dinheiro deu-nos capital para iniciarmos um pensionato. O clima no segundo inverno de nosso trabalho foi muito inclemente. Não tínhamos condições de fornecer cobertas de cama o bastante para aquecer os alunos. Em verdade, por algum tempo não tínhamos condições, exceto em alguns casos, de conseguir estrados e enxergões de qualquer tipo. Nas noites mais gélidas eu me sentia tão mal, pensando no desconforto dos estudantes, que não conseguia dormir. Lembro-me que em muitas ocasiões, no meio da noite, dirigia-me às barracas usadas pelos jovens, com o propósito de confortá-los. Comumente via alguns deles sentados desordenadamente em torno ao fogo, enrolados no único cobertor que conseguíramos distribuir para cada um, tentando aquecerem-se. Durante toda a noite, muitos deles sequer conseguiram deitar-se. Uma manhã, em que a noite anterior havia sido excepcionalmente fria, solicitei aos estudantes, que estavam na capela, para que, dentre eles os que haviam sofrido muito frio erguessem sua mão. Três mãos se levantaram. Não obstante essas manifestações, praticamente não havia reclamações por parte dos estudantes. Eles sabiam que fazíamos o melhor que podíamos. Mostravam-se felizes face ao privilégio de poderem desfrutar qualquer tipo de oportunidade que viesse a permitir melhorar sua condição. Constantemente, indagavam o que poderiam fazer para aliviar a carga de seus mestres.

Ouvi manifestações, mais de uma vez, tanto no Norte quanto no Sul, que as pessoas de cor não obedecem e não respeitam um ao outro, quando um membro de sua raça é colocado numa posição de mando. Quanto a essas assertivas e crença generalizada, posso dizer que durante os dezenove anos de minha experiência em Tuskegee jamais, tanto por palavras ou atos, fui tratado com desrespeito por qualquer estudante ou funcionário ligado à instituição. De outra parte, sinto-me comumente desconsertado ante as muitas manifestações de solícita bondade que demonstram. Os estudantes não desejavam ver-me a carregar um livro maior, uma pasta ou qualquer tipo de peso. Quando isso ocorria, mais de um se oferecia para ajudar-me. Em estando chovendo, e eu tenha de sair de meu escritório, sempre aparece um aluno com um guarda-chuva, pronto para proteger-me.

Enquanto escrevo sobre esse tema, é um prazer acrescentar que em minha relação com os brancos do Sul jamais fui alvo de algum insulto pessoal. Os brancos que, de Tuskegee e vizinhanças, especialmente, parecem considerar privilégio deferir-me respeito, e comumente chegam a atravessar a rua para demonstrar isso.

Não faz muito, empreendi uma viagem entre Dallas e Huston (no estado do Texas). De alguma forma, tornou-se público que me encontrava naquele trem. Em praticamente cada estação que o trem parou, brancos, em muitos casos funcionários municipais, embarcavam e se apresentavam, agradecendo-me sinceramente pelo trabalho que eu estava tentando desenvolver no Sul.

Noutra ocasião, enquanto fazia uma viagem entre Augusta e Atlanta (no estado da Geórgia), e me encontrando bastante cansado de tanto deslocamento, fui num carro-leito *Pullman*. Quando entrei no vagão encontrei duas senhoras de Boston, que eu conhecia muito bem. Essas generosas senhoras ignoravam os hábitos do Sul, assim que em sua bondade insistiram para que eu me sentasse com elas naquele carro. Após breve hesitação, atendi ao convite. Eu estava ali, havia poucos instantes, quando uma delas, sem meu conhecimento, comandou um jantar para três pessoas. Isso me embaraçou ainda mais. O vagão estava tomado de brancos sulistas, a maioria dos quais tinham os olhos pregados em nosso encontro. Quando soube que o jantar havia sido encomendado, tentei apresentar alguma desculpa que me permitisse sair daquele carro, mas as senhoras insistiram que eu jantasse com elas. Finalmente, recostei-me na poltrona e com um suspiro disse para mim mesmo: “Que assim seja!”

Para aumentar mais o constrangimento da situação, logo após haver sido posta a ceia, uma delas se lembrou que possuía na bolsa um certo tipo de chá, que desejava fosse servido, e, como ela tinha certeza, o garçom não saberia curti-lo adequadamente, insistiu em ela mesma preparar e servir o chá. Enfim, a refeição terminou, mas pareceu-me a mais longa que participara. Tudo concluído, decidi livrar-me da situação embaraçosa em que me metera, dirigindo-me para o vagão de fumar, onde se encontrava a maioria dos homens, a fim de por os pés no chão. Neste ínterim, todavia, espalhou-se pela composição quem era eu. Quando entrei no setor de fumantes tive a maior surpresa de minha vida: os homens, cidadãos da Geórgia, se acercaram para apresentarem-se e agradecerem o trabalho que eu tentava realizar em favor de todo o Sul. Isso não foi lisonja, pois cada uma dessas pessoas sabia muito bem que nada teria a ganhar bajulando-me.

Desde cedo, busquei impregnar os estudantes com a idéia de que Tuskegee não era minha propriedade, ou de seus funcionários, mas era a sua instituição, e que tinham assim tanto interesse nela quanto os curadores ou instrutores. Busquei, a mais, fazê-los sentir que eu era na instituição um amigo e conselheiro, não o seu capataz. Sempre foi meu objetivo vê-los a falar direta e francamente sobre qualquer coisa concernente à vida escolar. Duas ou três vezes por ano estimulo os estudantes a escreverem-me, queixando-se ou oferecendo sugestões. Quando não ocorre assim, reúno-me com eles na capela para uma conversa franca, coração a coração, sobre o funcionamento do instituto. Não há encontros com os estudantes que me agradem mais do que esses, e nenhum é mais útil para meu planejamento de futuro. Essas reuniões, penso assim, fazem-me conseguir a essência de tudo o que concerne à escola. Poucas coisas ajudam uma pessoa mais do que dar-lhe responsabilidade, e fazê-lo compreender que você confia nela.

Quando ouço falar a respeito de desentendimentos entre patrões e empregados, penso que muitas greves e outros distúrbios poderiam ser evitados se os empregadores cultivassem o hábito de se manterem mais próximos de seus funcionários, de ouvi-los e aconselhá-los, fazendo-os sentir que os interesses de ambos é o mesmo. Todo o indivíduo é suscetível à confiança, e isso não é mais verdadeiro do que quanto aos negros. Deixem-nos compreenderem que é neles generosamente interessado, e você os poderá conduzir aonde quiser.

Foi meu objetivo desde o início, em Tuskegee, não apenas ter os prédios construídos pelos próprios alunos, mas tê-los também, na medida do possível, a fabricar os móveis. Admiro-me agora da paciência dos estudantes a dormir no chão enquanto esperavam que algo como uma tarimba fosse produzida; ou seu sono sem qualquer tipo de colchão, enquanto aguardavam pela produção de algo como uma enxerga.

No início, tínhamos poucos estudantes que possuíam qualquer familiaridade com as ferramentas de carpintaria, assim que as camas produzidas por eles eram extremamente rudes e fracas. Não raramente, quando visitava pela manhã o dormitório, encontrava uma ou outra cama caída no chão. O problema de fornecer colchões era difícil de resolver. Contornamos a questão conseguindo fazenda barata e costurando os pedaços de forma a serem grandes sacos. Esses sacos, os enchemos com palha de pinho, ou, como às vezes eram chamados, agulhas de pinho, que encontrávamos nos matos das proximidades. Fico feliz em dizer que a indústria de colchoaria cresceu desde então, e desenvolveu-se a tal ponto que na atualidade é um ramo importante do trabalho sistematicamente ensinado a um certo número de nossas jovens, e que os colchões vendidos pela nossa loja de colchoaria em Tuskegee são tão bons como a média dos encontrados no comércio. Por algum tempo, após a abertura do pensionato, não tínhamos cadeiras no alojamento dos estudantes ou no refeitório. Em vez de cadeiras, usávamos bancos que eram produzidos pelos estudantes, juntando três peças de madeira bruta. Como regra, a mobília no alojamento dos estudantes, durante os primeiros tempos da escola, consistia-se de uma cama, alguns bancos, e, às vezes, uma grosseira mesa fabricada pelos alunos. O conceito de ter os estudantes a fabricar os móveis se mantém, mas o número de móveis nos alojamentos aumentou, e a qualidade da mão-de-obra se aprimorou de tal modo que poucos são os defeitos que se podem encontrar nas peças. Algo que sempre insisti em Tuskegee, diz respeito à limpeza que deve estar presente em toda a parte. Reiteradamente os estudantes eram lembrados, nos anos iniciais, e mesmo agora, que as pessoas podem nos perdoar por nossa pobreza, por nossa falta de conforto e facilidades, mas jamais nos desculpariam pelo desleixo.

Outro ponto em que insistíamos era quanto ao uso da escova de dentes. “O evangelho da escova de dente”, como o general Armstrong costumava chamar, é parte de nosso credo em Tuskegee. Nenhum estudante permanece na escola se

não tiver e usar uma escova de dentes. Muitas vezes, em tempos recentes, houve estudantes que chegaram à escola trazendo quase nada, senão que a escova de dentes. Ouviram de veteranos a respeito de nossa rigidez quanto aquele item, de tal forma que, para causar uma boa impressão inicial, traziam pelo menos a escova. Recordo-me que certa manhã, não faz muito tempo, fiz companhia à senhora diretora em sua inspeção rotineira aos alojamentos das meninas. Chegamos a um quarto que abrigava três delas, recém admitidas na escola. Quando indaguei se possuíam escovas de dentes, uma delas respondeu, apontando para uma escova: “Sim, senhor. Esta é nossa escova. Compramos juntas, ontem”. Não levou muito tempo para que elas aprendessem uma lição diferente.

Foi interessante notar o efeito que o uso da escova de dentes teve em trazer um mais alto grau de civilização para os estudantes. Com poucas exceções, notei que em se conseguindo levar um estudante até o ponto em que, quando a primeira ou segunda escovas de dentes forem consumidas, seguramente tomará a iniciativa de comprar outra — nunca me desapontei com o futuro desse indivíduo. Completo asseio do corpo era uma exigência desde o início. Os estudantes foram instruídos a banharem-se tão regularmente quanto comiam. Esse ensinamento começamos a ministrar antes que tivéssemos qualquer coisa que se parecesse com um banheiro. A maioria dos alunos veio de distritos rurais, e, em muitos casos, necessitávamos ensinar-lhes como dormir entre dois lençóis. Isto era uma tarefa difícil, posto que dispúnhamos então de apenas um lençol por cama. Adiante, chegamos ao estágio em que podíamos oferecer dois lençóis. Então, repetiu-se o dilema quanto a pijamas.

Por um longo período, uma das tarefas mais difíceis era ensinar os estudantes que todos os botões deveriam se manter nas roupas, e que não se admitiam rasgões e manchas de gordura. Essa lição, tenho prazer em poder afirmar, foi completamente aprendida e conduzida ano após ano, de aluno para aluno, até atualmente quando os estudantes saem da capela no entardecer e suas roupas são inspecionadas — nenhum botão deve estar faltando.

## CAPÍTULO XII

### *Buscando dinheiro*

Quando pusemos em funcionamento nosso pensionato, oferecemos quartos para algumas meninas no sótão do Porter Hall, nosso primeiro prédio. Porém, o número de estudantes, de ambos os sexos, continuou a aumentar. Podíamos encontrar quartos fora da área da escola para os rapazes, mas não queríamos expor as moças. Em seguida, prover mais alojamentos para as meninas, assim como um mais amplo pensionato para todos os estudantes, tornou-se grave. Como resultado, finalmente decidimos por empreender a construção de um prédio ainda maior — um edifício capaz de abrigar quartos para moças e pensionato para todos.

De posse dos esboços preliminares necessários à construção, chegou-se a conclusão que custaria cerca de dez mil dólares. Não tínhamos dinheiro para iniciar o projeto; apesar disso, resolvemos dar um nome ao prédio. Sabíamos que poderíamos nomeá-lo, mesmo que tivéssemos dúvidas quanto à nossa capacidade de arregimentar fundos para sua construção. Escolhemos como nome Alabama Hall, numa homenagem ao estado no qual trabalhávamos. Novamente, a senhorita Davidson saiu em busca de auxílio dentre pessoas de cor e brancos em Tuskegee e vizinhanças. Houve uma resposta de bom grado, na medida de suas posses. Os estudantes, como ocorrera em nosso primeiro prédio, Porter Hall, começaram a limpar o terreno de forma a permitir o início do assentamento das fundações.

Quando parecíamos haver chegado ao fim de nossos recursos, quanto à capacidade de arrecadar dinheiro, algo aconteceu que mostrou a grandeza do general Armstrong — algo que mostrou quão distante ele se encontrava da média do cidadão comum. Quando estávamos em meio a grande angústia quanto a como e onde arrecadar fundos para o novo prédio, recebi um telegrama do general Armstrong indagando se eu poderia passar um mês viajando em sua companhia



pelo Norte, e perguntando se, em caso positivo, eu poderia me deslocar para Hampton em seguida. Por certo aceitei o convite do general e viajei imediatamente. Ao chegar, tomei conhecimento que o general decidira levar um quarteto de cantores, e realizar encontros ao longo de um mês em cidades importantes, nos quais ele e eu deveríamos discursar. Imaginem minha surpresa quando o general disse-me, adiante, que tais encontros deveriam ocorrer, não em favor de Hampton, senão que de Tuskegee, e que o Instituto Hampton arcaria com todas as despesas.

Embora ele jamais tenha me dito isso em palavras, concluí que o general Armstrong usou esse método para introduzir-me ao povo do Norte, e também para o benefício de garantir de imediato alguns fundos para a construção do Alabama Hall. Um homem fraco e limitado teria concluído que todo o dinheiro que veio para Tuskegee dessa maneira, fora subtraído do Instituto Hampton; mas nenhum desses pensamentos egoístas ou espíritos míopes jamais se alojaram no peito do general. Ele era grande demais para ser pequeno, bom demais para ser mesquinho. Ele sabia que a gente do Norte, que doou aquele dinheiro, deu-o com a intenção de ajudar toda a causa da civilidade do negro, e não pelo progresso de uma escola em particular. O general compreendeu, também, que a maneira de tonificar Hampton seria fazer dele um centro neutro de força na tarefa que abrangia toda a questão educacional sulista.

Quanto aos discursos que eu deveria proferir no Norte, recordo apenas uma sugestão feita pelo general. Ele disse: “Dê-lhes uma idéia para cada palavra” Eu penso que seria difícil aprimorar face esse alerta; e isto pode ser aplicado a todos os que discursam. Desde então tenho sempre procurado manter o conselho em mente.

Os encontros ocorreram em Nova York, Brooklyn, Boston, Filadélfia, e outras grandes cidades, e em todas as reuniões o general Armstrong pleiteou, junto comigo, por auxílio, não para Hampton, mas para Tuskegee. Então, um esforço conjunto se fazia para garantir a edificação de Alabama Hall, bem como tornar a escola conhecida do público em geral. Em ambos os aspectos, o encontro mostrou-se um sucesso.

Após essa gentil apresentação, passei a viajar ao Norte sozinho a fim de conseguir recursos. Durante os últimos quinze anos vi-me obrigado a passar uma grande parte de meu tempo afastado da escola, na tarefa de obter dinheiro para atender às crescentes necessidades da instituição. Nos meus esforços para conseguir fundos, vivi algumas experiências que talvez possam ser de interesse

para meus leitores. Repetidamente fui solicitado, por pessoas que tentam conseguir dinheiro para propósitos filantrópicos, que regra ou regras eu seguia para garantir interesse e auxílio de gente capaz de contribuir com dinheiro para objetivos válidos. No que concerne à ciência do que se chama suplicar possa ser reduzida a regras, diria que tenho seguido apenas duas. Primeira, sempre desempenhar toda a minha tarefa visando fazer nosso trabalho conhecido das pessoas e organizações; e, segundo, não me preocupar com os resultados. Essa segunda tem sido a mais difícil de lidar. Quando as faturas estão na véspera de vencerem-se, sem contar sequer com um dólar para honrá-las, torna-se difícil aprender como não se preocupar, embora eu creia estar aprendendo, cada ano, que toda a preocupação consome, sem propósito, a reserva mental e física que, de outra forma, poderia ser gasta no trabalho efetivo. Após considerável experiência em relacionar-me com pessoas ricas e notórias, observei, os que conseguiram maiores resultados são aqueles que “agem na moita”; são os que nunca se excitam ou perdem o controle, estão sempre calmos, controlados, pacientes e educados. Creio que o presidente William McKinley<sup>33</sup> é o melhor exemplo desse tipo, que eu jamais conheci.

Para ter sucesso em qualquer tipo de empreendimento, creio que o essencial é crescer até o ponto onde esqueça completamente de si mesmo; isto é, perder a si mesmo numa grande causa. Na proporção em que alguém doa-se por inteiro, na mesma intensidade alcança os pináculos da felicidade por seu trabalho.

Minha experiência em conseguir dinheiro para Tuskegee, despojou-me de paciência para com as pessoas que estão sempre a condenar os ricos porque não são mais caridosos. Em primeiro lugar, aqueles que são autores desse disseminado criticismo não sabem quantas pessoas se tornariam pobres, e quanto sofrimento seria gerado, se os ricos se despojassem de um só golpe de grande parte de seus bens, de forma que desorganizariam e danificariam grandes empreendimentos empresariais. Poucas pessoas têm qualquer idéia do grande número de candidatos a auxílio que abordam os ricos. Conheço pessoas de posses que recebem em torno a vinte solicitações de ajuda por dia. Mais de uma vez, quando estive em escritórios dessas pessoas, encontrei meia dúzia esperando por vê-los, todos com o mesmo propósito: conseguir dinheiro. E todas essas visitas, em pessoa, excluídos os

---

<sup>33</sup> - William McKinley,(1843-1901). O 25º presidente dos EUA (1897-1901). Seu mandato foi assinalado pela Guerra Ibero-americana (1898), pela anexação de Cuba e das Filipinas.. Morreu assassinado por um anarquista em Buffalo, Nova York.

pedidos vindos pelo correio. Poucos têm qualquer idéia do montante de dinheiro distribuído por quem não permite seus nomes sejam divulgados. Ouvi, algumas vezes, pessoas serem condenadas por não doar dinheiro. Mas, eu sabia, distribuíam milhares de dólares todo o ano, fazendo-o tão discretamente que disso poucos tomavam conhecimento.

Como exemplo, duas senhoras em Nova York — cujos nomes raramente aparecem na imprensa, mas que, de uma maneira discreta — deram-nos os recursos necessários para que construíssemos três grandes e importantes prédios ao longo dos últimos oito anos. A mais, além da doação desses prédios, concederam outras dádivas generosas para a escola. E elas não apenas auxiliaram Tuskegee, mas mantêm-se constantemente buscando oportunidade para ajudar outras causas meritórias.

Embora tenha sido privilégio meu, ser o meio através do qual muitas centenas de milhares de dólares foram recebidas para a obra de Tuskegee, sempre afastei o que se chama “esmolar”. Costumo dizer a todos que jamais “esmolei” por qualquer dinheiro, e que não sou um esmolador. Minha experiência e observação convenceram-me que, persistente solicitação direta de dinheiro de ricos não garante, comumente, o auxílio. Geralmente parto do princípio segundo o qual pessoas que tiveram senso o bastante para ganhar dinheiro, têm tino suficiente para saber como dele se desfazer, e que a simples informação dos fatos a respeito de Tuskegee, especialmente aqueles relacionados com o trabalho de seus egressos, tem sido mais eficiente do que o pedido direto. Creio que a apresentação dos fatos, em alto e dignificante plano, é tudo o que importa à maioria dos ricos.

Enquanto o trabalho de ir de porta em porta e de escritório a escritório é penoso, desagradável e fatigante corporalmente, tem apesar disso algumas compensações. Esse trabalho enseja-nos a rara chance de estudar a natureza humana, a oportunidade para que se encontre algumas das melhores pessoas que existem — para ser mais preciso, creio que devo dizer, *as melhores* pessoas que existem. Quando se faz um amplo levantamento do país, descobre-se que as pessoas mais úteis e influentes são às que assumem grande interesse pelas instituições criadas com o propósito de fazer o mundo melhor.

Certa feita, estando em Boston, bati à porta de uma senhora bastante rica. Fui recebido no vestíbulo, e passei meu cartão de visitas. Enquanto aguardava por uma resposta, apareceu o seu marido, e indagou-me de forma rude o que eu

desejava. Quando tentei explicar a razão de minha visita, ele tornou-se ainda mais irascível em seus gestos e expressões, tendo finalmente ficado tão excitado que me retirei sem esperar pela dama. Um quadra adiante, visitei um cavalheiro que me recebeu da forma a mais cordial. Preencheu um cheque generoso no valor, e então antes que eu tivesse o ensejo de agradecer-lhe, disse: “ Sou-lhe grato, senhor Washington, por ensejar-me a oportunidade de ajudar uma causa boa. É um privilégio ter uma participação no seu projeto. Em Boston, nos consideramos permanentemente em débito para com você por realizar *nosso* trabalho”.

Minha experiência em levantar fundos, convence-me que o primeiro tipo de homem torna-se raro cada vez mais, e que o segundo modelo aumenta; ou seja, mais e mais, as pessoas ricas acolhem com respeito homens e mulheres que deles se aproximam em busca de fundos para objetivos meritórios, não como pedintes, mas como agentes que realizam seu trabalho.

Na cidade de Boston, raramente procurei uma pessoa em busca de fundos que não se tenha mostrado agradecida por minha escolha, fazendo-o via de regra antes que eu conseguisse manifestar meu reconhecimento ao doador. Nessa cidade, os doadores parecem sentir, em sua maioria, que uma honra lhes está sendo conferida com a aceitação de seu auxílio financeiro. Em nenhum lugar me deparei, tão intensamente, com esse espírito superior e cristão, como na cidade de Boston, embora encontrem-se notáveis exemplos disso noutros locais. Repito minha crença que o mundo se desenvolve na direção do altruísmo. Reitero que a principal regra que me tem guiado no coletar recursos é realizar meu trabalho julgando estar dando àqueles que têm recursos uma oportunidade de ajudar.

Nos primeiros anos de Tuskegee, eu caminhava pelas ruas ou viajava pelas estradas interioranas do Norte por dias e dias sem que recebesse um só dólar. Vezes ocorreu, quando, durante a semana, ficava desapontado em não conseguir receber um centavo de uma pessoa que tinha como certo que cooperaria, e quando me encontrava praticamente abatido e desanimado, eis que alguém inesperado aparecia ajudando.

Recordo que em certa ocasião obtive informação que levou-me a crer que um cidadão que vivia a cerca de quatro quilômetros no interior de Stamford, estado de Connecticut, poderia vir a se interessar pelo trabalho em Tuskegee, se nossa situação e necessidades lhe fossem apresentadas. Após certa dificuldade, consegui

marcar uma entrevista. Ele ouviu minha exposição com algum interesse, mas não doou nada. Não pude deixar de sentir que, de certo modo, as três horas que gastei para vê-lo haviam sido perdidas. Não obstante, segui meu procedimento usual de executar minha tarefa. Se não o tivesse visitado, sentir-me-ia infeliz por haver negligenciado com meu dever.

Dois anos após a visita, uma carta desse homem chegou a Tuskegee onde se lia: “Em anexo estou lhe enviando uma ordem de pagamento de Nova York no valor de dez mil dólares, para ser usado em fomento a seu projeto. Eu havia incluído esse valor em meu testamento, mas achei mais prudente doá-lo enquanto estou vivo. Recordo com prazer sua visita, faz dois anos”.

Difícil é imaginar qualquer evento que me haja dado uma satisfação tão genuína quanto o recebimento desse título. Era de longe a maior doação individual que a escola até aquela data havia recebido. E chegou numa época quando de forma incomum passávamos um longo período sem receber qualquer auxílio. Estávamos vivendo grande angústia pela falta de recursos. Assim, a tensão nervosa era tremenda. É difícil vislumbrar qualquer situação mais exasperante do que dirigir uma instituição de largo porte, com grandes compromissos para atender, sem saber, mês a mês, de onde o dinheiro poderá vir para honrar as obrigações.

Em nosso caso, sentia uma dupla responsabilidade, e isto tornava a ansiedade ainda mais intensa. Se a instituição fosse dirigida por brancos e viesse a falir, causaria dano à causa da educação do negro; mas eu sabia que o insucesso de nossa instituição, administrada por negros, significaria não somente a perda da escola, mas faria as pessoas, em grande parte, perder a confiança na capacidade de toda uma raça. A chegada do título de dez mil dólares, sob todas essas circunstâncias, levantou em parte o peso que pairava sobre meus ombros, por certo período.

Do início de nosso trabalho até o presente, busquei, e não perdi oportunidade, impregnar os mestres com o conceito que a escola seria sempre prestigiada na medida em que seu interior fosse mantido limpo, puro e saudável.

A primeira vez que vi o falecido Collis P. Huntington, o magnata das ferrovias, deu-nos dois dólares para a instituição. A última vez que o encontrei, poucos meses antes de sua morte, deu-nos cinqüenta mil dólares para o nosso fundo de doações. Entre essas duas doações ocorreram outras dádivas generosas, vindas anualmente tanto do senhor Huntington quando de sua esposa.

Há quem possa dizer ter sido a sorte que Tuskegee carregava quem trouxe esses cinqüenta mil dólares. Não, não foi sorte, mas sim trabalho duro. Ninguém recebe nada mesmo merecido senão pelo resultado de esforço continuado. Quando o senhor Huntington deu-me os primeiros dois dólares, não o desconsiderei pela pequena doação, mas mentalizei que o iria convencer através de resultados tangíveis que éramos merecedores de doações maiores. Por uma dúzia de anos fiz um grande empenho em convencer o senhor Huntington do valor de nosso trabalho. Senti que na mesma proporção em que nossa missão crescia em utilidade, aumentavam as doações. Não encontrei jamais uma pessoa que tenha demonstrado mais carinho e simpatia por nossa escola como fez o senhor Huntington. Ele não apenas deu-nos dinheiro, mas usou seu tempo em aconselhar-me, como de pai para filho, sobre a conduta em geral da escola.

Mais de uma vez me vi em alguns lugares exclusivos, recolhendo doações no Norte. O incidente que se segue nunca antes o havia narrado, pois pressentia que as pessoas não iriam acreditar. Certa manhã, em Providence, Rhode Island, não tinha um centavo sequer para comprar o desjejum. Ao atravessar a rua, no caminho para encontrar uma senhora de quem esperava conseguir uma doação, vi brilhando no meio da pista uma moeda de vinte e cinco centavos. Não apenas apanhei a moeda para me alimentar, mas poucos minutos adiante conseguia a ajuda da senhora a quem me dirigi.

Numa de nossas formaturas, tomei a iniciativa audaz de convidar o reverendo E. Winchester, digníssimo reitor da Igreja Trinity, de Boston, para proferir o sermão da solenidade. Como não tínhamos salão grande o bastante para acomodar todos os convidados, promovemos o encontro sob uma latada grande e improvisada, feita parcialmente de capim e tábuas rústicas. Logo após haver o reverendo iniciado seu discurso, desabou torrencial chuva, obrigando-nos a parar enquanto alguém o protegia com um guarda-chuva.

Não havia despertado para a audácia do que eu fizera até que vi a imagem da cena em que aparecia o reitor da Igreja Trinity, postado diante de uma grande platéia, sob um pobre guarda-chuva, a espera que a chuva cessasse para poder prosseguir em sua fala.

A chuva parou, e o dr. Donald concluiu seu sermão, uma peça excelente, apesar do tempo. Após haver se dirigido a seu quarto, e ter suas roupas secas, especulou que a edificação de uma grande capela em Tuskegee não a colocaria fora

de local. No dia seguinte, uma carta chegou, por iniciativa de duas senhoras que se encontravam em viagem pela Itália, informando que haviam decidido fazer uma doação em favor da construção de uma capela, como necessitávamos.

Algum tempo atrás, recebemos uma doação de vinte mil dólares do senhor Andrew Carnegie, com o propósito de erguermos uma nova biblioteca. Nossa primeira biblioteca e sala de leitura ficavam no canto de uma cabana, e o conjunto ocupava um espaço de dezesseis por quarenta metros. Gastei cerca de dez anos de trabalho antes que conseguisse motivar o senhor Carnegie. A primeira vez que o vi, faz dez anos, deu-me a impressão de demonstrar pouco interesse em nossa escola, mas eu estava determinado a mostrar-lhe que merecíamos sua ajuda. Após dez anos de intenso trabalho escrevi-lhe a seguinte carta:

15 de dezembro de 1900

Sr. Andrew Carnegie, 5 W. Fiftly-First St., New York

Prezado Senhor: Atendendo sua solicitação, quando o visitei em sua residência há alguns dias, estou submetendo-lhe por escrito um pedido para apoio à construção de um edifício destinado à biblioteca de nossa instituição.

Acolhemos 1.100 estudantes, 86 funcionários e instrutores, junto com suas famílias, e cerca de 200 pessoas de cor vivendo próximos da escola, os quais farão uso da biblioteca do novo edifício.

Temos 12.000 livros, periódicos etc., doações de amigos, mas não possuímos um local adequado para guardá-los, não havendo também uma sala de leitura apropriada.

Nossos graduados seguem para trabalhar em todos os recantos do Sul, assim que todo o conhecimento que possa ser haurido nesta biblioteca os ajudará no trabalho de desenvolvimento de toda a raça negra.

Um prédio como o imaginamos, pode ser erguido com cerca de \$ 20.000. Todo o trabalho de construção — oleiros, pedreiros, carpinteiros, ferreiros etc.— será feito pelos estudantes. A soma que o senhor doaria não apenas suprirá o edifício, senão que sua construção ensejaria a um grande número de estudantes a oportunidade de aprender a profissão de mestres de obras, e esses farão uso do que receberem para garantir sua anuidade e pensão. Não creio que similar quantia poderia ser tão importante no soerguimento de toda uma raça.

Se o senhor desejar maiores informações, estarei à sua disposição.

Atenciosamente

Booker T. Washington, Diretor

O correio seguinte trouxe a resposta: “Terei prazer em pagar as despesas do prédio da biblioteca na medida em que ocorram, até o máximo de vinte mil

dólares, e fico satisfeito pela oportunidade de demonstrar o interesse que tenho em seu trabalho meritório”.

Concluí que métodos estritamente comerciais são mais eficientes no despertar o interesse das pessoas de posses. Tem sido meu objetivo permanente em Tuskegee conduzir, em nossas operações financeiras e outras, tais métodos empresariais, que seriam aprovados por qualquer banco nova-iorquino.

Fiz referência a muitas doações de monta para a escola; mas de longe a maior proporção de dinheiro usado para construir a instituição veio de pequenos donativos de pessoas da classe média. É dessas pequenas ofertas que trazem consigo a participação de centenas de doadores, que qualquer trabalho filantrópico deve se valer para seu sustento. Em meu empenho para conseguir recursos seguidamente fui surpreendido pela paciência e profundo interesse dos religiosos, que são assediados, todas as horas do dia, para que cooperem. Se nenhuma outra consideração me houvesse convencido do valor da vida cristã, o trabalho cristão que as igrejas de todas as denominações fizeram na América nos últimos trinta e cinco anos para a elevação do homem negro ter-me-ia tornado um cristão. Em grande parte, foram *pennies*, *nickles* e *dimes*<sup>34</sup> recolhidos nas aulas das Escolas Dominicais, nas sociedades de Fomento Cristão<sup>35</sup>, das sociedades missionárias, bem como da própria igreja, que ajudaram a elevar o negro em tão pouco tempo.

Falar de pequenas doações, faz-me lembrar que poucos graduados em Tuskegee se omitem de remeter sua contribuição anual. Essas doações oscilam entre vinte e cinco centavos a dez dólares.

Logo após o início de nosso terceiro ano de trabalho, fomos surpreendidos ao receber dinheiro de três origens especiais. Primeira, a Assembléia Legislativa do Alabama aumentou a dotação orçamentária de dois para três mil dólares anuais; e ainda mais adiante majorou para quatro mil e quinhentos dólares por ano. O empenho para garantir esse aumento foi liderado pelo deputado M. F. Foster, eleito por Tuskegee. Segundo, recebemos mil dólares do Fundo John F. Slater. Nosso trabalho pareceu agradar aos integrantes do conselho curador desse fundo, pois passaram a anualmente aumentar o montante da doação, até que hoje recebemos onze mil dólares por ano. O outro auxílio que me referi, veio sob a forma de uma

---

<sup>34</sup> - Moedas norte-americanas que valem respectivamente um, cinco e dez centavos de dólar.

<sup>35</sup> - The World's Christian Endeavor Union, fundada em 1895.



outorga regular e específica concedida pelo Fundo Peabody, que se iniciou com quinhentos dólares e hoje chega a mil e quinhentos dólares.

O empenho para garantir auxílio das fundações Slater e Peabody, colocou-me em contato com duas pessoas especiais — homens que tinham muito a fazer na formatação de uma política de educação para o negro. Refiro-me ao excelentíssimo J. L. M. Curry, de Washington, que é o agente geral para esses dois fundos, e ao senhor Morris K. Jesup, de Nova York. Dr. Curry é natural do Sul, ex-soldado confederado, e apesar disto não creio que haja pessoa mais profundamente interessada no bem-estar do negro do que o Dr. Curry, ou que seja mais despido de preconceito racial. Ele desfruta da distinção singular de possuir o mesmo grau de confiança dos negros e brancos sulistas. Jamais vou esquecer a primeira vez que o encontrei. Foi em Richmond, na Virgínia, onde ele vivia. Eu havia ouvido muito a seu respeito. Quando cheguei pela primeira vez à sua presença, tremendo por minha juventude e inexperiência, ele cordialmente deu-me a mão, e falou-me palavras estimulantes, oferecendo-me conselhos valiosos sobre o curso adequado a ser seguido. Conheci-o desde então como um exemplo de pessoa que trabalha desinteressada e constantemente para o bem da humanidade.

Ao senhor Morris K. Jesup, tesoureiro do Fundo Slater, refiro-me pois não conheço ninguém rico, de amplos e complexos negócios, que doe não apenas dinheiro, mas tempo e atenção à busca do método adequado de desenvolver o negro como ele o faz. É em grande parte através de seu empenho e influência que nesses últimos poucos anos a matéria do ensino técnico assumiu a importância que tem, e está colocada em seu atual estágio.

## CAPÍTULO XIII

### *Mais de três mil quilômetros para cinco minutos de discurso*

Logo depois de inaugurado nosso internato, um bom número de estudantes que evidentemente mereciam, mas que eram muito pobres não, conseguindo recursos sequer para as modestas taxas escolares, começaram a pedir matrícula. Eram tanto homens quanto mulheres. Tinha-se uma grande provação recusar o pedido de admissão dessas pessoas. Assim, em 1884, pusemos em funcionamento uma escola noturna para acomodar uns poucos deles.

A escola foi organizada num projeto similar àquele que me ajudou a freqüentar Hampton. No início, era integrada por cerca de uma dúzia de alunos. Eram matriculados na escola noturna somente quando não tinham dinheiro para pagar qualquer fração de seu pensionato na escola diurna. Adiante, foi-lhes exigido que trabalhassem dez horas durante o dia nalgum tipo de emprego, dedicando duas horas à noite para o estudo de aula. Essa era a exigência para o primeiro e segundo ano de sua estada. Haveria de ser-lhes pago uma quantia pouco superior ao custo de seu pensionato, com o acordo que seus ganhos, exceto uma parte bem pequena, ficaria na tesouraria da escola, para ser usado no pensionato, quando viessem a alcançar o estudo na escola diurna. A escola noturna, iniciada dessa forma, cresceu até um ponto em que conta hoje com quatrocentos e cinqüenta e sete alunos matriculados.

Difícilmente haveria uma prova mais severa do valor dos alunos do que esse setor do instituto. Porque enseja uma excelente oportunidade para testar a têmpera de um estudante. Qualquer um que se disponha a trabalhar dez horas durante o dia numa olaria, ou numa lavanderia, por um ou dois anos, de forma que consiga, ele ou ela, ter o privilégio de estudar em ramos acadêmicos por duas horas à noite, tem base o bastante para ser educado.

Após o estudante haver deixado a escola noturna, ingressa na diurna, onde participa de estudos acadêmicos quatro dias por semana, e trabalha dois dias em sua profissão. Além disso, normalmente trabalha profissionalmente nos três meses de verão. De regra, após o estudante haver conseguido passar pelo exame da escola noturna, ele concluirá o curso normal e seu treinamento tanto técnico como acadêmico. A nenhum estudante, não importa quanto dinheiro possa ostentar, é permitido freqüentar a escola, sem participar dos trabalhos manuais. De fato, o trabalho industrial é hoje tão popular quanto o acadêmico. Alguns dos mais bem sucedidos homens e mulheres que se graduaram na instituição tiveram seu despontar na escola noturna.

Enquanto um grande empenho se concentra no lado profissional do ensino em Tuskegee, não negligenciamos ou fazemos vista grossa às questões espirituais e religiosas. A instituição é estritamente universal, mas cristã, e a educação religiosa dos alunos não é ignorada. Nossos serviços religiosos, encontros de reza, escolas dominicais, Sociedade de Fomento Cristão, Associação Cristã de Moços e várias organizações missionárias a isso testemunham.

Em 1885, a senhorita Olivia Davidson, a quem já antes me referi como sendo em grande parte responsável pelo sucesso da escola em seu início, e eu nos casamos. Durante nosso casamento ela continuou a dividir seu tempo e esforço entre nosso lar e o trabalho para o instituto. Ela não apenas continuou a trabalhar na escola em Tuskegee, mas conservou o hábito de viajar ao Norte a fim de buscar recursos. Em 1889 ela faleceu, após quatro anos de um casamento feliz e oito anos de dedicação à escola. Ela praticamente despiu-se de sua vida pessoal, em seu incansável esforço em favor do trabalho que tanto amava. Durante nosso casamento nasceram dois meninos maravilhosos, Baker Taliaferro e Ernest Davidson. O mais velho, Baker, já passou pelo curso de oleiro em Tuskegee.

Seguidamente, tenho sido instado a tornar-me um conferencista. Em resposta, digo que jamais planejei dedicar parte de minha atividade a falar em público. Eu sempre ambicionei mais *fazer* coisas, do que meramente falar *sobre* como fazê-las. Parece que quando viajei ao Norte em companhia do general Armstrong, para falar numa série de encontros públicos a que já me referi, o presidente da Associação Nacional de Educação, excelentíssimo Thomas W. Bicknell, estava presente a um deles e ouviu-me falar. Poucos dias após, enviou-me um convite para que proferisse uma palestra no próximo encontro de sua

Associação. Esse encontro iria se realizar em Madison, estado do Wisconsin. Aceitei o convite. Este foi, num sentido, o início de minha carreira como conferencista.

Na noite em que falei na Associação, cerca de quatro mil pessoas faziam-se presentes. Sem que eu soubesse, no auditório havia um bom número de pessoas do Alabama e alguns da vila de Tuskegee. Os presentes, brancos, disseram-me que esperavam palavras ásperas com relação ao Sul, ficando agradavelmente surpresos que em minha fala não houvesse qualquer insulto. Ao contrário, o Sul foi louvado. Uma senhora branca, professora numa escola em Tuskegee, mandou um artigo para o jornal local dizendo-se gratificada e surpresa pelo crédito que dei aos brancos de Tuskegee pelo seu auxílio na organização do instituto. A conferência em Madison foi a primeira que proferi e que, em grande parte, abordei a questão da convivência das raças. As pessoas que me ouviram parece que demonstraram prazer com o que foi dito e com a posição que defendi.

Quando cheguei em Tuskegee, decidi que ali seria o meu lar, que me orgulharia da vida cidadã em suas ações corretas, tanto quanto um branco se orgulharia; e que iria, ao mesmo tempo, deplorar o que os cidadãos viessem a fazer de errado, tanto quanto os brancos. Decidi nunca falar algo, em discursos no Norte, que eu não pudesse dizer no Sul. Cedo aprendi que é muito difícil converter alguém insultando-o, e que a adesão é comumente obtida dando crédito por todas as louváveis ações realizadas por alguém do que chamando a atenção pelo mal que fez.

Enquanto perseguia essa diretriz nunca falhei, no tempo certo e na forma adequada, de chamar a atenção, em termos precisos, para as coisas erradas que se podem encontrar em qualquer parte do Sul. Descobri que existem muitas pessoas no Sul que são suscetíveis à franqueza e à crítica honesta a qualquer política errada. De regra, o local para criticar o Sul, quando isso se fazia necessário, é no Sul — não em Boston. Um cidadão de Boston que venha ao Alabama para criticar sua cidade não conseguirá um bom efeito, eu creio, como um que profira suas palavras de crítica em Boston.

Nessa conferência em Madison defendi que a política a ser perseguida no que concerne às raças era, de forma justa, colocá-las a conviver, estimulando um relacionamento cordial, ao invés de seguir ações que as tornassem antagônicas. Enfim, me posicionei que, quanto ao voto, o negro deveria se envolver o máximo

possível com os interesses da comunidade onde vive, ao invés de buscar sozinho agradar alguém que viva muito longe de si e de seus interesses.

Disse mais, nesse pronunciamento, que todo o futuro do negro se apoiava na premissa: ele deve, através de seu preparo, inteligência e caráter, de inegável valor para a comunidade na qual vive, tornar-se de valia tal que essa mesma comunidade não poderá dispensar sua presença. Disse que toda a pessoa que aprende a realizar algo que melhore a vida de outrem — aprende a fazer algo comum, de maneira incomum — soluciona seu problema, não importando a cor de sua pele, e que na proporção que o negro aprendeu a produzir aquilo que outro povo deseja possuir, na mesma proporção ele será respeitado.

Citei como exemplo um de nossos graduados, que produziu duzentos e sessenta e seis vasilhas, de trinta e cinco litros cada, de batatas-doces, em apenas um acre<sup>36</sup> de terra. Ele conseguiu isso por seus conhecimentos de química do solo e de novas técnicas agrícolas. Os fazendeiros brancos da vizinhança o respeitavam e o procuraram para aprender métodos de plantar batatas-doces. Esses fazendeiros brancos o honravam e respeitavam-no posto que, por sua habilidade e conhecimento, havia agregado algo para o desenvolvimento da comunidade em que vivia. Expus que minha teoria a respeito da educação para o negro não o confinaria, por exemplo, para sempre às lides agrícolas — à produção das melhores e mais doces batatas — mas que, se ele viesse a ter sucesso nessa ocupação, poderia assentar as bases para que seus descendentes pudessem alcançar postos mais altos e importantes na vida.

Em resumo, esses os pontos que defendi nessa conferência, examinando a ampla questão que envolve as relações entre as duas raças, e desde então não vejo qualquer razão para mudar meu ponto de vista.

Quando de minha juventude, costumava abrigar um mau sentimento com relação à qualquer pessoa que se referisse acremente ao negro, ou que advogasse medidas que visassem oprimi-lo ou arrancar-lhe qualquer oportunidade de progredir. Hoje, quando vejo alguém procedendo dessa maneira, dele sinto piedade. Sei que quem age assim o faz por que ele próprio é carente de oportunidade de progresso. Tenho pena porque sei que está tentando frear o progresso do mundo, e porque em tempos de desenvolvimento e de um incessante avanço da humanidade haverá de

---

<sup>36</sup> - 40,46 ares

sentir-se envergonhado de sua fraca e estreita posição. Alguém pode tentar deter a expansão de uma importante linha férrea deitando-se sobre seus trilhos? Como impedir o progresso do mundo na direção da busca humana de mais inteligência, mais cultura, mais especialização, mais liberdade — no rumo de mais harmonia e mais fraternidade.

A conferência que proferi em Madison, para a Associação Nacional de Educação, abriu-me mais a porta do Norte, tanto que logo em seguida começaram a convidar-me para outras palestras.

Estava ansioso, todavia, que se abrisse o caminho para que falasse também diretamente para platéias brancas no Sul. Uma oportunidade parcial desse gênero se apresentou como uma poderosa cunha em 1893, quando o encontro internacional dos Trabalhadores Cristãos se realizou em Atlanta, estado da Geórgia. Ao chegar-me esse convite, tinha compromissos em Boston que pareciam tornar impossível aceitá-lo. Não obstante, após olhar com cuidado a lista de meus compromissos, percebi que poderia embarcar num trem em Boston, que me deixaria trinta minutos antes da conferência em Atlanta. E mais, que poderia ficar ali sessenta minutos, antes de embarcar num trem de volta para Boston. O convite estipulava que a duração de meu discurso seria de cinco minutos. A questão que se punha aí era se eu poderia colocar em tão pouco tempo meu pensamento, e se valeria a pena por tanto fazer a longa viagem.

Eu sabia que a platéia iria ser formada em sua maioria por pessoas brancas influentes, e que seria uma oportunidade rara de fazer-lhes saber do trabalho que estávamos desenvolvendo em Tuskegee, bem como de nosso pensamento a respeito das relações entre as raças. Assim que decidi fazer a viagem. Falei por cinco minutos para uma platéia de duas mil pessoas, composta em sua maioria de sulistas e nortistas brancos. Minha oração deu-me a impressão havia sido recebida favoravelmente e com entusiasmo. Os jornais de Atlanta no dia seguinte comentaram em termos cordiais meu discurso, o mesmo ocorrendo em outras partes do país. Senti que de alguma forma havia atingido meu objetivo, qual seja, de ser ouvido pela classe dominante do Sul.

Os pedidos que recebi para conferências continuaram a chegar, equiparando-se em número os vindos de meu povo e os de nortistas brancos. Passei a dispensar mais tempo a esse tipo de atividade à medida em que podia me afastar de minha atuação principal em Tuskegee. A maioria das conferências

realizadas no Norte, tinham por objetivo conseguir fundos para a manutenção da escola. As proferidas para as pessoas de cor, tinham como principal meta passar-lhes a importância da formação profissional e técnica, em complemento aos currículos acadêmico e religioso.

Vou abordar agora um dos incidentes de minha vida que parece haver despertado maior interesse, e que talvez tenha ido além de qualquer outra coisa que fiz, dando-me reputação que pode ser qualificada como nacional. Refiro-me ao discurso que proferi na abertura da Exposição Internacional dos Estados Produtores de Algodão, em Atlanta, em 18 de setembro de 1895.

Tanto foi dito e escrito a respeito desse incidente, e tantas questões foram levantadas quanto a meu pronunciamento, que talvez tenha de ser escusado por me deter um pouco mais no tema. O discurso de cinco minutos em Atlanta, que me trouxe de Boston para proferi-lo, talvez se constitua na causa primeira da nova oportunidade que me davam de fazer uma segunda conferência. Na primavera de 1895, recebi um telegrama de cidadãos proeminentes de Atlanta solicitando que eu acompanhasse uma comissão daquela cidade, que ia a Washington com o fim de depor ante um comitê do Congresso, buscando recursos federais para a Exposição. A comissão era composta por cerca de vinte e cinco dos mais destacados e influentes cidadãos da Geórgia. Todos eram brancos, exceto os bispos Grant e Gaines, e eu. O prefeito e alguns outros servidores do estado depuseram ante o comitê. Seguiram-se no depoimento os dois bispos negros. Meu nome era o último na lista dos depoentes. Eu nunca dantes havia comparecido ante um comitê, ou proferira qualquer discurso na capital da Nação. Preocupava-me o que iria dizer e qual a impressão que minha fala causaria. Mesmo que não possa me recordar em detalhe o que disse, lembro-me que tentei passar ao comitê, com toda a sinceridade e lisura, que se o Congresso desejasse fazer algo para ajudar o Sul a se libertar da questão racial deveria estimular o entendimento entre as duas raças, e mais, usando qualquer meio adequado, encorajar o crescimento intelectual e material de ambas. Afirmi que a Exposição de Atlanta apresentaria uma oportunidade para ambas as raças mostrarem quanto de progresso fizeram desde a libertação, e, ao mesmo tempo, permitiria o encorajamento para que evoluam ainda mais.

Tentei dar ênfase ao fato de, enquanto o negro não deveria ser despojado por meios injustos de seu direito de votar, a agitação política por si não o salvaria, e que além do voto deveria ter a propriedade, produção, treinamento, economia,

inteligência e caráter, e que nenhuma raça sem esses elementos poderia ter sucesso duradouro. Eu disse que, em vindo o Congresso a dar a solicitada cobertura orçamentária, poderia fazer algo que haveria de se provar real e duradouro para ambas as raças, e que seria a primeira grande oportunidade dessa espécie a surgir desde o fim da Guerra Civil.

Falei por cerca de quinze ou vinte minutos, surpreendendo-me ao fim por receber sinceras congratulações dos integrantes da comissão da Geórgia e de membros do Congresso. O comitê foi unânime em apresentar um relatório favorável, e em poucos dias uma lei foi aprovada. Com a chancela legislativa o sucesso da Exposição de Atlanta estava garantido.

Logo após essa viagem a Washington os diretores da Exposição decidiram que seria um reconhecimento à raça de cor erguerem na feira um grande e atraente prédio, dedicado ao progresso alcançado pelo negro desde a abolição. Ficou decidido adiante que seriam técnicos negros os que projetariam e construiriam o pavilhão. O projeto foi levado adiante. Em suas linhas, beleza e acabamento geral o Pavilhão dos Negros era igual aos demais.

Após a decisão de haver uma exibição separada para os negros, surgiu a questão: quem a administraria. Dirigentes da exposição mostravam simpatia no sentido que eu assumisse a responsabilidade, mas declinei do convite, alegando que minhas tarefas em Tuskegee exigiam-me tempo e empenho. Apoiado em grande parte na minha sugestão, foi escolhido o senhor I. Garland Penn, de Lynchburg, estado da Virgínia, como encarregado do departamento dos negros. Dei-lhe todo o apoio que podia. A Exposição dos Negros, como um todo, foi grande e respeitável. O que mais agradou no prédio à maioria das pessoas foram os estandes dos institutos Hampton e Tuskegee. Em minha avaliação, as pessoas que mais mostravam contentamento com o exposto em nosso prédio eram os brancos sulistas.

À medida que se aproximava o dia de abertura da exposição, os diretores começaram a preparar o programa inaugural. Na discussão diária dos vários aspectos do programa, surgiu a questão de admitir-se o ingresso dos membros da raça negra nas solenidades de abertura, uma vez que os negros foram convidados a participar com tal destaque na Exposição. Foi argumentado, adiante, que tal reconhecimento assinalaria o entendimento prevalente entre as duas raças. É claro, havia aqueles que se opunham a qualquer tipo de reconhecimento aos direitos dos



negros, mas o Conselho Diretor, composto pelos mais qualificados e progressistas no Sul, tomou posição e votou para que um negro falasse na cerimônia de inauguração. Após a matéria ser escrutinada, por vários dias, os diretores votaram unanimemente em meu nome, como o indicado para o discurso de abertura. Em poucos dias, recebi o convite oficial.

A chegada desse convite trouxe-me um sentido de responsabilidade que seria impossível a qualquer pessoa que não estivesse em meu lugar pudesse avaliar com precisão. O que sentia quando chegou esse convite? Recordei-me que havia sido escravo; que minha infância passara nos mais profundos níveis de pobreza e ignorância, e que quase não tivera tempo de preparar-me adequadamente para uma responsabilidade como esta. Havia poucos anos, qualquer dos brancos na platéia poderia reivindicar-me como seu escravo; e era muito provável que algum de meus antigos proprietários pudesse estar presente quando de meu discurso.

Eu sabia, também, que aquela era a primeira vez em toda a história do negro que um membro de minha raça fora convidado a falar da mesma tribuna que um branco sulista, homem ou mulher, num importante evento de âmbito nacional. Eu estava sendo convidado a discursar para uma platéia integrada pelos mais ricos e educados brancos do Sul, os representantes de meus ex-senhores. Eu sabia, também, que enquanto grande parte de minha platéia seria integrada por sulistas, da mesma forma, estaria presente um grande número de nortistas brancos, além de muitos homens e mulheres de minha raça.

Eu estava determinado a dizer apenas aquilo que sentia, no fundo de meu coração, ser justo e verdadeiro. Quando o convite me alcançou, não continha qualquer tipo de recomendação indicando o que deveria dizer ou omitir. Nisso, creio que havia uma homenagem a mim do Conselho Diretor. Eles sabiam que com apenas uma frase eu poderia causar grande dano ao evento. Eu também me sentia sofredamente consciente do fato que, enquanto deveria ser honesto para com a minha própria raça em minhas assertivas, eu tinha a responsabilidade também de em fazendo um discurso mal-alinhado poder resultar que no futuro similar oportunidade a um homem de cor não fosse cogitada. Sentia-me igualmente no dever de ser honesto em meu pronunciamento para com o Norte, da mesma forma que para com o lado bom do Sul.

Os jornais no Norte e no Sul passaram a se ocupar de meu futuro discurso, e à medida em que a abertura se aproximava a discussão se ampliava. Não poucos

eram os jornais brancos que se mostravam inamistosos à idéia de meu pronunciamento. De minha raça, recebi inúmeras sugestões quanto ao que tinha de dizer. Eu me preparava para dar o melhor de mim no discurso; mas enquanto o dezoito de setembro se aproximava, mais meu coração se angustiava, e mais eu temia que meu esforço pudesse resultar em fracasso e desapontamento.

O convite chegou em um momento que me encontrava muito atarefado na escola, uma vez que estávamos no início do ano letivo. Após preparar meu discurso, comecei a examiná-lo, como usualmente, em todas as assertivas que considerava particularmente importantes, junto com a senhora Washington, que aprovou o que eu iria proferir. No décimo sexto dia de setembro, véspera, eu partiria para Atlanta, e foram tantos os mestres de Tuskegee que manifestaram seu desejo de ouvir meu discurso que concordei em fazer uma leitura para eles. Em fazendo isso, e tendo ouvido suas críticas de comentários, senti-me de alguma forma aliviado, pois passaram a impressão de concordarem com o que eu ia dizer.

Na manhã de 17 de setembro, com a senhora Washington e meus três filhos, partimos em direção a Atlanta. Senti-me muito como suponho que uma pessoa sente quando segue para o patíbulo. Passando pela vila de Tuskegee, encontrei-me com um fazendeiro branco que vivia um pouco distante, na zona rural. Numa forma de zomba, disse: “Washington, já falaste ante os brancos nortistas, os negros do Sul, mas em Atlanta, amanhã, terás como assistentes brancos nortistas, brancos sulistas e negros, todos juntos. Acho que te meteste numa enrascadela”. Esse fazendeiro diagnosticou corretamente a situação, mas suas palavras sinceras não acrescentaram nada para conforto.

No curso da jornada entre Tuskegee e Atlanta, tanto pessoas de cor, quanto brancos, apareceram na estação para boas vindas, e discutiram com plena liberdade, o que iria acontecer no dia seguinte. Fomos recebidos por uma comissão em Atlanta. Praticamente a primeira coisa que ouvi quando desci do trem foi uma expressão assim resumida por um idoso homem de cor: *“Este é o homem de minha raça que vai fazer uma conferência amanhã na Exposição. Sim, vou estar lá para ouvi-lo”*.

Atlanta se encontrava literalmente apinhada com pessoas vindas de todas as partes do país, com representantes de governos estrangeiros, bem como com a participação de muitas instituições civis e militares. Os jornais vespertinos mostravam previsões a respeito dos procedimentos do dia seguinte em vistosas

manchetes. Tudo isso aumentava minha angústia. Não consegui dormir muito naquela noite. Na manhã seguinte, antes do alvorecer, repassei cuidadosamente meu discurso. Também ajoelhei-me e pedi a Deus sua bênção por meu esforço. Exatamente aqui, tenho de acrescentar, que criei uma regra segundo a qual jamais me apresentaria ante uma platéia, seja quando fosse, sem pedir a bênção de Deus para o que eu iria proferir.

Também era regra, tinha de fazer uma preparação especial para cada discurso. Nunca dois pronunciamentos eram exatamente iguais, pois duas platéias também não eram iguais. É meu objetivo chegar e falar com o coração para aquela audiência em particular, considerando-a como se fosse um indivíduo. Quando estou falando para um público, pouco me preocupa a interpretação que será dada pelos jornais, ou para outro público diverso daquele, ou para uma pessoa. Naquele instante, a platéia à minha frente absorve toda a minha afinidade, idéia e energia.

Bem cedo, de manhã, uma comissão apareceu para conduzir-me até o local no desfile, que marcharia até o recinto da mostra. Nesse desfile estavam proeminentes cidadãos de cor, em carruagens, bem como diversas organizações militares negras. Constatei que diversos funcionários da Exposição ocupavam-se em verificar se as pessoas de cor no desfile estavam bem dispostas e eram corretamente tratadas. A parada demorou cerca de três horas até alcançar o recinto de exposições, e durante todo esse tempo fazia um calor desagradável, pois brilhava o sol de forma inclemente sobre nós. Quando alcançamos o local, o calor, junto com o estado nervoso e ansiedade, fez-me sentir como se estivesse na iminência de ter um colapso, e sentir que meu discurso falharia. Ao adentrar na sala de conferências, encontrei-a apinhada de humanidade, do chão ao topo, e havia milhares do lado de fora que não haviam conseguido entrar.

O salão era muito grande e bem preparado para os conferencistas. Quando entrei no ambiente, ouvi vigorosas saudações de parte do setor ocupado pelas pessoas de cor, e aplausos fracos vindos de alguns brancos. Eu fora informado, já em Atlanta, que enquanto muitos brancos estariam presentes para ouvir-me falar, por mera curiosidade, outros estariam presentes por total solidariedade a mim; mas havia ainda um grande contingente de pessoas que lá estariam para ver eu fazer papel de tolo, ou pelo menos proferir alguma tolice, de forma a assegurar-lhes o direito de dizer aos organizadores que me haviam convidado: “Eu não disse!”

Um dos curadores do Instituto Tuskegee, meu amigo pessoal, senhor William H. Baldwin, Jr. era nessa época o gerente-geral da empresa Southern Railroad<sup>37</sup> e se encontrava em Atlanta naquele dia. Ele estava tão apreensivo quanto à maneira como eu seria tratado, e o efeito que meu discurso poderia causar, que não conseguiu criar ânimo o bastante para comparecer à sala de conferências, ficando caminhando de um lado para o outro até que o cerimonial de abertura fosse concluído.

---

<sup>37</sup> - Ferrovia Sulista

## CAPÍTULO XIV

### *A conferência da Exposição de Atlanta*

*A* Exposição de Atlanta, na qual me solicitaram fizesse um discurso como representante da raça negra, foi aberta com um breve discurso do governador Bullock. Após alguns outros atos interessantes, inclusive uma invocação feita pelo bispo Nelson, da Geórgia; uma ode dedicatória por Albert Howell, Jr., e discursos pelo presidente da Exposição e senhora Joseph Thompson, presidente do Conselho das Senhoras, o governador Bullock apresentou-me com as seguintes palavras: “Temos em nossa companhia hoje um representante da iniciativa e da civilização negras”.

Quando me levantei para discursar, houve consideráveis aplausos, especialmente da parte das pessoas de cor. Como me recordo hoje, o que mais se destacava em meu pensamento era o desejo de dizer algo que viesse a cimentar a amizade das raças e gerar uma harmoniosa cooperação entre si. Quanto ao exterior que me envolvia, apenas posso me lembrar distintamente, que quando me levantei, vi milhares de olhos encarando-me intensamente. O discurso que proferi é o seguinte:

*SR. PRESIDENTE E CAVALHEIROS DO CONSELHO DIRETOR E CIDADÃOS*

*Um terço da população do Sul é composto pela raça negra. Nenhum empreendimento buscando o bem-estar material, civil ou moral desse grupo pode desconsiderar este elemento de nossa população e alcançar o pleno sucesso. Posso apenas levar-lhes, senhor presidente e diretores, os sentimentos das massas de minha raça quando digo-lhes que de nenhuma maneira o valor e a coragem do negro americano foi mais adequada e generosamente reconhecida quanto pelos administradores desta magnífica Exposição durante todo o processo de sua elaboração. É um reconhecimento que fará mais para cimentar a harmonia entre as duas raças do que qualquer outro evento desde a aurora de nossa libertação.*

*Não apenas isso, mas a oportunidade aqui ensejada despertará entre nós uma nova era de progresso industrial. Ignorante e inexperiente, não é estranho que nos primeiros anos de nossa nova vida iniciamos no topo, ao invés de na base; que um assento no Congresso ou na Assembléia Legislativa era mais uma busca do que uma realidade ou uma qualificação intrínseca; que uma convenção partidária possuía mais atrativos do que o alvorecer num estábulo de leite ou na faina agrícola.*

*Um navio à deriva por muito tempo de repente avistou uma embarcação amiga. Do mastro do desafortunado barco podia ser visto um pedido: “Água, água, estamos morrendo de sede!” A resposta da embarcação amiga veio em seguida: “Jogue n’água ai mesmo seu balde”. Um segundo sinal, “Água, água; dê-nos água!”, apareceu no angustiado navio, e teve como resposta: “Jogue n’água ai mesmo seu balde”. E um terceiro e quarto apelos por água tiveram como resposta, “Jogue n’água ai mesmo seu balde”. O capitão do navio em pânico, enfim atendendo à ordem, apanhou o balde, lançou na água e trouxe-o cheio de água cristalina e potável, da foz do Rio Amazonas. Para os membros de minha raça que dependem para melhorar sua condição de vida numa terra distante ou que subestimam a importância de estimular relações fraternas com os brancos do Sul, que são seus vizinhos de porta, eu diria: “Jogue n’água ai mesmo seu balde” — arremete-o fazendo amigos de qualquer forma nobre, com pessoas de todas as raças, que nos cercam.*

*Jogue-o na agricultura, na mecânica, no comércio, no serviço doméstico e nas profissões em geral. E nesse contexto, é bom ter em mente que, não obstante outros pecados venha o Sul a ser compelido suportar, em se tratando de negócio, puro e simples, é no Sul que ao negro é dada a chance de acesso ao mundo dos negócios — em nada esta exposição comercial é mais eloqüente do que ao enfatizar esta perspectiva. Nosso maior perigo é que no grande espaço temporal entre escravidão e liberdade tenhamos negligenciado a verdade que nossa gente necessite viver com seu trabalho manual, e falhado em compreender que haveremos de prosperar na proporção que aprendamos a dignificar e glorificar o trabalho comum, e colocar nosso cérebro e habilidade nas atividades triviais do dia-a-dia; haveremos de prosperar na medida em que aprendamos a traçar uma linha que separe o superficial do substancial; o ornamental, o fútil do benéfico. Nenhuma raça pode prosperar até que aprenda que há tanta dignidade em cultivar um campo*

quanto em escrever um poema. É na base da vida que devemos iniciar, não no cume. Nem devemos permitir que nossas mágoas ofusquem nossas oportunidades.

Aos brancos que observam a entrada desses estrangeiros, com desusados idiomas e hábitos, para ajudar no desenvolvimento do Sul, me seja permitido dizer o que constantemente repito para os de minha própria raça: “Jogue n’água ai mesmo seu balde”. Jogue-o em meio a oito milhões de negros cujos hábitos você conhece, cuja fidelidade e amor você já testou em tempos quando ser traiçoeiro poderia significar um perigo dentro do lar. Lance o seu balde dentre este povo que, sem greves ou disputas laborais, cultivou seus campos, desmatou florestas, construiu suas ferrovias e edificou as cidades, e arrancou tesouros das entranhas da terra, e tornou possível esta magnífica mostra do progresso do Sul. Lançando seu balde em meio a meu povo — ajudando e encorajando-o, como você está fazendo nessas áreas, e também para a formação de sua cabeça, mãos e coração — você descobrirá que ele irá adquirir o que lhes sobra de terras, fará florir pedaços incultos de suas propriedades, e movimentará suas fábricas. Enquanto isso é feito, pode ter certeza que no futuro, como no passado, você e sua família estarão em meio ao mais paciente, fiel, obediente à lei e incansável povo que o mundo jamais conheceu. Assim como provamos-lhes nossa lealdade no passado, criando seus filhos, velando o leito de dor de suas mães e pais, e comumente levando-os, com lágrimas de dor, até suas sepulturas; assim, no futuro, em nosso humilde modo de ser, nos perfilaremos a seu lado com devoção inigualável por qualquer estrangeiro, prontos para morrer, se necessário for, em sua defesa, interligando nossos relacionamentos empresariais, civis e religiosos, de uma maneira que haverá de fazer do interesse de ambas as raças um só. Em tudo que seja puramente social poderemos estar tão separados como são os dedos, mas unos como uma mão em todas as coisas essenciais ao progresso mútuo.

Não há justificação ou certeza para nenhum de nós, exceto na elevada instrução e desenvolvimento de todos. Se em um lugar qualquer existe empenho tendente a restringir o desenvolvimento integral do negro, que ele seja transformado em estímulo, encorajamento, a fim de torná-lo um cidadão inteligente e útil. Esforços e meios empregados nessa direção representarão o pagamento de mil por cento de juros. Esses esforços serão duplamente abençoados — “abençoa a quem dá e abençoa a quem recebe”.

Não há escapatória pela lei dos homens ou de Deus para o inevitável:

*Leis de imutável justiça ligam  
Opressor e oprimido;  
E juntos como pecado e infortúnio  
Marchamos para o destino comum.*

*Aproximadamente dezesseis milhões de mãos irão ajudá-lo a erguer o fardo, ou puxá-lo para baixo. Poderemos nos constituir em um terço ou mais da ignorância e da criminalidade no Sul, ou um terço de seu pensamento e progresso; poderemos contribuir em um terço para a prosperidade empresarial do Sul, ou seremos um verdadeiro corpo morto, estagnado, aviltado, retardando qualquer esforço para o progresso da sociedade.*

*Senhores da Exposição, na medida em que lhes apresentamos nosso humilde esforço, numa mostra de nosso progresso, não esperem demasiado. Iniciando trinta anos atrás, com a posse, aqui e ali, de uns poucos cobertores, abóboras e galinhas (reunidos de diversas origens), lembrem-se que o caminho — desde aí até a criação e fabrico de implementos agrícolas, charretes, máquinas a vapor, jornais, livros, estatuária, gravuras, pinturas, gerenciamento de drogarias e bancos — não foi trilhado sem encontramos espinhos e cardos. Enquanto nos orgulhamos que o exibido é resultado de nossos esforços auto-suficientes, não nos esqueçamos sequer por um momento que nossa participação na Exposição não iria longe em suas expectativas, ignorando o constante auxílio que foi aportado à nossa experiência educacional, não apenas pelos estados sulistas, mas especialmente por filantropos do Norte, que fizeram de suas doações um fluxo constante de bênção e estímulo.*

*As pessoas mais judiciosas em minha raça sabem que a agitação em prol de disputas por igualdade social é o extremo da insensatez, e que progresso no desfrutar de todos os privilégios que nos alcançarão deve ser o resultado de diligência severa e constante, ao invés de poder artificial. Nenhuma raça que tenha algo a contribuir para a economia do mundo é por algum tempo, de qualquer forma, mantida no ostracismo. É importante e justo que todos os privilégios da lei nos favoreçam; mas é vastamente mais importante que estejamos preparados para o*



*exercício desses privilégios. A oportunidade de receber um dólar trabalhando é infinitamente mais valiosa do que gastar um dólar num teatro.*

*Concluindo, desejo repetir que nada em trinta anos nos deu mais esperança e estímulo, e trouxe-nos tão próximos aos senhores, de raça branca, do que a oportunidade ensejada por esta Exposição; e aqui curvados, como se fosse o altar que representa os resultados dos embates de sua raça e da minha, ambas tendo começado praticamente de mãos vazias, faz três décadas, dou o penhor de que, em seu esforço para resolver os grandes e intrincados problemas que Deus deixou às portas do Sul, terão os senhores sempre a paciência e solidário auxílio de minha raça; apenas deixe estar sempre presente em sua mente que, pelas representações nestes estandes de produtos dos campos, das florestas, das minas, das fábricas, letras e artes, ainda muito de bom surgirá; acima mesmo e adiante dos benefícios materiais advirá este bem maior, rezemos para Deus, que apague as diferenças seccionais, animosidades raciais e suspeitas, numa determinação de administrar justiça absoluta, numa obediência concorde em meio a todas as classes aos mandamentos da lei. Isto — isto em parêntese com nossa prosperidade material haverá de trazer para o abençoado Sul um novo céu e uma nova terra.*

Após haver terminado o discurso, a primeira coisa que me lembro, é da figura do governador Bullock adiantando-se até a tribuna e apertando minha mão, o que outras pessoas também fizeram. Recebi tantas, tão efusivas e sinceras congratulações que foi difícil deixar o recinto. Eu não soube da repercussão de meu pronunciamento, senão que na manhã seguinte, quando passei pela zona comercial da cidade. Assim que fui reconhecido, surpreendi-me vendo as pessoas apontando para mim, e cercado por outros que desejavam cumprimentar-me apertando a mão. Isso aconteceu em todas as ruas por onde andei, a um ponto tal que me sentindo embaraçado retornei para onde estava alojado. Na manhã seguinte retornei para Tuskegee. Na estação férrea em Atlanta, e quase em todas as paradas que o trem fez até Tuskegee, deparei-me com grupos de pessoas querendo apertar minha mão.

Jornais em muitos recantos do país publicaram a íntegra de meu pronunciamento, e nos meses seguintes podiam-se encontrar matérias opinativas favoráveis ao discurso. O senhor Clark Howem, editor do jornal de Atlanta, *Constitution*, telegrafou para um jornal de Nova York, dizendo dentre outras palavras o seguinte: “Não exagero em dizer que o discurso de ontem do professor Booker T. Washington foi um dos mais notáveis pronunciamentos jamais endereçados a uma

platéia sulista, tanto no seu caráter quanto na cordialidade com que foi recebido. O discurso foi uma revelação. A peça por inteiro é uma plataforma sobre a qual negros e brancos podem manterem-se justos plenamente um para com o outro”.

O jornal de Boston, *Transcript*, disse em editorial: “O discurso de Booker T. Washington, na Exposição de Atlanta, esta semana, parece haver tornado menor tudo o mais que ocorreu, inclusive a própria Exposição. A agitação que causou na imprensa foi algo sem precedentes”.

Logo em seguida comecei a receber os mais diversos tipos de propostas vindas de agentes de conferencistas e editores de jornais e revistas para proferir palestras e escrever artigos. Um desses agentes ofereceu-me cinquenta mil dólares, ou duzentos dólares por noite mais despesas pessoais, se me colocasse a seu serviço por um determinado período. Para todas as propostas respondi que o trabalho que escolhera como de minha vida era Tuskegee; e que sempre que fizesse conferências realizaria-as em proveito dessa instituição e de minha raça, e que não faria qualquer arranjo que se mostrasse de uso meramente comercial.

Alguns dias após seu despacho, enviei uma cópia de meu discurso para o presidente dos Estados Unidos, o excelentíssimo Gover Cleveland. Recebi em retorno a seguinte resposta de próprio punho:

Gray Gables, Buzzard's Bay, Mass.

6 de outubro de 1895

Ilústrissimo Senhor

Booker T. Washington,

Prezado Senhor:

Eu agradeço-lhe pelo envio de uma cópia de seu discurso proferido na Exposição de Atlanta.

Agradeço-lhe com muito entusiasmo por haver feito o pronunciamento. Li-o com intenso interesse, e creio que a Exposição estaria plenamente justificada se nada mais houvesse ocorrido, senão que o ensejo de haver proferido o seu discurso. Suas palavras não podem falhar em deleitar e encorajar todos os

que desejam o bem de sua raça; e se nossos co-cidadãos de cor, a partir de suas assertivas, não haurirem novas esperanças e formarem novos conceitos para conquistar todas as vantagens de valor que lhe são oferecidas por sua cidadania, isso será verdadeiramente estranho.

Atenciosamente

GROVER CLEVELAND

Mais adiante, encontrei-me com o senhor Cleveland, pela primeira vez, quando como presidente visitava a Exposição de Atlanta. Atendendo minha solicitação e de outros, aceitou passar uma hora no Pavilhão dos Negros, com o objetivo de inspecionar a produção desses, e assegurando uma oportunidade às pessoas de cor de apertar-lhe a mão. Tão logo me encontrei com o senhor Cleveland, impressionou-me sua simplicidade, grandeza e franca honestidade. Viria a encontrá-lo muitas vezes no futuro, tanto em cerimônias públicas, quanto em sua residência particular em Princeton; e quanto mais o conheço, mais o admiro. Quando visitou o Pavilhão dos Negros em Atlanta deixou a impressão de dar-se por inteiro, naquela hora, ao povo de cor. Ele se mostrava mais carinhoso em apertar mãos de pessoas mais idosas — *tiozinhos* —, em vestimentas gebas, e demonstrar grande prazer ao assim proceder, como se estivesse a cumprimentar um importante homem rico. Muitas pessoas de cor tomaram partido de seu jeito, pedindo-lhe para que apusesse seu autógrafo num livro ou num pedaço de papel. Mostrava-se tão gentil e paciente como se estivesse a assinar um importante documento.

O senhor Cleveland não apenas demonstrou sua amizade para comigo de muitas maneiras, mas atendeu a tudo que lhe solicitei em favor de nossa escola. Assim ocorria quando se tratava de uma doação pessoal ou usando sua influência para conseguir auxílios de outros. Julgando a partir de meu relacionamento pessoal com o senhor Cleveland, não creio que ele tenha consciência de possuir qualquer tipo de preconceito de cor. Ele é grande demais para isso. Em minha convivência com as pessoas descobri que, via de regra, são apenas os pequenos, seres, acanhados, que vivem para si mesmos, que nunca leram um bom livro, jamais viajam, os que, em qualquer tempo, abriram suas almas de forma a permitir que se relacionassem com outras almas — com o grande mundo exterior. Ninguém cuja visão é limitada pela cor poderá se aproximar com o que há de mais alto e melhor na

sociedade. Encontrando pessoas, em diversos locais, descobri que as mais felizes são aquelas que mais se doam aos outros e os mais mesquinhos, aqueles que nada fazem pelo próximo. Percebi também que poucas coisas, se alguma, são capazes de tornar alguém mais cego e limitado do que raça e preconceito. Comumente, digo para nossos estudantes, quando de minhas preleções nas noites de domingo, na capela, que quanto mais eu viver e mais experiências acumule, mais estarei convencido que, afinal, uma das coisas que dão mais razão ao viver, e morrer se necessário, é a oportunidade de tornar alguém mais feliz e mais útil.

As pessoas de cor e seus jornais, de início, pareciam mostrarem-se muito satisfeitos com meu discurso de Atlanta, bem como com seu acolhimento. Mas após a primeira eclosão, o entusiasmo começou a empalidecer, e as pessoas de cor passaram a ler meu discurso com frieza; alguns deles davam a impressão de que haviam sido hipnotizados. Reagiam como se meu discurso tivesse sido muito liberal quanto aos brancos sulistas, e que eu não havia falado firme o necessário no que designavam como “direitos” da raça. Por um certo tempo, as reações partiram de elementos de minha raça. Mas, adiante, parece que esses reacionários foram vencidos por minhas convicções e modo de agir.

Falando em reações do público, lembro que, cerca de dez anos após a fundação de Tuskegee, vivenciei uma experiência a qual jamais vou esquecer. O dr. Lyman Abbot, então pastor da igreja de Plymouth e também editor de *Outlook* (então, *Cristian Union*) solicitou-me viesse a escrever uma carta onde desse minha opinião da exata condição mental e moral dos religiosos negros no Sul. Escrevi-lhe a carta, dando os fatos da forma como eu os via. O retrato que pintei era verdadeiramente negro — como sou negro deveria dizer: “branco”? E não poderia ser de outra forma com uma raça que se encontrava havia poucos anos livre da escravidão; uma raça que não tivera tempo ou oportunidade para formar um religioso competente.

Meu pensamento, externado na imprensa, em seguida, parece que alcançou todos os religiosos no país, pois as cartas de reprovação que recebi não foram poucas. Passado um ano da publicação, todas as associações e conferências religiosas, de minha raça, que se reuniram, não deixaram passar sem emitir uma resolução condenando-me, ou demandando que eu me retratasse ou retificasse o proferido. Muitas dessas organizações avançaram tanto em sua retaliação, chegando a conclamar os pais a não matricular seus filhos em Tuskegee. Uma

ocasião chegaram a nomear um “missionário” cujo dever era o de alertar as pessoas para que não matriculassem seus filhos em Tuskegee. Esse religioso tinha um filho na nossa escola, e notei que, seja lá o que houvesse dito ou feito o “missionário” com relação aos demais, ele não tomou qualquer iniciativa para afastar seu filho do instituto. Muitos dos jornais de cor, especialmente aqueles que pertenciam a organizações religiosas, se juntaram ao coro dos que me condenavam ou exigiam-me uma retratação.

Durante todo o período que durou a agitação, e apesar de toda a crítica, não proferi palavra sequer de justificação ou retratação. Eu tinha certeza que estava certo, e que com o tempo, e uma segunda análise mais serena, iriam absolver-me. Não muito depois, bispos e outras lideranças religiosas começaram a fazer uma cuidadosa investigação das condições do ministério, concluindo que eu estava certo. De fato, o mais influente e sênior dos bispos de um ramo da Igreja Metodista, asseverou que minhas palavras eram até muito suaves. Em seguida, a opinião pública começou a clamar por uma purificação dentre os religiosos. Creio que posso dizer, e sem ser vaidoso, que minhas palavras se constituíram no ponto de partida para a colocação, nos púlpitos, de homens mais bem preparados — e isso me foi dito por influentes líderes religiosos. Senti a grata satisfação de ser elogiado candidamente por muitos que antes haviam condenado minhas palavras.

A mudança de atitude dos ministros negros, no que concerne a mim, é tamanha que hoje em dia a maioria de meus amigos encontra-se entre os clérigos. A melhoria do caráter e da vida dos pregadores negros é uma das mais gratificantes evidências do progresso de nossa raça. Minha vivência com eles, bem como outros eventos ocorridos em minha vida, convencem-me que o certo a fazer, quando alguém tem certeza que disse ou fez o que julgava correto, e é objeto de uma condenação pública, é manter sua posição e aguardar quieto. Se estava certo, o tempo provará.

Em meio ao debate que se seguiu ao meu pronunciamento de Atlanta, recebi a carta que transcrevo a seguir, do dr. Gilman, presidente da Universidade John Hopkins<sup>38</sup>, que foi escolhido como presidente da comissão julgadora na Exposição de Atlanta:

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY, BALTIMORE

---

<sup>38</sup> - Johns Hopkins (1795-1873) - Banqueiro e filantropo que ao morrer deixou 7 milhões de dólares para a instituição, em Baltimore, do hospital e universidade que ostentam seu nome.

Gabinete do Presidente, 30 de setembro de 1895.

Prezado Senhor Washington: Seria de seu agrado integrar o corpo de jurados que outorga a Comenda de nosso Departamento de Educação, em Atlanta? Caso favorável, terei prazer em incluir seu nome na lista. Uma linha, num telegrama, será bem recebida.

Atenciosamente

D.C. Gilman

Creio haver ficado mais surpreso ao receber esse convite do que aquele para falar na Exposição de Atlanta. Com este encargo, eu haveria de julgar os trabalhos não apenas provenientes das escolas de pessoas de cor, como também das demais. Aceitei o convite, e passei um mês em Atlanta no desempenho das tarefas cometidas. O corpo de jurados era numeroso, formado em seu todo por sessenta pessoas. Era equanimemente formado por nortistas e sulistas, brancos. Em meio a eles estavam os presidentes de faculdades, cientistas de renome, homens de letras e especialistas em muitos ramos do conhecimento. Quando o subgrupo de jurados, para o qual eu estava designado, encontrou-se para se organizar, o senhor Thomas Nelson Page<sup>39</sup>, um dos integrantes, sugeriu que eu fosse designado secretário, moção que foi aceita por unanimidade. Quase a metade de nosso grupo era integrada por sulistas. No desempenho de minhas tarefas, examinando o trabalho de estudantes brancos, sempre fui tratado com todo o respeito, e ao concluirmos a missão, despedi-me dos companheiros de júri com pesar.

Comumente, solicitam para que me expresse de forma mais aberta a respeito das condições políticas e o futuro de minha raça. O recordar da experiência em Atlanta dá-me a oportunidade de fazê-lo, brevemente. Acredito que, embora nunca antes tenha dito isto amplamente, chegará o tempo em que o negro no Sul será beneficiado com todos os direitos políticos que sua capacidade, caráter e situação econômica ensejarão. Penso, todavia, que a oportunidade de livremente exercer tais direitos políticos não ocorrerá através da intervenção de terceiros ou de postulação artificial — será concedida ao negro pelos brancos do Sul, e que os

---

<sup>39</sup> - Thomas Nelson Page (1853-1922) Escritor e diplomata americano, lembrado por sua obra nostálgica a respeito do antigo Sul.

protegerão no exercício desses direitos. Tão pronto o Sul vislumbra o antigo sentimento que esteja sendo forçado por “estrangeiros”, ou “alienígenas” a fazer algo que não deseja, creio que a mudança na direção que indiquei terá início. Em verdade, há indícios de que já esteja assim ocorrendo, em pequena escala.

Deixe-me ilustrar meu pensamento. Suponha-se que alguns meses antes da abertura da Exposição de Atlanta, houvesse grande pressão de parte da imprensa e da opinião pública de fora do Sul, no sentido de que a um negro fosse alocado um lugar nas cerimônias inaugurais, e que um negro fosse colocado dentre os jurados do evento. Teria ocorrido qualquer reconhecimento de nossa raça? Não creio. Os organizadores da Exposição tomaram a decisão ousada porque lhes agradava e sentiam-na como uma forma de premiar o que consideravam mérito da raça negra. Diga-se o que se disser, existe algo na natureza humana que não pode ser removido, é o que faz o homem, ao fim, reconhecer e premiar o mérito de outro, independente de sua cor ou raça.

Creio ser dever do negro — como grande parte da raça já está fazendo — portar-se moderadamente no que concerne às demandas políticas, subordinando-se às lentas, mas firmes, influências que se originam na condição de ser proprietário, em seu desenvolvimento educacional e em seu caráter elevado, para o reconhecimento total de seus direitos políticos.

Creio que o completo e harmônico exercício dos direitos políticos será objeto de um crescimento natural, progressivo — não da noite para o dia — qual uma trepadeira. Não acredito que o negro deva parar de votar, posto que ninguém aprenderá o caminho do autogoverno abstendo-se do sufrágio, como não se aprende a nadar ficando longe da água. Mas acredito que ao votar, deve, mais e mais, ser atraído por aqueles de inteligência e caráter, que vivem nas suas cercanias.

Conheço pessoas de cor que, pelo estímulo, ajuda e conselho dos brancos sulistas acumularam milhares de dólares em propriedades, mas que, ao mesmo tempo, jamais se dirigirão a essas mesmas pessoas em busca de aconselhamento quanto a seu voto. Isso eu vejo como insensato e não deve ocorrer. Em assim falando, não quero dizer que o negro deve humilhar-se, ou deixar de votar por seus princípios, pois no momento em que deixa de votar conscientemente perde a confiança e respeito, também do branco sulista.

Nenhum estado deveria legislar de forma a permitir que um branco pobre e ignorante possa votar, e impeça um homem de cor, em igual condição, de fazer o mesmo. Tal lei não apenas seria injusta, mas criará uma reação, como ocorre contra todas as leis injustas, ao longo do tempo. O efeito dessa lei seria estimular o negro conseguir educação e bens; ao mesmo tempo encorajaria o branco a permanecer ignorante e pobre. Acredito que com o tempo, por meios inteligentes e de um relacionamento amistoso entre as raças, toda a trapaça nas urnas que ocorre no Sul haverá de cessar. Tornar-se-á visível que o branco que inicia por enganar o negro através do voto, em seguida logrará o branco, e que as pessoas que assim agem terminam sua carreira de desonestidade com o roubo de propriedades ou por outro crime igualmente sério. Na minha opinião, chegará o tempo em que o Sul haverá de estimular todos os seus cidadãos a votar; compreenderá que, sob qualquer ponto de vista, é melhor possuir um sistema rico e vigoroso a ter estagnação política, que resulta quando metade da população não tem parte nem interesse no governo.

Como regra, acredito no voto livre e universal, mas creio que no Sul nos confrontamos com condições peculiares que justificam a proteção do sufrágio em muitos estados, pelo menos por algum tempo, seja por um teste de capacidade educacional, de propriedade ou a combinação de ambos; mas quais testes venham a ser exigidos, devem ser impostos igual e justamente às duas raças.



## CAPÍTULO XV

### ***O segredo do sucesso na oratória***

Quanto à maneira como foi recebido meu pronunciamento pela platéia no recinto da Exposição, prefiro transcrever a matéria que foi telegrafada para o jornal *New York World*, pelo famoso correspondente de guerra, senhor James Creelman, que assistiu o evento:

*Atlanta, 18 de setembro*

*Enquanto o presidente Cleveland aguardava hoje em Gray Gables para acionar a chave que poria em funcionamento a maquinaria da Exposição de Atlanta, um Moisés negro assomou ante uma grande audiência composta de brancos e pronunciou um discurso que assinala uma nova época na história do Sul; e uma tropa de negros desfilou em parada, juntos com corpos de voluntários da Geórgia e Luisiana. Toda a cidade está arrebatada esta noite com a cumulação de extraordinário significado desses dois eventos sem precedentes. Nada havia ocorrido que indicasse tão intensamente o espírito de um novo Sul, desde que Henry Grady proferiu seu imortal discurso na Sociedade Nova Inglaterra, em Nova York, exceto, talvez, com a abertura da Exposição.*

*Quando o professor Booker T. Washington, diretor de uma escola técnica para pessoas de cor em Tuskegee, Alabama, postou-se na tribuna do auditório, com o sol brilhando sobre as cabeças de seus ouvintes, e a face inflamada com a chama da profecia — Clar Howel, sucessor de Henry Grady, me disse: “O discurso deste homem é o início de uma revolução moral na América”.*

*É a primeira vez que um negro proferiu um discurso no Sul em qualquer evento importante para uma platéia composta de homens e*

*mulheres brancos. Isso excitou a audiência, e a resposta veio como se originada da garganta de um furacão.*

*A senhora Thompson, esposa do presidente da Exposição, demorou um pouco a sentar-se, enquanto seus olhos se postavam num negro alto e de tez amarelo-castanho sentado na primeira fila do palco. Era o professor Booker T. Washington, presidente do Tuskegee (Alabama), Instituto Técnico e Normal, que coloca-se a partir de agora como o homem mais destacado de sua raça na América. A Banda Gilmore executou “Star-Spangled Banner”<sup>40</sup>, animando a platéia. Tocaram então “Dixie”<sup>41</sup>, o que excitou mais ainda os presentes. Novamente a música mudou para “Yankee Doodle”, e o clamor amainou.*

*Incessantemente os olhos de milhares de participantes fixavam-se no orador negro. Algo estranho estava por ocorrer. Um negro iria falar em nome de seu povo e ninguém o iria interromper. Quando o professor se aproximou da beira do palco, o sol, descendente, lançou raios de fogo através de uma janela que iluminaram sua face. Uma grande aclamação o saudou. Então virou seu rosto, afastando a luz cegante, movimentando-se no palco em busca de alívio. Ai voltou seu maravilhoso semblante para o sol sem um piscar de olhos, e começou a falar.*

*Lá estava uma figura magnífica: alto, ossudo, desempenado como um chefe Sioux, testa alta, nariz reto, mandíbulas fortes, boca determinada, com dentes graúdos e brancos, olhos penetrantes e postura de líder. Os músculos se expandiram em seu pescoço bronzeado, e seu musculoso braço direito agitou-se no ar, com sua mão fechada empunhando um lápis. Seus grandes pés estavam plantados simetricamente, com os calcanhares juntos e os dedos virados para fora. Sua voz soou alta, clara e verdadeira, e pausava de forma impressionante à medida em que dava ênfase a algum ponto. Em dez minutos a multidão se encontrava num alvoroçado entusiasmo — abanavam com lenços, bengalas eram brandidas, chapéus lançados no ar. A representante na Exposição da*

---

<sup>40</sup> - Usada pelas tropas da União na Guerra de Secessão, em 1931 se tornaria o Hino Nacional dos EUA.

<sup>41</sup> - Era a marcha de guerra das tropas confederadas do Sul.

*Geórgia ergueu-se e aplaudiu. Era como se o orador a todos houvesse enfeitiçado.*

*E quando ele sustentou sua mão parda no alto, acima da cabeça, com os dedos esticados e apartados, e asseverou aos brancos do Sul, em nome de sua raça: “Em tudo que seja puramente social poderemos estar tão separados como são os dedos, mas unos como uma mão em todas as coisas essenciais ao progresso mútuo”, uma grande onda de sons chocaram-se contra as paredes, e a platéia toda estava de pé num delirante aplauso, quando pensei naquele instante da noite em que Henry Grady ergueu-se entre grinaldas da fumaça de tabaco, no salão de recepção de Delmonico<sup>42</sup>, e disse: “Sou um cavalheiro em meio a Roundheads<sup>43</sup>”.*

*Tenho ouvido grandes oradores, em muitos países, mas nem mesmo Gladstone<sup>44</sup> poderia ter defendido uma causa com mais intenso poder do que aquele negro anguloso, em pé numa auréola de raios de sol, rodeado por homens que outrora lutaram para manter sua raça no cativeiro. Tão alto quando pudesse elevar-se o troar de vozes, a expressão determinada em sua face jamais se alterava.*

*Um gigante de ébano, maltrapilho, agachado no chão de um dos corredores, observava o orador com olhos inflamados e face trêmula até que o supremo jorro de aplausos eclodiu, então as lágrimas rolaram por sua face. A maioria dos negros na platéia chorava, talvez sem saber exatamente porquê.*

*No encerramento do discurso, o governador Bullock apressou-se em cruzar o palco, apanhando a mão do orador. Outra ovação saudou sua iniciativa, e por uns poucos minutos os dois homens mantiveram-se face a face, apertando-se as mãos.*

---

<sup>42</sup> - Lorenzo Delmonico, suíço naturalizado americano popularizou em Nova York, nos anos mil e oitocentos, a cozinha européia, e é apontado como inspirador dos restaurantes como uma instituição das cidades norte-americanas.

<sup>43</sup> Roundheads, parlamentares que se opunham ao rei Charles I na Guerra Civil Inglesa (1642-48). Eram assim chamados por serem, muitos deles, puritanos que se opunham aos Cavalheiros, que apoiavam o rei.

<sup>44</sup> - William Ewart Gladstone, (1809-98), Estadista britânico e notável orador.

Após o discurso em Atlanta, tão pronto sobrou-me algum tempo nas minhas tarefas em Tuskegee, aceitei alguns dos convites para falar em público, especialmente aqueles que iriam levar-me ao território onde considerava como importantes pudesse advogar em favor de minha raça, mas sempre agi a partir do entendimento que eu era livre para falar sobre meu trabalho e as necessidades de meu povo. Eu também tinha a compreensão que eu não estaria falando na condição de um conferencista profissional, ou simplesmente por dinheiro.

Nunca fui capaz de compreender por que as pessoas vinham ouvir meu trabalho nas tribunas. Repetidamente, parado do outro lado da calçada, em frente aos locais onde iria falar, via homens e mulheres passando em grande número, adentrando o salão de conferência. Sentia-me envergonhado de ser a causa das pessoas — assim me parecia —perderem valioso tempo. Alguns anos atrás, iria proferir um discurso para uma sociedade literária em Madison, estado do Wisconsin. Uma hora antes do assinalado, uma severa tempestade de neve teve início, e prosseguiu por muitas horas. Julguei que não haveria ouvintes, e que não faria o discurso, mas, por dever de ofício, fui até a igreja, encontrando-a repleta. A surpresa deu-me uma comoção da qual não me recobrei por toda a noite.

Perguntam-me comumente se me sinto nervoso antes de falar em público; ou de outra forma, pensam que, como discurso freqüentemente, que estou com isso acostumado. Em resposta, confirmo que sempre fico nervoso antes de pronunciar uma palestra. Mais de uma vez, pouco antes de iniciar um discurso importante, a tensão emocional é tão grande que prometo-me nunca mais falar em público. Não apenas me sinto nervoso antes de discursar, mas geralmente após haver concluído sinto uma espécie de remorso, pois fico com a impressão que deixei de falar sobre algo importante e não fui preciso quanto ao que desejava expressar.

Há uma grande compensação, todavia, para esse sofrimento nervoso preliminar que me acomete após haver falado por cerca de dez minutos; quando sinto que tenha realmente controlado minha platéia, e que tenhamos entrado em estado de completa harmonia um para com o outro. Acredito que raramente tem-se essa combinação de encantamento físico e mental, senão quando um orador sente que tem um grande público completamente sob seu controle. Existe um fio de harmonia e unidade que liga um conferencista ao seu público, que é tão forte como se fosse algo tangível, visível. Se numa platéia de mil participantes existe uma só pessoa que não esteja em simetria com meus argumentos, ou inclinado para a

desconfiança, à indiferença ou à crítica, posso identificá-la. Quando encontro-a volto-me para ela, e é para mim uma grande satisfação observar o processo de seu abrandamento. Creio que o melhor remédio a ser aplicado nessas pessoas é administrado por meio da narrativa de uma história, embora que eu jamais conte uma anedota gratuitamente. Esse tipo de comportamento, o considero como vazio, e a platéia em seguida isso percebe.

Quando alguém discursa apenas pelo prazer de discursar comete uma injustiça para com sua platéia. Entendo que uma pessoa não deva falar, a menos que, fundo em seu coração, esteja convencida de ter uma mensagem para transmitir. Quando alguém sente, da planta de seu pé até o topo de sua cabeça, que tem algo a dizer e que isso irá ajudar uma pessoa ou uma causa, então que fale; e, em pronunciando sua mensagem, não creio que muitas das normas artificiais de oratória possam, sob tais circunstâncias, ajudá-lo muito. Embora que haja certos detalhes, como pausas, respiração, e entonação da voz, que são muito importantes, nenhum deles pode substituir o *sentimento* num discurso. Quando tenho de proferir uma conferência, desligo-me das regras do uso adequado da língua inglesa, da retórica e essas coisas, e gosto de fazer com que a platéia esqueça tudo sobre essas regras, também.

Nada tende a desequilibrar-me mais rapidamente do que ver alguém deixar o auditório, quando estou falando. Para tentar evitar isso, condiciono-me a tornar o discurso o mais atraente possível, narrando um grande número de casos interessantes, um após o outro, de forma a dificultar que alguém abandone o recinto. Em média, as platéias preferem ouvir fatos ao invés de generalidades ou seromonatas. Julgo que as pessoas, em sua maioria, são capazes de formar convicções se lhes são dados como base em fatos, de forma interessante.

Quanto ao tipo de audiência que dou preferência, coloco no topo da lista organizações de homens de negócios, poderosos, atentos, como os que encontrei em Boston, Nova York, Chicago e Búfalo; nunca encarei uma platéia tão perspicaz e tão suscetível. No período de uns poucos anos, tive o privilégio de proferir palestras para as mais importantes organizações desse tipo nas grandes cidades do Estados Unidos. A melhor oportunidade para envolver uma platéia composta de empresários é falar após um bom jantar, embora considere como um dos piores instrumentos de tortura jamais inventado o hábito que obriga um orador agüentar um jantar de

quatorze pratos, preocupando-se todo o tempo se seu discurso resultará num sucesso ou desapontamento.

Não participo desses jantares sem que me ocorra o desejo de retornar à minha pequena cabana, quando eu era um menino escravo, e ainda outra vez experimentar um passado que jamais vou esquecer, onde se conseguia melaço, vindo da “casa grande”, uma vez por semana. Nossa dieta básica na plantação se compunha de pão de milho e tocinho; mas nas manhãs de domingo permitiam que minha mãe trouxesse da “casa grande” um pouco de melaço para seus três filhos. Quando recebíamos, como eu sonhava para que todos os dias fossem um domingo! Então eu apanhava meu pratinho, erguendo-o para receber o doce quinhão. Ficava com os olhos fechados, enquanto o melaço era derramado em meu prato, com a esperança que, ao abri-los, seria surpreendido com a quantidade que me havia cabido. Com os olhos abertos, passava a mover o melaço de um para outro lado, de forma a espalhá-lo sobre a superfície do prato, na crença sincera que, espalhado, a quantidade era maior e que duraria mais tempo para ser consumida. Tão fortes são as impressões de minha infância quanto a esses banquetes matinais de domingo, que será muito difícil a alguém me convencer que não exista mais melaço num prato, quando ele ocupa um pequeno canto — se é que pratos têm cantos. De qualquer modo, nunca acreditei em “esquinar” melado. Meu quinhão era de aproximadamente duas colheres quase cheias. E essas colheradas de melaço eram muito mais saborosas do que um jantar de quatorze pratos, após o qual tenho de falar.

Na escala de preferências, depois dos homens de negócios, prefiro falar para um público de sulistas, de ambas as raças, juntos ou separados. Seu entusiasmo e acolhida são um constante deleite. Os “améns”, e os “é verdade”, que irrompem espontaneamente das pessoas de cor são planejados para instigar qualquer orador a dar o máximo de si. A seguir, pela ordem de preferência, postaria uma platéia de acadêmicos. Muito tem me honrado proferir conferências em várias de nossas principais universidades, incluindo-se Harvard, Yale, Williams, Amherst; Fisk, Pensilvânia, Wellesley, Michigan, Faculdade Trinity, na Carolina do Norte, e muitas outras.

Tem-me sido objeto de grande gratificação, constatar o número de pessoas que vêm cumprimentar-me após uma conferência, e dizer que, pela primeira vez haviam chamado um negro de “Senhor”.

Quando discurso especificamente em benefício do Instituto Tuskegee, via de regra agendo previamente reuniões com centros importantes. Isto leva-me a igrejas, escolas dominicais, sociedades de benemerência e associações de homens e de mulheres. As vezes, consigo aglutinar até quatro entidades, fazendo todas as conferências num só dia.

Três anos atrás, por sugestão do senhor Morris K. Jesup, de Nova York, e do doutor J. L. M. Curry, agente geral do Fundo, os curadores do Fundo John F. Slater alocaram uma certa soma para assegurar as despesas da senhora Washington e minhas, no período em que proferia uma serie de conferências para pessoas de cor em grandes aglomerados de população negra, especialmente nas maiores cidades de estados outrora escravistas. Durantes os últimos três anos, devotamos sempre algumas semanas anualmente nesse tipo de pregação. Minha agenda compreendia discursar pela manhã para os religiosos, professores e profissionais, homens, em geral. À tarde, a senhora Washington falava para as mulheres. De noite, novamente, eu falava, desta feita para grandes concentrações de pessoas. Genericamente, as conferências eram assistidas também por brancos. Em Chattanooga, estado de Tennessee, por exemplo, numa audiência não inferior a três mil pessoas, soube que oitocentos eram brancos. Nunca realizei trabalho que me fizesse mais feliz do que esse, ou que tenha atingido mais amplos objetivos.

Esses encontros ensejaram-nos, a senhora Washington e eu, uma oportunidade de obter em primeira mão, informações acuradas sobre as reais condições de vida de nossa raça, vendo as pessoas em suas casas, freqüentando suas igrejas, escolas dominicais e seus locais de trabalho, bem como nas prisões e antros de crime. Essa cruzada deu-nos também a oportunidade de constatar o relacionamento existente entre as raças. Nunca me senti mais esperançoso quanto à questão racial como me sinto agora. Eu sei que em tais ocasiões surge muita coisa superficial e enganosa, mas me considero experiente o bastante para não ser enganado por meros indicativos e entusiasmo fugaz. Esforcei-me indo a fundo para obter fatos isento de paixão e de modo profissional.

Deparei-me com uma assertiva, mais adiante, feita por alguém que se diz sabedor do que fala, segundo a qual tomando a raça negra como um todo, noventa por cento de suas mulheres não são virtuosas. Jamais houve um assertiva menor e mais falsa proferida a respeito de uma raça, ou uma declaração incapaz de ser provada por fatos verdadeiros.

Ninguém pode se manter em contato com a raça por vinte anos, como eu tenho feito no coração do Sul, sem ser convencido que ela faz lento, mas seguro progresso material, educacional e moral. Alguém pode tomar como exemplo a vida do pior elemento em Nova York, e provar praticamente tudo o que deseja com relação ao branco, mas haveremos todos de convir que essa não é uma avaliação justa.

Cedo, no ano de 1897, recebi uma carta convidando-me a proferir um discurso dedicado ao monumento de Robert Gould Shaw<sup>45</sup>, em Boston. Aceitei o convite. Não creio que seja necessário explicar quem foi Robert Gould Shaw e o que fez. O monumento em sua memória fica em frente à sede do governo. É considerada como a mais perfeita obra de arte em seu gênero encontrada no país.

Os eventos relacionados com a cerimônia ocorriam no Music Hall, em Boston, e o grande recinto estava apinhado com uma das platéias mais qualificadas jamais reunida na cidade. Em meio aos presentes, contavam-se personalidades da luta anti-escravista em número que jamais se igualará. O falecido excelentíssimo Roger Wolcott, então governador de Massachusetts, presidia a reunião, e, no palanque, com ele estavam muitas outras autoridades e centenas de homens de destaque. Um registro do encontro que aparece no jornal de Boston, *Transcript*, descreve melhor do que minhas palavras:

*O ponto alto do grande encontro de ontem ao meio dia em honra da Fraternidade Humana, no Music Hall, foi o magnífico discurso do negro, presidente de Tuskegee. Disse na ocasião o governador Wolcott, que “Booker T. Washington recebera em junho último, o grau de mestre em artes, em Harvard — o primeiro de sua raça a receber um título honorário da mais antiga universidade do país, pela sábia liderança de seu povo”. Quando o senhor Washington ergueu-se num Music Hall embandeirado, cálido em entusiasmo, patriótico e de atmosfera resplandecente, o público compreendeu intensamente que ali estava a justificativa cívica do vetusto espírito abolicionista de Massachusetts; em sua pessoa a prova de sua fé antiga e indomável; em sua poderosa e elaborada oratória, a coroa e glória de tempos antigos de guerra, de sofrimento e luta. A cena era prenhe em beleza histórica e*

---

<sup>45</sup> - Filho de proeminente família abolicionista de Boston, Robert Shaw servia como capitão do 2º Regimento de Massachusetts, quando recebeu a comissão de comandar o primeiro regimento de soldados negros, da União, na Guerra Civil americana. Nasceu 1837 e morreu em 1863.



profunda significação. “Gélida” Boston estava viva com o fogo que é sempre cálido em seu coração para com a honradez e a verdade. Fileiras e fileiras de pessoas que são raramente vistas em funções públicas, cujos familiares estariam fora da cidade num feriado, encheram o local até transbordar. A cidade encontrava-se em brilhante fête na pessoa de centenas de seus mais destacados cidadãos, homens e mulheres cujos nomes e vidas representam a força moral que fazem gerar o honorável orgulho cívico.

Música de batalha encheu o ar. Ovação após ovação, aplausos calorosos e acolhedores saudaram os oficiais e amigos do coronel Shaw, o escultor, St. Gaudens, a Comissão do Memorial, o governador e sua equipe, e os soldados negros do regimento Quinquagésimo Quarto, de Massachusetts — na medida em que assomaram ao palco ou adentraram o recinto. O coronel Henry Lee, da antiga equipe do governador Andrew, fez um simples porém nobre discurso de apresentação para a comissão, homenageando o senhor John M. Forbes, a quem substituiu. O governador Wolcott pronunciou uma sucinta, mas memorável alocução, dizendo: “Fort Wagner marcou época na história de uma raça, trazendo-a à sua maioria”. O prefeito Quincy recebeu o monumento em nome da cidade de Boston. A história do coronel Shaw e seu regimento de negros foi narrada em palavras gentis, e então, após o canto de

*Meus olhos viram a glória*

*Da chegada do Senhor,*

Booker Washington ergueu-se. Era aquele, naturalmente, o seu momento. A multidão, despertada de uma calma de espectadores de concerto sinfônico, agitou-se com excitação incontida. Uma dúzia de vezes, levantaram-se para aplaudir, abanar e urrar, uníssonos. Quando esse homem de cultura, voz e força, mas também de pele escura, iniciou, e pronunciou os nomes de Stearns e Andrew, o sentimento começou a despontar. Podiam-se ver lágrimas a brilhar nos olhos de soldados e civis. O orador voltou-se para os soldados de cor, no placo, e ao porta-bandeira de Fort Wagner — que sorrindo empunhava a bandeira que em momento algum deixou-a cair, mesmo ferido — disse: “Para vocês, sobreviventes dispersos do Quinquagésimo Quarto, que mutilados, sem braço ou sem perna, tenham honrado esta ocasião com sua presença, para vocês, seu comandante não está morto. Mesmo que Boston não houvesse erguido um monumento e nada constasse da história, em vocês e na raça que representam, Robert Gould Shaw haveria de ter

*uma estátua que o tempo jamais poderia apagar”. Então ocorreu o clímax das emoções do dia e do momento. Foi quando Roger Welcott, tanto como governador de Massachusetts, o representante do carinho do povo, bem como seu supremo magistrado, primeiro ergueu-se e gritou: “Três vivas a Booker T. Washington!”.*

No palco encontrava-se o sargento William H. Carney, de Nova Bedford, no estado de Massachusetts, bravo soldado negro porta-bandeira em Fort Wagner, que ostentava a bandeira americana. Apesar de um grande contingente de homens haver morrido, ele conseguira salvar-se e narrava: “A gloriosa bandeira nunca tocou o chão”.

Essa bandeira o sargento Carney trazia consigo, enquanto sentado no palco, e quando dirigi o foco do discurso para os sobreviventes do regimento de negros ali presentes, e referi-me especificamente ao sargento Carney, ele levantou-se como que por instinto, erguendo a bandeira. Tem sido privilégio meu, testemunhar muitas demonstrações espetaculares e magníficas em resposta a alguns de meus pronunciamentos; mas em efeito dramático jamais vi ou experimentei algo que se igualasse àquilo. Por um bom tempo, a platéia parecia haver perdido o controle de si mesma.

No júbilo geral que se espalhou pelo país, face ao fim da Guerra Ibero-americana, em diversas grandes cidades foram organizadas comemorações. Eu fui convidado para ser um dos oradores, por William R. Harper, presidente da Universidade de Chicago, que era o presidente do comitê encarregado de elaborar os convites para a celebração a se realizar na cidade de Chicago. Aceitei o convite e proferi duas conferências durante a semana de comemoração. O primeiro deles, e principal, foi proferido no salão de conferências, na noite do domingo, 16 de outubro. Essa foi a maior audiência a quem jamais me dirigi, em qualquer parte do país; e além de haver discursado no salão de conferências, também falei, nessa mesma noite, em outros dois recintos apinhados, noutras partes da cidade.

Disseram que havia dezesseis mil pessoas no auditório, mas fiquei com a impressão que outro tanto número de pessoas se encontrava do lado de fora, desejando ingressar. Tornou-se impossível às pessoas atingirem a porta de entrada sem contar com o auxílio de um policial. O presidente William McKinley participou desse encontro, como o fizeram seus ministros, autoridades estrangeiras e um grande número de oficiais do Exército e da Marinha, muitos deles haviam participado

com destaque na guerra recém finda. Os oradores, como eu, no domingo à noite, foram Rabbi Emil G. Hirsch, Father Thomas P. Hodnett e o dr. John H. Barrows.

O jornal de Chicago *Times-Herald*, descrevendo o evento, assim se referiu a meu discurso:

*Ele descreveu o negro escolhendo a escravatura ao invés da abolição; recordou Crispus Attucks<sup>46</sup> derramando seu sangue no início da Revolução Americana, para que os brancos se tornassem livres, enquanto os negros permaneceriam escravos; relatou em detalhe a conduta dos negros comandados por Jackson<sup>47</sup> em Nova Orleães; pintou uma vívida e patética imagem dos escravos sulistas protegendo a família de seus amos, enquanto esses guerreavam para manter a escravidão dos negros; recontou a bravura das tropas de homens de cor em Port Hudson, Forts Wagner e Pillow, bem como louvou o heroísmo dos regimentos negros que bombardearam El Caney e Santiago para garantir a liberdade ao povo escravizado de Cuba, esquecendo-se, então, a injusta discriminação que a lei e o costume lhes impunha em seu próprio país.*

*Em todos esses eventos, o orador declarou, sua raça havia se postado do lado certo. Então fez um eloqüente apelo à consciência dos brancos americanos: “Quando conseguirem reunir toda a narrativa da conduta heróica do negro durante a Guerra Ibero-americana, quando tiverem ouvido isso dos lábios de soldados sulistas ou nortistas, dos ex-abolicionistas e dos antigos senhores — então decidam os senhores se a uma raça que está pronta para morrer por seu país não deve ser dado a mais alta oportunidade de viver por esse país”.*

A parte do discurso que, tive a impressão, causou o mais arrebatado e sensacional entusiasmo foi aquele em que agradeci ao presidente por haver expressado seu reconhecimento pelo papel desempenhado pelo negro durante a Guerra Ibero-americana. O presidente estava sentado num camarote postado ao lado do palco. Quando me dirigi a ele, virei-me para o camarote, e tão pronto acabei a sentença de agradecimento à sua generosidade, toda a audiência se ergueu e o

---

<sup>46</sup> - Crispus Attucks (1723?-1770) - Patriota afro-americano que se encontrava entre os cinco patrícios assassinados no chamado Massacre de Boston, em 5 de março de 1770.

<sup>47</sup> - Andrew Jackson, comandante da Batalha de Nova Orleães, durante a luta de Independência, em 8 de janeiro de 1815, que contou com soldados negros.

aplauiu mais e mais, acenando com lenços, chapéus e bengalas, até que o presidente se aproximou do palco e curvou-se em agradecimento. Então, o entusiasmo irrompeu novamente, tornando a demonstração quase indescritível.

Uma parte de meu discurso em Chicago parece haver sido mal entendida pela imprensa sulista, e alguns jornais aproveitaram para criticar-me acerbamente. Tais críticas se prolongaram por algumas semanas, até que recebi uma carta do editor de *Age Herald*, publicado em Birmingham, estado do Alabama, solicitando que explicasse o significado exato daquele trecho de meu discurso. Respondi-lhe numa carta que me deu a impressão haver satisfeito meus críticos. Nessa missiva eu disse que havia tornado regra nunca dizer ante uma audiência nortista algo que eu não pudesse, da mesma forma, dizer no Sul. Disse-lhe que achava não ser importante entrar em mais profundas explicações; e que se meus dezessete anos de trabalho no coração do Sul não fossem explicação bastante, não via forma de fazê-lo com palavras. Disse-lhe que havia feito as mesmas colocações em meu pronunciamento de Atlanta — pela eliminação do preconceito de raça nas “relações comerciais e civis”. Eu disse que o denominado reconhecimento social era uma questão que eu nunca havia discutido, e então reproduzi de meu pronunciamento em Atlanta o que eu havia dito quanto a esse tema.

Em reuniões apinhadas de gente, em recinto públicos, há um tipo de indivíduo que me intimida. Refiro-me ao matusquela. Já estou tão acostumado com gente assim que posso identificá-los à distância, quando os vejo empurrando os outros abrindo caminho em minha direção. Comumente, o matusquela usa uma longa barba, mal cuidada, um rosto alongado e fino, vestindo um casacão preto. A frente de seu traje e casacão são lustrosos e sebentos, sendo que suas calças formam bolsas nos joelhos.

Em Chicago, após falar numa reunião, encontrei-me com um desses tipos. Geralmente são detentores de um conhecimento capaz de consertar o mundo, em seguida. Esse de Chicago detinha a patente de um processo segundo o qual o milho poderia ser conservado por um período de três a quatro anos, e tinha certeza que se os negros do Sul desejassem, como um todo, adotar esse processo, estaria resolvido todo o problema da raça. De nada adiantou tentar convencê-lo que nosso problema atual era ensinar aos negros como produzir milho o bastante para durar um ano. Outro excêntrico de Chicago tinha um esquema, e desejava que eu me

associasse a ele, que resultaria no fechamento de todos os bancos do país. Garantia que, em assim agindo, a raça negra seria soerguida.

O número de pessoas que estão prontas a consumir o tempo dos outros, sem qualquer propósito, é quase incontável. Certa feita falei para uma grande platéia, num anoitecer em Boston. Na manhã seguinte fui despertado com a entrega, em meu quarto, de um cartão de visitas, com um recado de alguém que se dizia ansioso para ver-me. Pensando ser algo muito importante, vesti-me depressa e desci ao saguão. Lá chegando vislumbrei uma pessoa de olhar vazio e inocente a esperar-me, que indiferente falou: “Eu ouvi seu discurso de ontem à noite, do qual gostei; por isso vim aqui agora para que você fale um pouco mais”.

Sempre me indaguei como era possível superintender Tuskegee e ao mesmo tempo manter-me tanto tempo afastado da escola. Numa resposta parcial digo que aprendi, em parte pelo menos, ignorar a velha sentença que diz: “Não delegue a terceiros aquilo que você mesmo pode fazer. Minha máxima, em outras palavras, é a seguinte: “Não faça aquilo que os outros podem da mesma forma fazer”.

Tuskegee tem como característica administrativa marcante o fato de, tão bem ordenado ser a sua rotina diária, ela não dependente da presença de uma pessoa. Toda a equipe executiva, incluindo-se instrutores e auxiliares, que somam agora oitenta e seis, é tão organizada e subdividida que a engrenagem da escola gira diariamente como um relógio. Muitos de nossos mestres estão ligados à instituição há muitos anos, e são tão devotados a ela como eu sou. Em minhas ausências, o senhor Warren Logan, tesoureiro, que está na escola há dezessete anos, é o executivo. Ele recebe com eficiência o apoio da senhora Washington e de meu fiel secretário senhor Emmett J. Scott, que administra grande parte de minha correspondência, e que me mantém informado do dia-a-dia da escola, bem como dos acontecimentos pertinentes à raça, no Sul. Sou-lhe devedor muito mais do que possa descrever a seu tato, sabedoria e diligência.

O principal trabalho executivo da escola, esteja eu ou não em Tuskegee, está centrado no conselho executivo, que se reúne duas vezes por semana, e é integrado por nove pessoas que chefiam os nove departamentos da escola. Por exemplo: a senhora B. K. Bruce, a senhora-diretora, viúva do falecido ex-senador Bruce integra o conselho e representa todos os interesses da vida das alunas. Além

do conselho executivo, há o comitê financeiro, composto de seis pessoas, reunindo-se todas as semanas e decide sobre as despesas desses períodos. Uma vez por mês, ou às vezes com mais freqüência há uma reunião de todos os instrutores. Fora esses, existem inúmeras reuniões de grupos menores, como dos instrutores da Escola de Ensino Bíblico ou dos instrutores do departamento de agricultura.

De forma que possa estar em contato permanente com a vida da instituição, mantenho um sistema de relatórios organizados de tal forma que um informe sobre trabalho na escola possa alcançar-me qualquer dia do ano, não importa em que parte do país me encontre. Constam desses relatórios até mesmo que estudantes são dispensados — se por razões de saúde ou outros motivos. Por meio deles tenho uma visão diária da situação financeira da escola; sei quantos litros de leite e quantos quilos de manteiga estão sendo produzidos pelos estábulos; sei se um determinado tipo de carne foi cozido ou assado, ou se vegetais servidos no refeitório vieram de algum armazém de fora ou se foram produzidos em nossas hortas. A natureza humana, descobri ser semelhante em toda parte, e às vezes não é difícil ceder à tentação, e chegar a um saco de arroz que veio do armazém — com os grãos prontos para serem cozidos na panela — ao invés de expender tempo e trabalho, indo ao campo, arrancar e lavar sua própria batata doce, de uma forma tal que possa essa constituir-se em substituto do arroz.

Indagam-me com freqüência se, em meio a tanto trabalho, e em sua maioria desenvolvido ante platéias, encontro algum tempo para descanso ou recreação, e que tipo de diversão ou esporte pratico. Essa é uma questão difícil de responder. Tenho profunda consciência que qualquer pessoa deve a si mesmo e à causa a que está servindo, manter um corpo saudável e vigoroso, com nervos fortes e equilibrados, pronto para grandes esforços, para desapontamentos e situações exasperadoras. Como norma de conduta, planejo meu trabalho de cada dia — em primeiro lugar executo as rotinas de sempre, livrando-me dessa parte, de forma que em seguida possa desenvolver novas tarefas. Obrigo-me a esvaziar minha mesa todo o dia, antes de encerrar o expediente, respondendo à correspondência e memorandos, de modo que o dia seguinte seja um *novo* dia para trabalhar. Também é minha regra, nunca deixar que o trabalho me conduza; ao contrário, eu o dirijo, mantendo-o de tal forma controlado, ficando sempre tão adiantando, de forma que eu seja o mandante e não o mandatário das tarefas. Há uma recompensa física, mental e espiritual que advém da certeza de ser o senhor de seu próprio trabalho,

em todos os detalhes — isto é muito satisfatório e estimulante. Minha vivência me ensina que, se uma pessoa segue essa norma, a partir do trabalho obtém o viço do corpo e o vigor da mente, que se estende bastante mantendo-o forte e saudável. Creio que alguém pode crescer ao ponto em que ama seu trabalho, enseja a si próprio um vigor inestimável.

Ao iniciar meu trabalho matutino, espero ter um dia agradável e vitorioso, mas, ao mesmo tempo, preparo-me para situações difíceis, inesperadas e desagradáveis. Estou preparado para a notícia que um de nossos prédios está em chamas ou incendiou-se, ou que algum acidente desagradável ocorreu, ou que alguém me insultou numa conferência ou em algum artigo impresso, pelo que fiz ou que deixei de fazer, ou por algo que alguém ouviu dizer que eu dissera — alguma coisa que provavelmente eu jamais pensara em dizer.

Em dezenove anos de trabalho contínuo estive apenas uma vez em férias. Faz dois anos, quando um de meus amigos colocou o dinheiro em minhas mãos e forçou a senhora Washington e eu a viajarmos por três meses na Europa. Disse antes, é dever de todos manter seu corpo em boa condição. Assim, procuro cuidar-me de doenças menores, pensando que, se mantiver-me à salvo dessas, estarei evitando as mais graves. Quando me dou conta que não consigo dormir bem, sei que algo está errado. Se acho que alguma parte de meu corpo está um pouco fraca, não desempenhando sua tarefa, consulto um bom médico. A capacidade de dormir bem, a qualquer hora e em qualquer lugar, considero como uma grande vantagem. Eduquei-me de tal forma que posso deitar-me para um cochilo de quinze ou vinte minutos, despertando com o corpo e a mente recuperados.

Disse também que é regra que sigo terminar todas as tarefas do dia antes de ir embora. Não existem talvez, tampouco exceções para isso. Quando tenho uma questão desusadamente difícil para decidir — com forte chamamento para o lado emotivo — considero melhor maturá-la por uma noite ou esperar até que consiga uma oportunidade de discuti-la com minha esposa e amigos.

Quanto à leituras, encontro mais tempo enquanto viajo de trem. Os jornais são uma fonte permanente de recreação e encantamento. O problema é que leio muitos deles. Dou pouca importância à ficção. Tenho de fazer um grande esforço para ler um romance que está na boca de todos. O tipo de leitura que me agrada sobretudo são as biografias. Gosto de saber que estou lendo a respeito de um ser ou um fato real. Creio que não exagero ao afirmar que li praticamente todos os livros

e artigos de revista escritos a respeito de Abraham Lincoln. Em literatura, é meu santo padroeiro.

Em media, durante os doze meses do ano, seis deles passo fora de Tuskegee. Ao mesmo tempo em que minha ausência da escola apresenta desvantagens, existem algumas compensações. A alternância de ocupação traz algum tipo de descanso. Desfruto uma longa viagem de trem, quando posso usar carros confortáveis. Descanso nos vagões, exceto quando o tipo inevitável, que parece estar presente em todas as composições ferroviárias, se aproxima dizendo a frase: “Você não é Booker T. Washington? Quero apresentar-me”. A ausência da escola permite-me perder de vista detalhes pouco importantes da administração, examinando-a numa perspectiva mais ampla do que poderia fazer in loco.

Enfim, após isso tudo, concluo que obtenho descanso mais consistente quando estou em Tuskegee e quando, após nosso jantar, posso sentar-me, como de nosso hábito, com minha esposa e Portia, Baker e Davidson, meus três filhos, e ler histórias, ou cada um, por sua vez, narrar um conto. Para mim não existe nada igual a isso, embora seja similar ficar com eles, por uma hora ou mais, como apreciamos fazer nas tardes de domingo, na mata nativa, onde podemos viver instantes de contato direto com o coração da natureza, onde ninguém nos pode perturbar ou vexar, ficando envoltos pelo ar puro, árvores, arbustos, flores e a suave fragrância irrompendo de incontáveis plantas; desfrutando o cricri dos grilos e o gorjeio dos pássaros. Esse é um descanso consistente.

Meu jardim também é outra fonte de descanso e prazer, mesmo no pouco tempo que fico em Tuskegee. Gosto, de alguma forma, tocar na natureza, tão freqüente quanto possível — jamais em algo que seja artificial ou imitação, mas nela mesma. Quando posso afastar-me de meu escritório com tempo que me permita trinta ou quarenta minutos cavoucando a terra, plantando sementes, limpando a terra, sinto que estou entrando em contato com o que me dá forças para minhas muitas tarefas e os desafios que me esperam em lugares difíceis do grande mundo. Tenho pena do homem ou mulher que nunca aprendeu a desfrutar a natureza e dela arrancar força e inspiração.

À parte o grande número de aves e outros animais mantidos pela escola, tenho pessoalmente muitos porcos e aves das melhores raças, cuja criação me dá grande prazer. Creio que o porco é meu animal favorito. Agrada-me de modo especial os porcos de alta linhagem *Berkshite* ou *Poland China*.



Jogos me agradam pouco. Jamais assisti uma partida de futebol. No jogo de cartas, não consigo diferenciar uma carta da outra. Bolinhas de gude, um jogo antigo, é tudo o que pratico, vez que outra, com meus filhos. Creio que daria importância hoje a jogos se ao tempo de minha mocidade houvesse tido tempo para a prática de algum deles, mas isso não foi possível.

## CAPÍTULO XVI

### *Europa*

*E*m 1893, estava casado com a senhorita Margaret James Murray, natural do Mississippi, e graduada na Universidade Fisk, de Nashville, estado do Tennessee, que havia sido contratada anos antes como professora, mas que ao tempo em que nos casamos desempenhava a função de senhora-diretora. A senhora Washington integrava-se por completo ao meu trabalho, aliviando-me de muitos encargos e perplexidades; mas, além de seu trabalho dentro da escola, liderava um encontro de mães na vila de Tuskegee e assistia uma granja de mulheres, crianças e homens residentes num assentamento, dependente de uma grande fazenda, postado a quase quinze quilômetros além de Tuskegee. Tanto o encontro de mães quanto o trabalho no assentamento eram desenvolvidos, não apenas com a visão de ajudar as pessoas diretamente beneficiadas, fornecendo-lhes ensinamentos práticos, mas também constituía-se num trabalho de campo, que os alunos levariam como ensinamento utilitário para o resto de suas vidas. Ao lado dessas duas atividades, a senhora Washington é também responsável por um clube de mulher na escola, que reúne duas vezes por mês as mulheres que vivem nas dependências da escola e as que vivem nas proximidades, quando discutem temas relevantes. É também presidente da Federação Sulista de Clube de Mulheres de Cor e da Federação Nacional de Clubes de Mulheres de Cor.

Portia, a mais velha de meus filhos, aprendeu a arte de costurar. Ela tem demonstrado uma habilidade incomum para instrumentos musicais. Além de continuar estudando em Tuskegee, já leciona também.

Baker Taliaferro é o filho abaixo de Portia. Jovem como é, praticamente domina o comércio de construção civil. Ele começou a trabalhar nesse ramo quando era ainda bem jovem, dividindo seu tempo entre suas aulas e o trabalho, assim que desenvolveu grande habilidade e interesse na profissão. Diz que pretende ser um arquiteto ou um construtor. Uma das cartas que mais me agradou, dentre as muitas que já recebi, foi uma enviada por Baker, no último verão. Quando sai de casa para

o veraneio, disse-lhe que deveria desempenhar sua profissão por meio dia e que a outra metade poderia ser usada para o que desejasse fazer. Afastado de casa há duas semanas, recebi a seguinte carta:

Tuskegee, Alabama

Meu querido papai: Antes de viajar, você me disse para trabalhar em minha profissão por meio dia. Gosto tanto de meu trabalho que desejo ocupar-me o dia todo nele. Ademais, desejo receber o máximo que possa em dinheiro, de tal forma que quando eu vá para outra escola tenha dinheiro bastante para pagar minhas despesas.

Seu filho, Baker

Meu filho mais novo, Ernest Davidson Washington, pretende ser médico. Além de ir à escola, onde aprende em livros, mas tem ensino profissional, passa boa parte de seu tempo na casa de nosso médico residente, e já aprendeu a desempenhar muitos dos encargos de um médico.

Das coisas em minha vida que me traz profunda tristeza é que meu trabalho, ligado a negócios externos, mantém-me por tanto tempo afastado de meu lar, onde, de todos os lugares que frequento, é o que mais me agrada estar. Invejo a pessoa cujo trabalho permite-lhe passar seus entardeceres sempre em casa. Penso, às vezes, que as pessoas que têm esse raro privilégio não o apreciam como deveriam. É um descanso distanciar-se de multidões, apertos de mãos e viagens e voltar para casa, ainda que seja por um breve período de tempo.

Outra coisa em Tuskegee que me dá um imenso prazer e satisfação é reunir-me com nossos estudantes, mestres e suas famílias, na capela para exercícios de devoção, o que fazemos às 8,30 da noite, no derradeiro ato antes do recolhimento para a noite. É uma vista estimulante do púlpito ver mil e cem ou mil e duzentos jovens interessados; assim que alguém não pode sentir outro sentimento senão que o privilégio de guiá-los a uma vida melhor e mais profícua.

Na primavera de 1899, chegou-me a surpresa que posso descrever como a maior de minha vida. Algumas senhoras em Boston organizaram um encontro público em favor de Tuskegee, que se desenvolveria no teatro Hollis Street. Dessa reunião participaram as pessoas mais destacadas de Boston, de ambas as raças.

Foi presidida pelo bispo Lawrence. Além de minha conferência, Paul Lawrence Dunbar<sup>48</sup> recitou alguns de seus poemas e W. E. B. Du Bois<sup>49</sup> leu um conto inédito

Algumas das pessoas que participaram desse encontro notaram que eu aparentava estar muito cansado, e pouco após o encerramento uma das senhoras que havia demonstrado preocupação comigo, indagou se eu havia estado na Europa. Respondi que nunca. Perguntou-me se eu havia antes pensado em ir lá, ao que respondi que nunca; que se tratava de algo muito além de minhas posses. Em seguida esqueci essa conversa, mas, alguns dias depois, fui informado que alguns amigos residentes em Boston, inclusive o senhor Francis J. Garrison, havia reunido dinheiro o bastante para pagar a estada da senhora Washington e eu por três ou quatro meses na Europa. Era dada ênfase ao fato de que eu *deveria* ir. Havia um ano, o senhor Garrison tentara convencer-me a passar férias de verão na Europa, deixando claro que ele seria o responsável por arranjar dentre seus amigos dinheiro para cobrir as despesas de viagem. Nessa oportunidade, considerei a viagem tão longe de qualquer de minhas expectativas que eu confesso que não a encarei seriamente. Mais adiante, o senhor Garrison juntou-se às senhoras que antes mencionei, e, quando os planos foram conhecidos, minha viagem não apenas estava toda delineada, mas até o navio em que viajaria já estava escolhido.

Tudo foi tão repentino e inesperado que fui simplesmente arrastado. Eu estivera por dezoito anos trabalhando para Tuskegee, e não havia pensado em nada mais além de terminar meus dias dessa forma. Cada dia a escola parecia depender mais de mim para sua sobrevivência, e eu informei a esses amigos de Boston que, a um tempo agradecia a gentileza e generosidade, e, noutro, informava não poder viajar, pois à escola faltavam condições de subsistir financeiramente sem a minha presença. Em resposta, informaram que o senhor Henry L. Higginson e alguns outros bons amigos — uns não desejavam ver seus nomes se tornarem públicos — estavam arrecadando fundos para que a escola se mantivesse em operação enquanto eu estivesse ausente. Nesse momento fui obrigado a capitular. Todos os caminhos para minha fuga se haviam fechado.

No fundo de meu coração, o projeto parecia mais um sonho do que realidade, e por um longo período foi-me difícil fazer crer que eu estava, realmente,

---

<sup>48</sup> - Paul Laurence Dunbar (1872-1906) -Poeta e escritor afro-americano, notado especialmente por uma poesia que refletia a vida e modo de falar característico de seu povo.

<sup>49</sup> - Referido em nota introdutória.

para viajar à Europa. Eu havia nascido e criado nas profundezas da escravidão, ignorância e pobreza. Em minha infância, sofrera por querer um lugar para dormir e por falta do que comer, vestir e me abrigar. Não tivera o privilégio de sentar-me à uma mesa de jantar senão quando já adulto. Luxo era algo que me dava a impressão ser apenas para os brancos, não para os de minha raça. Sempre considerei Europa, Londres e Paris como um venerável céu. E agora não estava eu por ir à Europa? Esses pensamentos estavam constantemente comigo.

Dois outros pensamentos aborreciam-me sobremodo. Temia que as pessoas que fossem informadas que o casal Washington preparava-se para viajar à Europa poderiam ignorar as circunstâncias todas, e assim presumir que estávamos ficando “orgulhosos” e mostrando-nos “faroleiros”. Recordo que desde minha juventude ouvi muitas vezes, quando pessoas de minha raça alcançavam o sucesso, tendiam a exageradamente promoverem-se; tentar imitar os ricos, e, em assim fazendo, descontrolarem-se. O medo que fizessem esse julgamento a nosso respeito preocupava-me muito. Então, não tinha certeza se minha consciência iria permitir que me afastasse de meu trabalho e me sentisse feliz. Sentia como mesquinho e egoísta entrar em férias enquanto outros trabalhavam, e enquanto havia muito por fazer. Desde que era capaz de me lembrar, estivera sempre trabalhando; assim, não compreendia como poderia passar três ou quatro meses sem fazer nada. A verdade é que eu não conseguia encarar as férias.

A senhora Washington tinha em grande parte também a mesma dificuldade, mas ela mostrava-se ansiosa por partir, posto que entendia que eu necessitava de férias. Havia muitas questões importantes de âmbito nacional que pesavam sobre a raça, sendo objeto de exame agitado, o que tornava ainda mais difícil nossa decisão de viajar. Finalmente informamos aos nossos amigos de Boston que iríamos, e eles insistiram para que a data de nossa partida fosse determinada o mais breve possível. Escolhemos 10 de maio. Meu bom amigo senhor Garrison gentilmente se encarregou dos detalhes necessários para o sucesso da viagem. Ele, bem como outros amigos, deram-nos cartas de apresentação endereçadas à pessoas na França e Inglaterra, e encarregaram-se de outras iniciativas para nosso conforto e bem-estar no exterior. Despedidas ocorreram em Tuskegee, e estávamos em Nova York no dia 9 de maio, prontos para viajar no dia seguinte. Nossa filha Portia, que nessa época estudava em South Framingham, estado de Massachusetts, veio para nosso bota-fora. Logo após havermos embarcado, outra agradável surpresa ocorreu

materializada numa carta de duas dadivosas senhoras. Informavam haver decidido ofertar-nos o dinheiro necessário à construção de um novo prédio para abrigar adequadamente os setores de ensino técnico para moças em Tuskegee.

Estávamos por navegar no *Friesland*, de propriedade da empresa Estrela Vermelha — um belo navio. Embarcamos pouco antes do meio-dia, que era a hora da partida. Eu nunca havia estado a bordo de um grande navio oceânico, assim o que senti era mesmo difícil de descrever. Um sentimento, creio, de medo misturado com encantamento. Ficamos agradavelmente surpresos ao saber que não apenas o capitão, mas outros membros da tripulação, sabiam quem éramos e esperavam para dar-nos agradáveis boas-vindas. Estavam a bordo vários passageiros que conhecíamos, inclusive o senador Sewell, de Nova Jersey e Edward Marshal, correspondente de jornal. Sentia um pouco de temor que não viéssemos a ser tratados com civilidade por alguns passageiros. Esse temor baseava-se no que ouvira dizer de outras pessoas de minha raça, que haviam atravessado o oceano, relatando experiências desagradáveis a bordo de navios americanos. Em nosso caso, todavia, do capitão ao mais humilde tripulante, fomos sempre tratado com grande amabilidade. E essa consideração não se restringia apenas ao pessoal do navio, senão que a todos os passageiros. Não eram poucos os sulistas, homens e mulheres, no navio, e eram tão cordiais quanto os de outras partes do país.

Tão pronto eram pronunciados os derradeiros adeuses, e o navio se desprende do porto, a preocupação, ansiedade e a responsabilidade que havia carregado nos últimos dezoito anos, começaram a escorregar de meus ombros numa média, me parecia, de uma libra por minuto. Era a primeira vez em todos esses anos que senti, ainda que numa certa medida, livre de preocupação; e meu alívio é difícil de relatar por escrito. Somado a isto havia a encantadora perspectiva de estar na Europa em breve. Tudo parecia mais um sonho do que realidade.

O senhor Garrison ajeitou para que tivéssemos um dos mais confortáveis camarotes no navio. A partir do segundo ou terceiro dia de viagem comecei a estender o sono; creio que até o fim da viagem, que totalizava dez dias, passei a dormir uma média de quinze horas por dia. Foi aí que compreendi o quão cansado eu realmente estava. Esses longos períodos de sono, mantive-os por cerca de um mês após havermos desembarcado. Era um sentimento raro acordar-me de manhã e constatar que não tinha compromisso qualquer: não tinha hora prevista para embarcar num trem; não tinha agendado um encontro com uma pessoa sequer, ou

proferir uma conferência a certa hora. Quão diferente era tudo isto de meu estilo de vida, noutras viagens, quando algumas vezes chegava a dormir, numa mesma noite, em três camas diferentes!

No primeiro domingo a bordo, o capitão convidou-me para conduzir o culto, mas, não sendo um ministro, declinei. Os passageiros, todavia, começaram a solicitar para que eu proferisse uma conferência no salão de jantar, numa oportunidade a ser marcada. Aceitei. O senador Sewell concordou em presidir este encontro. Após dez dias com um tempo maravilhoso, durante o qual não sentira qualquer enjôo, ancoramos na interessante velha Antuérpia, na Bélgica.

O dia seguinte após nosso desembarque, coincidiu com um dos inúmeros feriados que os povos desses países parece ter o hábito de cumprir. Era um dia radiante. Nosso quarto no hotel era de frente para a praça principal, e a vista — as pessoas vindo do interior com todos os tipos de flores para vender, as mulheres com seus carrinhos, com canecas de leite em metal polido e brilhante, o povo adentrando a catedral — deu-me uma idéia de novidade como nunca antes havia experimentado.

Após algum tempo em Antuérpia, fomos convidados a integrar um grupo de meia dúzia de pessoas numa viagem pela Holanda. Estavam no grupo Edward Marshall e alguns artistas americanos que haviam conosco viajado no mesmo navio. Aceitamos o convite e desfrutamos muito o passeio. Creio que essa jornada foi mais interessante porque viajamos a maior parte do tempo num lento e antiquado barco de canais. Isso deu-nos a oportunidade de ver e estudar como viviam as pessoas nas comunidades do interior. Viajamos assim a Roterdã, e mais tarde à Haia, onde vimos o Palácio de Conferências em sessão e fomos recebidos pelos delegados norte-americanos.

O que mais me impressionou na Holanda foi a eficácia da agricultura e a excelência do gado de raça Holstein. Jamais havia visto, antes de visitar aquele país, o quanto era possível aos agricultores produzir em pequenos lotes de terra. Tive a impressão que nenhum pedaço de terra era desperdiçado. Valia a pena uma viagem à Holanda apenas para recolher in loco trezentas ou quatrocentas vacas Holstein pastando num dos pastos de grande verdor.

Da Holanda fomos para a Bélgica, e fizemos uma rápida viagem pelo país, parando em Bruxelas, onde visitamos o cenário da batalha de Waterloo. Da Bélgica, diretamente a Paris, onde descobrimos que o senhor Theodore Stanton, filho da

senhora Elizabeth Cady Stanton, gentilmente providenciou-nos acomodações. Mal havíamos nos instalado, chegou um convite da Universidade Clube de Paris para um banquete que estava sendo organizado. Outros dois convidados eram o ex-presidente Benjamin Harrison e o arcebispo da Irlanda, que se encontravam em Paris na oportunidade. O embaixador americano, general Horace Porter, presidiria o banquete. Meu discurso no evento parece que agradou aos presentes. O general Harrison gentilmente devotou grande parte de suas intervenções durante o jantar à minha pessoa e à influência do trabalho em Tuskegee sobre a questão racial na América. Após meu pronunciamento nesse banquete, chegaram outros convites, mas não aceitei em sua maioria, julgando que se os aceitasse todos, a razão de minha viagem desapareceria. Consentí, todavia, em fazer um pronunciamento na capela americana, no domingo pela manhã, quando estavam presentes os generais Harrison e Porter, além de outros americanos ilustres.

Mais adiante, recebemos a visita do embaixador americano, quando fomos convidados a comparecer à recepção em sua residência. Nessa ocasião encontramos muitos americanos, dentre eles os juízes Fuller e Harlan, membros da Suprema Corte dos Estados Unidos. Durante toda nossa estada de um mês em Paris, tanto o embaixador americano quanto sua esposa, bem como outros americanos, foram extremamente cordiais conosco.

Em Paris, vimos muito do trabalho do agora famoso pintor negro americano, senhor Henry O. Tanner, que eu havia conhecido na América. Quando dissemos a alguns compatriotas que iríamos ao Palácio de Luxemburgo para contemplar algumas obras de um pintor negro americano, não foi fácil convencê-los que um negro havia merecido essa honra. Creio que não acreditaram de todo, até que viram uma fotografia. A amizade com o senhor Tanner fez reforçar em minha mente a verdade que constantemente tento passar aos alunos em Tuskegee — e ao nosso povo em geral, até aonde posso fazer chegar minha voz — que qualquer pessoa, não importa sua cor, será reconhecida e premiada na proporção em que aprenda a fazer algo bem feito — aprenda a fazer melhor do que os demais —, não importa quão humilde seja o que faça. Como já disse, creio que minha raça se desenvolverá na medida em que aprenda a fazer coisas comuns de uma forma incomum; aprenda a fazer as coisas tão bem feitas que ninguém poderá torná-las melhor; aprenda a tornar seus serviços algo de valor indispensável. Esse foi o espírito que me inspirou nas primeiras tarefas em Hampton, quando me foi dada a oportunidade de varrer e



espanar a sala de aula. Num certo grau, senti que toda a minha vida futura dependeria da eficácia com que eu limpasse aquela sala de aula, assim que me decidi fazer de uma forma tal que ninguém pudesse encontrar qualquer falta em meu trabalho. Creio que poucas pessoas, olhando os quadros do senhor Tanner, hajam parado para pensar se o autor era um pintor negro, francês ou alemão. Elas simplesmente sabiam que o artista fora capaz de criar algo que todos desejavam — uma grande pintura — e a questão de sua cor simplesmente não cruzava por suas mentes. Quando uma menina negra aprende a cozinhar, lavar pratos, costurar, escrever um livro, ou um negro aprende a tratar cavalos ou produzir batatas-doces, fabricar manteiga, erguer uma casa ou exercer a medicina tão bem ou melhor do que outros, serão premiados independentemente de sua raça ou cor. A longo tempo, o mundo buscará o melhor, e qualquer diferença de raça, religião ou história pregressa não afastará as pessoas daquilo que realmente desejam.

Creio que todo o futuro de minha raça depende da questão se ela pode ou não tornar-se de um valor indispensável que o povo na cidade e no estado onde reside venha a sentir que sua presença é necessária para felicidade e bem-estar da comunidade. Nenhuma pessoa que acrescenta permanentemente algo de material, intelectual ou de bem-estar moral ao local onde reside pode ficar por muito tempo sem um reconhecimento adequado. Esta é uma grande lei humana que não pode ser permanentemente anulada. O apego pelo prazer e excitação que parece ser possuído em larga escala o povo francês impressionou-me sobremodo. Creio que são mais notórios nesse respeito do que, é verdade, os de minha própria raça. Quanto à moralidade e seriedade, não creio que os franceses estejam à frente de minha raça na América. Acirrada competição e uma vida muito tensa ensinaram-lhes a fazer coisas mais sofisticadas e conseguir maior economia; mas o tempo, acredito, conduzirá minha raça ao mesmo ponto. Quanto à honra, não acredito que a média do francês esteja à frente do negro americano; enquanto, no que concerne a bondade e gentileza para com as bestas, creio que minha raça está muito à frente. De fato, quando deixei a França, tinha mais fé no futuro do negro na América do que jamais possuía antes.

De Paris seguimos para Londres, lá chegando no início de julho, praticamente no pico da estação social. O Parlamento estava em sessão, e havia um grande ambiente de encantamento. O senhor Garrison e outros haviam conseguido um bom número de cartas de apresentação, e haviam mesmo enviado

cartas para outras pessoas em outras partes do Reino Unido, alertando-os de nossa chegada. Logo após instalados em Londres fomos inundados de convites para participarmos de todo o tipo de encontros sociais, e um grande número de pedidos para conferências. A maioria dos convites, tive de declinar, pois eu desejava descansar. Mal pudemos aceitar um pequeno número de outros convites. O reverendo doutor Brooke Herford e sua esposa, que conhecera em Boston, ajustaram-se com o embaixador americano, senhor Joseph Choate, incluindo-me como orador num encontro no Essex Hall. O senhor Choate aceitou presidi-lo. O encontro contou com grande público. Havia muitas pessoas importantes na platéia, dentre essas membros do Parlamento, inclusive o senhor James Bryce, que falou na reunião. O que disse o embaixador americano introduzindo-me, bem como uma sinopse do que falei, foi fartamente publicado na Inglaterra e em jornais americanos. O doutor e senhora Herford ofereceram-nos uma recepção, na qual tivemos o privilégio de encontrar algumas das mais importantes pessoas da Inglaterra. Ao longo de nossa estada em Londres, o embaixador Choate foi muito gentil e atencioso conosco. Quando da recepção oferecida pelo embaixador encontrei, pela primeira vez, a Mark Twain<sup>50</sup>.

Fomos hóspedes várias vezes da senhora T. Fisher Unwin, filha do estadista inglês Richard Cobden. Tínhamos a impressão que a senhora Unwin era incapaz de fazer mais ainda por nosso conforto e felicidade. Mais tarde, por quase uma semana, fomos hóspedes da filha de John Bright, agora senhora Clark, de Street, Inglaterra. O casal Clark, com sua filha, visitaram-nos em Tuskegee no ano seguinte. Em Birmingham, Inglaterra, fomos hospedes por vários dias do senhor Joseph Sturge, cujo pai fora um grande abolicionista e amigo dos Whittier e Garrison. Foi um grande prazer para mim encontrar através da Inglaterra pessoas que conheceram e veneraram o falecido William Lloyd Garrison<sup>51</sup>, o excelentíssimo Fredrick Douglass<sup>52</sup> e outros abolicionistas. Os abolicionistas ingleses com os quais mantivemos contato eram infatigáveis nas referências a esses dois americanos. Antes de ir à Inglaterra eu não tinha um adequado conhecimento do profundo

---

<sup>50</sup> - Samuel Langhorne Clemens, com pseudônimo de Mark Twain. famoso escritor e comediante, criou obras primas de humor e sarcasmo, tendo como ambiente o rio Mississippi (1835-1910).

<sup>51</sup> - William Lloyd Garrison (1805-1879) - Líder abolicionista norte-americano que fundou e editou *The Liberator* (1831-1865), jornal contra a escravidão.

<sup>52</sup> - Frederick Douglass (1817-1895) Abolicionista afro-americano que nasceu escravo e conseguiu fugir (1838), tornando-se um influente orador e pregador tanto nos EUA quanto no exterior. Escreveu bibliografias suas e co-fundou o jornal abolicionista *North Star* (1847-1860).

interesse demonstrado pelos abolicionistas ingleses na causa da liberdade, nem imaginava quão substancial havia sido o seu auxílio.

Em Bristol, Inglaterra, a senhora Washington e eu discursamos no Clube das Mulheres Liberais, e fui o conferencista na colação de grau dos alunos do Colégio Real para Cegos. Ambos os eventos ocorreram no Palácio de Cristal, tendo como presidente o falecido duque de Westminster, que diziam, era o homem mais rico da Inglaterra, senão no mundo. O duque, além da esposa e filha, que pareciam demonstrar prazer com o meu discurso, agradeceram-me gentilmente. Face a bondade de *lady* Aberdeen fomos incluídos no grupo dos que participariam do Congresso Internacional das Mulheres, reunido em Londres, e após teriam o ensejo de visitar no castelo de Windsor a rainha Vitória. Sua majestade recebeu-nos, todos os convidados, com um chá. Em nosso grupo estava a senhorita Susan B. Anthony<sup>53</sup>, o que me fez ficar vivamente impressionado com o fato raro de ver num mesmo momento duas mulheres tão marcantes, em muitos modos, como Susan B. Anthony e a rainha Vitória.

Na Casa dos Comuns, que visitei várias vezes, nos reunimos com *Sir* Henry M. Stanley<sup>54</sup>, a respeito da África e suas relações com o negro americano. Após nossos encontros, fiquei mais convencido ainda que era infrutífera a tentativa de melhorar as condições de vida de nossa raça, seguindo o processo de migração de volta à África<sup>55</sup>.

Em várias ocasiões minha esposa e eu fomos hóspedes de ingleses, em suas casas de campo, onde acredito se pode ver o melhor dessa gente. Em uma coisa pelo menos tenho certeza que os ingleses estão à frente dos americanos — eles conseguiram aprender a desfrutar melhor a vida. A rotina doméstica de um inglês pareceu-me tão perfeita quanto algo deve ser. Tudo se move como um relógio. Fiquei impressionado também com a deferência com que os empregados tratam seus “senhores” e “senhoras” — termos que, acredito, não seriam tolerados na América. O servente inglês espera, via de regra, não ser mais do que um doméstico, de forma que ele se aperfeiçoa nessa condição a um tal grau, como nenhuma classe de domésticos atingiu na América. Em nosso país o empregado

---

<sup>53</sup> - Susan Brownell Anthony (1820-1906) Líder feminista norte-americana que conduziu campanhas pelo voto das mulheres e dos direitos dessas sobre seus filhos, propriedade e salários.

<sup>54</sup> - Sir Henry Morton Stanley (1841-1904) Jornalista e explorador inglês famoso por expedição (busca de Livingstone) à África.

<sup>55</sup> - Washington se referia à cruzada de Marcus Aurelius Gravey, que pretendia levar afro-descendentes para países africanos.

tem a esperança de em poucos anos tornar-se “empregador”. Que sistema é preferível? Não vou arriscar-me a opinar.

Também impressionou-me muito na Inglaterra o respeito manifesto por todas as classes pela ordem, bem como a meticulosidade dispensada a tudo. O cidadão inglês, acredito, dedica um bom tempo para suas refeições, e para tudo o mais. Não tenho certeza se, a longo prazo, não obtêm mais do que os americanos com sua pressa e agitação.

Minha visita à Inglaterra ensejou me uma alta consideração pela nobreza como nunca tivera. Não imaginava que fosse tão amada e respeitada pelo povo, tampouco tinha qualquer concepção correta quanto ao tempo e dinheiro que gastavam em filantropia, e quanto de empenho pessoal colocavam nesse mister. Eu pensava que eram apenas liberais em gastar dinheiro e ter uma “boa vida”.

Foi difícil acostumar-me a falar para platéias inglesas. Normalmente, os ingleses são muito sérios e exigentes com relação a tudo, a tal ponto que ao narrar uma história que faria uma platéia americana morrer de rir, um inglês apenas encarou-me diretamente sem abrir sequer um sorriso.

Quando um inglês coloca alguém em seu coração e amizade, prende-o com fios de aço, e não creio que haja outro tipo de amigo tão duradouro e satisfatório. Talvez seja a melhor maneira de ilustrar este ponto, relatar o seguinte incidente: Minha esposa e eu fomos convidados a comparecer numa recepção oferecida pelos duques de Sutherland, em Stafford House — considerada a casa mais requintada de Londres; devo acrescentar que a duquesa de Sutherland é considerada a mulher mais bela da Inglaterra. Deveriam estar presentes umas trezentas pessoas nessa reunião. Por duas vezes a duquesa veio ao nosso encontro para conversar, sugerindo que escrevêssemos quando de volta à casa, e quis ouvir-me falar mais a respeito de Tuskegee, o que fiz com agrado. Quando do Natal, surpreendeu-nos agradavelmente a chegada de uma fotografia autografada. A correspondência se prolongou, e hoje sentimos que nos duques de Sutherland temos um de nossos amigos mais afetivos.

Após três meses na Europa partimos a bordo do navio *St. Louis*. Nesse vapor havia uma qualificada biblioteca, um presente dos cidadãos de São Luís, estado de Missouri. Nessa biblioteca encontrei a biografia de Fredrick Douglass, que comecei a ler. Fiquei particularmente interessado na descrição do senhor Douglass a maneira como ele havia sido tratado no vapor durante sua primeira ou

segunda viagem à Inglaterra. Nessa descrição, diz como não lhe foi permitido o acesso à cabine, mas teve de ficar confinado ao convés do navio. Uns poucos instantes após haver lido essa passagem eu era aguardado por uma comissão de senhoras e senhores, com o pedido que eu proferisse um discurso no concerto que estava sendo organizado para a noite seguinte. E não obstante existem pessoas corajosas o bastante para negar que o sentimento de oposição racial na América esteja crescendo menos intensamente! Esse concerto era presidido pelo excelentíssimo Benjamin B. Odell, Jr. atual governador de Nova York. Jamais havia merecido uma atenção como aquela. Uma grande parte dos passageiros eram sulistas. Após o encontro, alguns sugeriram que fosse organizada uma subscrição de fundos, como auxílio ao trabalho em Tuskegee. O resultado foi um somatório que ajudou à manutenção de várias bolsas de estudo.

Enquanto estivemos em Paris, fui prazerosamente surpreendido ao receber o convite a seguir, de cidadãos da Virgínia do Oeste, de uma cidade próxima do local onde passei minha infância:

Charleston, W. Va. May 16, 1899

Professor Booker T. Washington, Paris, France

Prezado Senhor: Muitos da elite de Virgínia do Oeste uniram-se em manifestações liberais de admiração e louvor por seu valor e trabalho, e externaram o desejo de, quando de sua volta da Europa, os beneficie com a sua presença e a inspiração de suas palavras. Sinceramente endossamos essa iniciativa, e em nome dos cidadãos de Charleston estendemos-lhe nosso mais cordial convite para que nos visite, de forma que possamos homenagear a quem tanto tem feito, para honrar-nos todos, por sua vida e obra.

Somos, sinceramente seus,

PREFEITURA MUNICIPAL DA CIDADE DE CHARLESTON

W. Herman Smith, Prefeito.

**Esse convite da Prefeitura de Charleston veio acompanhado do seguinte:**

Professor Booker T. Washington, Paris, França:

Prezado Senhor:

Nós, cidadãos de Charleston e Virgínia do Oeste, desejamos expressar nosso orgulho pelo senhor e a esplêndida carreira até agora empreendida, e pedimos licença para demonstrar nosso orgulho e interesse de uma forma importante.

Em recente visita ao seu antigo lar despertou-nos o sincero remorso de não nos ser permitido ouvi-lo e premiar, antes de sua partida para a Europa, com algum auxílio substancial sua obra.

Em vista do ocorrido, sinceramente convidamos o senhor a compartilhar a hospitalidade de nossa cidade, quando de seu retorno da Europa, e dar-nos igualmente a oportunidade de ouvi-lo, informando-nos de seu trabalho de forma tal que seja gratificante para si, e que se constitua em inspiração suas palavras e presença.

Ficaremos gratos por uma pronta resposta de sua parte, indicando quando poderá chegar a esta cidade.

Com muito respeito<sup>56</sup>.

O convite — vindo da prefeitura, de funcionários do estado e outros cidadãos importantes de ambas as raças da comunidade onde passei minha infância, de onde havia partido alguns anos atrás desconhecido, pobre e iletrado — não apenas surpreendeu-me, mas quase me desestabilizou. Não conseguia entender o que havia feito para merecer tanto.

Aceitei a convocação, e no dia marcado fui recebido na estação férrea, em Charleston, por uma comitiva liderada pelo ex-governador W. A. MacCorkle, e integrada por homens de ambas as raças, sendo que entre os brancos estavam muitos para quem havia trabalhado, quando menino. No dia seguinte, o governador e senhora Atkinson ofereceram-me uma recepção pública no Palácio do Governo, da qual participaram pessoas de todas as classes.

Não muito após, gente de cor de Atlanta, estado da Geórgia, ofereceu-me uma recepção que foi presidida pelo governador do Estado. O mesmo ocorreu em

---

<sup>56</sup> - Assinam representantes dos dois jornais da cidade, o governador do Estado e muitas outras pessoas importantes à época, e outras tantas que o próprio autor termina a lista assim: "e muitos outros".

Nova Orleães, sendo essa presidida pelo prefeito da cidade. Convites passaram a chegar de muitas outras cidades, que não pude atender.

## CAPÍTULO XVII

### *Últimas palavras*

*A*ntes da viagem à Europa, vários eventos ocorreram em minha vida que se constituíam em grandes surpresas. De fato, minha vida tem sido toda ela uma dessas surpresas. Eu acredito que a vida de qualquer pessoa será preenchida com constantes e inesperados estímulos desse tipo se ela se decide por aprimorar-se cada dia; ou seja, procura fazer com que diuturnamente chegue o mais próximo possível da marca do grau máximo de pureza da água — de forma generosa e útil. Lastimo quem, branco ou negro, nunca experimentou a alegria e a satisfação que vêm em retorno à dedicação de ajudar alguém a se tornar mais útil e mais feliz.

Seis meses antes de sua morte, e cerca de um ano após haver sido acometido pela paralisia, o general Armstrong expressou seu desejo de visitar Tuskegee novamente, antes de falecer. Não obstante haver perdido o controle de seus membros de uma forma tal que o deixava praticamente inválido, seu desejo foi atendido e assim foi trazido a Tuskegee. Os proprietários da Ferrovia Tuskegee, brancos que viviam na cidade, ofereceram-se para buscá-lo numa viagem especial, sem custo, à partir de Chehaw, a principal estação, distante cerca de nove quilômetros. Ele chegou às instalações da escola em torno de nove horas da noite. Alguns sugeriram que, ao general, fosse dada uma recepção à luz de archotes de nós de pinho. A sugestão foi aceita, e quando ele adentrou numa carruagem o terreno da escola, o fez através e em meio a duas alas que acenavam com o pinho resinoso, nos archotes que eram portados por milhares de alunos e professores. O evento era tão inusitado e surpreendente que o general alcançou o máximo de felicidade. Por cerca de dois meses, ele permaneceu como hóspede em minha casa, e, praticamente impossibilitado de usar seus membros e falar, ocupou seu tempo em encontrar formas de ajudar o Sul. Inúmeras vezes disse-me, durante a visita, que não era apenas dever de um país ajudar no aprimoramento do negro no Sul, mas também do branco pobre. Ao fim de sua visita, tomei a iniciativa de mais do que nunca dedicar-me àquela causa que ele aconchegava em seu peito. Eu disse que,



se um homem em sua condição física era capaz de pensar, trabalhar e agir, eu não poderia ter outro objetivo senão cooperar de qualquer forma possível, para a materialização do desejo de seu coração.

A morte do general Armstrong, algumas semanas adiante, me havia ensejado o privilégio de tornar-me amigo dum dos homens mais finos, generosos e cativantes com quem me relacionei. Refiro-me ao reverendo doutor Hollis B. Frissell, atualmente diretor do Instituto Hampton, e sucessor do general Armstrong. Sob a iluminada, forte e praticamente perfeita liderança do doutor Frissell, Hampton seguiu por uma trilha de prosperidade e utilidade, que era tudo o que poderia desejar o falecido general. Parecia ser um empenho constante do doutor Frissell esconder sua grande personalidade por detrás da imagem do general Armstrong — fazendo de si “transparente” em benefício da causa.

Mais de uma vez, fui indagado qual a maior surpresa que me havia acontecido. Não me foi difícil responder. Foi a carta a seguir, que me foi entregue numa manhã de domingo, enquanto me encontrava sentado no avarandado de minha casa em Tuskegee, cercado por minha esposa e filhos:

HARVARD UNIVERSITY, CAMBRIDGE, 28 DE MAIO DE 1896

PRESIDENTE BOOKER T. WASHINGTON

Prezado Senhor: A Universidade de Harvard deseja outorgar-lhe, na próxima colação de grau, um título honorário; mas é de nossa praxe conceder a honraria apenas para pessoas presentes. Nossa formatura ocorre este ano em 24 de junho, e sua presença necessária entre o meio dia e cinco horas da tarde. Seria possível o senhor estar presente em Cambridge nesse dia?

Com grande consideração, atenciosamente

CHARLES W. ELIOT

Esse era um reconhecimento que jamais, de maneira alguma, passara por minha cabeça, e me foi difícil assimilar que estaria sendo honrado com um grau concedido pela mais antiga e renomada universidade americana. Sentado no avarandado, com a carta na mão, lágrimas verteram de meus olhos. Toda a minha vida — um escravo nas plantações; operário nas minas de carvão; períodos sem

alimento e vestimenta; um bueiro por dormitório; a luta por me instruir; os dias penosos em Tuskegee, quando não sabia onde conseguir um dólar para dar prosseguimento ao instituto; o ostracismo e, às vezes, opressão sobre minha raça — revi tudo naquele instante, e quase desmoronei.

Eu nunca havia me preocupado com aquilo que o mundo chama de fama. Minha visão de fama é no sentido de algo a ser usado para obter-se o bem. De forma reiterada digo para amigos que, se eu pudesse me valer de qualquer proeminência que viesse a adquirir, seria usada como instrumento para fazer o bem, e então estaria contente em obtê-la. Tanto mais convivo com pessoas ricas, firmo a convicção que eles caminham na direção de ver suas posses simplesmente como um instrumento que Deus colocou em suas mãos para fazer o bem, usando-o. Ao ir ao escritório do senhor John D. Rockefeller, que mais de uma vez auxiliou Tuskegee, sempre me lembrei disso. A auditoria cuidada e minuciosa que ele fazia de forma a estar certo que cada dólar que distribui assegurará o máximo de benefício — investigação que é tão cuidadosa como fazem nas empresas comerciais — convence-me que a marcha nessa direção é muito estimulante.

Às nove horas da manhã de 24 de junho, encontrei-me com o presidente Eliot, do Conselho de Superintendentes da Universidade de Harvard, bem como outros convidados, no lugar determinado, no campus da universidade, a fim de sermos conduzidos até o Teatro Sanders local da formatura e da outorga dos graus. Em meio aos convidados que seriam homenageados estava o general Nelson A. Miles, doutor Bell, o inventor do telefone Bell, bispo Vicent e o reverendo Minot J. Savage. Ficamos numa fila que se postava imediatamente atrás do presidente do Conselho de Supervisores. Em seguida o governador de Massachusetts, escoltado por lanceiros, chegou postando-se ao lado do presidente Eliot. Fomos para o teatro onde após o atos usuais dessa cerimônia anual, começou a outorga dos graus. Há um detalhe muito característico nesta solenidade. Ninguém sabe, até que apareça, quem será agraciado do o título honorário. Neste instante, o agraciado é recebido com aplausos pelos estudantes na proporção da popularidade do escolhido. Durante a cerimônia de outorga dos graus os níveis de excitação e entusiasmo chegam a seu ponto mais alto.

Quando chamaram o meu nome, levantei-me, e o presidente Eliot, em belo e sonoro inglês, conferiu-me o grau de Mestre em Artes.

Após as solenidades, os que receberam o grau honorário foram convidados a almoçar com o presidente. Após o almoço, novamente nos postamos em linha, sendo escoltados pelo xerife do dia, que neste ano é o bispo William Lawrence, através das ruas do campus, oportunidade em que, em diversos momentos, os honrados eram chamados por seu nome e pelo grito de Harvard. Essa marcha estendeu-se até o Memorial Hall, refeitório dos alunos. Contemplar mais de mil jovens saudáveis, representantes da elite do estado, das religiões, da educação, embebidos no brilho e entusiasmo da lealdade e do orgulho à escola — o que é peculiaridade de Harvard — é uma visão que não se apagará da memória facilmente.

Em meio aos oradores, após o jantar dos alunos, estavam o presidente Eliot, o governador Roger Wolcott, o general Miles, o doutor Minot J. Savage, o excelentíssimo Henry Cabot Lodge e eu. Quando de minha vez, dentre outras coisas, disse:

*Em alguma medida aliviaria meu embaraço se eu pudesse, mesmo que num grau mínimo, sentir-me merecedor da grande honra que me outorgaram hoje. Por que os senhores foram me chamar lá no Cinturão Negro do Sul, em meio ao povo humilde, para compartilhar as honras desta ocasião, é algo que não posso explicar; e mesmo pode não ser correto sugerir que uma das questões mais vitais que se liga à vida americana é de como trazer o forte, saudável e instruído e pô-lo em contato, de forma proveitosa, com os mais pobres, ignorantes e humildes, e ao mesmo tempo fazer com que um aproveite o que puder, de forma positiva, dar ao outro. Como poderemos fazer com que nas mansões da acolá Beacon Street sintam e vejam as necessidades de almas que vivem nos mais miseráveis casebres das culturas de algodão do Alabama ou dos canaviais da Louisiana? Esse problema a Universidade de Harvard está resolvendo, não ao rebaixar-se, mas resgatando os desvalidos.*

\*\*\*\*\*

*Se meu passado contribuiu com algo no desenvolvimento de meu povo e no esforço de melhorar as relações entre a sua raça e a minha, garanto-lhes que desta data em diante farei isto em dobro. Na economia de Deus existe apenas um padrão pelo qual uma pessoa pode progredir — existe senão que um por raça. Este país*

*exige que cada raça deva medir-se pelo padrão americano. Por isso, uma raça deve desenvolver-se ou decair, ter sucesso ou malogro, e em última análise mero sentimento conta pouco. Durante o próximo meio século ou mais, minha raça deverá continuar cruzando uma severa provação americana. Será posta à prova nossa paciência, abstenção, perseverança; nossa capacidade de suportar a injustiça, afastar as tentações, economizar, adquirir e se valer da qualificação; nossa habilidade em competir, ter êxito empresarial; ignorar o superficial em favor do real; trocar o aparente pelo essencial; ser grande e apesar disto pequeno, instruído e não obstante simples, poderoso e contudo servidor de todos.*

Era a primeira vez, até então, que uma universidade da Nova Inglaterra conferia um título honorário universitário a um negro, era assim oportunidade para muitos comentários de jornais por todo o país. O correspondente de um jornal de Nova York disse:

*Quando chamaram o nome de Booker T. Washington, e ele ergueu-se para tomar ciência e aceitar a outorga, houve uma explosão de aplausos como não havia ocorrido com nenhum outro nome, exceto para o soldado patriota, general Miles. As palmas não foram contidas e moderadas, lisonjeiras ou indulgentes — foram de entusiasmo e admiração. Todas as pessoas da audiência, da platéia às galerias, se uniram, e um rubor formou-se nas faces das pessoas próximas de mim, demonstrando sincera admiração à luta pela ascensão empreendida por um escravo, e do trabalho que realizara por sua raça.*

Um jornal de Boston, em editorial, escreveu:

*Ao conferir o grau honorário de Mestre em Artes ao diretor do Instituto Tuskegee, a Universidade de Harvard honrou-se e também ao alvo de sua homenagem. O trabalho que o professor Booker T. Washington conseguiu em favor da educação, civilidade e instrução popular em seu campo de atuação no Sul o inclui na galeria de nossos benfeitores da nacionalidade. Pode orgulhar-se, a universidade que o pode incluir em sua lista de filhos, gerados em seus cursos regulares ou em honris causa.*

*Foi mencionado que o senhor Washington é o primeiro de sua raça a receber o grau honorário de uma universidade da Nova Inglaterra. Isto, em si, é uma distinção. Mas a láurea não foi conferida porque o senhor Washington é uma pessoa de cor, ou porque nasceu na escravidão, mas porque mostrou, em seu trabalho de elevação de seu povo no Cinturão Negro do Sul, uma genialidade e uma larga humanidade que somam para a grandeza de qualquer homem, seja sua pele branca ou negra.*

Outro jornal de Boston escreveu:

*É Harvard a primeira, dentre as faculdades da Nova Inglaterra, que confere título honorário a um homem negro. Ninguém que haja acompanhado a história de Tuskegee, e sua obra, pode negar-se admirar a coragem, persistência e esplêndido senso comum de Booker T. Washington. Pode Harvard haver honrado o ex-escravo, o valor de seus serviços, no mesmo grau à sua raça e ao país — apenas o futuro poderá avaliar.*

Do correspondente do New York Times:

Todos os discursos foram recebidos com entusiasmo, mas o homem de cor mereceu as honras oratórias, e o aplauso que irrompeu ao concluir foi clamoroso e duradouro.

Logo após eu haver iniciado a trabalhar em Tuskegee tomei a resolução, no segredo de meu coração, que eu me empenharia em edificar uma escola que seria de tanto serviço ao país que o presidente dos Estados Unidos um dia viria a conhecê-la pessoalmente. Confesso, essa era uma decisão muito temerária, assim que por muitos anos conservei-a confinada a meus pensamentos, não ousando compartilhá-las com ninguém.

Em novembro de 1897, fiz o primeiro movimento nessa direção, ao garantir a visita de um integrante do gabinete do presidente McKinley, o secretário da Agricultura, excelentíssimo James Wilson, secretário da Agricultura, que compareceu para proferir um discurso quando da inauguração do edifício agrícola

Slater-Armstrong, nosso primeiro prédio de grande envergadura construído objetivando a formação de estudantes em agricultura e matérias afins.

No outono de 1898, soube que o presidente McKinley se preparava para visitar Atlanta, a fim de participar das cerimônias do Jubileu da Paz, em comemoração à vitória da Guerra Ibero-americana. Nesse período encontrava-me trabalhando intensamente, junto com nossos mestres, havia dezoito anos, na tentativa de edificar uma escola que acreditávamos se constituía num serviço à nação, assim que tomei a decisão de fazer um esforço especial para garantir a visita do presidente e seu gabinete. Fui a Washington, e pouco tempo após consegui dar um jeito de ir à Casa Branca. Quando lá cheguei, encontrei as salas de espera repletas, assim que meu coração começou a naufragar, ao sentir que não iria ver o presidente naquele dia, ou nunca. Consegui entretanto ver o senhor J. Addison Porter, secretário do presidente, quando expliquei-lhe meu projeto. O senhor Porter levou meu cartão de visitas até o presidente, e em poucos minutos veio a ordem do senhor McKinley que iria receber-me.

Não entendo como possa uma pessoa atender gente de todo o tipo, com toda espécie de solicitação, trabalhar intensamente e assim mesmo manter-se calmo, paciente e jovial para cada visitante, como faz o presidente McKinley. Quando cheguei ao presidente ele gentilmente me agradeceu pelo serviço que estávamos prestando ao país com o Instituto Tuskegee. Então informei-lhe, sucintamente, o objetivo de minha visita. Procurei acentuar que a visita do chefe do Executivo da Nação haveria de não apenas empolgar nossos estudantes e mestres, mas serviria de estímulo para toda a raça. Ele demonstrou interesse, mas não fez nenhuma promessa de efetivamente ir a Tuskegee, pois o planejamento de sua viagem à Atlanta ainda não estava organizado de todo; mas pediu para que eu voltasse ao assunto dentro de umas poucas semanas.

Em meados do mês seguinte, houve a decisão presidencial de comparecer às festas do Jubileu da Paz. Viajei novamente a Washington, e fui por ele recebido, quando reiterei nosso interesse que estendesse sua viagem a Tuskegee. Nessa segunda viagem, o senhor Charles W. Hare, proeminente cidadão branco de Tuskegee, gentilmente ofereceu-se para acompanhar-me, reforçando o apelo ao presidente em nome do povo da vila e vizinhanças.

Pouco antes de minha ida a Washington, nessa segunda vez, o país estava agitado, e a gente de cor deprimida em conseqüência de diversos distúrbios raciais

que irromperam em vários locais do Sul. Assim que vi o presidente, percebi que seu coração carregava um grande peso em face dessas perturbações raciais. Embora houvesse um número expressivo de pessoas esperando por uma audiência, ele prendeu-me por um bom tempo, discutindo as condições e perspectivas de minha raça. Assinalou diversas vezes estar determinado a demonstrar seu interesse e fé na raça, não apenas em palavras, mas em atos. Quando ele assim se manifestou, disse-lhe que nesse momento nada seria mais abrangente, para dar esperança e estímulo à raça, do que o fato de o Presidente da Nação estar disposto a viajar mais de dois mil quilômetros, além de seu destino, e dedicar um dia de seu programa visitando uma instituição para negros. Deu-me a impressão, nesse momento, de um profundo interesse.

Estando ainda com o presidente, entrou na sala um cidadão branco de Atlanta, do Partido Democrata e ex-senhor de escravos. O presidente solicitou sua opinião quanto ao bom senso de uma viagem a Tuskegee. Sem hesitar o cidadão de Atlanta opinou que aquela era a decisão adequada. Essa opinião foi corroborada por outro amigo da raça, o doutor J. L. M. Curry. O presidente prometeu que visitaria nossa escola em 16 de dezembro.

Quando tornou-se pública a decisão do presidente, os moradores brancos de Tuskegee — quase dois quilômetros distante da vila — mostravam-se tão satisfeitos quanto alunos e mestres da escola. Os brancos, homens e mulheres, lançaram-se à decoração da vila, bem como a se organizar em grupos de apoio aos funcionários de nossa escola, tudo para ensejar ao visitante uma recepção adequada. Nunca antes eu havia notado o quanto os brancos de Tuskegee e vizinhanças tinham apreço por nossa instituição. No período em que nos preparávamos para a recepção presidencial, inúmeras dessas pessoas garantiram não ter interesse pessoal em adquirir proeminência, mas que se pudessem cooperar de qualquer forma, ou ajudar-me pessoalmente, bastaria apenas chamá-los, que cooperariam com satisfação. De fato, o que me tocou tanto quanto a visita do presidente, foi o profundo orgulho com que todas as classes de cidadãos no Alabama pareciam demonstrar por nosso trabalho.

A manhã do dia dezesseis de dezembro trouxe para a pequena cidade de Tuskegee uma multidão como nunca ocorrera antes. Com o presidente veio a senhora McKinley e todos os integrantes do secretariado, menos um. A maioria deles veio acompanhada de suas esposas ou alguns membros da família.

Proeminentes generais compareceram, entre eles Shafter e Joseph Wheeler, recém chegados da Guerra Ibero-americana. Também faziam-se presentes diversos jornalistas. A Assembléia Legislativa do Alabama reunida em Montgomery decidiu suspender seus trabalhos e os legisladores deslocaram-se para Tuskegee. Pouco antes da chegada do presidente, membros do governo do estado chegaram sob a liderança do governador e secretários.

Os cidadãos de Tuskegee decoraram a vila desde a estação até a escola de maneira generosa. A fim de economizar tempo, conseguimos passar toda a escola em revista antes da chegada do presidente. Cada um dos estudantes portava um cana-de-açúcar com bolas de algodão amarradas na ponta. Após o desfile dos estudantes, o funcionamento de todos os departamentos da escola foi passado em revista, expostos em plataformas que eram puxadas por cavalos, mulas e bois. Nessas plataformas buscamos mostrar não apenas a atividade presente da escola, mas o contraste entre como as coisas eram feitas outrora e atualmente. Como exemplo, mostramos o sistema antigo de ordenhar em contraste com métodos aprimorados; sistema antigo de lavrar o solo em oposição ao novo; antigos métodos de cozinhar e de lides domésticas em contraste aos da atualidade. Esse desfile de plataformas teve a duração de uma hora e meia.

Em seu discurso, em nossa ampla e nova capela, recentemente concluída pelos estudantes, o presidente entre outras coisas disse:

*Encontrá-lo sob tais auspícios agradáveis e ter a oportunidade de uma observação pessoal de seu trabalho é verdadeiramente muito gratificante. O Instituto Normal e Técnico é ideal em sua concepção, e desfruta de uma grande e crescente reputação no país, e não é desconhecido no exterior. Congratulo-me com todos os que se associaram neste empreendimento pelo bom trabalho que estão desenvolvendo na educação de seus estudantes conduzindo-os a uma vida de honra e utilidade, exaltando dessa forma a raça para a qual foi criado.*

*Não poderia ser melhor o local escolhido para esse experimento educacional peculiar, que atraiu a atenção e conseguiu o apoio mesmo de filantropos conservadores em diversas partes do país.*

*Impossível falar a respeito de Tuskegee sem prestar um tributo especial ao gênio e perseverança de Booker T. Washington. A concepção desse nobre empreendimento foi sua, e faz jus a um alto crédito por isto. Seu era o entusiasmo e*



*a iniciativa, o que tornou possível o constante progresso e estabeleceu na instituição o atual padrão elevado de realização. Ele conquistou merecida reputação como um dos grandes líderes de sua raça. É reconhecido e respeitado em casa e no exterior como emérito educador, grande orador e autêntico filantropo.*

O excelentíssimo John D. Long, secretário da Marinha, disse em parte:

*Eu não posso falar-lhes hoje. Meu coração está tomado, tomado de esperança, admiração e orgulho por meus concidadãos de ambas as seções e cores. Estou impregnado de gratidão e admiração por seu trabalho, e a partir de agora terei absoluta confiança em seu progresso e na solução que darão ao problema ao qual estão engajados.*

*O problema, eu afirmo, foi solucionado. Uma imagem foi apresentada hoje que deve ser estampada ao lado dos retratos de Washington e Lincoln, a fim de transmitir para o futuro e as gerações — um retrato que a imprensa deve espalhar e transmitir por todo o país, uma dramática imagem que é: o presidente dos Estados Unidos, sentado neste palanque; de um lado o governador do Alabama, no outro, completando a trindade, o representante de uma raça, apenas poucos anos atrás no cativeiro, o homem de cor presidente do Instituto Normal e Técnico de Tuskegee.*

*Que Deus abençoe o presidente sob cuja majestade uma cena como esta é apresentada ao povo americano. Que Deus abençoe o estado do Alabama, que demonstrou poder resolver o problema por seus próprios meios. Que Deus abençoe o orador, filantropo, e discípulo do Grande Senhor — que, se estivéssemos no céu, estaria fazendo o mesmo trabalho — Booker T. Washington.*

O diretor-geral dos Correios, general Smith concluiu o seu discurso assim:

*Testemunhamos muitos espetáculos nos últimos poucos dias. Vimos a magnífica grandiosidade e as esplêndidas conquistas de uma das grandes cidades metropolitanas do Sul. Vimos heróis de guerra marchando em desfile. Vimos paradas florais. Mas estou certo, meus colegas concordarão comigo se eu disser que testemunhei nenhum espetáculo mais impressionante e mais estimulante, mais animador para nosso futuro do que o mostrado aqui nesta manhã.*

**Alguns dias após haver o presidente retornado a Washington recebi a seguinte carta:**

Mansão Executiva, Washington, 23 de dezembro de 1899

Prezado Senhor:

Nesta correspondência tenho o prazer de enviar-lhe cópias de documentos pertinentes à visita do presidente à sua instituição. Estes papéis contêm autógrafos do presidente e membros de seu Gabinete que o acompanharam na viagem. Desejo recolher este ensejo para congratular-me sinceramente com o sucesso das demonstrações organizadas para nosso entretenimento durante a estada em Tuskegee. Cada evento do programa foi executado com perfeição, e visto ou participado com a mais sincera satisfação por todos os presentes. A exibição sem par oferecida pelos alunos, engajados em suas vocações profissionais foi não apenas artística mas verdadeiramente comovente. O tributo conferido pelo presidente e seu Gabinete ao seu trabalho nem foi tão extraordinário, mas demonstra o mais encorajador augúrio, acredito, para o futuro desenvolvimento de sua instituição. Não posso encerrar esta sem garantir-lhe que a modéstia demonstrada pelo senhor nas solenidades foi positivamente comentada por todos os membros de nosso Partido.

Com os melhores votos para a continuação do progresso de seu mais que útil e patriótico empreendimento, aceite saudações pessoais, bem como os votos de boas festas. Sinceramente. John Addison Porter, secretário do presidente.

Vinte anos se passaram desde que eu fiz o primeiro humilde trabalho em Tuskegee, numa cabana em ruínas e num velho galinheiro, sem possuir um dólar em propriedade, com apenas um mestre-escola e trinta estudantes. Hoje a instituição possui mais de oitocentos hectares em processo de cultivo cada ano, com o trabalho dos estudantes. Encontram-se edificadas, entre grandes e pequenos, quarenta prédios, sendo que todos, menos quatro, foram erguidos quase completamente pelos estudantes. Enquanto os alunos se mantinham trabalhando a

terra ou erguendo prédios, estavam em processo de educação, por qualificados instrutores, com os mais modernos conceitos de agricultura e construção civil.

Em permanente funcionamento na escola, ligado ao ensino dos currículos e de religião, vinte e oito departamentos técnicos, todos eles ensinam técnicas que preparam homens e mulheres para o mercado de trabalho, tão pronto deixem a escola. O problema atual é que a demanda por nossos graduados, dentre brancos e negros no Sul é tão grande que não conseguimos suprir mais da metade do que nos solicitam. Não temos atualmente prédios nem dinheiro para despesas correntes que nos permita aceitar a metade dos pedidos de matrícula.

Em nosso treinamento técnico mantemos três princípios: primeiro, que o estudante deve ser educado de forma que possa fazer frente às condições como elas existem *no momento*, na localidade sulista onde ele reside — num universo onde ele possa produzir as coisas que ali se fazem necessárias. Segundo: cada estudante que se forma na escola deve ter qualificação o bastante, somado com inteligência e caráter, que possa garantir um meio de vida para si e outros. Terceiro: fazer com que cada ex-aluno vá para o mercado de trabalho com o sentimento e ciência que trabalhar é belo e dignifica — fazer de cada um alguém que ame o trabalho, não que dele fuja. Em adição ao treino agrícola que damos a cada jovem estudante, e a qualificação para as meninas em prendas domésticas, agora também educamos moças nas lides agrícolas. Para essas os ensinamentos são de jardinagem, fruticultura, lácticultura, apicultura e avicultura.

Embora sendo a instituição ecumênica, temos um departamento conhecido como Escola de Ensino Bíblico Phelps Hall, na qual grupos de estudantes eram preparados para pregadores religiosos e outras formas de trabalho cristão, especialmente nos distritos interioranos. O que é igualmente importante, cada um desses estudantes trabalha durante meio turno no aprendizado de uma profissão, de forma a adquirir alguma especialização e amor ao trabalho, pronto para incutir na gente com quem irá trabalhar o mesmo que lhe foi ensinado.

Nossa propriedade atualmente tem valor superior a trezentos mil dólares. Se a isto somarmos nosso fundo de doações, que no presente soma duzentos e quinze mil dólares, o valor total da propriedade supera meio milhão de dólares. À parte a necessidade da construção de mais prédios e de dinheiro para as despesas correntes, o fundo de doações poderá ser aumentado para pelo menos quinhentos mil dólares. As despesas correntes anuais são de oitenta mil dólares,

aproximadamente. A maior parte disso recolho cada ano indo de porta em porta, de casa em casa. Sobre nossas propriedades não recaem hipotecas, e estão submetidas a um conselho curador que detém o controle da instituição.

De trinta estudantes o número cresceu para um mil e cem, vindos de vinte e sete estados e territórios, da África, Cuba, Porto Rico, Jamaica e outros países. Formam nossos departamentos oitenta e seis funcionários e instrutores. E se somamos os familiares desses temos uma população fixa de um mil e quatrocentas pessoas.

Indagam-nos com freqüência como mantemos unido um grupo tão grande de pessoas e ao mesmo tempo os mantemos distantes de intrigas. Temos duas respostas: as pessoas que se juntam a nós vêm com determinação em busca de educação, e mantêm-se sempre ocupados. A agenda diária de nossos trabalhos é testemunha:

5,00, despertar; 5,50, aviso do desjejum; 6,00, desjejum; 6,20 a 6,50, limpeza dos alojamentos; 6,50, início do trabalho; 7,30, aulas matutinas; 8,20, interrupção; 8,25, inspeção dos sanitários; 8,40, leituras devocionais na capela; 8,55, cinco minutos com as notícias do dia; 9,00, início aulas práticas; 12,00, término; 12,15, almoço; 13,00; chamada para o trabalho; 13,30 - aulas práticas; 15,30, fim aulas práticas; 17,30, chamada para encerrar qualquer trabalho; 18,00, jantar; 19,10, preces vespertinas; 19,30, hora de estudos vespertinos; 20,45, fechamento dos estudos vespertinos; 21,20, sino de alerta para o recolher; 21,30, sino de recolher.

É nossa preocupação constante, seja a escola objeto de julgamento quanto a seu valor, por seus graduados. Somando aqueles que concluíram todo o curso, com os que aprenderam o necessário para, egressos, desempenharem um bom trabalho na sociedade, podemos dizer com certeza que pelo menos três mil ex-alunos de Tuskegee trabalham hoje em diversas partes do Sul; homens e mulheres que, por seu exemplo ou esforço próprio, estão demonstrando para as massas de nossa raça como desenvolver suas vidas material, educacional, religiosa e moralmente.

Da mesma forma importante, exibem um grau de senso comum e autocontrole, o que está causando um melhor relacionamento entre as raças, e está ensinando o branco sulista aprender a acreditar no valor de educar as pessoas de minha raça. Isto à parte, está a influência que exercem constantemente os

encontros de mães e o trabalho social nas plantações, conduzidos pela senhora Washington.

Em qualquer lugar para onde vão nossos graduados, as mudanças que eles ensinam em seguida são notadas na aquisição de terras, melhoria das casas, poupança, educação, e o elevado caráter moral é notável. Todas as comunidades sofrem rapidamente um processo de transformação, face ao preparo desses homens e mulheres.

Há dez anos eu organizei em Tuskegee a primeira Conferência dos Negros. Trata-se de um encontro anual que atualmente chama de volta à escola oitocentos ou novecentos representantes da raça, que vêm para passar um dia observando as melhorias e apresentando suas sugestões. Como resultado desses encontros, no ano passado um ex-aluno narrou que dez famílias em sua comunidade se tornaram proprietários de suas casas. No dia seguinte à Conferência dos Negros ocorre a “Conferência dos Trabalhadores”, cujo objetivo é acolher servidores e mestres engajados no trabalho educacional nas maiores instituições do Sul. A Conferência dos Negros fornece uma rara oportunidade para esses trabalhadores examinarem as verdadeiras condições dos graduados e do comum das pessoas.

No verão de 1900, com o apoio do proeminente homem de cor, senhor T. Thomas Fortune, que sempre ajudou-me de todos os modos, organizei a Liga Nacional de Negócios de Negros, que realizou seu primeiro encontro em Boston, e que reuniu pela primeira vez um grande número de pessoas de cor, empresários de várias áreas, em diversos recantos dos Estados Unidos. Trinta estados se fizeram representar no encontro. Essa primeira reunião fez surgir ligas empresariais locais e estaduais

Além da responsabilidade sobre o lado executivo de Tuskegee e de angariar a maioria do dinheiro que se constituía em sustentáculo da instituição, não podia furtar-me ao dever de responder, ao menos em parte, os convites não procurados que me chegavam para a realização de conferências para audiências brancas ou de minha raça, bem como para atender a freqüentes reuniões no Norte. Quanto ao montante de tempo que gastava nessa direção, o seguinte recorte de um jornal de Buffalo (Nova York) dirá. O artigo se refere a certa ocasião em que falei para Associação Nacional de Educação, daquela cidade.

*Booker T. Washington, o mais notório educador dentre as pessoas de cor no mundo, manteve-se muito ocupado desde o momento em que chegou nesta cidade, na noite passada, vindo do oeste, e se hospedou no Iroquois. Mal havia removido a poeira da viagem, já era tempo de compartilhar um jantar. A seguir compareceu a um encontro para homens num dos auditórios do Iroquois, ficando até às 20 horas. Durante esse período foi saudado por mais de dois mil eminentes mestres e educadores de todo o país. Logo após às 20 horas era conduzido numa carruagem ao Music Hall, e em uma hora e meia pronunciou dois retumbantes discursos, sobre a educação para negros, para cinco mil ouvintes. Então, o senhor Washington foi recepcionado por uma comissão de pessoas de cor, liderada pelo reverendo senhor Watkins, e carregado para uma pequena e informal recepção, organizada em honra do visitante por membros de sua raça.*

Nem posso, em acréscimo a meus pronunciamentos, fugir ao dever de chamar a atenção do Sul, e do país em geral, por meio da imprensa, a assuntos que são pertinentes aos interesses de ambas as raças. Isso, por exemplo, fiz com relação ao mau hábito do linchamento. Quando a Assembléia Constituinte do estado de Louisiana estava reunida, escrevi uma carta aberta dirigida a seus membros pleiteando por justiça para a raça. Em todos esses esforços recebi caloroso e sincero apoio de jornais sulistas e de outras partes do país.

Apesar de sinais superficiais e temporários que podem levar alguém a ter opinião em contrário, nunca houve uma oportunidade em que me sentisse mais esperançoso quanto à raça como me sinto neste momento. O grande mandamento humano que ao fim reconhece e recompensa o mérito é perene e universal. O mundo exterior não conhece, nem pode apreciar, a luta que se tratava nos corações dos sulistas brancos ou de seus outrora escravos para livrarem-se do preconceito racial. E enquanto ambas as raças se debatem devem merecer a compreensão, o apoio e a paciência do resto do mundo.

Na medida em que escrevo as palavras finais desta autobiografia me sinto — não intencionalmente — na cidade de Richmond, estado da Virgínia; a cidade onde passadas apenas algumas décadas era a capital da Confederação Sulista, e onde, cerca de vinte e cinco anos atrás, por minha indigência dormi várias noites num bueiro.

Desta feita me encontro em Richmond como convidado das pessoas de cor da cidade. Vim a seu convite para proferir o discurso de encerramento, para ambas as raças, na Academia de Música — o maior e mais requintado auditório da cidade. Esta é a primeira vez que a gente de cor tem acesso àquele local. Na véspera de minha chegada, a Câmara de Vereadores votou um decreto convocando todo o corpo legislativo municipal para assistir a meu pronunciamento. Os corpos legislativos do estado, por sua Assembléia e seu Senado, também aprovaram medida idêntica. Assim que, na presença de centenas de pessoas de cor, muitos cidadãos brancos de destaque, dos membros das Câmaras, municipal e estadual, do Senado, além de seus servidores — passei minha mensagem, que foi de esperança e ânimo. Pois, do fundo de meu coração eu agradeço às duas raças pelas boas-vindas dada pelo retorno ao estado onde nasci.

FIM

Concluído em 30/10/00

## **1881 - Instituto Tuskegee**



## **Hoje, Universidade Tuskegee**

